
"Sexy, sublime e assustador..."
P.C. Cast, autora da série House of Night
GALERA
FALLEN
LAUREN KATE


"Sexy, sublime e assustador..."
P.C. Cast, autora da série House of Night
GALERA
FALLEN
LAUREN KATE





Para a minha família, com gratidão e amor.

Reconhecimentos

Enormes agradecimentos para todos da Rondom House e da Delacorte Press por fazerem tanto tão rapidamente e tão bom. Para Wendy Loggia, cuja fácil generosidade e entusiasmo me incentivaram desde o começo. Para Krista Vitola, por um enorme e prestativo trabalho por trás da câmera. Para Brenda Schildgen na UC Davis, pela historia e pela inspiração. Para Nadia Cornier, por ajudar a fazer esse negocio todo levantar vôo. Para Ted Malawer, por sua orientação editorial afiada, graciosa e engraçada. Para Michael Stearns, antigo chefe, agora um colega e amigo confiável. Você é, simplesmente, um gênio.

Para os meus pais; meus avós; Robby, Kim, e Jordan; e minha nova família em Arkansas. As palavras falham quando eu penso no seu apoio resoluto. Amo todos vocês.

E para Jason, que fala comigo sobre personagens como se fossem pessoas de verdade até que eu possa entendê-los. Você me inspira, você me desafia, você me faz rir todos os dias. Você tem o meu coração.

Mas o paraíso está trancado e fechado...

Nós devemos fazer uma jornada ao redor do mundo para ver se uma porta traseira tenha talvez sido deixado aberta.

– Heinrich Vonkleist; "*Teatro de Marionetes*" **NO COMEÇO**

HELSTON, INGLATERRA

SETEMBRO DE 1854

Por volta da meia-noite, os olhos dela por fim tomaram forma.

O olhar neles era felino, parcialmente determinado e parcialmente tentativo – totalmente encrenca. Sim, eles estavam exatamente certos, aqueles olhos. Levantando-se até suas sobrancelhas refinadas e elegantes, a centímetros da cascada negra de seu cabelo.

Ele segurou o papel na distância de um braço para avaliar seu progresso. Era

difícil, trabalhar sem ela na sua frente, mas também, ele nunca pode desenhar em sua presença. Desde que ele tinha chego de Londres – não, desde que ele a viu pela primeira vez – ele tinha que cuidar para sempre mantê-la à distância.

A cada dia agora ela lhe abordava, e cada dia era mais difícil do que o anterior. Era por isso que ele ia partir de manhã – para a Índia, para as Américas, ele não sabia e nem ligava. Onde quer que ele acabasse, seria mais fácil do que estar aqui.

Ele se inclinou sobre seu desenho, novamente, suspirando enquanto usava seu dedão para aperfeiçoar o biquinho de carvão vegetal borrado de seu lábio inferior. O papel sem vida, impostor cruel, era a única maneira de levá-la com ele.

Então, se endireitando na cadeira de couro da biblioteca, ele sentiu. O roçar de calor na sua nuca.

Ela.

Sua mera proximidade deu a ele a sensação mais peculiar, como o tipo de quentura mandada quando uma tora vira cinzas numa fogueira. Ele sabia sem se virar. Ela estava lá. Ele cobriu seu retrato nos papéis encadernados em seu colo, mas ele não podia escapar dela.

Seus olhos caíram para o sofá acolchoado de marfim do outro lado da sala de visitas, onde somente horas mais cedo ela tinha aparecido inesperadamente, mais tarde do que o resto de sua comitiva, em um vestido de seda rosa, para aplaudir a filha mais velha de seu hospedeiro, após uma boa apresentação no cravo*. Ele olhou para o outro lado da sala, pela janela para a varanda, onde no dia anterior ela tinha se insinuado até ele, um punhado de peônias selvagens brancas em sua mão. Ela ainda achava que a atração que ela sentia em relação a ele era inocente, que seus frequentes encontros no gazebo eram meras... felizes coincidências. Ser tão ingênua! Ele lhe nunca lhe contaria outra coisa – o segredo era dele para suportar.

* Cravo é a designação dada a qualquer dos membros de uma família europeia de instrumentos musicais de tecla.

Ele ficou de pé e se virou, os retratos deixados para trás na cadeira de couro. E lá estava ela, pressionada contra a cortina de veludo rubi em seu simples vestido

branco. Seu cabelo negro tinha e soltado de sua trança. O olhar em seu rosto era o mesmo que ele tinha desenhado tantas vezes. Havia fogo, subindo em suas bochechas. Ela estava brava? Envergonhada? Ele ansiava saber, mas não podia se permitir a perguntar.

“O que está fazendo aqui?” Ele conseguia ouvir o rosnado em sua voz, e se arrependeu de sua aspereza, sabendo que ela nunca entenderia.

“Eu – não consegui dormir,“ ela gaguejou, se movendo na direção do fogo e da cadeira dele. “Eu vi a luz acesa no seu quarto e então“ – ela pausou, olhando para baixo para suas mãos – “seu malão está do lado de fora da porta? Você vai a algum lugar?”

“Eu ia te contar –“ Ele paro. Ele não devia mentir. Ele nunca tivera intenção de deixá-la saber de seus planos. Contar a ela só pioraria as coisas. Certo, ele tinha deixado as coisas irem longe demais, esperando que dessa vez fosse diferente.

Ela chegou mais perto, e seus olhos caíram para seu caderno de retratos. “Você estava me desenhando?”

Seu tom assustado o lembrava do quanto a diferença de entendimento era grande entre eles. Mesmo depois de todo o tempo que eles tinham passado juntos nessas últimas semanas, ela não tinha ainda começado a vislumbrar a verdade que estava por trás da atração deles.

Isso era bom – ou, pelo menos, era para o melhor. Pelos últimos dias, desde que ele escolhera ir embora, ele estivera lutando para se afastar dela. O esforço exigia tanto dele que, assim que ficava sozinho, ele tinha que ceder ao seu desejo reprimido de desenhá-la. Ele tinha enchido seu caderno com páginas do pescoço arqueado dela, de sua clavícula de mármore, de abismo negro de seu cabelo.

Agora, ele olhava de volta para seu desenho, não envergonhado por ser pego desenhando-a, mas pior. Um arrepio gelado espalhou-se por ele enquanto ele percebia que a descoberta dela – a exposição dos sentimentos dele – destruiriam-na. Ele deveria ter sido mais cuidadoso.

Sempre começava assim.

“Leite quente com uma colherada de melado,” ele murmurou suas costas ainda para ela. Então ele acrescentou tristemente. “Ajuda a dormir.”

“Como você sabia? Ora, era exatamente isso que a minha mãe costumava–“

“Eu sei,” ele disse, virando-se para encará-la. O

assombramento em sua voz não o surpreendeu, ainda assim, ele não conseguia explicar a ela como ele sabia, ou dizer a ela quantas vezes ele tinha administrado essa mesma bebida para ela no passado quando as sombras chegavam, como ele tinha segurado-a até que ela caísse no sono.

Ele sentiu seu toque como se estivesse queimando pela sua camisa, sua mão descansava gentilmente em seu ombro, fazendo-o arfar. Eles ainda não tinha se tocado nessa vida, e o primeiro contato sempre o deixava sem fôlego.

“Reponda-me,” ela sussurrou. “Você está partindo?”

“Sim.”

“Então me leve com você,” ela deixou escapar. Bem à deixa, ele observou-a puxar sua respiração, desejando retirar sua súplica. Ele conseguia ver a progressão de suas emoções se assentarem no vinco entre seus olhos. Ela se sentiria impetuosa, então desnorteada, então envergonhada por sua própria audácia. Ela sempre fazia isso, e por vezes demais anteriormente ele cometera o erro de confortá-la nesse momento exato.

“Não,” ele sussurrou, se lembrando... sempre se lembrando...

“Eu zarpo amanhã. Se você ao menos se importa comigo, não dirá outra palavra.”

“*Se* eu me importo com você,” ela repetiu, quase como se estivesse falando consigo mesma. “Eu – eu *amo* –“

“Não.”

“Eu tenho que dizer isso. Eu – eu te amo, estou bem certa, e se você for embora –“

“Se eu for embora, eu salvo sua vida.” Ele falava devagar, tentando alcançar uma parte dela que pudesse se lembrar. Isso ao menos estava lá, enterrado em algum lugar? “Algumas coisas são mais importantes que o amor. Você entenderá, mas

tem que confiar em mim.”

Seus olhos perfuraram ele. Ela recuou e cruzou seus braços sobre seu peito. Isso era culpa dele, também – ele sempre despertava o lado desdenhoso dela quando falava com ela.

“Você quer dizer que há coisas mais importantes que isso?” ela desafiou, tomando as mãos dele e atraindo-as para seu coração.

Ah, ser ela e não saber o que iria acontecer! Ou pelo menos ser mais forte que ele e capaz de pará-la. Se ele não parasse ela, ela nunca aprenderia, e o passado simplesmente se repetiria, torturando-os de novo e de novo.

O calor familiar da pele dela debaixo das mãos dele o fez inclinar sua cabeção para trás e gemer. Ele estava tentando ignorar o quanto ela estava perto, o quanto ele conhecia bem a sensação dos lábios dela nos dele, o quanto amargamente ele sentia que tudo isso tinha que acabar. Mas os dedos dela traçavam os dele tão levemente.

Ele conseguia sentir o coração dela correndo por seu fino vestido de algodão.

Ela estava certa. Não havia nada além disso. Nunca houvera.

Ele estava prestes a ceder e tomá-la em seus braços quando capturou o olhar em seus olhos. Como se ela tivesse visto um fantasma.

Foi ela que se afastou, uma mão em sua testa.

“Estou tendo uma sensação muito estranha,” ela suspirou.

Não – já era tarde demais?

Seus olhos se estreitaram para o formato do retrato dele e ela voltou a ele, suas mãos em seu peito, seus lábios separados esperançosamente. “Diga que eu estou louca, mas eu juro que estivesse bem aqui antes...”

Então *era* tarde demais. Ele olhou para cima, estremecendo, e conseguiu sentir escuridão descendo. Ele aproveitou a última oportunidade de agarrá-la, de segurá-la tão apertadamente quanto ele estivera desejando há semanas.

Assim que os lábios dela derreteram nos dele, ambos ficaram impotentes. O gosto de madressilva da boca dela o deixou tonto. Quanto mais perto ela se pressionava contra ele, mais seu estômago agitava-se com a animação e a agonia disso tudo. A língua dela traçou a dele, e o fogo entre eles queimou mais ardentemente, mais quente, mais poderoso com cada toque novo, com cada nova exploração. Ainda assim, nada disso era novo.

A sala estremeceu. Uma aura ao redor deles começou a brilhar Ela não notou nada, não estava ciente de nada, não entendia nada além do beijo deles.

Somente ele sabia o que estava prestes a acontecer, que companhia sombrias estavam prestes a abater-se na reunião deles.

Apesar dele ser incapaz de mudar o curso da vida deles mais uma vez, ele sabia.

As sombras circularam diretamente acima. Tão perto, que ele poderia ter tocado-as. Tão perto, que ele se perguntava se ela conseguia ouvir o que elas estavam sussurrando. Ele observou a medida em que a nuvem passou pelo rosto dela. Por um momento ele viu um relampejo de reconhecimento crescer nos olhos dela.

Então não havia mais nada, nada mesmo.

Capítulo 1 - Perfeitos Estranhos

Luce movimentou-se pesadamente para dentro de uma sala iluminada com lâmpadas fluorescentes do Colégio Cruz & Espada dez minutos depois do que ela deveria. Um acompanhante com peito em formato de barril, bochechas vermelhas e uma prancheta presa sobre bíceps de ferro já estava dando ordens – o que significava que Luce já estava atrasada.

“Então se lembrem: são remédios, camas e vermelhos”* O

acompanhante latiu para um grupo de três estudantes, todos de costas para Luce. “Se lembrem do básico e ninguém se machuca”.

* No original **meds, beds and reds**, era pra rimar.

Luce escorregou rapidamente para trás do grupo. Ela ainda estava tentando descobrir se ela tinha preenchido a gigante pilha de papel corretamente, se esse guia de cabeça raspada parado na frente deles era um homem ou uma mulher, se

havia alguém para ajudá-la com sua enorme bolsa de tecido, se seus pais iriam se livrar de seu amado Plymouth Fury no minuto que eles chegassem em casa, depois que a deixaram ali. Eles vinham ameaçando vender o carro durante todo o verão, e agora eles tinham uma razão que Luce não poderia argumentar contra: ninguém podia ter um carro na nova escola de Luce. Sua nova escola *reformatória* para ser preciso.

Ela ainda estava se acostumando com o termo.

“Você poderia, hum, você poderia repetir isso?” Ela perguntou para o acompanhante. “O que era, remédios - ?”

“Bem, olhe o que a tempestade trouxe,” o acompanhante disse em voz alta, então continuou, enunciando devagar. “*Remédios*. Se você é um dos alunos medicados, é onde você deve ir para manter-se dopada, sã, respirando, ou seja lá o que for.” *Mulher*, Luce decidiu, estudando a acompanhante. Nenhum homem poderia ser malicioso o suficiente para dizer tudo isso nesse tom de voz sacarina.

“Saquei.” Luce sentiu seu estômago agitar-se “Remédios”.

Ela tinha se desligado dos remédios por anos agora. Depois do acidente no verão passado, Dr. Sanford, seu especialista em Hopkinton

– e a razão de seus pais a mandarem para internatos lá em New Hampshire – havia considerado medicá-la mais uma vez. Embora ela o tenha convencido de sua quase-estabilidade, isso a fez ter um mês extra de análise da parte dela, só para ficar longe daqueles terríveis antipsicóticos.

Este era o motivo pelo qual ela estava se registrando em seu último ano no Colégio Espada & Cruz um mês depois das aulas começarem. Ser aluno novo já era ruim o suficiente, e Luce estava nervosa o suficiente para entrar em turmas onde todos já estavam fixados. Mas pelo que parecia depois de sua excursão, ela não era a única novata chegando aquele dia.

Ela deu uma olhadinha furtiva para os outros três alunos em meio círculo em volta dela. Em sua última escola, Dover Prep, na excursão pelo campus foi onde ela achou sua melhor amiga, Callie. Em um campus onde todos os outros estudantes foram praticamente desmamados juntos, isso havia sido o suficiente que Luce e Callie fossem as duas únicas crianças sem legado. Mas não demorou muito para elas perceberem que tinham a mesma obsessão pelos mesmos filmes

antigos – especialmente os relacionados com Albert Finney*. Após a descoberta delas no primeiro ano enquanto assistiam *Two for the Road* que elas não podiam fazer um saco de pipoca sem ativar o alarme de incêndio, Callie e Luce nunca mais se separaram. Até... Até que elas tiveram que se separar.

* Albert Finney era um ator britânico que foi indicado para o Oscar 5 vezes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Albert_Finney

Do lado de Luce hoje haviam dois caras e uma garota. A garota era bem fácil de se enturmar, loira e com a beleza de comercial de Neutrogena*, com unhas manicuradas na cor rosa-pastel que combinava com sua pasta de plástico.

* Neutrogena é uma marca americana de produtos de cabelo, pele, etc.

“Eu sou Gabbe,” Ela falou lentamente, lançando a Luce um grande sorriso que desapareceu tão rápido quanto surgiu, depois que Luce não disse seu próprio nome. O desinteresse da menina lembrou-lhe mais uma versão sulista das meninas da Dover do que alguém que ela esperava na Espada & Cruz. Luce não conseguia se decidir se isso era reconfortante ou não, ainda mais imaginar o que uma menina como aquela fazia numa escola reformatória.

À direita de Luce havia um garoto com cabelo castanho curto, olhos castanhos e sardas em volta do nariz. Mas o jeito que ele não olhava nos olhos dela, escolhendo cutucar a cutícula de seu polegar, deu a ela a impressão de que ele provavelmente estava atordoado e com vergonha de encontrar-se aqui.

O garoto à sua esquerda, por outro lado, preenchia a imagem da Luce deste lugar um pouco perto perfeitamente demais. Ele era alto e magro, com uma bolsa de DJ a tiracolo, cabelo preto desgrenhado, e grandes e profundos olhos verdes. Seus lábios eram carnudos e de um rosa natural que muitas garotas matariam para ter. Na parte detrás de seu pescoço uma tatuagem preta com formato de raios de sol parecia quase brilhar em sua pele clara, levantando-se a partir da borda de sua camiseta preta.

Diferente dos outros dois, quando esse cara se virou para encontrar seu olhar, ele o segurou e não deixou soltar. Sua boca foi definida em uma linha reta, mas seus olhos eram quentes e vivos. Ele a contemplava, de pé como uma escultura, que fez Luce se sentir enraizada em seu lugar também. Aqueles olhos eram intensos e sedutores, e bem, um pouco desarmantes.

Com um pigarro alto na garganta, a acompanhante interrompeu o transe. Luce corou e fingiu estar muito ocupada coçando a cabeça.

“Aqueles que entenderam o funcionamento são permitidas a sair depois que deixarem aqui seus pertences de risco” A acompanhante apontou para uma grande caixa de papelão sob uma placa que dizia em grandes letras pretas MATERIAIS PROIBIDOS. “E quando eu digo *livre*, Todd” - ela fechou a mão para baixo no ombro do garoto sardento, o que o fez pular. “Eu quis dizer limites do ginásio para encontrar o estudante predestinado para ser seu guia. Você” - ela apontou para Luce “despeje seus pertences e fique comigo”

Quatro dos estudantes se juntaram em volta da caixa e Luce assistiu, perplexa, como os outros alunos começavam a esvaziar seus bolsos. A menina puxou um canivete suíço rosa de sete centímetros. O

cara de olhos verdes relutantemente sacou uma lata de spray de tinta e um estilete. Até o infeliz Todd teve de deixar várias caixas de fósforos e um pequeno recipiente de fluído de luz. Luce se sentiu quase estúpida por ela mesma não estar escondendo nada perigoso – mas quando ela viu os outros depositarem seus celulares dentro da caixa, ela engoliu em seco.

Inclinando-se para ler a placa de MATERIAIS PROIBIDOS mais de perto, ela viu que celulares, pagers e todos os dispositivos de rádios bidirecionais estavam estritamente proibidos. Já era ruim o suficiente que ela não poderia ter o seu carro! Luce fechou a mão suada em torno do celular em seu bolso, sua única ligação com o mundo exterior.

Quando a acompanhante viu a expressão em seu rosto, Luce recebeu pequenos tapinhas na bochecha. “Não desmaie comigo, querida. Eles não me pagam o suficiente para fazer ressucitação. Além disso, você tem direito a uma ligação telefônica por semana no átrio principal.” Uma ligação? Por semana? Mas –

Ela olhou para seu telefone mais uma vez e viu que havia recebido mais duas mensagens de texto. Não parecia possível que essas seriam suas duas *últimas* mensagens de texto. A primeira era de Callie.

Me liga imediatamente! Estarei esperando ao lado do telefone a noite toda, então, esteja pronta. E se lembre do mantra que eu te ensinei: Você vai sobreviver! De qualquer forma, se isso importar, eu acho que todo mundo esqueceu sobre...

Do jeito típico de Callie, ela havia ido tão longe que o celular de Luce cortou quatro linhas da mensagem. De qualquer forma, Luce estava aliviada. Ela não queria ler sobre como todos em sua antiga escola haviam finalmente esquecido o que havia acontecido com ela. O

que a fez vir parar nesse *lugar*.

Ela suspirou e abriu sua segunda mensagem. Era de sua mãe, que só havia aprendido a enviar torpedos há algumas semanas e que certamente não sabia sobre aquela coisa de uma-ligação-por-semana.

Querida, nós estaremos sempre pensando em você. Seja boa e tente comer proteína o suficiente. Nos falamos quando pudermos. Amor, M&D

Com um suspiro, Luce percebeu que seus pais deveriam saber. O que mais poderia explicar suas expressões elaboradas quando ela deu um tchauzinho do portão da escola essa manhã, com sua bolsa de tecido em mãos? No café da manhã, ela havia tentado fazer piada sobre finalmente perder esse terrível sotaque de New England que ela havia adquirido na Dover, mas os seus pais não esboçaram nenhum sorriso. Ela pensou que eles continuavam chateados com ela. Eles nunca haviam feito completamente aquela coisa de elevar a voz, então quando Luce estragou tudo, eles deram a ela o tratamento do silêncio.

Agora ela entendia o estranho comportamento dessa manhã: seus pais estavam de luto pela perda de contato com sua única filha.

“Nós estamos esperando apenas uma pessoa,” A acompanhante disse. “Eu me pergunto quem é.” A atenção de Luce voltou para a caixa de riscos, que agora estava transbordando de itens contrabandeados que ela não conseguia reconhecer. Ela podia sentir o cara de cabelos negros com seus olhos verdes fixos nela. Ela olhou em volta e viu que todo mundo estava com os olhos fixos. Sua vez. Ela fechou seus olhos e lentamente abriu sua mão, deixando seu celular escorregar e ganhar terreno no topo da pilha. O som de ficar completamente sozinha.

Todd e a robótica Gabbe dirigiram-se para a porta sem nada além um olhar na direção de Luce, mas o terceiro cara se virou para o acompanhante.

“Eu sou capaz de informá-la,” disse ele, assentindo para Luce.

“Não faz parte do nosso acordo,” A acompanhante replicou automaticamente, como se estivesse esperando esse diálogo. “Você é um novo estudante de novo – o que significa restrições de aluno novo. De volta para o nível um. Se você não gosta disso, deveria ter pensado antes de quebrar a sua condicional.”

O garoto permaneceu imóvel, inexpressivo, quando a acompanhante rebocou Luce – que endureceu com o “condicional” - até o fim de um corredor amarelo.

“Mexa-se,” ela disse, como se nada tivesse acontecido.

“Camas,” Ela apontou para a janela oeste de um prédio de concreto cinza. Luce podia ver Gabbe e Todd misturarem-se devagar em direção deles, com o terceiro garoto andando devagar, como se alcançá-los fosse a última coisa em sua lista de coisas a fazer.

Os dormitórios eram formidáveis e quadrados, um sólido prédio cinza cujas portas duplas não davam nada sobre a possibilidade de vida dentro delas. Uma grande placa de pedra permanecia plantada no meio do gramado morto, e Luce se lembrou do website as palavras DORMITÓRIO PAULINE esculpidas dentro dele. Parecia mais feio naquela manhã de sol confusa do que na plana foto preto-e-branca.

Mesmo nessa distância, Luce podia ver o bolor negro cobrindo a frente do dormitório. Todas as janelas estavam obstruídas por uma carreira de grossas barras de aço. Ela entortou os olhos. O que era aquele arame farpado em torno do prédio?

A acompanhante olhou para a lista, folheando o arquivo de Luce. “Quarto sessenta e três. Deixe sua bolsa em meu escritório com o resto deles por agora. Você pode desfazer essa tarde.” Luce arrastou sua mala vermelha rumo a outras três malas pretas sem classificação. Então ela chegou a refletir sobre seu celular, onde ela costumava colocar as coisas que precisava lembrar. Mas, enquanto sua mão procurava em seu bolso vazio, ela suspirou e se comprometeu a gravar o número do quarto na memória.

Ela ainda não entendia a razão pela qual não podia ficar com seus pais; sua casa em Thunderbolt ficava a menos de uma hora da Espada & Cruz. Ela havia se sentido tão bem em sua casa em Savannah, onde, como sua mãe sempre dizia, até o vento soprava preguiçosamente. O lugar mais suave da Georgia, tinha o ritmo adequado ao jeito de Luce mais do que New England nunca teve.

Mas a Espada & Cruz não era como Savannah. Era quase como um lugar qualquer, exceto pelo fato de ser um lugar sem vida e sem cor, onde o tribunal a havia colocado hospedada. Ela havia escutado seu pai no telefone com o diretor outro dia, concordando em seu jeito confuso e fala de professor de Biologia, "Sim, sim, talvez seja melhor para ela ser supervisionada todo tempo. Não, não, nós não queremos interferir no seu sistema."

Claramente, seu pai não havia visto as condições de supervisão de sua filha única. Esse lugar parecia uma prisão de segurança máxima.

"E sobre, como você disse – os vermelhos?" Luce perguntou para a acompanhante, pronta para ser liberada da excursão.

"Vermelhos," a acompanhante disse, apontando para um pequeno fio do teto: lentes com uma luz piscante vermelha. Luce não havia visto isso antes, mas assim que a acompanhante apontou a primeira, ela pode notar que estavam em todo lugar.

"Câmeras?"

"Muito bem," a acompanhante disse, a voz gotejando condescendência. "Nós a deixamos evidentes a fim de lembrá-los. Todo tempo, a todo momento, nós a observamos. Então, não estrague – quer dizer, se você puder evitar."

Todo o tempo, todos falavam com Luce como se ela fosse uma completa psicopata, e ela estava bem perto de acreditar que isso era uma verdade.

Por todo o verão, as memórias a vinham assustando, em seus sonhos e nos raros momentos em que seus pais a deixavam sozinha.

Alguma coisa havia acontecido no chalé, e todo mundo (incluindo Luce) estava morrendo para saber exatamente o quê. A polícia, o juiz, o assistente social, haviam todos tentado forçar a verdade dela, mas ela não sabia nada tanto quanto eles. Ela e Trevor haviam brincado a tarde inteira, perseguindo um ao outro pela fileira de chalés em volta do lago, longe do resto da festa. Ela tentou explicar que essa havia sido a melhor noite de sua vida, até se tornar a pior.

Ela gastou muito tempo repassando aquela noite em sua mente, ouvindo a risada de Trevor, sentindo suas mãos em volta de sua cintura, e tentar conciliar seus instintos de que ela era realmente inocente.

Mas agora, cada regra e regulamento da Espada & Cruz parecia trabalhar contra esse pensamento, parecia sugerir que ela era, de fato, perigosa e precisava ser controlada.

Luce sentiu uma mão firme em seu ombro.

“Olha,” a acompanhante disse “se isso a faz se sentir melhor, você está longe de ser o pior caso aqui.”

Foi o primeiro gesto humano que ela demonstrou à Luce, o que a fez acreditar que ela queria fazê-la se sentir melhor. Mas... Ela havia sido mandada para cá por causa da suspeita morte do cara por quem ela era louca, e ela estava “*longe de ser o pior caso*”? Luce se perguntou com o que exatamente eles lidavam na Espada & Cruz.

“O.k. A orientação terminou.” A acompanhante disse. “Você está por sua conta agora. Aqui está um mapa se você precisar encontrar algo a mais.” Ela deu a Luce uma cópia de um bruto mapa desenhado à mão, então olhou para seu relógio. “Você tem uma hora até sua primeira aula, mas as minhas novelas começam as cinco, então,” - Ela balançou sua mão para Luce - “Mantenha-se escassa. E não se esqueça,” ela disse, apontando para as câmeras mais uma vez “Os vermelhos estão de olho em você”.

Antes que Luce pudesse replicar, uma garota magra, de cabelos negros apareceu à sua frente, abanando seus dedos longos na face de Luce.

“Ooooh,” a garota zombou com uma voz fantasmagórica, dançando em volta de Luce em círculos. “Os vermelhos estão de olho em vocêêêê.”

“Sai daqui, Arriane, antes que eu tenha que lobotomizá-la,” a acompanhante disse, embora fosse claro por seu breve, mas genuíno, sorriso que ela possuía alguma bruta afeição pela garota louca.

E estava claro que Arriane não era recíproca ao amor. Ela fez um gesto obsceno para a acompanhante, então parou na frente de Luce, a enfrentando para que ficasse ofendida.

“E só por isso,” a acompanhante disse, anotando furiosamente em seu caderninho “você ganhou a tarefa de mostrar tudo em volta para a pequena Miss Sunshine hoje.”

Ela apontou para Luce, que parecia qualquer coisa, menos ensolarada, com suas jeans pretas, botas pretas e top preto. Na seção do “código de vestimenta”, o website da Espada & Cruz falava alegremente que enquanto os alunos tivessem bom comportamento, eles estavam livres para vestir o que quisessem, porém, com duas condições: o estilo deve ser modesto e as roupas deviam ser pretas.

Muita liberdade.

A blusa de gola tartaruga* que sua mãe a havia forçado a usar não fazia nada pelas suas curvas, e até sua melhor forma havia sumido: seu grosso cabelo preto, que costumava cair sobre sua cintura, havia sido completamente tosqueado. O fogo do chalé havia queimado seu couro cabeludo e deixado seu cabelo desigual, então depois da longa, silenciosa viagem de Dover para casa, sua mãe a colocara na banheira, trouxe o barbeador elétrico do pai e sem nenhuma palavra raspou sua cabeça. Durante o verão, seu cabelo havia crescido um pouco, apenas o suficiente para que suas ondas, outrora invejáveis, agora pairassem logo abaixo de suas orelhas.

* É uma espécie de blusa de gola alta, mas com a gola mais

“colada” no pescoço:

Arriane a avaliou, dando um tapa com um dedo contra seus finos lábios pálidos. “Perfeito,” ela disse, dando um passo a frente para colocar seus braços em volta de Luce. “Eu estava realmente pensando que eu poderia usar uma nova escrava.”

A porta do salão abriu e entrou o menino de olhos verdes. Ele balançou a cabeça e disse para Luce, “Esse lugar não liga de te despir para fazer alguma busca. Então, se você está guardando qualquer outro *risco* – ele ergueu uma sobrancelha e um punhado de objetos desconhecidos da caixa - “salve-se dos perigos.” Atrás de Luce, Arriane prendia o riso. O cara virou a cabeça e quando seus olhos registraram Arriane, ele abriu sua boca e a fechou novamente, como se não tivesse certeza do que fazer.

“Arriane,” ele disse uniformemente.

“Cam,” ela replicou.

“Você o conhece?” Luce sussurrou, se perguntando se havia o mesmo tipo de facções em escolas reformatórias como haviam na Dover.

“Não me lembre,” Arriane disse, arrastando Luce para fora da porta, dentro da cinza e alagada manhã.

As costas do prédio principal dava em uma calçada lascada, em volta de um campo bagunçado. A grama estava tão grande que parecia mais um terreno baldio que uma área pública de uma escola, mas um desbotado placar e arquibancadas de madeira provavam o contrário.

Por trás do contorno do lugar quatro prédios de aparência severa: o dormitório longe à direita; uma gigante, feia e velha igreja à extrema esquerda e outras duas grandes estruturas no meio deles, que Luce imaginou serem as salas de aula.

Era isso. Seu mundo inteiro estava reduzido àquela triste visão de seus olhos.

Arriane imediatamente desviou do caminho direito e levou Luce ao campo, sentando no alto de uma das arquibancadas de madeira molhadas.

A estrutura correspondente em Dover gritava atleta da Ivy League em formação, então Luce sempre havia evitado ficar lá. Mas esse campo vazio, com esses enferrujados, deformados gols, contava uma história completamente diferente. Uma que não foi fácil para Luce descobrir. Três urubus turcos passaram acima de sua cabeça, e um vento triste chicoteou sobre os galhos nus dos carvalhos. Luce estremeceu e abaixou seu queixo para dentro da gola de tartaruga.

“Então,” Arriane disse “Agora você conheceu Randy.”

“Eu pensei que fosse Cam.”

“Eu não estou falando dele,” Arriane disse rapidamente “A mulher-macho daqui.” Arriane virou a cabeça para o escritório onde elas haviam deixado a acompanhante vendo TV. “Quê que 'cê acha?

Homem ou mulher?”

“Hm... Mulher?” Luce tentou. “Isso é um teste?”

Arriane esboçou um sorriso. “O primeiro de muitos. E você passou. Pelo menos, eu acho que você passou. O gênero da maioria do corpo docente daqui é um debate escolar em curso. Não se preocupe, você vai entrar nele.”

Luce achou que Arriane estava fazendo uma piada – nesse caso, legal. Mas isso tudo era como uma enorme mudança da Dover.

Em sua antiga escola, as gravatas-verdes-esgotantes, os engomados futuros senadores praticamente escorriam pelos corredores, no requintado silêncio que o dinheiro parecia passar acima de tudo.

Mais do que nunca, o pessoal da Dover lançavam a Luce olhares tortos de não-suje-as-paredes-brancas-com-suas-impressões.

Ela tentou imaginar Arriane lá: se espreguiçando nas arquibancadas, fazendo uma alta, bruta piada com sua voz mordaz. Luce tentou imaginar o que Callie pensaria de Arriane. Nunca havia ninguém como ela na Dover.

“Okay, desembucha,” Arriane ordenou. Pulando da arquibancada mais alta e apontando para que Luce se juntasse, ela disse “O que cê fez para entrar aqui?”

O seu tom de voz era brincalhão, mas de repente Luce teve que se sentar. Era ridículo, mas ela meio que esperava passar por seu primeiro dia de aula sem seu passado vindo a mente, roubando sua fina fachada de calma. É claro que as pessoas aqui vão querer saber.

Ela pode sentir o sangue arranhar suas têmporas. Acontecia sempre que ela tentava pensar voltar – realmente voltar – àquela noite.

Ela nunca parou de se sentir culpada com o que havia acontecido a Trevor, mas ela também tentava duramente não ficar atolada nas sombras que, por agora, eram a única coisa que ela se lembrava do acidente. Aquela escuridão, as coisas indefinidas que ela nunca poderia contar para ninguém.

Risca isso – ela *começou* a contar a Trevor a presença peculiar que sentiu naquela noite, sobre as curvas retorcidas sobre suas cabeças, tentando assombrar sua noite perfeita. É claro, então já era tarde demais. Trevor se foi, seu corpo queimado e irreconhecível, e Luce era... Ela era... Culpada?

Ninguém sabia sobre as tenebrosas formas que ela havia visto no escuro. Elas sempre vinham para ela. Elas iam e vinham há tanto tempo que Luce não conseguia se lembrar a primeira vez que as vira.

Mas ela se lembrava da primeira vez que ela percebeu que as sombras não

vinham para todos – ou na verdade, para *ninguém* além dela.

Quando ela tinha sete anos, sua família estava de férias em Hilton Head e seus pais a levaram em uma passeio de barco. Estava perto do pôr-do-sol quando as sombras começaram a ondular sobre a água, e ela se virou para seu pai e disse "O que você faz quando elas aparece, pai?

Porque você não se assusta com os monstros?"

Não haviam monstros, seus pais a asseguraram, mas Luce repetia insistentemente a presença de *alguma coisa* oscilante e negra que a levou a várias consultas com o oftalmologista da família, e depois óculos, e depois consultas com o médico de ouvido depois dela fazer uma errônea descrição do som rouco de vento soprando forte que as sombras faziam algumas vezes – e depois, terapia, e depois, mais terapia, e finalmente a prescrição de remédios antipsicóticos.

Mas nada os fazia ir embora.

Quando ela fez catorze, Luce se recusou a tomar seus remédios. Foi quando eles encontraram o Dr. Sanford e a Dover School perto. Eles voaram para New Hampshire, e seu pai dirigiu seu carro alugado por uma rodovia longa e sinuosa para a mansão no topo da colina chamada Shady Hollows. Eles colocaram Luce de frente para um homem de jaleco e a perguntaram se ela continuava tendo suas

"visões". A palma das mãos de seus pais estavam suando, enquanto eles agarravam as mãos, sobrancelhas franzidas com o medo de que houvesse algo terrivelmente errado com sua filha.

Ninguém veio e disse que se ela dissesse para o Dr. Sanford o que eles queriam que ela dissesse, ela provavelmente estaria vendo muito mais da Shady Hollows. Quando ela mentia e agia normalmente, ela estava permitida a frequentar a Dover e só tinha que visitá-lo uma vez ao mês.

Luce tinha sido permitida de parar de tomar as horríveis pílulas assim que ela começou a fingir que não via mais as sombras.

Mas ela continuava sem ter controle sobre elas quando apareciam.

Tudo o que ela sabia era que o catálogo mental dos lugares que eles apareceram

para ela no passado – florestas densas, águas turvas – se tornaram os lugares que ela evitava a todo custo. Tudo o que ela sabia era que quando as sombras vinham, elas estavam acompanhadas de um frio calafrio sobre sua pele, um repugnante sentimento diferente de qualquer outra coisa.

Luce sentou de pernas abertas em uma das arquibancadas e segurou suas têmporas entre seus polegares e dedos médios. Se ela queria fazer aquilo completamente hoje, ela tinha que colocar seu passado em recesso na sua mente. Ela não conseguia sondar sua memória daquela noite por ela mesma, então não havia nenhum jeito dela arejar todos os detalhes horríveis para algum esquisito, maníaco estranho.

Em vez de responder, ela observou Arriane, que estava deitada de costas para as arquibancadas, um par de enormes óculos escuros esportivos cobrindo o melhor da sua face. Era difícil afirmar, mas ela estava olhando para Luce, também, porque, depois de um segundo, ela se levantou das arquibancadas e sorriu.

“Corte meu cabelo como o seu.” Ela disse.

“O quê?” Luce engasgou. “Seu cabelo é lindo.”

Era verdade: Arriane tinha um longo, pesado cabelo, que Luce tinha perdido desesperadamente. Seus cachos negros soltos brilhavam na luz do sol, ganhando um tom avermelhado. Luce enfiou seu cabelo atrás das orelhas, mesmo que ele ainda não fosse longo o bastante para fazer qualquer coisa exceto bater de volta na frente deles.

“Linda porcaria” Arriane disse “O seu é sexy, moderno. E eu quero ele.”

“Oh, um, okay,” Luce disse. Seria isso um elogio? Ela não sabia se deveria estar lisonjeada ou enervada com o jeito que Arriane assumiu que poderia ter o que desejasse, até quando isso pertencia a outra pessoa. “Onde nós vamos conseguir -”

“Tcharã,” Arriane abriu sua bolsa e tirou de lá o canivete suíço rosa que Gabbe havia deixado na caixa de perigos. “Que foi?” ela disse, vendo a reação de Luce. “Eu sempre mantenho meu dedo pegajoso no dia que os novos estudantes tem que se livrar dessas coisas. A ideia sozinha me veio em meus dias de cão no entretenimento da Espada & Cruz... Hm... Acampamento de verão.”

“Você passa o verão inteiro... Aqui?” Luce estremeceu.

“Ha! Falando como uma verdadeira novata! Você provavelmente está esperando umas férias de primavera.” Ela atirou para Luce o canivete suíço. “Nós não vamos deixar esse inferno. Nunca.

Agora corte.”

“E as câmeras?” Luce perguntou, olhando em volta, com o canivete em mãos. Haveria câmeras em algum lugar aqui.

Arriane sacudiu a cabeça. “Me recuso a me associar com maricas. Você pode lidar com isso ou não?”

Luce assentiu.

“E não me diga que você nunca cortou um cabelo antes.” Arriane agarrou o canivete suíço por trás de Luce, puxou a ferramenta de tesoura e entregou-o de volta. “Nenhuma outra palavra até você me dizer o quão fantástica fiquei.”

No “salão” da banheira de seus pais, a mãe de Luce havia puxado os restos de seu longo cabelo em um bagunçado rabo de cavalo, antes de jogar tudo aquilo fora. Luce estava certa de que havia um método mais estratégico de cortar cabelos, mas como alguém que evitara cortes de cabelo durante toda a vida, a técnica do rabo de cavalo era a única que conhecia. Ela recolheu o cabelo de Arriane em suas mãos, pegou o elástico que estava em volta de seu pulso, segurou a pequena tesoura firmemente e começou a cortar.

O rabo de cavalo caiu nos pés dela e Arriane sobressaltou-se e apanhou subitamente. Ela o pegou e segurou na direção do sol. O

coração de Luce se comprimiu com a visão. Ela estava agonizando pelo seu próprio cabelo perdido, e todas as outras perdas que isso simbolizava. Mas Arriane só deixou um delicado sorriso espalhar pelos seus lábios. Ela correu os dedos pelo rabo de cavalo, e depois o jogou dentro da bolsa.

“Maravilhoso,” ela disse. “Continue.”

“Arriane,” Luce sussurrou, antes que pudesse parar a si mesma. “Seu pescoço. Está todo -”

“Cheio de cicatrizes?” Arriane disse. “Você pode dizer isso.” A pele do pescoço de Arriane, desde a parte de trás de sua orelha direita até seu colar de ossos estava com reentrâncias, marmorizadas e brilhantes. A mente de Luce foi até Trevor – para aquelas horríveis imagens. Até seus próprios pais não a olharam depois que o viram. Ela estava tendo um mal momento olhando para Arriane agora.

Arriane agarrou a mão de Luce e pressionou contra sua pele.

Era quente e frio, ao mesmo tempo. Era liso e áspero.

“Eu não tenho medo disso,” Arriane disse. “Você tem?”

“Não.” Luce disse, enquanto ela desejava que Arriane tirasse sua mão, então Luce poderia tirar a dela também. Seu estômago se contorceu quando ela se questionou se a pele de Trevor seria assim.

“Você tem medo do que realmente é, Luce?”

“Não,” Luce disse outra vez, rapidamente. Deveria ser óbvio que ela estava mentindo. Ela fechou os olhos. Tudo que ela desejava da Espada & Cruz era um novo começo, um lugar onde as pessoas não olhariam para ela como Arriane estava olhando agora. No portão da escola essa manhã, quando seu pai sussurrou o lema da família em seu ouvido - “Prices nunca quebram” - parecia possível, mas agora Luce sentia-se decaída e exposta. Ela tirou sua mão. “Então, como isso aconteceu?” ela perguntou, olhando para baixo.

“Se lembra que eu não pressionei você sobre o que você fez para estar aqui?” Arriane perguntou, erguendo suas sobrancelhas.

Luce assentiu.

Arriane gesticulou para as tesouras. “Arrume a parte de trás, ok? Talvez isso me faça parecer realmente bonita. Talvez me faça parecer com você.”

Mesmo com o mesmo corte, Arriane permaneceria como uma versão subnutrida de Luce. Enquanto Luce estava ocupada com seu primeiro corte de cabelo, Arriane estava dentro das complexidades da vida na Espada & Cruz.

“Esse bloco de celas ali é Augustine. É lá onde nós temos nossos tão falados

eventos sociais nas noites de quarta-feira. E todas as nossas aulas," ela disse, apontando para a construção com cor de dente amarelado, dois prédios à direita do dormitório. Parecia que havia sido desenhado pelo mesmo sádico que desenhara o Pauline. Era tristemente quadrado, tristemente parecido com uma fortaleza, cercado pelo mesmo arame farpado e janelas com grades. Uma névoa cinza fazia as paredes parecerem camufladas por musgos, tornando impossível de ver se alguém estava lá.

"Aviso claro," Arriane continuou "Você vai odiar as aulas aqui.

Você não é humana se não odiar."

"Por quê? O que há de tão ruim com elas?" Luce perguntou.

Talvez Arriane apenas não gostasse de escola no geral. Com seu esmalte preto, delineador preto e a bolsa preta que parecia grande o suficiente para caber apenas o novo canivete suíço dela, ela não parecia exatamente estudiosa.

"Aqui você vai ver o ginásio de ponta," ela disse, assumindo um tom nasalado de guia turístico. "Sim, sim, para os olhos inexperientes parece uma igreja. Costumava ser. Nós temos um tipo de arquitetura de segunda mão na Espada & Cruz. Alguns anos atrás, algum maluco por exercícios físicos apareceu falando besteira sobre como supermedicar os adolescentes arruina a sociedade. Ele doou uma tonelada de dinheiro de merda então eles transformaram a igreja num ginásio. Agora os poderosos podem pensar que a gente desconta nossas

'frustrações' de um jeito mais 'produtivo'."

Luce gemeu. Ela sempre detestou educação física.

"Garota do meu coração," Arriane se condoeu "Treinador Diante é di-a-bó-li-co."

Enquanto Luce se movimentou para acompanhar, ela reparou no resto do recinto. O complexo da Dover havia sido bem cuidado, tudo manicurado e pontilhado em espaços uniformes, árvores cuidadosamente podadas. Espada & Cruz parecia que havia tudo caído subitamente e abandonado no meio de um pântano. Salgueiros cujos galhos apontavam para baixo balançavam para o chão, kudzus*

cresciam pelo muro em lençóis, e todo o terceiro piso escutava o barulho do

respingo.

* É uma planta, daquelas que geralmente crescem em volta de lugares abandonados, que acaba cobrindo os lugares:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pueraria_lobata

E não era apenas a maneira que o local parecia. Cada respiração úmida de Luce permanecia presa em seus pulmões. Apenas respirar na Espada & Cruz fazia ela se sentir como se estivesse atolando em areia movediça.

“Aparentemente os arquitetos entraram num impasse enorme sobre como melhorar o estilo dos prédios da antiga academia militar. O

resultado é que nós acabamos em um lugar metade penitenciária, metade zona de tortura medieval. E sem jardineiro,” Arriane disse, tirando um pouco de limo de suas botas de combate. “Tosco. Oh, e aqui está o cemitério.”

Luce seguiu Arriane apontando o dedo para a parte mais longe do lado esquerdo do terreno, após o dormitório. Um manto ainda mais espesso de névoa pairava sobre a porção de terra sem muros. Era delimitado dos três lados por uma densa floresta de carvalhos. Ela não podia ver dentro do cemitério, que parecia quase afundar-se debaixo da superfície, mas ela podia sentir o cheiro da podridão e ouvir o coro de cigarras zumbindo nas árvores. Por um segundo, ela pensou que ouviu o silvo das sombras – mas ela piscou e eles se foram.

“Isso é um *cemitério*?”

“Arrã. Isso costumava ser uma academia militar, caminho de volta nos dias da Guerra Civil. Então era aqui que eles jogavam todos os seus mortos. É arrepiante como todos caem fora. E *meu sinhô*,” Arriane disse, acumulando um falso sotaque sulista. “Isso fede até os céus!” Então, ela piscou para Luce. “Nós ficamos lá pra caramba.” Luce olhou para Arriane para ver se ela estava brincando. Arriane só deu de ombros.

“Okay, foi só uma vez. E foi só depois de um grande pharmapalooza*.”

* **palooza** significa uma festa de arromba; **pharma** eu acredito que deva estar relacionado a drogas, nesse sentido.

Ora, essa era uma palavra que Luce reconhecia.

“Arrá” Arriane riu. “Eu acabei de ver uma luz acender aí em cima. Então, alguém *está* em casa. Bem, Luce, minha querida, você provavelmente foi a festas de internatos, mas você nunca viu como as crianças de reformatórios colocam tudo abaixo.”

“Qual é a diferença?” Luce perguntou, tentando esconder o fato que ela nunca foi a nenhuma grande festa na Dover.

“Você vai ver.” Arriane parou e se virou para Luce. “Você vem essa noite e fica lá, okay?” Ela surpreendeu Luce pegando sua mão.

“Promete?”

“Mas eu pensei que você disse que eu devia manter distância dos casos perigosos,” Luce brincou.

“Regra número dois – Não me escute!” Arriane gargalhou, balançando a cabeça. “Eu sou certificavelmente insana!” Ela deu uma corridinha e Luce foi atrás dela.

“Espere, qual é a regra número um?”

“Acompanha!”

***

Quando elas viraram a esquina das salas de aula de paredes de bloco de cimento, Arriane deu uma parada. “Pareça legal,” ela disse.

“Legal,” Luce repetiu.

Todos os outros estudantes pareciam estar agrupados em volta das árvores estranguladas pelo kudzu do lado de fora do Augustine.

Nenhum deles parecia exatamente feliz por estar do lado de fora, mas ninguém parecia exatamente pronto a entrar, também.

Nunca houve muito código de vestimenta na Dover, então Luce não estava acostumada com a uniformidade do corpo estudantil. Então, novamente, apesar

de todos ali usarem os mesmos jeans pretos, blusas de gola alta pretas, e suéteres pretos amarrados sobre seus ombros ou em volta da cintura, continuava havendo diferenças substanciais no jeito que eles o usavam.

Um grupo de garotas tatuadas paradas em um círculo cruzado usavam pulseiras até seus cotovelos. As bandanas pretas no cabelo delas lembrou a Luce um filme que ela viu uma vez sobre gangues femininas de motocliclistas. Ela alugou porque pensou: *O que pode haver de mais legal que uma gangue de motoqueiros só de mulheres?*

Agora os olhos de Luce trancaram-se em uma das garotas no gramado.

O estrabismo lateral da garota de olhos-de-gato delineados de preto fez Luce rapidamente mudar a direção de seu olhar.

Um cara e uma garota que estavam de mãos dadas tinham lantejoulas costuradas em formato de ossos cruzados nas costas de seus suéteres pretos. A cada poucos segundos, um dos dois puxava o outro pra um beijo nas têmporas, no lóbulo da orelha, nos olhos.

Quando eles envolveram seus braços em volta um do outro, Luce pode ver que ambos usavam pulseiras de rastreamento que estavam piscando. Eles pareciam um pouco rudes, mas estava óbvio o quanto eles estavam apaixonados. Toda vez que ela via as argolas de suas línguas piscando, Luce sentia um aperto solitário beliscando seu peito.

Atrás dos namorados, um grupo de garotos loiros estavam pressionados contra a parede. Cada um deles usava seu suéter, apesar do calor. E todos eles tinham camisas oxford brancas por baixo, o colarinho engomado para cima. As barras remendadas de suas calças pretas batiam na beira de seus sapatos polidos, que calçavam perfeitamente. De todos os estudantes no perímetro, esses garotos pareciam para Luce os mais próximos do estilo da Dover. Mas um olhar mais aproximado rapidamente os diferenciava dos garotos que ela costumava conhecer. Os caras como Trevor.

Apenas estando em grupo, esses garotos radiavam um tipo especial de tenacidade. Estava bem ali no olhar de seus olhos. Era difícil de explicar, mas isso de repente surpreendeu Luce, que assim como ela, todos nessa escola tinham um passado. Todos aqui provavelmente possuiam segredos que não queriam compartilhar. Mas ela não sabia se essa descoberta a fazia se sentir mais

ou menos isolada.

Arriane percebeu os olhos de Luce rondando os outros alunos.

“Nós todos fazemos o que podemos para sobreviver durante o dia,” ela disse, encolhendo. “Mas no caso de você não ter observado os abutres aproveitadores, esse lugar cheira muito bem a morte.” Ela tomou um lugar em um banco debaixo de um salgueiro e afagou o lugar perto dela para Luce.

Luce afastou um amontoado de folhas molhadas em decomposição, mas logo antes dela sentar, ela notou outra violação do código de vestimenta.

Uma violação muito atraente.

Ele vestia uma brilhante echarpe vermelha em volta do seu pescoço. Estava longe de estar frio lá fora, mas ele tinha uma jaqueta de couro preta de motociclista em cima de seu suéter preto, também.

Talvez fosse porque ele era o único ponto de cor no perímetro, mas ele era tudo que Luce podia olhar. Na verdade, tudo parecia pálido em comparação a isso. Por um longo momento, Luce se esqueceu de quem era.

Ela notou seu cabelo dourado profundo e bronzeado apropriado. Suas maçãs do rosto salientes, os óculos escuros que cobriam seus olhos, a forma suave de seus lábios. Em todos os filmes que Luce tinha visto, em todos os livros que ela havia lido, o interesse amoroso era enlouquecedoramente bonito – exceto por aquela única pequena falha. O dente lascado, o charmoso topete, a bela marca em sua bochecha esquerda. Ela sabia por que – se o herói fosse imaculado *demais*, havia o risco dele ser inacessível. Mas acessível ou não, Luce sempre teve um fraco pelos sublimemente bonitos. Como esse cara.

Ele inclinou-se contra o prédio com suas mãos cruzadas suavemente sobre seu peito. E por um milésimo de segundo, Luce viu uma rápida imagem dela jogada nos braços dele. Ela sacudiu a cabeça, mas a visão permanecia tão clara que ela quase decolou em direção a ele.

Não. Isso era louco. Certo? Mesmo numa escola cheia de malucos, Luce estava certa de que aquele instinto era insano. Ela nem ao menos *conhecia* ele.

Ele estava falando com um aluno de dreads e sorriso cheio de dentes. Os dois

estavam rindo forte e genuinamente – de um jeito que fez Luce se sentir estranhamente enciumada. Ela estava tentando lembrar qual foi a última vez que ela riu, realmente, daquele jeito.

“Esse é Daniel Grigori,” Arriane disse, se inclinando e lendo sua mente. “Eu posso dizer que ele chamou a atenção de *alguma* pessoa.”

“Eufemismo,” Luce concordou, envergonhada quando ela percebeu como ela devia ter parecido para Arriane.

“É bem, se você gosta desse tipo de coisa.”

“O que tem para não gostar?” Luce disse, sem conseguir fazer as palavras pararem de sair.

“O amigo dele lá é Roland,” Arriane disse, apontando na direção do garoto negro. “Ele é legal. O tipo de cara que pode colocar sua mão nas coisas, 'cê sabe?”

Não realmente, Luce pensou, mordendo seu lábio. “Que tipo de coisas?”

Arriane encolheu, usando seu canivete suíço roubado para cortar uma vertente desgastada de seu jeans preto. “Apenas coisas. Tipo de coisas que você-pede-e-recebe.”

“E Daniel?” Luce perguntou. “Qual é a *história* dele?”

“Oh, ela não desiste.” Arriane riu, depois limpou a garganta.

“Ninguém sabe de verdade,” ela disse. “Ele guarda bem firme sua misteriosa personalidade masculina. Pode ser simplesmente o típico babaca de reformatório.”

“Eu não sou estranha a babacas,” Luce disse, embora assim que as palavras saíram, ela desejou poder pegá-las de volta. Depois do que aconteceu com Trevor – o que quer que tenha acontecido – ela era a última pessoa que deveria julgar pelas aparências. Mas, mais do que isso, nas raras vezes que ela fazia uma pequena referência àquela noite, o dossel preto das sombras se deslocava e voltava para ela, como se ela estivesse de volta ao lago.

Ela olhou de volta para Daniel. Ele tirou seus óculos e os deslizou para dentro de sua jaqueta, então, virou-se e olhou para ela.

Seu olhar apanhou o dela, e Luce viu enquanto seus olhos alargaram-se e rapidamente se estreitaram em um olhar surpreso. Quando o olhar de Daniel capturou o dela, sua respiração ficou presa em sua garganta. Ela o reconhecia de algum lugar.

Mas ela iria se lembrar de conhecer alguém como ele. Ela iria se lembrar de se sentir tão absolutamente assombrada quanto se sentia agora.

Ela percebeu que eles ainda estavam com os olhos presos quando ele relampejou um sorriso para ela. Um jato de calor foi atirado nela e ela teve que agarrar-se ao banco para se apoiar. Ela sentiu os lábios dela derreteram-se num sorriso de volta para ele, mas então ele levantou sua mão no ar.

E mostrou-lhe o dedo do meio.

Luce arfou e deixou seu olhar cair.

“O quê?” Arriane perguntou, alheia ao que havia acontecido.

“Esquece,” ela disse. “Nós não temos tempo. Eu sinto o sinal.” O sinal tocou na dica, e todo o corpo estudantil começou o lento arrastar de pés para dentro do prédio. Arriane estava segurando na mão de Luce e declamando orientações sobre onde se encontrar com ela depois e quando. Mas Luce continuava cambaleando por aquele perfeito estranho ter-lhe mostrado o dedo do meio. Seu delírio momentâneo sobre Daniel sumiu. Qual era o problema daquele cara?

Logo antes dela entrar em sua primeira aula, ela ousou olhar para trás. Seu rosto estava vazio, mas não havia dúvida - ele estava observando ela ir embora.

Capítulo 2 – Pronta para ser trancafiada*

* no original, “fit to be tied”, uma expressão que significa que a pessoa está furiosa. A expressão tem origem na prática de amarrar pessoas incontroláveis e perigosas numa camisa de força.

Luce tinha um pedaço de papel com seu horário imprimido, um caderno vazio pela metade que ela começava a prender na Dover em sua aula de História da

Europa Avançada ano passado, dois lápis número dois, sua borracha favorita, e a repentina sensação ruim que Arriane podia estar certa sobre as aulas na Espada & Cruz.

O professor ainda estava para se materializar, as carteiras débeis estavam arrumadas em fileiras a esmo, e o armário de suprimentos estava com uma barreira de pilhas de caixas empoeiradas na frente dele.

O que era pior, nenhum dos outros garotos parecia notar a desarrumação. De fato, nenhum dos outros parecia notar quem estava numa sala de aula. Todos estavam amontoados perto das janelas, dando uma última fumada no cigarro aqui, reposicionando os alfinetes extra-largos em suas camisetas ali. Só Todd estava sentado numa carteira mesmo, talhando algo intrincado em sua superfície com sua caneta. Mas os outros alunos novos pareciam já ter achado seu lugar na multidão. Cam estava com os caras que pareciam os mauricinhos da Dover em um amontoado apertado ao seu redor. Eles deviam ter sido amigos quando ele se matriculara na Espada & Cruz da primeira vez.

Gabbe estava cumprimentando a garota de língua com piercing que estivera se amassando com o garoto de piercing na língua do lado de fora. Luce se sentiu estupidamente ciumenta que não fosse ousada e bastante para fazer qualquer coisa exceto sentar-se perto do nada ameaçador Todd.

Arriane voou sobre os outros, sussurrando coisas que Luce não conseguia entender, como algum tipo de princesa gótica. Quando ela passou por Cam, ele despenteou seu cabelo recém-cortado.

“Belo esfregão, Arriane.” Ele sorriu afetadamente, enfiando um fio atrás de seu pescoço. “Meus cumprimentos para o seu estilista.” Arriane bateu nele. “Tire as mãos, Cam. O que quer dizer: Nos seus sonhos.” Ela balançou sua cabeça na direção da Luce. “E pode dar seus cumprimentos para o meu novo bichinho de estimação, bem ali.” Os olhos de esmeralda do Cam brilharam para Luce, que endurece. “Creio que darei,” ele disse, e começou a andar na direção dela.

Ele sorriu para Luce, que estava sentada com seus tornozelos cruzados debaixo da sua carteira e suas mãos dobradas elegantemente em sua carteira fortemente grafitado.

“Nós, alunos novos, temos que ficar juntos,” ele disse. “Sabe o que quero dizer?”

“Mas achei que você já esteve aqui antes.”

“Não acredite em tudo que Arriane diz.” Ele olhou de volta para Arriane, que estava de pé na janela, olhando-os com suspeita.

“Oh não, ela não disse nada sobre você,” Luce disse rapidamente, tentando se lembrar se isso era verdade ou não. Estava claro que Cam e Arriane não gostavam um do outro, e mesmo Luce sendo grata por Arriane levá-la por aí de manhã, ela não estava pronta para escolher qualquer lado ainda.

“Eu lembro quando era um novato aqui da primeira vez.” Ele riu sozinho. “Minha banda tinha acabado de se separar e eu estava perdido. Eu não conhecia ninguém. Eu podia ter tido alguém sem” – ele olhou para Arriane – “segundas intenções para me mostrar o funcionamento.”

“O que, e você não tem segundas intenções?” Luce disse, surpresa por ouvir um ritmo paquerador em sua voz.

Um sorriso fácil espalhou-se pelo rosto de Cam. Ele ergueu uma sobrancelha para ela. “E pensar que eu não queria voltar aqui.” Luce corou. Ela geralmente não se envolvia com roqueiros –

mas, também, nenhum nunca tinha puxado a cadeira próxima a ela perto, sentado ao lado dela, e encarando-a com olhos tão verdes. Cam colocou sua mão no seu bolso e puxou uma palheta verde com o numero 44 impresso.

“Esse é o numero do meu quarto. Dê uma passada qualquer hora.”

A palheta não era muito distante da cor dos olhos do Cam, e Luce se perguntou como e quando ele imprimiu estas, mas antes que ela pudesse responder – e sabe lá *o que* ela responderia – Arriane bateu uma mão com força no ombro de Cam. “Perdão. Não fui clara? Eu vi essa primeiro.”

Cam bufou. Ele olhou diretamente para Luce enquanto dizia,

“Viu, eu achei que ainda havia uma coisinha chamada livre arbítrio.

Talvez o seu *bichinho de estimação* tenha um caminho próprio em mente.”

Luce abriu sua boca para alegar que é claro que ela tinha um caminho, era só o

seu primeiro dia aqui e ela ainda estava desvendando o funcionamento. Mas na hora que ela foi capaz de endireitar as palavras em sua cabeça, o sinal de alerta de minuto tocou e a pequena reunião na carteira da Luce dissolveu-se.

Os outros garotos prenderam suas carteiras ao redor dela, e logo parou de ser tão notável que Luce sentou-se empertigada e formal em sua carteira, mantendo seus olhos na porta. Ficando de olho em Daniel.

De canto de olho, ela conseguia ver Cam roubando olhadelas para ela. Ela se sentiu lisonjeada – e nervosa, então frustrada consigo mesma. Daniel? Cam? Ela estava nessa escola a o que, quarenta e cinco minutos? – e sua mente já estava balançada por dois caras diferentes. A razão principal por ela estar nessa escola era porque da última vez que ela ficara interessada num cara, as coisas tinham ficado horrível, horrivelmente ruins. Ela não podia se permitir ficar toda enamorada (duplamente!) em seu primeiríssimo dia de aula.

Ela olhou para Cam, que piscou novamente para ela, então tirou seu cabelo escuro de seus olhos. Tirando a chocante beleza – é, tá certo – ele realmente parecia uma pessoa útil a se conhecer. Com ela, ele ainda estava se ajustando ao cenário, mas claramente já tinha passado pelas quadras da Espada & Cruz algumas vezes antes. E ele era legal com ela. Ela pensou na palheta verde com o número do seu quarto, esperando que ele não as desse livremente. Eles podiam ser...

amigos. Talvez isso fosse tudo que ela precisasse; Talvez então ela pudesse parar de se sentir tão obviamente fora de lugar na Espada & Cruz.

Talvez então ela fosse capaz de perdoar o fato que a única janela na sala de aula fosse do tamanho de uma carta de negócios, endurecida com lima, e olhar para fora para o massivo mausoléu no cemitério.

Talvez então ela fosse capaz de esquecer o odor de peróxido de fazer o nariz coçar emanando da garota punk com cabelo loiro de água-oxigenada sentada na frente dela.

Talvez então ela realmente pudesse prestar atenção ao professor severo e bigodudo que marchou para a sala de aula, comandou que a turma *endireitasseesentasse,* e fechou a porta firmemente.

O menor dos beliscões de decepção cutucou seu coração. Ela levou um momento

para rastrear de onde tinha vindo. Até o professor fechar a porta, ela tivera uma mínima esperança que Daniel estivesse em sua primeira aula também.

O que ela tinha na próxima aula, francês? Ela olhou para seu horário para checar em que sala era. Bem então, um papel de avião deslizou por seu horário, errou sua carteira e caiu no chão perto de sua bolsa. Ela checou para ver se alguém tinha notado, mas o professor estava ocupado acabando com um pedaço de giz enquanto escrevia algo no quadro.

Luce olhou nervosamente para sua esquerda. Quando Cam olhou para ela, ele lhe deu uma piscadela e um acenozinho flertante que fez com que seu corpo todo ficasse tenso. Mas ele não parecia ter visto ou ser responsável pelo avião de papel.

“Psiiiiu,” veio o baixo sussurro atrás dele. Era Arriane, que fez um movimento com seu queixo para que Luce pegasse o avião de papel.

Luce se abaixou para apanhá-lo e viu seu nome escrito em pequenas letras pretas na asa. Seu primeiro bilhete!

Já está procurando pela saída?

Não é um bom sinal.

Estamos nesse inferno até o almoço.

Isso *tinha* que ser uma piada. Luce checou novamente seu horário e percebeu com horror que todas as suas três aulas eram nessa mesma sala 1 – e todas as três seriam lecionadas pelo mesmo Sr. Cole.

Ele tinha se desprendido do quadro-negro e estava atravessando sonolentamente a sala. Não houve introdução para os novatos – e Luce não conseguia decidir se estava ou não feliz por isso. O Sr. Cole meramente jogou um roteiro de estudos em cada carteira dos quatro novos estudantes. Quando o pacote grampeado pousou na frente de Luce, ela se inclinou para frente, ansiosa para olhar. *História do Mundo*, lia-se. *Logrando a Ruína da Humanidade*. Hmmm, história sempre *fora* sua melhor matéria, mas logrando a ruína?

Um olhar mais apurado do roteiro de estudo foi tudo que precisou para Luce ver que Arriane estava certa sobre ser um inferno: uma cara de leitura impossível,

TESTE em letras garrafais e em negrito todo terceiro período, e um trabalho de trinta paginas sobre – sério? – o tirano fracassado de sua escolha. Parênteses grosso e negros tinham sido desenhados com uma caneta preta para retroprojetor ao redor das tarefas que Luce tinha perdido durante as primeiras semanas. Nas margens, o Sr. Cole tinha escrito *Venha me ver para uma Pesquisa Substituta.* Se houvesse um método efetivo de sugar a alma, Luce estava assustada de descobrir.

Pelo menos ela tinha Arriane sentada ali atrás na próxima fila.

Luce estava feliz por já ter sido estabelecido e precedente por passar notas de emergência. Ela e Callie costumavam mandar mensagens uma para a outra furtivamente, mas para sobreviver aqui, Luce definitivamente teria que aprender a fazer um avião de papel. Ela arrancou uma folha de seu caderno e tentou usar o da Arriane como modelo.

Após alguns minutos desafiadores fazendo origami, outro avião pousou em sua carteira. Ela olhou de volta para Arriane, que balançou sua cabeça e girou os olhos de um modo você-tem-tanto-a-aprender.

Luce desculpou-se dando de ombros e girou-se de volta para abrir o segundo bilhete:

Ah, e até que esteja confiante na sua mira, é melhor não mandar qualquer mensagem relacionada ao Daniel na minha direção. O

cara atrás de você é famoso no campo de futebol americano por suas intercepções.

Bom saber. Ela nem ao menos tinha visto Roland, amigo do Daniel, chegar por trás dela. Agora ela se virava bem lentamente em seu assento, até vislumbrar seus dreadlocks de canto de olho. Ela ousou dar uma espiada no caderno aberto na carteira dele e captou seu nome todo. Roland Sparks.

“Nada de passar bilhetes,” o Sr. Cole disse severamente, fazendo com que Luce virasse com tudo sua cabeça para prestar atenção. “Nada de plagiar, e nada de olhar para os trabalhos dos outros. Eu não fiz faculdade só para receber a atenção parcial de vocês.”

Luce assentiu em uníssono com os outros garotos estupefatos bem quando um

terceiro avião de papel deslizou até parar no meio de sua carteira.

Só mais 172 minutos!

***

Cento e setenta e três minutos torturantes mais tarde, Ariane guiava Luce para a lanchonete. “Que cê acha?” ela perguntou.

“Você estava certa,” Luce disse entorpecidamente, ainda se recuperando do quanto suas três primeiras horas de aula tinham sido sombrias. “Por que alguém lecionaria uma matéria tão deprimente?”

“Ah, o Cole já amolece. Ele coloca sua cara de nada-de-besteira toda vez que tem aluno novo. De qualquer jeito,” Arriane disse, cutucando Luce, “podia ter ficado com a Srta. Troz.” Luce olhou seu horário. “Eu estou com ela em biologia na parte da tarde,” ela disse com uma sensação de afundamento em seu estômago.

Enquanto Arriane cuspia uma gargalhada, Luce sentiu um encontrão em seu ombro. Era Cam, passando por elas no corredor a caminho do almoço. Luce teria caído estatelada se não fosse pela mão dele esticando-se para firmá-la.

“Calma aí.” Ele lançou-lhe um rápido sorriso, e ela se perguntou se ele tinha trombado nela intencionalmente. Mas ele não parecia tão juvenil assim. Luce olhou para Arriane para ver se ela tinha notado algo. Arriane levantou suas sobrancelhas, quase convidando Luce a falar, mas nenhuma delas disse coisa alguma.

Quando eles cruzaram as janelas interiores poeirentas separando o gélido corredor da lanchonete ainda mais gélida, Arriane tomou o cotovelo de Luce.

“Evite o bife de frango frito a qualquer custo,” ela instruiu enquanto seguiam a multidão para o turvo refeitório. “A pizza é boa, o chili é bom, e o borsch* na verdade não é ruim. Você gosta de bolo de carne?”

* borsch é uma sopa tradicional de diversos países do Leste Europeu, como a Ucrânia, Polónia, Rússia, Roménia, entre outros. A sopa é normalmente preparada com beterraba, o que lhe dá um forte coloração vermelha. Outros ingredientes costumeiros são o repolho, cenoura, pepino, batata, cebola, tomate,

cogumelo e carne, e às vezes feijão. O prato costuma ser servido com nata (creme de leite) e batatas cozidas, ou kascha, uma papa de trigo sarraceno.

“Sou vegetariana,” Luce disse. Ela estava olhando pelas carteiras, procurando por duas pessoas em particular. Daniel e Cam.

Ela simplesmente se sentiria mais a vontade se ela soubesse onde eles estavam, para que pudesse continuar seu almoço fingindo que não tinha visto nenhum dos dois. Mas até agora, nada...

“Vegetariana, hein?” Arriane franziu seus lábios. “Pais hippies ou sua própria tentativa miserável de rebelião?”

“Hãn, nenhum dos dois, eu simplesmente não–”

“Gosta de carne?” Arriane girou os ombros de Luce noventa graus, para que ela olhasse diretamente para Daniel, sentado em uma carteira do outro lado do cômodo. Luce soltou uma longa exalação. Ali estava ele. “Agora, isso vale para *qualquer* carne?” Arriane cantarolou altamente. “Tipo, você não afundaria seus dentes *nele*?” Luce bateu com força em Arriane e arrastou-a na direção da fila do almoço. Arriane estava se matando de rir, mas Luce sabia que ela estava corando violentamente, o que seria dolorosamente óbvio nessa iluminação fluorescente.

“Cala a boca, ele total te ouviu,” ela sussurrou.

Parte de Luce se sentia feliz por estar brincando sobre garotos com uma amiga. Supondo que Arriane fosse sua amiga.

Ela ainda se sentia desapegada pelo que tinha acontecido essa manhã quando ela vira Daniel. Aquela atração na direção dele – ela ainda não entendia de onde viera, e ainda assim, aqui estava ela de novo. Ela se forçou a afastar seus olhos do cabelo loiro dele, da linha suave de sua mandíbula. Ela se recusava a ser pega encarando. Ela *não* queria dar-lhe qualquer razão para lhe mostrar o dedo do meio pela segunda vez.

Luce olhou para o outro lado da carteira, para o amigo de Daniel, Roland. Ele estava olhando diretamente para ela. Quando ele capturou seu olhar, ele agitou suas sobrancelhas de um jeito que Luce não conseguia entender, mas que ainda a assustava um pouquinho.

Luce se voltou para Arriane. “Por que todos nessa escola são tão esquisitos?”

“Vou escolher não me ofender com isso,” Arriane disse, pegando uma bandeja de plástico e dando uma para Luce. “E eu vou seguir explicando a fina arte de selecionar um assento na lanchonete.

Veja, você nunca vai querer se sentar perto de – Luce, cuidado!” Tudo que Luce fez foi dar um passo pra trás, mas assim que ela o fez, ela sentiu o duro empurrão de duas mãos em seus ombros.

Imediatamente, ela sabia que iria cair. Ela apalpou à sua frente por apoio, mas tudo que suas mãos encontraram foi a bandeja de almoço cheia de outra pessoa. O negócio todo caiu junto com ela. Ela pousou com uma pancada no chão da lanchonete, uma xícara inteira de borscht em sua cara.

Quando ela limpou beterrabas esmagadas o bastante para que seus olhos vissem, Luce olhou para cima. A fadinha mais brava que ela já tinha visto estava parada sobre ela. A garota tinha cabelo oxigenada espetado, pelo menos dez piercings no rosto, e um olhar mortal. Ela arreganhou seus dentes para Luce e sibilou, “Se a sua visão não tivesse arruinado meu apetite, eu faria você me comprar outro almoço.” Luce gaguejou uma desculpa. Ela tentou se levantar, mas a garota bateu o salto de sua bota preta de salto agulha no pé de Luce.

Dor subiu por sua perna, e ela teve que morder seu lábio para não gritar.

“Por que eu simplesmente não deixo pra próxima?” a garota disse.

“Já chega, Molly,” Arriane disse friamente. Ela se abaixou para ajudar Luce a ficar de pé.

Luce recuou. O salto agulha definitivamente iria deixar uma marca.

Molly esquadrinhou seus quadris para encarar Arriane, e Luce teve o pressentimento de que essa não era a primeira vez que elas trocavam faíscas.

“Amizade rápida com a novata, eu vejo,” Molly grunhiu. “Esse é um comportamento realmente ruim, A. Você não deveria estar em condicional?”

Luce engoliu em seco. Arriane não tinha mencionado nada sobre condicional, e não fazia sentido que isso a proibiria de fazer novos amigos. Mas a palavra fora

o bastante para fazer Arriane fechar seu punho e mandar um gordo soco que acabou no olho direito de Molly.

Molly cambaleou para trás, mas foi Arriane quem chamou a atenção de Molly. Ela começou a ter convulsão, seus braços para cima e sacudindo no ar.

Era a pulseira, Luce percebeu com horror. Estava enviando algum tipo de choque pelo corpo de Arriane. Inacreditável. Essa era uma punição cruel e incomum, com certeza. O estômago de Luce revirou enquanto ela observava todo o corpo estudantil trepidar. Ela se esticou para pegar Arriane bem quando ela afundava no chão.

“Arriane,” Luce sussurrou. “Você está bem?”

“Ótima.” Os olhos negros de Arriane abriram-se vacilantemente, então se fecharam.

Luce arfou. Então um dos olhos da Arriane abriu de volta. “Te assustei, não foi? Ai, que fofo. Não se preocupe, os choques não vão me matar,” ela sussurrou. “Eles só me tornam mais fortes. De qualquer jeito, valeu a pena para dar um olho preto praquela vaca, sabe?”

“Certo, afastem-se. Afastem-se,” uma voz rouca rugiu atrás deles.

Randy estava parada na entrada, o rosto vermelho e respirando violentamente. Era um pouco tarde demais para afastar qualquer coisa, Luce pensou, mas então Molly estava inclinando-se na direção delas, seus saltos agulha fazendo um som seco no linóleo. A garota não tinha vergonha. Ela realmente iria dar uma surra na Arriane com Randy parada bem ali?

Felizmente, os braços fortes de Randy fecharam-se ao redor dela primeiro. Molly tentou chutar para se libertar e começou a gritar.

“É melhor alguém começar a falar,” Randy latiu, apertando Molly até ela ficar frouxa. “Pensando melhor, todas as três apresentem-se para a detenção amanhã de manhã. Cemitério. Ao raiar do dia!” Randy olhou para Molly. “Já se *acalmou*?” Molly assentiu rigidamente, e Randy soltou-a. Ela se abaixou para onde Arriane ainda estava deitada no colo de Luce, seus braços cruzados sobre seu peito. De primeira, Luce achou que Arriane estava de mal-humor, como um cachorro bravo com um enforcador, mas então Luce sentiu um pequeno choque

do corpo de Arriane e percebeu que a garota ainda estava à mercê da pulseira.

“Vamos,” Randy disse, mais suavemente. “Vamos te desligar.” Ela estendeu sua mão para Arriane e ajudou a puxar seu minúsculo corpo trêmulo, virando-se somente uma vez na entrada para repetir ordens para Luce e Molly.

“Raiar do dia!”

“Estou ansiosa por isso,” Molly disse docemente, abaixando-se para pegar o prato de bolo de carne que tinha deslizado de sua bandeja.

Ela balançou-o sobre a cabeça da Luce por um segundo, então virou o prato de ponta-cabeça e amassou a comida em seu cabelo. Luce conseguia ouvir o esguicho de sua própria mortificação enquanto toda a Espada & Cruz teve uma visão da novata coberta por bolo de carne.

“Impagável,” Molly disse, puxando a menor das câmeras prateada de um bolso traseiro em sua calça jeans. “Diga... bolo de carne,” ela cantou, tirando algumas fotos de rosto. “Ficarão *ótimas* no meu blog.”

“Belo chapéu,” alguém zombou do outro lado da lanchonete.

Então, com trepidação, Luce voltou seus olhos para Daniel, rezando para que de algum modo ele tivesse perdido a cena toda. Mas não. Ele estava balançando sua cabeça. Ele parecia chateado.

Até aquele momento, Luce pensava que tinha uma chance de se levantar e simplesmente chacoalhar o incidente – literalmente. Mas vendo a reação do Daniel – bem, finalmente a fez entender.

Ela não choraria na frente de qualquer uma daquelas pessoas horríveis.

Ela engoliu duramente, levantou-se, e se mandou. E se apressou na direção da porta mais próxima, ansiosa por sentir um ar frio em seu rosto.

Ao invés, a umidade sulista de setembro encobriu-a, sufocando-a, assim que ela saiu. O céu tinha aquela cor de nada, um marrom acinzentado tão opressivamente brando que era até mesmo difícil achar o sol. Luce diminuiu, mas foi até a beirada do estacionamento antes de parar completamente.

Ela ansiava ver seu velho carro demolido ali, afundar no assento de pano esfiapado, acelerar o motor, ligar o som, e dar o fora desse maldito lugar. Mas enquanto ficava parada na quente calçada preta, a realidade assentou: Ela estava presa aqui, e um par de portões elevados de metal separavam-na do mundo fora da Espada & Cruz.

Além do mês, mesmo que ela tivesse saída... para onde ela iria?

A sensação doentia em seu estômago lhe dizia tudo que ela precisava saber. Ela já estava no fundo do poço, e as coisas estavam ficando bem sombrias.

Era tão deprimente quanto era verdade: a Espada & Cruz era tudo o que ela tinha.

Ela deixou seu rosto cair em suas mãos, sabendo que tinha que voltar. Mas quando ela ergueu sua cabeça, o resíduo em suas palmas a lembrou que ela ainda estava encoberta pelo bolo de carne da Molly. Eca. Primeira parada, o banheiro mais próximo.

De volta lá dentro, Luce entrou no banheiro das garotas bem quando a porta estava abrindo. Gabbe, que parecia ainda mais loira e perfeita agora que Luce parecia que tinha dado um mergulho no lixão, passou por ela se espremendo.

“Oopa, licença, querida,” ela disse. Sua voz com sotaque sulista era doce, mas seu rosto se enrugou ao ver Luce. “Ai céus, você está horrível. O que aconteceu?”

O que aconteceu? Como se a escola toda já não soubesse.

Essa garota provavelmente estava se fazendo de burra para que Luce revivesse toda a cena mortificante.

“Espere cinco minutos,” Luce replicou, com mais aspereza em sua voz do que pretendia. “Tenho certeza que fofoca se espalha como a praga aqui.”

“Quer a minha base emprestada?” Gabbe perguntou, oferecendo um estojo de maquiagem azul-pastel. “Você não se viu ainda, mas você vai –“

“Obrigada, mas não.” Luce a cortou, entrando no banheiro.

Sem se olhar no espelho, ela ligou a torneira. Ela jogou água gelada em seu rosto e finalmente soltou tudo. Lágrimas escorrendo, ela apertou o ministrador de sabonete e tentou usar um pouco do sabonete barato rosa empoado para tirar o bolo de carne. Mas ainda havia o problema do cabelo. E suas roupas definitivamente já tinham parecido e cheirado melhor. Não que ela precisasse mais se preocupar em causar uma boa impressão.

A porta do banheiro se abriu e Luce esbarrou contra a parede como um animal enjaulado. Quando uma estranha entrou, Luce endureceu e esperou pelo pior.

A garota tinha uma estrutura corporal atarracada, acentuada por uma quantidade anormal de camadas de roupa. Seu rosto largo era cercado por cabelo castanho cacheado, e seu óculos roxo claro balançou quando ela fungou. Ela parecia bastante modesta, mas também, aparências enganam. Suas duas mãos estavam colocadas atrás de suas costas de um jeito que, depois do dia que Luce tinha tido, ela simplesmente não podia confiar.

“Sabe, você não devia estar aqui sem um passe,” a garota disse. Seu tom parecia ser sério.

“Eu sei.” O olhar nos olhos dessa garota confirmou a suspeita de Luce de que era absolutamente impossível fazer uma pausa nesse lugar. Ela começou a suspirar em rendição. “Eu só–”

“Estou brincando.” A garota riu, girando seus olhos e relaxando sua postura. “Eu peguei shampoo do vestiário para você,” ela disse, trazendo suas mãos para frente para mostrar duas embalagens plásticas de shampoo e condicionador de aparência inocente. “Vamos,” ela disse, puxando uma cadeira de dobrar gasta. “Vamos te limpar.

Sente aqui.”

Um barulho parcialmente de lástima e parcialmente de risada que ela nunca havia feito antes escapou dos lábios de Luce. Soava, ela achava, com alívio. A garota realmente estava sendo legal com ela – não só legal do tipo colégio reformatório, mas legal do tipo pessoa normal!

Por razão alguma. O choque disso era quase grande demais para Luce aguentar. “Obrigada?” Luce conseguia dizer, ainda se sentindo um pouco cautelosa.

“Ah, e você provavelmente precisa de uma muda de roupas,” a garota disse, olhando para seu suéter preto e puxando-o sobre sua cabeça para expôr um suéter preto idêntico abaixo.

Quando ela viu o olhar de surpresa no rosto de Luce, ela disse,

“O quê? Eu tenho um sistema imunológico hostil. Eu tenho que usar muitas camadas.”

“Ah, bem, você ficará bem sem essa?” Luce se forçou a perguntar, mesmo ela fazendo quase tudo agora para tirar a capa de carne que estava usando.

“É claro,” a garota disse, dispensando-a. “Tenho mais três debaixo dessa. E mais algumas no meu armário. Fique a vontade. Me machuca ver uma vegetariana coberta de carne. Sou muito empática.” Luce se perguntou como essa estranha conhecia suas preferências alimentícias, mas mais que isso, ela tinha que perguntar:

“Hm, por que você está sendo tão legal?”

A garota riu, suspirou, então balançou sua cabeça. “Nem todos na Espada & Cruz são vadias ou atletas*.”

* no original, ‘not everyone at Sword & Cross are whores and jocks.’ Como não achei nenhum termo semelhante que rimasse, optei por só fazer a tradução literal mesmo.

“Hein?” Luce disse.

“Espada & Cruz... Vadias e Atletas. Um péssimo apelido da cidade para essa escola. Obviamente não há nenhum atleta aqui. Eu não irei oprimir os seus ouvidos com alguns dos apelidos mais rudes que bolaram.”

Luce riu.

“O que eu quero dizer é que, nem todos aqui são uns completos babacas.”

“Só a maioria?” Luce perguntou, odiando ela já soar tão negativa. Mas fora uma manhã tão longa, e ela já tinha passado por tanto, e talvez essa garota não a julgasse por um ser um tantinho irritada.

Para sua surpresa, a garota sorriu. “Exatamente. E eles certamente dão ao resto de nós uma má reputação.” Ela estendeu sua mão. “Sou Pennyweather Van Syckle-Lockwood. Pode me chamar de Penn.”

“Entendi,” Luce disse, ainda irritada demais para perceber que, em uma vida passada, ela poderia ter encoberto uma risada por causa do nome dessa garota. Soava como se ela tivesse pulado diretamente de um romance de Dickens. Mas também, havia algo digno de confiança em uma garota com um nome como esse que conseguia se apresentar com uma cara séria. “Sou Lucinda Price.”

“E todos te chamam de Luce,” Penn disse. “E você se transferiu da Dover Prep, em New Hampshire.”

“Como sabe disso?” Luce perguntou lentamente.

“Palpite de sorte?” Penn deu de ombros. “Estou brincando, eu li seu arquivo, dãh. É um passatempo.”

Luce encarou-a sem expressão. Talvez ela tenha sido precipitada demais com aquele julgamento de ser confiável. Como Penn poderia ter tido acesso ao seu arquivo?

Penn tomou conta de ligar a água. Quando ficou quente, ela fez um movimento para Luce abaixar sua cabeça na pia.

“Veja, o negócio é que,” ela explicou, “eu não sou realmente louca.” Ela puxou Luce por sua cabeça molhada. “Sem ofensa.” Então a abaixou de volta. “Sou a única nesse colégio sem um mandado de corte.

E você pode achar que não, mas ser legalmente sã tem suas vantagens.

Por exemplo, eu sou a única em que confiam para ser ajudante no escritório. O que é idiotice deles. Tenho acesso a todo tipo de porcaria confidencial.”

“Mas se você não *tem* que estar aqui–”

“Quando o seu pai é o caseiro do colégio, eles meio que tem que deixar você frequentá-lo de graça. Então...” Penn dissipou.

O pai de Penn era o caseiro? Pela visão do lugar, não tinha nem passado pela

mente de Luce que eles ao menos *tinham* um caseiro.

“Eu sei o que está pensando,” Penn disse, ajudando Luce a limpar o fim de molho de carne de seu cabelo. “Que o lugar não é exatamente bem mantido?”

“Não,” Luce mentiu. Ela estava ansiosa a ficar de bem com essa garota, e queria mandar vibrações de seja-minha-amiga muito mais do que queria parecer que realmente se importava se aparavam a grama da Espada & Cruz frequentemente. “É, hm, bem bonito.”

“Papai morreu há dois anos,” Penn disse silenciosamente.

“Eles até colocaram o velho decadente Diretor Udell como meu guardião legal, mas, hãn, eles nunca realmente contrataram um substituo para o papai.”

“Sinto muito,” Luce disse, abaixando sua voz, também. Então mais alguém aqui sabia o que era passar por uma grande perda.

“Tudo bem,” Penn disse, espremendo condicionador em sua palma. “É na verdade um colégio realmente bom. Eu gosto bastante daqui.”

Agora a cabeça de Luce se levantou com tudo, mandando respingo de água pelo banheiro. “Tem certeza de que não é louca?” ela provocou.

“Estou brincando. Odeio aqui. É uma porcaria total.”

“Mas você não consegue se forçar a ir embora,” Luce disse, inclinando sua cabeça, curiosa.

Penn mordeu seu lábio. “Eu sei que é mórbido, mas mesmo que eu não estivesse presa ao Udell, eu não conseguiria. Meu pai está aqui.” Ela gesticulou na direção do cemitério, invisível daqui. “Ele é tudo que eu tenho.”

“Então suponho que você tem mais do que outras pessoas nesse colégio,” Luce disse, pensando em Arriane. Sua mente voltou para o jeito como Arriane tinha agarrado sua mão na quadra hoje, o olhar ansioso em seus olhos azuis quando ela fez Luce prometer que iria passar no seu quarto no dormitório hoje à noite.

“Ela vai ficar bem,” Penn disse. “Não seria segunda-feira se Arriane não fosse carregada para a enfermaria após um ataque.”

“Mas não foi um ataque,” Luce disse. “Foi aquela pulseira. Eu a vi. Estava dando choques nela.”

“Nós temos uma definição muito ampla do que caracteriza um

‘ataque’ aqui na Espada & Cruz. Sua nova inimiga, Molly? Ela já deu ataques legendários. Eles ficam dizendo que vão mudar a medicação dela. Com sorte você terá o prazer de testemunhar pelo menos um bom surto antes que ele mudem.”

A inteligência de Penn era bastante notável. Passou pela cabeça de Luce perguntar qual era a história do Daniel, mas a complicada intensidade de seu interesse nele era provavelmente melhor mantida a uma base de necessidade. Pelo menos até que ela mesmo conseguisse entender.

Ela sentiu as mãos de Penn torcendo água de seu cabelo.

“Essa foi a última,” Penn disse. “Acho que você está finalmente livre de carne.”

Luce olhou para o espelho e correu suas mãos por seu cabelo.

Penn estava certa. Exceto pela cicatriz emocional e a dor em seu pé direito, não havia evidência de seu rolo na lanchonete com Molly.

“Só fico feliz por você ter cabelo curto,” Penn disse. “Se ainda fosse comprido como era na foto no seu arquivo, essa teria sido uma operação bem mais comprida.”

Luce olhou embasbacada para ela. “Vou ter que ficar de olho em você, não vou?”

Penn enlaçou seu braço no de Luce e guiou-a para fora do banheiro. “Só fique de bem comigo e ninguém se machucará.” Luce mandou a Penn um olhar preocupado, mas o rosto de Penn não demonstrava nada. “Você está brincando, certo?” Luce perguntou.

Penn sorriu, repentinamente feliz. “Vamos, temos que ir para aula. Não está feliz por termos o mesmo horário de tarde?” Luce riu. “Quando você vai parar de saber tudo sobre mim?”

“Não no futuro próximo,” Penn disse, empurrando-a pelo corredor e de volta na direção das salas de aula de bloco de cimento.

“Você logo aprenderá a amar isso, eu prometo. Sou uma amiga muito poderosa a se ter.”

Capitulo 3 – Atraindo a Escuridão

Luce serpenteou pelo frio e úmido corredor do dormitório em direção ao seu quarto, arrastando a sua mochila vermelha Camp Gurid com a alça partida em sua trilha. As paredes eram da cor de um quadro negro poeirento – e todo o lugar era estranhamente quieto, salvo pelo maçante zumbido das lâmpadas fluorescentes suspensas no teto recuado manchado por gotas de água.

Principalmente, Luce estava surpresa em ver tantas portas fechadas. Lá em Dover, ela sempre quis mais privacidade, um tempo das festas no corredor do dormitório que duravam horas. Você não podia caminhar para o seu quarto sem se deparar com uma reunião de garotas sentando de pernas cruzadas em jeans iguais, ou um casal de lábios grudados pressionado contra a parede.

Mas na Espada & Cruz... bem, ou todo mundo já havia começado os seus artigos de trinta páginas... ou então a socialização aqui era mais do tipo atrás-das-portas.

Falando nisso, as portas fechadas era um sinal a ser notado.

Se os alunos da Espada & Cruz eram cheios de recursos com as violações do código de vestimentas, eles eram completamente engenhosos quando o assunto era personalizar seus espaços. Luce já havia caminhado por uma porta moldurada por uma cortina de contas, e uma outra com um tapete de detecção de movimento que a encorajava a "dar o fora dali" quando ela passou por ele.

Ela parou na única porta em branco do prédio. Quarto 63. Lar, amargo lar. Ela tateou em seu bolso a procura de suas chaves no bolso da sua mochila, respirou profundamente e abriu a porta da sua cela.

Exceto que não era *terrível*. Ou talvez não fosse tão terrível como ela imaginava. Havia uma janela de um tamanho decente que se abria para deixar entrar um ar noturno menos sufocante. E além das barras de metal, a vista da porção da luz da lua era na verdade algo interessante, se ela não pensasse muito sobre o cemitério que ficava embaixo dela. Ela tinha um closet e uma pequena pia, uma mesa para

fazer seus trabalhos – pensando nisso, a coisa mais triste no quarto foi o vislumbre que Luce capturou de si mesma no espelho de corpo inteiro atrás da porta.

Ela rapidamente desviou a visão, sabendo bem demais o que ela ia encontrar em seu reflexo. Seu rosto parecendo apertado e sonolento. Seus olhos castanhos salpicados com estresse. Seu cabelo como o pêlo do poodle toy histérico da sua família após uma tempestade. O suéter de Penn caía nela como um pano de saco. Ela estava tremendo. Suas aulas da tarde não haviam sido melhores do que as da manhã, devido principalmente ao fato de seu maior medo ter se tornado realidade: Toda a escola já havia começado a chamá-la de Bolo de Carne. E infelizmente, muito como seu homônimo, o apelido parecia que ia grudar.

Ela queria desfazer as malas, transformar o genérico quarto 63

em seu próprio lugar, para onde ela podia ir quando precisava fugir e se sentir bem. Mas ela somente conseguiu abrir o zíper da sua mochila antes de entrar em colapso na cama descoberta, derrotada. Ela se sentia tão longe de casa. Só levava vinte e dois minutos de carro para sair das dobradiças soltas da porta traseira caiada da sua casa para os portões de ferro forjado enferrujado da Espada & Cruz, mas poderia muito bem levar vinte e dois anos.

Pela primeira metade da silenciosa viagem com seus pais essa manhã, a vizinhança parecera praticamente a mesma: subúrbio sulista de classe média adormecido. Mas então a rua foi sobre a marginal em direção à praia, e o terreno ficou mais e mais alagadiço. Um aumento de árvores de mangue marcava a entrada na terra úmida, mas logo até essas diminuíram. Os últimos dezesseis quilômetros até a Espada & Cruz foram sombrios. Castanho acinzentado, inexpressivo, abandonado. Lá em casa, Thunderbolt, as pessoas da cidade sempre brincavam sobre o estranho, memorável e embolorado fedor por aqui: Você sabia que estava nos pântanos quando o seu carro começava a feder a lama.

Mesmo Luce tendo crescido em Thunderbolt, ela não estava familiarizada com a parte mais oriental do condado. Quando criança, ela sempre simplesmente presumira que era por nunca ter razão para vir aqui – todas as escolas, lojas, e todos que sua família conhecia estavam do lado oeste. O lado leste era simplesmente menos desenvolvido. Só isso.

Ela sentia falta dos seus pais, que grudaram um Post-it na primeira camisa da

mala – *Nós te amamos! Os Price nunca quebram.* Ela sentia saudade do seu quarto, que tinha vista para a plantação de tomates do seu pai. Ela sentia saudade de Callie, que devia ter certamente mandando umas dez mensagens que nunca serão vistas.

Sentia saudades de Trevor...

Ou, bem, não era exatamente isso. O que ela tinha saudades era do modo como a vida era quando ela começou a falar com Trevor pela primeira vez. Quando ela tinha alguém em quem pensar se ela não conseguia dormir à noite, o nome de alguém para rabiscar como uma boboca dentro dos cadernos dela. A verdade era que Luce e Trevor nunca realmente tiveram a chance de se conhecer bem. A única lembrança que ela tinha era uma foto tirada pela Callie secretamente, do outro lado do campo de futebol, entre dois dos seus conjuntos de pesos, quando ele e Luce conversaram por quinze segundos sobre...

seus conjuntos de pesos. E o único encontro que ela realmente teve como ele não foi exatamente um encontro real – só uma hora roubada quando ele a afastou do resto da festa. Uma hora que ela se arrependeria pelo resto de sua vida.

Havia começado inocente o suficiente, somente duas pessoas caminhando pelo lago, mas não demorou muito antes de Luce começar a sentir as sombras sobre a sua cabeça. Então os lábios de Trevor tocaram os seus, e o calor caiu sobre seu corpo, os olhos dele ficaram brancos de terror... e segundos depois a vida como ela conhecia fora embora em uma labareda.

Luce virou-se e enterrou seu rosto na curva do seu braço. Ela passou meses em luto pela morte de Trevor, e agora, deitada nesse quarto estranho, com as barras de metal cavando em sua pele através do fino colchão, ela sentiu a egoísta futilidade disso tudo. Ela não conhecia Trevor mais do que ela conhecia... bem, Cam.

Uma batida em sua porta fez Luce pular da cama. Como alguém poderia saber como encontrá-la aqui? Ela andou nas pontas dos pés até a porta e a puxou até abrir. Então ela colocou a sua cabeça no vazio corredor. Ela não havia nem ao menos ouvido passos ali fora, e não havia sinal de alguém ter acabado de bater.

Exceto pelo avião de papel preso com um alfinete com uma tacha de latão no centro do quadro ao lado de sua porta. Luce sorriu ao ver seu nome escrito em caneta preto ao longo da asa, mas quando ela desdobrou o bilhete, tudo que

estava escrito dentro era uma seta negra apontando diretamente para o corredor.

Arriane *havia* convidado-a para essa noite, mas isso havia sido antes do incidente com Molly na cafeteria. Olhando para o corredor vazio, Luce questionou-se sobre seguir a seta enigmática. Então ela olhou sobre o seu ombro para a sua gigante bolsa de pano duro, sua festa de auto-piedade a aguardando para ser desfeita. Ela deu de ombros, fechou a porta, colocou a chave do seu quarto em seu bolso, e começou a caminhar.

Ela parou em frente a uma porta do outro lado do corredor para checar um pôster gigante de Sonny Terry, um músico cego que ela sabia, pela coleção arranhada de vinis de seu pai, que era um incrível tocados de gaita de blues. Ela se inclinou para frente para ler o nome no quadro e percebeu com surpresa que estava em frente a porta do quarto de Roland Sparks. Imediatamente, irritantemente, havia uma pequena parte do seu cérebro que começou a calcular as chances de que Roland podia estar passando o tempo com Daniel, com apenas uma fina porta os separando de Luce.

Um zumbido mecânico fez Luce pular. Ela olhou diretamente para uma câmera de vigilância pregada acima da porta de Roland. Os vermelhos. Dando zoom em cada um dos seus movimentos. Ela se encolheu, embaraçada por razões que nenhuma câmera seria capaz de discernir. De todo modo, ela tinha vindo aqui para ver Arriane – cujo quarto, ela percebeu, pelo jeito era do outro lado do corredor em frente ao quarto de Roland.

Em frente ao quarto da Arriane, Luce sentiu uma pequena pontada de doçura. Toda a porta estava lotada por adesivos - uns impressos, outros obviamente caseiros. Havia tantos que eles se sobrepunham, cada slogan semi cobrindo e geralmente contradizendo o que o de cima dizia. Luce riu baixinho imaginando Arriane coletando adesivos indiscriminadamente (PESSOAS MÁS SÃO DEMAIS... MINHA FILHA É UMA ESTUDANDO NOTA ZERO NA ESPADA & CRUZ... VOTE

NÃO NA PROPOSIÇÃO 666) e então colando-os com um foco casual –

mas compromissado – em seu território.

Luce podia ter ficado entretida por uma hora lendo a porta de Arriane, mas logo ela se sentiu consciente de que estava em frente a um quarto de dormitório que ela estava somente meia certa de que havia sido convidada. Então ela viu um

segundo avião de papel. Ela tirou-o do quadro e desdobrou a mensagem:

Minha Querida Luce,

Se você realmente apareceu para sairmos hoje à noite, parabéns! Nós vamos nos dar tãão bem!

Se você me deu um bolo, então... tire as suas garras da minha carta privada, ROLAND! Quantas vezes eu tenho que te dizer isso?

Jesus.

De qualquer modo: eu sei que disse pra você passar aqui essa noite, mas eu tive que correr da estação de descanço e recuperação na enfermaria (a cereja em cima do bolo do meu tratamento de arma de choque hoje) para fazer uma revisão de biologia com a Albatroz. Ou seja, fica pra próxima?

Sua psicoticamente,

A.

Luce ficou com a carta nas mãos, incerta sobre o que fazer a seguir. Ela estava aliviada por Arriane estar sendo cuidada, mas ela ainda desejava poder ver a garota pessoalmente. Ela queria ouvir a indiferença na voz dela, então ela saberia como sentir-se sobre o que houve na lanchonete. Mas estando ali no corredor, Luce estava cada vez mais incerta sobre como processar os eventos do dia. Um pequeno pânico a invadiu quando ela percebeu que estava sozinha, depois da escuridão, na Espada & Cruz.

Atrás dela, uma porta abriu-se. Uma fatia de luz apareceu no chão abaixo do seu pé. Luce ouviu música sendo tocada dentro do quarto.

"O que cê tá fazendo?" Era Roland, parado no vão da sua porta com uma camisa branca e jeans rasgados. Seus dreads estavam presos em um elástico amarelo acima da sua cabeça e ele segurava uma gaita nos lábios.

"Eu vim ver Arriane," Luce disse, tentando controlar-se para olhar através dele se havia alguém mais no quarto. "Nós íamos—"

"Ninguém está em casa," Ele disse, obscuramente. Luce não sabia se ele queria

dizer Arriane, ou todas os outros no dormitório, ou o que. Ele assoprou algumas notas na gaita, mantendo seus olhos nela o tempo todo. Então ele abriu a porta um pouquinho mais e ergueu suas sobrancelhas. Ela não conseguia afirmar se ele estava ou não convidando-a para entrar.

"Bem, eu só estava passando a caminho da biblioteca," ela mentiu rapidamente, virando-se para o caminho de onde ela havia vindo. "Há um livro que eu preciso emprestar."

"Luce." Roland chamou.

Ela se virou. Eles não haviam se conhecido ainda oficialmente, e ela não esperava que ele soubesse o seu nome. Seus olhos relampejaram um sorriso para ela e ele usou a gaita para indicar a direção oposta. "A biblioteca é para lá," ele disse. Ele cruzou os braços sobre o tórax. "Tenha certeza de checar as coleções especiais da parte leste. Elas são realmente algo."

"Obrigada," Luce disse, sentindo-se realmente grata enquanto ela mudava de direção. Roland parecia tão real ali, acenando e tocando algumas notas na sua gaita enquanto ela saía. Talvez ele só tenha feito-a sentir-se nervosa mais cedo por ela ter pensado nele como amigo do Daniel. Pelo que ela sabia, Roland podia ser uma boa pessoa. Seu humor se elevou enquanto ela caminhava pelo corredor. Primeiro a carta de Arriane havia sido impertinente e sarcástica, depois ela teve um encontro não-estranho com Roland Sparks; além do mais, ela realmente *queria* dar uma olhada na biblioteca. As coisas estavam ficando boas.

Perto do fim do corredor, onde o dormitório fazia uma curva na direção da ala da biblioteca, Luce passou pela única porta meio aberta do corredor. Não havia nenhum estilo de decoração nessa porta, mas alguém tinha pintado-a completamente de preto. À medida que ela se aproximava, Luce podia ouvir o heavy metal raivoso tocando lá dentro.

Ela nem teve que parar para ver o nome na porta. Era a Molly.

Luce acelerou os seus passos, de repente ciente de cada barulho da sua bota preta de montaria no linóleo. Ela não havia percebido que tinha prendido a respiração até ela passar pelas portas de madeira com pontas de ferro da biblioteca e exalado.

Um sentimento quente envolveu Luce à medida que ela olhou ao redor da

biblioteca. Ela sempre amou o fraco e doce cheiro bolorento que só uma sala cheia de livros cheirava. Ela se sentiu confortável com o leve e ocasional som das páginas sendo viradas. A biblioteca de Dover havia sido sempre o seu refúgio, e Luce se sentiu quase oprimida de alívio ao perceber que essa poderia oferecer-lhe a mesma sensação de um santuário. Ela dificilmente podia acreditar que este lugar pertencia a Espada & Cruz. Isso era quase... era na verdade... convidativo.

As paredes eram de um mogno profundo e os tetos eram altos.

Uma lareira com um console de tijolo descansava em uma parede.

Havia longas mesas de madeira iluminadas por lamparinas verdes antiquadas, e corredores de livros que continuavam mais longe do que ela conseguia ver. O som de suas botas foi abafado por um grosso tapete Persa enquanto Luce vagava pela entrada.

Alguns estudantes estavam estudando, nenhum que Luce conhecesse pelo nome, mas até mesmo os com sua aparência mais punk pareciam menos ameaçadores com suas cabeças curvadas sobre os livros. Ela se aproximou da mesa circular principal, que era uma estação grande e redonda no centro da sala. Estava com pilhas de papéis e livros espalhados e tinha uma bagunça acadêmica caseira que lembrava Luce da casa de seus pais. Os livros estavam empilhados tão alto que Luce quase não viu a bibliotecária sentada atrás dela. Ela estava extirpando uma papelada com a energia de alguém separando o ouro. Sua cabeça levantou à medida que Luce se aproximou.

“Olá!” A mulher sorriu – ela realmente *sorriu* – para Luce. Seu cabelo não era cinza, mas sim prata, com um tipo de brilho que cintilava até mesmo na suave luz da biblioteca. Seu rosto parecia velho e novo ao mesmo tempo. Ela tinha uma pele pálida, quase incandescente, olhos pretos brilhantes e um pequenino e pontudo nariz.

Quando ela falou com Luce, ela empurrou as mangas de seu suéter branco de casimira, expondo amontoados e amontoados de braceletes de pérola decorando ambos seus pulsos. “Posso ajudá-la a achar algo?” ela perguntou em um sussurro feliz.

Luce se sentiu imediatamente à vontade com essa mulher, e espiou a placa identificadora em sua mesa. Sophia Bliss. Ela desejou realmente ter um pedido

bibliotecário. Essa mulher era a primeira figura de autoridade que ela tinha visto o dia todo cuja ajuda ela realmente iria querer procurar. Mas ela só estava perambulando aqui...

e então ela de lembrou do que Roland Sparks dissera.

“Sou nova aqui,” ela explicou. “Lucinda Price. Você poderia me dizer onde fica a ala leste?”

A mulher deu a Luce um sorriso do tipo você-parece-uma-leitora que Luce vinha recebendo de bibliotecários sua vida toda. “Bem por ali,” ela disse, apontando na direção de uma fileira de janelas altas no outro lado do cômodo. “Eu sou a Senhorita Sophia, e se a minha lista de plantão está correta, você está no meu seminário de religião nas terças e quintas. Ah, vamos nos divertir!” Ela piscou. “Enquanto isso, se precisar de qualquer outra coisa, estou aqui. Foi um prazer te conhecer, Luce.”

Luce sorriu em agradecimento, disse alegremente à Senhorita Sophia que ela a veria amanhã na sala, e começou a ir na direção da janela. Foi sé depois de ter deixado a bibliotecária que ela se perguntou sobre o jeito estranho e intimo pela qual a mulher lhe havia chamado por seu apelido.

Ela tinha acabado de passar pela área de estudo principal e estava passando pelas altas e elegantes estantes de livros quando algo sombrio e macabro passou por sua cabeça. Ela olhou para cima.

Não. Aqui não. Por favor. Deixe-me ter só esse lugar.

Quando as sombras vinham e iam, Luce nunca tinha certeza absoluta onde elas acabavam – ou por quanto tempo elas ficariam longes.

Ela não conseguia entender o que estava acontecendo agora.

Algo estava diferente. Ela estava apavorada, sim, mas ela não sentia frio. De fato, ela se sentia um pouquinho corada. A biblioteca estava quente por causa do fogo, mas não estava *tão* quente. E então seus olhos caíram em Daniel.

Ele estava encarando a janela, suas costas para ela, inclinando-se sobre um palanque que dizia COLEÇÕES ESPECIAIS em letras brancas. As mangas de sua jaqueta de couro gasta estavam empurradas para cima em torno dos seus

cotovelos, e seu cabelo loiro brilhava sob as luzes. Seus ombros estavam curvados, e novamente, Luce teve o instinto de se dobrar dentro deles. Ela tirou isso de sua cabeça e ficou na ponta dos pés para dar uma olhada melhor nele.

Daqui, ela não conseguia ter certeza, mas parecia que ele estava desenhando algo.

Enquanto ela observava o ligeiro movimento de seu corpo enquanto ele desenhava, o interior de Luce parecia que estava queimando, como se ela tivesse engolido algo quente. Ela não conseguia entender porque, contra toda a razão, ela tinha essa premonição selvagem de que Daniel estava desenhando-a.

Ela *não devia* ir até ele. Afinal,ela nem ao menos conhecia ele, nunca tinha nem ao menos falado com ele. Sua única comunicação por enquanto tinha incluído um dedo do meio e um par de olhares feios.

Ainda assim, por alguma razão, parecia muito importante para ela que ela descobrisse o que estava no bloco de desenho.

Então ela se tocou. O sonho que ela tinha tido na noite anterior. O relampejo breve dele voltou para ela de repente. No sonho, tinha sido tarde da noite – úmido e frio, e ela estava vestida em algo longo e flutuante. Ela se inclinou contra uma janela com cortina em uma sala estranha. A única outra pessoa ali era um homem... ou um garoto – ela nunca conseguiu ver seu rosto. Ele estava desenhando a representação dela num bloco grosso de papel. Seu cabelo. Seu pescoço. O traçado preciso de seu perfil. Ela ficou de pé atrás dele, assustada demais para deixá-lo ciente de que ela estava observando, intrigada demais para se virar.

Luce deu um saculejo para frente enquanto sentiu algo apertar a parte detrás de seu ombro, então flutuar sobre sua cabeça. A sombra tinha ressurgido. Era negra e tão grossa quanto uma cortina.

O martelar de seu coração ficou tão alto que encheu seus ouvidos, bloqueando o farfalhar sombrio da sombra, bloqueando o som de seus passos. Daniel olhou por cima de seu trabalho e pareceu levantar seus olhos para exatamente onde a sombra pairava, mas ele não se assustou do jeito que ela tinha se assustado.

É claro, ele não conseguia vê-las. Seu foco estava fixo calmamente do lado de fora da janela.

O calor dentro dela ficou mais forte. Ela estava próxima o bastante agora que ela sentia que ele era capaz de sentir ele saindo de sua pele.

O mais silenciosamente que pode, Luce tentou espiar seu caderno sobre seu ombro. Por apenas um segundo, sua mente viu a curva de seu próprio pescoço nu desenhado em lápis no papel. Mas então ela piscou, e quando seus olhos se fixaram novamente no papel, ela teve que engolir em seco.

Era uma paisagem. Daniel estava desenhando a vista do cemitério do lado de fora da janela detalhadamente quase perfeitamente. Luce nunca havia visto algo que a deixara tão triste.

Ela não sabia porquê. Era maluco – até mesmo para ela –

esperar que sua intuição bizarra virasse realidade. Não havia razão para Daniel desenhá-la. Ela sabia disso. Exatamente como ela soubera que não havia razão alguma para ele mostrar-lhe o dedo do meio essa manhã. Mas ele tinha.

“O que você está fazendo aqui?” ele perguntou. Ele tinha fechado seu caderno e estava olhando para ela solenemente. Seus lábios cheios estavam fixos numa linha reta e seus olhos cinzas pareciam opacos. Ele não parecia nervoso, para variar; ele parecia exausto.

“Eu vim pegar um livro das Coleções Especiais,” ela disse em uma voz vacilante. Mas a medida em que ela olhava ao redor, ela percebeu rapidamente seu erro. Coleções Especiais não era uma seção de livros – era uma área aberta na biblioteca para uma amostra de arte sobre a Guerra da Secessão. Ela e Daniel estavam parados em uma minúscula galeria de bustos de bronze de herois da guerra, caixas de vidro cheias com velhas notas promissórias e mapas da Confederação.

Era a única sessão da biblioteca em que não havia um único livro para emprestar.

“Boa sorte com isso,” Daniel disse, abrindo seu caderno de desenho novamente, como se para dizer, preventivamente, *adeus*.

Luce ficou sem saber o que falar e envergonhada e o que ela gostaria de ter feito era ter escapado. Mas então, havia as sombras, ainda espreitando perto, e por alguma razão, Luce se sentia melhor em relação a elas quando ela estava próxima de Daniel. Não fazia sentido –

como se houvesse algo que ele pudesse fazer para proteger ela delas.

Ela estava presa, enraizada em seu lugar. Ela olhou para ela e suspirou.

“Deixe eu te perguntar, você gosta quando é espreitada?” Luce pensou nas sombras e o que elas estavam fazendo agora com ela. Sem pensar, ela balançou sua cabeça violentamente.

“Está bem, então somos dois.” Ele limpou sua garganta e encarou-a, escancarando o fato de que ela era a intrusa.

Talvez ela pudesse explicar que estava se sentindo um pouco tonta e só precisava se sentar por um minuto. Ela começou a dizer,

“Olha, posso–”

Mas Daniel pegou seu caderno de desenho e ficou de pé. “Eu vim aqui para escapar,” ele disse, cortando-a. “Se você não vai embora, eu vou.”

Ele enfiou seu caderno de desenho em sua mochila. Quando ele passou, seu ombro roçou no dela. Por mais breve que o toque tenha sido, mesmo através de camadas de roupas, Luce sentiu um choque de estática.

Por um segundo, Daniel ficou parado, também. Eles viraram suas cabeças para olhar de volta um para o outro, e Luce abriu sua boca. Mas antes que ela pudesse falar, Daniel tinha virado e estava andando rapidamente na direção da porta. Luce observou enquanto as sombras espreitaram sobre sua cabeça, serpentearam, fazendo um círculo, então se apressaram para fora da janela para a noite.

Ela estremeceu no frio do rastro delas, e por um longo tempo após isso, ficou parada na área de coleções especiais, tocando seu ombro onde Daniel tinha, sentindo o calor esfriar.

Capítulo 4 – Trabalho na Madrugada

* Bem, tive um pouco de dificuldade em decidir como traduzir, já que o titulo original é: Graveyard Shift. Literalmente *graveyard* significa cemitério (onde eles vão fazer a detenção), mas essa expressão é usada pra designar trabalhos durante a noite, da meia noite as 8, por exemplo. Por isso resolvi traduzir assim.

Ahhh, terça-feira. *Dia do waffle*. Desde que Luce podia se lembrar, terças-feiras de verão significavam café fresco, tigelas cheias de framboesa com chantilly, e uma interminável pilha de waffles dourados e crocantes. Mesmo este verão, quando seus pais começaram a sentir um pouco de medo dela, o dia do waffle era algo com que ela podia contar. Ela podia rolar na cama na terça-feira, e antes de pensar em qualquer outra coisa, instintivamente ela sabia que dia era.

Luce inalou, retomando lentamente a seus sentidos, então ela inalou de novo com um pouco mais de vontade. Não, não havia nenhum leitelho batido*, nada além do cheiro de vinagre da pintura descascada.

Ela mandou o sono para longe e captou seu quarto de dormitório apertado. Isso parecia como a foto de “antes” em um show de renovação de casa. O longo pesadelo que foi a segunda-feira retornou à ela: eles tomarem seu celular, o incidente com o bolo de carne e os olhos brilhantes de Molly no refeitório, Daniel expulsando-a da biblioteca. O

que foi que o fez ficar tão rancoroso, Luce não tinha a menor ideia.

* No original, Buttermilk batter. A tradução é leitelho mesmo, é estranho porque isso não é usado aqui, apesar de ser muito usado na cozinha americana.

Ela sentou para olhar pela janela. Ainda estava escuro; o sol não tinha sequer saído pelo horizonte ainda. Ela nunca tinha acordado tão cedo. Se duvidasse, ela realmente não achava que conseguia se lembrar de já ter visto o nascer do sol. Sinceramente, algo sobre assistir-o-nascer-do-sol como uma atividade sempre a deixava nervosa.

Eram os momentos de espera, os momentos logo-antes-do-sol-surgir-no-horizonte, sentada na escuridão olhando através das linhas das árvores. O horário nobre das sombras.

Luce suspirou audivelmente com saudades de casa, um suspiro de solidão, o que a deixou com ainda mais saudade e solitária.

O que ela iria fazer durante as três horas entre o raiar do dia e a sua primeira aula? *Raiar do dia – por que* essas palavras zumbiam em seus ouvidos? Ah. Droga. Ela deveria estar na detenção.

Ela saltou para fora da cama, tropeçando em sua mala ainda-cheia, e arrancou

um outro suéter preto tedioso do topo da pilha de suéteres pretos tediosos. Ela colocou o jeans preto que usou ontem, estremeceu quando teve um vislumbre do desastre que estava sua cabeça, e tentou correr os dedos pelo seu cabelo enquanto corria pela porta afora.

Ela estava ofegante quando chegou aos portões de ferro forjado, da altura da cintura e complexamente esculpidos, do cemitério.

Ela estava engasgada com o cheiro esmagador de repolho* e se sentindo muito sozinha com seus pensamentos. Onde estavam os outros? A definição de "início da manhã" deles era diferente da dela? Ela olhou para seu relógio. Já eram seis e quinze.

* No original, *Skunk Cabbage* É uma espécie de planta, mas eu não achei a tradução para isso:

http://en.wikipedia.org/wiki/Eastern_Skunk_Cabbage

Tudo o que eles tinham dito a ela era para se encontrarem no cemitério, e Luce tinha bastante certeza de que essa era a única entrada. Ela estava na divisa, onde o asfalto áspero do estacionamento dava lugar a um terreno destruído cheio de ervas daninhas. Ela notou um dente-de-leão solitário, e passou pela sua mente que uma Luce mais jovem teria pulado sobre ele e então feito um desejo e soprado.

Mas agora os desejos dessa Luce pareciam pesados demais para algo tão leve.

Os portões delicados eram tudo o que dividia o cemitério do estacionamento. Incrível para uma escola com tanto arame farpado em todo o lugar. Luce passou a mão ao longo dos portões, seguindo o padrão floral ornamentado com seus dedos. Os portões deviam datar dos dias da Guerra da Secessão que Arriane falara, quando o cemitério era utilizado para enterrar os soldados caídos. Quando a escola se juntou a ele, não era um lugar para loucos instáveis. Quando o lugar todo era muito menos cheio e sombrio.

Isso era estranho - o resto do terreno era plano como uma folha de papel, mas de alguma forma, o cemitério tinha um formato côncavo, parecido com uma tigela. Daqui, ela podia ver a inclinação de toda a vastidão a partir dela. Fileira após fileira de lápides simples alinhavam-se nas inclinações como espectadores em um estádio.

Mas em direção ao centro, no ponto mais baixo do cemitério, o trecho através do terreno se torcia em um labirinto de grandes túmulos esculpidos, estátuas de mármore, e mausoléus. Provavelmente para oficiais da Confederação, ou apenas para soldados que tinham dinheiro.

Eles pareciam que seriam bonitos vistos de perto. Mas vistos dali, o simples peso deles parecia arrastar o cemitério para baixo, quase como se todo o lugar estivesse sendo engolido por um ralo.

Passos atrás dela. Luce girou ao seu redor para ver uma figura pequena e grossa, vestida de preto, surgir de trás de uma árvore. Penn!

Ela teve de resistir ao desejo de jogar seus braços em volta da garota.

Luce nunca tinha ficado tão contente em ver alguém - embora fosse difícil acreditar que Penn tivesse pego alguma detenção.

“Você não está atrasada?” Penn perguntou, parando alguns metros à frente de Luce e dando a ela um aceno divertido de sua-pobre-novata com a cabeça.

“Eu estou aqui há 10 minutos”, Luce falou. “Não é *você* quem está atrasada?”

Penn sorriu. “De jeito nenhum, eu sou apenas uma madrugadora. Eu nunca peguei detenção.” Ela deu de ombros e empurrou seu óculos roxo para cima em seu nariz. “Mas você pegou, junto com outras cinco almas infelizes, que provavelmente estão ficando mais irritadas a cada minuto que esperam por você lá embaixo no monólito.” Ela ficou na ponta dos pés e apontou para trás de Luce, em direção a maior estrutura de pedra, que se levantava do meio da parte mais profunda do cemitério. Se Luce apertasse os olhos, ela poderia notar um grupo de figuras negras agrupadas em torno de sua base.

“Eles apenas disseram para se encontrar no cemitério,” Luce disse, já se sentindo derrotada. “Ninguém me disse para onde ir.”

“Bem, eu estou dizendo para você: monólito. Agora desça até lá,” Peen falou. “Você não vai fazer muitos amigos acabando com a manhã deles mais do que você já acabou.”

Luce engoliu em seco. Parte dela queria pedir a Penn para lhe mostrar o caminho. Daqui de cima, aquilo parecia um labirinto, e Luce não queria ficar

perdida no cemitério. De repente, ela ficou com aquela sensação nervosa, de estar longe de casa, e ela sabia que isso só iria piorar lá. Ela estalou suas juntas, retardando.

"Luce?" Penn disse, dando um pequeno empurrão em seus ombros. "Você ainda está parada aqui."

Luce tentou dar uma Penn um sorriso corajoso de agradecimento, mas teve que se contentar com um estranho tique facial. Então ela correu para baixo da encosta para o coração do cemitério.

O sol ainda não tinha nascido, mas estava quase, e estes últimos momentos antes do amanhecer sempre eram os que mais a assustavam. Ela passou rápido pelas fileiras de lápides simples. Em um ponto elas deviam ter estado retas, mas agora elas eram tão velhas que a maioria delas tombava para um lado ou para o outro, dando ao lugar todo, uma aparência de jogo de dominó mórbido.

Ela passou em seu tênis Converse preto pelas poças de lama, esmagando folhas mortas. Na hora que ela passou pela área mais simples e chegou até os túmulos mais ornamentados, a terra tinha mais ou menos sido achatada, e ela estava totalmente perdida. Ela parou de correr, tentou recuperar o fôlego. Vozes. Se ela se acalmasse, ela poderia ouvir vozes.

“Mais cinco minutos, então eu vou cair fora,” disse um rapaz.

“Pena que a sua opinião não tenha valor, Sr. Sparks.” Uma voz teimosa, uma que Luce reconheceu de suas aulas de ontem. Sra. Troz -

a Albatroz. Após o incidente com o bolo de carne, Luce tinha chegado tarde para a aula dela e não tinha dado exatamente a impressão mais favorável para a professora severa e esférica de ciência.

“A não ser que alguém queira perder seus privilégios sociais esta semana” - gemidos entre os túmulos – “vamos todos esperar pacientemente, como se não tivéssemos nada melhor para fazer, até a senhorita Price decidir dar a graça de sua presença para nós.”

“Eu estou aqui,” Luce arfou, finalmente contornando uma estátua gigante de um querubim.

Sra. Troz estava com as mãos nos quadris, vestindo uma variação do vestido preto florido e solto de ontem. Seu escasso cabelo cor castanho-rato estava puxado na sua cabeça e seus tediosos olhos castanhos mostravam apenas aborrecimento com a chegada de Luce.

Biologia sempre foi difícil para Luce, e até agora, ela não estava fazendo nenhum favor à sua nota na classe Sra. Troz.

Atrás da Albatroz estavam Arriane, Molly, e Roland, espalhados ao redor de um círculo de blocos que encaravam uma grande estátua central de um anjo. Em comparação com o resto das estátuas, esta parecia mais nova, mais branca, mais grandiosa. E

encostado na coxa esculpida do anjo - ela quase não tinha percebido -

estava Daniel.

Ele estava vestindo a jaqueta de couro preta e o cachecol vermelho vivo que a tinha deixado fixada ontem. Luce tomou conhecimento de seu cabelo loiro desarrumado, que parecia não ter sido penteado depois dele acordar... o que a fez pensar sobre como Daniel ficava quando estava dormindo... o que a fez corar tão intensamente que, do momento que seus olhos fizeram o caminho da linha do cabelo para os olhos dele, ela estava completamente humilhada.

Nesse momento ele estava olhando fixamente para ela.

"Sinto muito," ela deixou escapar. "Eu não sabia onde deveríamos nos encontrar. Eu juro-"

“Pode parar,” disse a Sra. Troz, passando o dedo em sua garganta. “Você já desperdiçou o bastante do tempo de todo mundo.

Agora, eu tenho certeza que todos se lembram da indiscrição desprezível que vocês cometeram para estarem aqui. Vocês podem pensar sobre isso nas próximas duas horas enquanto vocês trabalham. Se reúnam em pares. Vocês sabem o que fazer.” Ela olhou para Luce e soltou sua respiração. “Ok, quem quer uma protegida?"

Para o horror de Luce, todos os outros alunos olharam para seus pés. Mas então, depois de um minuto torturante, um quinto aluno entrou no campo de visão ao

virar a esquina do mausoléu.

"Eu quero."

Cam. Sua camiseta preta com gola em “v” era justa em torno de seus ombros largos. Ele era quase trinta centímetros mais alto do que Roland, que se deslocou para o lado quando Cam empurrou e passou, caminhando na direção de Luce. Seus olhos estavam grudados nela enquanto ele andava para frente, movendo-se suave e confiantemente, tão à vontade em sua roupa de escola reformatória quanto Luce estava pouco à vontade. Parte dela queria desviar seus olhos, porque era embaraçosa a maneira que Cam olhava para ela na frente de todos. Mas por alguma razão, ela estava hipnotizada. Ela não poderia quebrar o seu olhar - até que Arriane pisou entre eles.

"Primeiro," disse ela. "Eu disse que vi primeiro."

"Não, você não disse," Cam disse.

"Sim, eu disse, você não me ouviu de seu poleiro estranho lá atrás." As palavras se apressaram para fora de Arriane. "Eu a quero."

"Eu-" Cam começou a responder.

Arriane inclinou a cabeça com expectativa. Luce engoliu em seco. Ele ia chegar e dizer que *ele* a queria também? Eles não poderiam simplesmente esquecer isso? Fazer detenção com um grupo de três?

Cam acariciou o braço de Luce. “Vou encontrar com você depois, ok?” ele disse a ela, como se fosse uma promessa que ela lhe pediu para fazer.

Os outros garotos pularam dos túmulos nos quais eles tinham sentado e marcharam em direção a um galpão. Luce os seguiu, agarrando-se em Arriane, que sem dizer uma só palavra entregou-lhe um ancinho.

“Então. Você quer o anjo vingador, ou os amantes carnais abraçados?”

Não houve menção sobre os acontecimentos de ontem, ou do bilhete da Arriane, e Luce de algum modo não sentia que deveria puxar esse assunto com Arriane agora. Em vez disso, ela olhou para cima e viu-se rodeada por duas estátuas gigantes. A mais próxima dela parecia um Rodin. Um homem nu e uma mulher

estavam enlaçados em um abraço. Ela tinha estudado escultura francesa em Dover, e sempre pensou que as peças de Rodin eram as mais românticas. Mas agora era difícil olhar para os amantes abraçados sem pensar em Daniel. *Daniel*.

Que a odiava. Se ela precisasse de mais uma prova disso depois que ele basicamente fugiu da biblioteca à noite, tudo o que tinha que fazer era voltar a pensar no novo olhar fulminante que ela tinha ganho dele esta manhã.

“Onde está o anjo vingador?” ela perguntou a Arriane com um suspiro.

“Boa escolha. Por aqui.” Arriane levou Luce para uma enorme escultura de mármore de um anjo salvando o solo da fúria de um raio.

Ela pode ter sido uma peça interessante, no dia em que foi esculpida.

Mas agora ela só parecia velha e suja, coberta de lama e musgo verde.

“Eu não entendi,” Luce disse. “O que vamos fazer?”

“Vamos dar uma esfregadinha," Arriane disse, quase cantando.

"Eu gosto de fingir que eu estou lhes dando um banhozinho.” Com isso, ela escalou o anjo gigante, balançando as pernas ao longo do braço da estátua que impedia o raio, como se o negócio todo fosse apenas um carvalho grosso e velho para ela escalar.

Com medo de parecer que ela estava querendo mais encrenca com a Sra. Troz, Luce começou a trabalhar com seu ancinho em toda a base da estátua. Ela tentou limpar o que parecia ser uma interminável pilha de folhas úmidas.

Três minutos depois, os braços dela estavam a *matando*. Ela definitivamente não estava vestida para este tipo de trabalho manual lamacento. Luce nunca tinha sido enviada para a detenção na Dover, mas de acordo com o que ela tinha escutado, consistia em encher um pedaço de papel com "Eu não vou plagiar coisas da Internet" algumas centenas de vezes.

Isto era brutal. Principalmente quando tudo o que ela realmente tinha feito foi topar com Molly acidentalmente no refeitório.

Ela estava tentando não fazer um julgamento precipitado aqui, mas limpar a

lama de sepulturas de pessoas que tinham morrido há mais de um século? Agora Luce odiava sua vida totalmente.

Em seguida raios de sol finalmente filtraram-se através das árvores, e de repente havia cor no cemitério. Luce sentiu-se instantaneamente mais leve. Ela podia ver mais de três metros na frente dela. Ela podia ver Daniel... trabalhando lado a lado com Molly.

O coração de Luce afundou. O sentimento de leveza desapareceu.

Ela olhou para Arriane, que lançou-lhe um olhar de simpatia do tipo isso-é-um-saco, mas continuou trabalhando.

“Hey,” Luce sussurrou em voz alta.

Arriane colocou um dedo sobre os lábios, mas gesticulou para Luce subir ao lado dela.

Com muito menos graça e agilidade, Luce agarrou o braço da estátua e se balançou para cima do pedestal. Uma vez que estava quase certa que não iria cair no chão, ela sussurrou: "Então... o Daniel é amigo da Molly?”

Arriane bufou. “De jeito nenhum, eles totalmente se odeiam,” ela disse rapidamente, e em seguida fez uma pausa. “Porque você está perguntando?”

Luce apontou para os dois, não fazendo qualquer trabalho para limpar bem sua tumba. Eles *estavam* em pé perto um do outro, inclinando-se sobre a sua ancinhos e tendo uma conversa que Luce desesperadamente desejava poder ouvir. “Eles parecem amigos para mim.”

“É a detenção,” Arriane disse categoricamente. “Você tem que ficar em par. Você acha que Roland e Chester, o Molestador, são amigos?” Ela apontou para Roland e Cam. Eles pareciam estar discutindo sobre a melhor maneira de dividir o seu trabalho na estátua dos amantes. “Companheiros de detenção *não* equivale a amigos na vida real.”

Arriane olhou de volta para Luce, que podia sentir sua expressão caindo, apesar de seus melhores esforços para parecer imperturbável.

“Olha, Luce, eu não quis dizer...” Ela dissipou a voz. “Ok, além do fato de você

ter me feito perder uns bons vinte minutos da minha manhã, eu não tenho nenhum problema com você. Na verdade, eu acho que você é meio interessante. Um pouco nova. Dito isso, eu não sei o que você esperava em termos de amizade sentimental-piegas aqui no Espada & Cruz. Mas deixe-me ser a primeira a te dizer, não é simplesmente assim tão fácil. As pessoas estão aqui porque têm bagagem. Eu estou falando de bagagem do tipo faça-seu-check-in, e-pague-a-multa-porque-tem-mais-de-vinte-e-dois-quilos. Entendeu?" Luce encolheu os ombros, sentindo-se envergonhada. "Foi apenas uma pergunta."

Arriane riu nervosamente. "Você é sempre tão defensiva? Que diabos você fez para entrar aqui, afinal?"

Luce não tinha vontade de falar sobre isso. Talvez Arriane estivesse certa, seria melhor se ela não tentasse fazer amigos. Ela desceu e voltou a atacar o musgo na base da estátua.

Infelizmente, Arriane ficou intrigada. Ela saltou também, e trouxe seu ancinho em cima do de Luce para colocá-lo no lugar.

"Oh, me conta me conta me conta," ela provocou.

O rosto de Arriane estava muito perto do de Luce. Isso lembrou Luce do dia anterior, agachada sobre Arriane depois que ela teve a convulsão. Elas tinham tido um momento, não tinham? E parte de Luce queria muito ser capaz de contar à alguém. Esse tinha sido um longo e sufocante verão com seus pais. Ela suspirou, apoiando a testa na alça de seu ancinho.

Um gosto salgado de nervosismo encheu sua boca, mas ela não conseguiu engoli-lo. Da última vez que ela tinha entrado nesses detalhes, tinha sido por causa de uma ordem judicial. Ela teria se esquecido deles logo, mas quanto mais Arriane a encarava, mais claras as palavras ficavam, e elas ficavam mais perto da ponta da sua língua.

"Eu estava com um amigo uma noite," ela começou a explicar, dando uma respiração longa e profunda. "E uma coisa terrível aconteceu." Ela fechou os olhos, rezando para que a cena não pudesse criar uma explosão de vermelho-e-preto em suas pálpebras. "Houve um incêndio. Eu escapei... e ele não."

Arriane bocejou, muito menos horrorizada com a história do que Luce estava.

“De qualquer forma,” Luce continuou, “depois de tudo, eu não conseguia me lembrar dos detalhes, como isso aconteceu. O que eu pude lembrar – o que eu disse ao juiz, de qualquer maneira, - eu acho que eles pensaram que eu era maluca.” Ela tentou sorrir, mas pareceu forçado.

Para a surpresa de Luce, Arriane apertou seu ombro. E por um segundo, seu rosto pareceu realmente sincero. Depois ele mudou para um sorriso afetado.

"Nós somos todos *tão* incompreendidos, não somos?" Ela cutucou Luce no intestino com o dedo. "Você sabe, Roland e eu estávamos justamente falando sobre como nós não temos nenhum amigo piromaníaco. E todo mundo sabe que você precisa de um bom piro para levar a cabo qualquer pegadinha de reformatório que valha a pena.” Ela já estava planejando. “Roland pensou que talvez aquele outro novato, Todd, mas eu prefiro muito mais dividir meu fortúnio com você.

Todos nós devemos colaborar em algum momento.”

Luce engoliu em seco. Ela não era uma piro. Mas ela já estava cheia de falar sobre o seu passado; ela nem sequer quis se defender.

“Oh, espere até que Roland ouvir isso,” Arriane disse, jogando seu ancinho para baixo. "Você é como o nosso sonho se tornando real."

Luce abriu a boca para protestar, mas Arriane já tinha ido.

Perfeito, Luce pensou, ouvindo o barulho dos sapatos de Arriane andando pela lama. Agora era só uma questão de minutos antes de essas palavras viajarem por todo o cemitério até chegar a Daniel.

Sozinha novamente, ela olhou para a estátua. Mesmo ela já tendo limpado uma enorme pilha de musgo e palha, o anjo parecia mais sujo do que nunca. Todo o projeto parecia tão inútil. Ela duvidava que alguém chegasse a visitar este lugar, de qualquer maneira. Ela também duvidava que qualquer dos outros detentos ainda estivesse trabalhando.

Seus olhos apenas caíram em Daniel, que *estava* trabalhando.

Ele estava usando muito diligentemente uma escova de aço para esfregar alguns mofos da inscrição em bronze em uma tumba. Ele tinha até mesmo levantado as

mangas de seu suéter, e Luce podia ver seus músculos tensos enquanto ele trabalhava. Ela suspirou, e - ela não podia fazer nada quanto a isso - inclinou seu cotovelo contra o anjo de pedra para assisti-lo.

Ele sempre trabalhou duro.

Luce rapidamente balançou a cabeça. De onde isso tinha vindo? Ela não tinha ideia do que isso significava. E no entanto, tinha sido ela quem pensara sobre isso. Era o tipo de frase que por vezes formavam-se em sua mente antes que ela caísse no sono. Sussurros incompreensíveis que ela nunca podia conectar a qualquer coisa fora de seus sonhos. Mas aqui estava ela, bem acordada.

Ela precisava se segurar nessa coisa sobre o Daniel. Ela o conhecia há um dia, e já podia sentir-se deslizando para um lugar muito estranho e desconhecido.

"Provavelmente é melhor ficar longe dele," disse uma voz fria atrás dela.

Luce virou ao redor para encontrar Molly, na mesma pose em que ela a achou ontem: as mãos nos seus quadris, as narinas com piercing queimando. Penn tinha dito a ela que a surpreendente decisão da Espada & Cruz que permitia piercings faciais veio da própria relutância do diretor de remover o brinco de diamante que ele tinha em sua orelha.

“De quem?” ela perguntou a Molly, sabendo que ela tinha soado estúpida.

Molly revirou os olhos. "Simplesmente confie em mim quando digo que ter uma queda por Daniel seria uma ideia muito, muito ruim.” Ela sabia que o sol estava atrás de uma nuvem. Se ela pudesse quebrar o seu olhar, ela podia olhar para cima e ver isso por si mesma.

Mas ela não conseguia olhar para cima, ela não conseguia desviar o olhar, e por alguma razão, ela tinha que apertar os olhos para vê-lo. Era quase como se Daniel estivesse criando sua própria luz, como se ele estivesse a cegando. Um barulho oco encheu os seus ouvidos, e seus joelhos começaram a tremer.

Ela queria pegar seu ancinho e fingir que ela não tinha o visto chegando. Mas era tarde demais para se fingir de descolada.

“O que ela disse para você?” ele perguntou.

"Hum," ela deu uma evasiva, forçando seu cérebro a criar uma mentira sensata. Não encontrando nada. Ela estalou os nós dos dedos.

Daniel colocou sua mão sobre a dela. "Eu odeio quando você faz isso."

Luce empurrou-o para longe instintivamente. A mão dele sobre a dela tinha sido tão rápida, e ainda assim ela sentia o seu rosto corar.

Ele quis dizer que isso era uma implicância dele, que o estalo de *qualquer um* iria incomodá-lo, certo? Porque dizer que ele odiava quando *ela* fazia isso implicava que ele já tinha visto ela fazer isso antes. E ele não poderia ter visto. Ele mal a conhecia.

Então por que isso parecia com uma discussão que eles já tinham tido antes?

“Molly me disse para ficar longe de você.” ela disse finalmente.

Daniel inclinou a cabeça de lado a lado, parecendo considerar isto. "Ela provavelmente está certa."

Luce estremeceu. Uma sombra pairou sobre eles, escurecendo o rosto do anjo apenas tempo suficiente para deixar Luce preocupada.

Ela fechou os olhos e tentou respirar, rezando para que Daniel não pudesse dizer que algo estava estranho.

Mas o pânico estava crescendo dentro dela. Ela queria correr.

Ela não podia correr. E se ela se perdesse no cemitério?

Daniel seguiu o seu olhar para o céu. “O que foi?”

“Nada.”

“Então você vai fazer isso?” ele perguntou, cruzando os braços sobre o peito, um desafio.

“O que?” ela disse. *Correr*?

Daniel deu um passo na direção dela. Agora ele estava a menos de trinta centímetros de distância. Ela prendeu a respiração.

Manteve o corpo completamente imóvel. Ela esperou.

“Você vai ficar longe de mim?”

Isso quase parecia como se ele estivesse flertando.

Mas Luce estava completamente fora de ordem. Sua testa estava molhada de suor, e ela apertou sua têmpora entre dois dedos, tentando recuperar a posse de seu corpo, tentando pegá-lo de volta do controle dele. Ela estava totalmente despreparada para flertar de volta.

Isto é, se o que ele estava fazendo era realmente flertar.

Ela deu um passo para trás. “Eu acho que sim.”

"Eu não ouvi você," ele sussurrou, levantando uma sobrancelha e dando um passo para mais perto.

Luce recuou novamente, para mais longe dessa vez. Ela praticamente bateu na base da estátua, e pôde sentir o pé de pedra arenosa do anjo raspando em suas costas. Uma segunda sombra, mais escura e mais fria, voou sobre eles. Ela poderia ter jurado que Daniel estremeceu junto com ela.

E então o gemido profundo de algo pesado assustou os dois.

Luce ofegou enquanto o topo da estátua de mármore balançava em cima deles, como um galho de árvore balançando ao vento. Por um segundo, parecia pairar no ar.

Luce e Daniel ficaram olhando para o anjo. Ambos sabiam que o seu caminho era para o chão. A cabeça do anjo inclinou-se lentamente em direção a eles, como se estivesse rezando - e depois a estátua inteira pegou velocidade enquanto começou a ser arremessada para baixo. Luce sentiu as mãos de Daniel envolverem sua cintura instantaneamente, firmemente, como se ele soubesse exatamente onde ela começava e onde terminava. A outra mão cobriu a cabeça dela e forçou-a para baixo bem quando a estátua caiu sobre eles. Exatamente onde eles estavam. Ela caiu com uma queda maciça - de cabeça na lama, com os pés ainda repousando sobre a base, deixando um pequeno triângulo embaixo, onde Daniel e Luce estavam agachados.

Eles estavam ofegantes, nariz com nariz, os olhos de Daniel assustados. Entre os seus corpos e a estátua existia apenas alguns centímetros de espaço.

“Luce?” ele sussurrou.

Tudo o que ela podia fazer era acenar.

Seus olhos se estreitaram. "O que você viu?"

Em seguida uma mão apareceu e Luce sentiu-se sendo puxada para fora do espaço embaixo da estátua. Houve uma raspagem nas suas costas e em seguida uma lufada de ar. Ela viu o lampejo de luz do dia novamente. A turma da detenção estava pasma, exceto a Sra. Troz, que olhava com raiva, e Cam, que ajudou Luce a ficar de pé.

“Você está bem?” Cam perguntou, correndo os olhos sobre ela procurando por arranhões e hematomas e tirando a sujeira de seu ombro. “Eu vi a estátua caindo e eu corri para tentar pará-la, mas já era... Você deve ter ficado tão apavorada.”

Luce não respondeu. Apavorado era apenas uma parte de como ela se sentia. Daniel, já de pé, nem sequer se virou para ver se ela estava bem ou não. Ele apenas foi embora.

O queixo de Luce caiu enquanto o observava ir, enquanto observava todos os outros parecem não se importar que ele tivesse ido embora.

“O que você fez?” Sra. Troz perguntou.

“Eu não sei. Em um minuto, nós estávamos lá” - Luce olhou para a Sra. Troz – “hum, trabalhando. Quando me dei conta, a estátua simplesmente caiu.”

A Albatroz abaixou-se para examinar o anjo despedaçado. Sua cabeça tinha rachado no meio em uma linha reta. Ela começou a murmurar algo sobre as forças da natureza e pedras antigas.

Mas foi a voz no ouvido de Luce que ficou com ela, mesmo depois de todos os outros terem voltado ao trabalho. Foi Molly, a apenas alguns centímetros de seu ombro, que sussurrou: “Parece que alguém deve começar a ouvir quando eu dou conselhos.”

Capítulo 5 - O Círculo Secreto

“Nunca mais me assuste desse jeito!” Callie reprimiu Luce na tarde de quarta-feira.

Foi logo depois do pôr do sol, e Luce estava dobrada dentro do cubículo telefônico da Espada & Cruz, um confinado minúsculo no meio da área do escritório frontal. Estava longe de ser privado, mas ninguém estava ali vadiando. Seus braços continuavam doloridos por causa da detenção do dia anterior no cemitério, o orgulho dela continuava ferido da fuga de Daniel no instante em que eles foram puxados para baixo da estátua. Mas por quinze minutos, Luce estava tentando tirar tudo aquilo de sua mente para absorver cada palavra alegremente frenética que sua melhor amiga poderia cuspir para fora no tempo repartido. Era tão bom ouvir a voz estridente de Callie que Luce nem ligava que ela estivesse gritando.

“Nós prometemos que não nos ficaríamos sem nos falar nem uma hora,” Callie continuou, acusadora. “Eu pensei que alguém te comeu viva! Ou então eles talvez te prenderam na solitária em uma dessas camisas de força que você tem que mastigar através da manga para coçar seu rosto. Por tudo que eu sei, você poderia ter caído num desses nonos círculos de...”

“Okay, mãe,” Luce disse, rindo e exercendo o papel de instrutora de respiração de Callie. “Relaxe.” Por um milésimo de segundo, ela se sentiu culpada por não ter usado sua única ligação telefônica para ligar para sua mãe de verdade. Mas ela sabia que Callie iria se descabelar se ela descobrisse que Luce não havia agarrado a primeira oportunidade de entrar em contato. E de um jeito estranho, era sempre tranquilizador ouvir a voz histérica de Callie. Era uma das muitas razões que as duas eram uma boa dupla: a paranóia acima do normal de sua melhor amiga na verdade tinha um efeito calmante em Luce. Ela poderia apenas visualizar Callie em seu dormitório na Dover, acariciando seu tapete laranja, com Oxy espalhado sobre sua zona T e espumas de pedicure separando seus dedos dos pés pintados com esmalte fúcsia ainda molhado.

“Não me chame de mãe!” Calle bufou “Comece a falar. Como são os outros por aí? São todos assustadores e disparam diuréticos como nos filmes? E suas aulas? Como é a comida?” Através do telefone, Luce podia ouvir Roman Holiday tocando ao fundo na tv de Callie. A cena favorita de Luce sempre foi aquela que Audrey Hepburn acorda no quarto de Gregory Pack, ainda convencida que a

noite anterior foi um sonho. Luce fechou os olhos e tentou visualizar a cena em sua mente. Mimetizando o sussurro sonolento de Audrey, ela citou a fala que ela sabia que Callie ia reconhecer: “Havia um homem, ele era tão mal pra mim. Isso era maravilhoso.”

“Okay, Princesa, é sobre a sua vida que eu quero ouvir.” Callie importunou.

Infelizmente, não havia nada sobre a Espada & Cruz que Luce consideraria descrever como maravilhoso. Pensando sobre Daniel, pela, oh, oitagésima vez no dia, ela percebeu que o único paralelo entra sua vida e Roman Holiday era que Audrey também tinha um cara que era agressivelmente rude e desinteressado nela. Luce descansou sua cabeça sobre o linóleo bege das paredes do cubículo. Alguém havia esculpido as palavras ESPERANDO MINHA VEZ. Em circunstâncias normais, isso seria quando Luce falaria tudo sobre Daniel para Callie.

Exceto, por uma razão, ela não fez.

O que quer que ela desejasse dizer sobre Daniel não seria baseado em nada que realmente aconteceu entre eles. E Callie sempre foi boa em fazer os garotos perceberem o quanto eram dignos de você.

Ela gostaria de saber coisas sobre como quantas vezes ele abriu a porta para Luce ou se ele tinha percebido quão bom era seu sotaque francês.

Callie não achava que havia nada de errado com os caras inexperientes que escreviam poemas de amor que Luce nunca levou a sério. Luce pensou em várias coisas para dizer sobre Daniel. E na verdade, Callie estaria mais interessada em ouvir sobre alguém como Cam.

“Bom, tem um cara aqui” Luce sussurrou para o telefone.

“Sabia!” Callie guinchou. “Nome.”

Daniel. Daniel. Luce pigarreou. “Cam.”

“Direto, sem complicações. Eu posso lidar com isso. Comece do começo.”

“Bom, nada aconteceu ainda.”

“Ele acha que você é maravilhosa e blá blá blá. Eu te disse que o cabelo curto ia te deixar como a Audrey. Vamos para a parte boa.”

“Bem -” Luce interrompeu. O som de passos na sala a calaram. Ela inclinou-se para o lado do cubículo e esticou seu pescoço para ver quem estava interrompendo os melhores quinze minutos que ela estava tendo em três dias inteiros.

Cam estava andando na direção dela.

Falando do diabo. Ela engoliu as horríveis palavras falhas na ponta de sua língua: Ele me deu a paleta da guitarra. Ela ainda o tinha dentro do bolso.

O comportamento de Cam era casual, como se por algum golpe de sorte ele não tivesse escutado o que ela havia dito. Ele parecia ser o único aluno da Espada & Cruz que não tirava seu uniforme escolar no minuto seguinte que a aula acabasse. Mas o visual preto-no-preto parecia feito para ele, tanto quanto fazia Luce parecer a menina do caixa da mercearia.

Cam estava rodando um relógio de bolso dourado, que balançava a partir de uma longa cadeia laçada em volta de seu dedo indicador. Luce seguiu aquele brilhante arco por um momento, um pouco hipnotizada, até que Cam agarrou a face do relógio para parar em seu punho. Ele olhou para baixo para ver isso, e depois olhou para ela.

“Desculpe” seus lábios se contorceram confusos. “Eu pensei que eu estava com a ligação de sete horas.” Ele encolheu. “Mas eu devo ter escrito isso errado.”

O coração de Luce pulou quando ela olhou para seu próprio relógio. Ela e Callie haviam falado apenas quinze palavras uma para a outra – como seus quinze minutos já podiam ter acabado?

“Luce? Oi?” Callie parecia impaciente do outro lado da linha.

“Você está sendo estranha. Tem alguma coisa que você não está me contando? Você já me substituiu por algum cortador de escola reformatória? E o cara?”

“Shh” Luce assobiou no telefone. “Cam, espere,” ela disse, segurando o telefone longe de sua boca. Ele já estava meio caminho da porta. “Só um segundo. Eu estava...” Ela engoliu “Eu estava só me despedindo.”

Cam deslizou seu relógio de bolso para dentro da parte da frente de seu blazer preto e se duplicou em relação a Luce. Ele ergueu seus olhos castanhos e riu alto quando ouviu a voz de Callie crescer do telefone. “Não pense em desligar. Você não me contou nada! Nada!”

“Eu não quero por ninguém pra fora.” Cam brincou, gesticulando para o telefone que ladrava. “Pegue minha ficha, você pode me devolver qualquer dia desses.”

“Não.” Luce disse rapidamente. Da mesma forma que ela queria continuar falando com Callie, ela imaginou que Cam sentia do mesmo jeito em relação a quem quer que ele fosse telefonar. E diferente de várias pessoas na escola, Cam não havia sido nada mais que legal com ela. Ela não queria o fazer abrir mão de seu turno no telefone, especialmente agora, que ela estava nervosa sobre fofocar com Callie a respeito dele.

“Callie” ela disse, suspirando no telefone. “Eu tenho que ir. Eu ligo logo assim que -” Mas então só havia o vago zumbido do tom de discagem em seu ouvido.

O telefone havia sido programado para ser usado apenas por quinze minutos. Agora ela podia ver o pequeno contador marcando 0:00 em sua base. Elas nem haviam se despedido e agora ela teria que esperar mais uma semana inteira para ligar. Horário estendido na mente Luce é como um abismo sem fim.

“Melhor amiga?” Cam perguntou, entrando no cubículo ao lado de Luce. Seus suas sobrancelhas continuavam arqueadas. “Eu tenho três irmãs mais novas, eu posso praticamente cheirar a vibração de melhores amigas ao telefone.” Ele se inclinou para frente como se ele fosse cheirar Luce, o que a fez soltar um riso abafado... E depois congelar. A aproximação inesperada dele fez o coração dela pular.

“Deixe-me ver” Cam endireitou-se para trás e levantou o queixo. “Ela quer saber tudo sobre os bad boys de escolas reformatórias?”

“Não!” Luce sacudiu a cabeça para provar veementemente que caras não estavam na sua mente de qualquer forma... Até que ela percebeu que Cam estava apenas brincando. Ela corou e fez uma piada de volta. “Eu quis dizer, não há nenhum solteiro bom aqui.” Cam piscou. “Precisamente o que deixa isso tão excitante.

Você não acha?” Ele tinha um jeito de permanecer muito quieto, o que fazia Luce ficar muito quieta, o que fazia o tique-taque do relógio de bolso dentro do blazer dele parecer mais alto do que possivelmente poderia ser.

Congelada próxima de Cam, Luce de repente estremeceu quando alguma coisa preta atacou violentamente a sala. A sombra parecia jogar amarelinha entre os painéis do teto de um jeito bem cauteloso, preenchendo um quadrado e depois o outro, e depois o outro.

Maldição. Nunca seria bom estar sozinha com alguém – especialmente alguém que estivesse centrado nela como Cam estava naquele momento

– quando as sombras vinham. Ela podia sentir espasmos, tentando parecer calma enquanto as sombras negras giravam em torno do ventilador de teto, dançando. Sozinha ela poderia ter resistido. Talvez.

Mas as sombras também estavam fazendo os piores de seus terríveis barulhos, um som que Luce havia escutado quando ela viu uma coruja bebê cair de uma árvore e sufocar até a morte. Ela queria que Cam apenas parasse de olhar para

ela. Ela queria que alguma coisa acontecesse para chamar sua atenção. Ela desejava -

Daniel Grigori.

E então ele apareceu. Salva pelo maravilhoso cara usando jeans rasgados e uma camiseta branca surrada. Ele não parecia muito com a salvação – desleixado sobre sua pesada pilha de livros da biblioteca, olheiras cinzas embaixo de seus olhos cinzas. Daniel parecia estar meio acabado. Seu cabelo loiro caía encima de seus olhos, e quando eles se fixaram em Luce e Cam, Luce os viu se estreitarem. Ela estava tão ocupada se lamuriando sobre o que havia feito para incomodar Daniel dessa vez, que ela nem percebeu a coisa momentânea que aconteceu: um segundo depois que a porta se fechou atrás dele, as sombras deslizaram sobre a porta e foram para a noite. Era como se alguém houvesse tirado um vácuo e limpado toda a sujeira da sala.

Daniel apenas assentiu em sua direção e não desacelerou enquanto ele passava.

Quando Luce olhou para Cam, ele estava observando Daniel.

Ele se virou para Luce e disse, mais alto do que o necessário, “Eu esqueci de te dizer. Terá uma pequena festa no meu quarto essa noite depois da social. Eu amaria se você fosse.”

Daniel continuava escutando. Luce não fazia idéia do que era essa social que todo mundo ficava resmungando sobre, mas ela supostamente tinha que encontrar com Penn depois. Elas supostamente tinham que andar juntas.

Seus olhos estavam fixos nas costas da cabeça de Daniel, e ela sabia que tinha que responder a Cam sobre sua festa, e isso não deveria ser tão difícil, mas quando Daniel se virou e olhou para ela com um olhar que ela jurava ser cheio de lamentos, o telefone atrás dela começou a tocar, e Cam o alcançou e disse “Eu tenho que atender, Luce. Você estará lá?”

Quase imperceptivelmente, Daniel assentiu.

“Sim,” Luce disse para Cam. “Sim.”

***

“Eu continuo sem saber porque temos de correr.” Luce estava ofegando vinte minutos depois. Ela tentou alcançar Penn quando elas se misturaram através da área comum do auditório para a misteriosa Social de Quarta-feira à Noite, que Penn ainda não havia explicado.

Luce mal teve tempo o suficiente para subir em seu quarto, colocar gloss e seu melhor jeans, apenas para o caso de ser aquele tipo de social. Ela ainda estava tentando acalmar sua respiração depois de sua corrida com Cam e Daniel quando Penn entrou no seu quarto para arrasta-la para fora da porta de novo.

“Pessoas que são cronicamente lentas nunca entendem as várias maneiras que elas estragam os horários das pessoas que são pontuais e normais.” Penn falou para Luce quando elas espirraram em meio de uma poça em particular no gramado.

“Ha!” Uma gargalhada explodiu atrás delas.

Luce olhou para trás e sentiu seu rosto se iluminar quando ela viu o corpo magro e pálido de Arriane se juntar à elas.

“Qual charlatão disse que você é normal, Penn?” Arriane cutucou Luce e apontou para baixo. “Atenção para a areia movediça!” Luce patinou e parou um pouco antes de ficar aterrada em um trecho lamacento do terreno. “Alguém por favor me diz onde a gente está indo!”

“Noite de quarta.” Penn disse terminantemente. “Noite social.”

“Como... um baile ou algo assim?” Luce perguntou, visões de Daniel e Cam de movendo pela pista de dança de sua mente.

Arriane piou. “Uma dança com morte por tédio. O termo

'social' é típico do duplo sentido da Espada & Cruz. Veja, eles requerem planejar eventos sociais pra gente, mas eles também ficam aterrorizados com eventos sociais para nós. Escolha difícil.”

“Então em vez disso,” Penn continuou “eles tem esses horríveis eventos como seções pipocas seguidas por palestras sobre os filmes, ou

– Deus, você se lembra do último semestre?”

“Que teve aquele simpósio inteiro sobre taxidermia?”

“Tão, tão arrepiante.” Penn sacudiu a cabeça.

“Essa noite, minha querida” Arriane a puxou “Nós caímos fora fácil. Tudo o que nós temos que fazer é roncar durante um dos três filmes em exibição na videoteca da Espada & Cruz. O que você acha que teremos essa noite, Penny Vadia? Starman? Joe versus the volcano? Ou Weekend at Bernie's?”

“É Starmen.” Penn gemeu.

Arriane lançou à Luce um olhar perplexo. “Ela sabe de tudo.”

“Aguenta firme.” Luce disse, na ponta dos pés em volta da areia movediça e abaixando o volume da sua voz quando se aproximaram da escritório da escola. “Se vocês todas viram esses filmes tantas vezes pra quê a pressa de chegar lá?”

Penn empurrou as pesadas portas de metal para o “auditório”, enquanto, Luce percebeu, havia um eufemismo para um quarto normal, velho e com teto baixo aplainado e cadeiras dispostas à frente de uma parede em branco.

“Não queira ficar presa no assento quente perto do Sr. Colem,” Arriane explicou, apontando para o professor. Seu nariz estava enterrado profundamente dentro de um grosso livro, e ele estava rodeado pelas poucas cadeiras restantes na sala.

Quando as três garotas passaram pelo detector de metais na porta, Penn disse, “Qualquer um que sentar lá tem que passar a inquéritos sobre a saúde 'mental' semanal dele.”

“O que não seria tão ruim...” Arriane continuou.

“Se você não tivesse que ficar até mais tarde para analisar os

'achados'.” Penn terminou.

“Assim, em falta,” Arriane disse com um sorriso largo direcionando Luce para a segunda fila enquanto ela sussurrava. “A pós festa.”

Finalmente elas chegaram no coração do problema. Luce riu.

“Eu ouvi sobre isso.” ela disse, sentindo um pouco com ela para uma mudança. “É no quarto do Cam, certo?”

Arriane olhou para Luce por um segundo e rolou sua língua sobre seus dentes. Então ela olhou para além de Luce, quase através dela. “Ei Todd”, ela chamou, acenando apenas com a ponta dos dedos.

Ela empurrou Luce para um dos assentos, reinvindicou o assento seguro ao lado dela (permanecendo dois assentos abaixo do Sr. Cole), e afagou o assento quente ao seu lado. “Venha sentar conosco, T-Man.” Todd, que estava mudando o peso do seu corpo no caminho da porta, pareceu extremamente aliviado de ser direcionado, qualquer direção. Ele começou atrás delas, engolindo. Tão logo que ele que ele foi atrapalhado para seu lugar, o Sr. Cole olhou por cima de seu livro, limpou seus óculos em seu lenço e disse, “Todd, estou feliz que você está aqui. Eu estava me perguntando se você poderia me ajudar com um pequeno favor depois do filme. Você pode ver, o diagrama de Venn é uma ferramenta muito usual para...”

“Ruim.” Penn colocou seu rosto entre Arriane e Luce.

Arriane deu de ombros e tirou um saco gigante de pipoca de sua bolsa de sua bolsa de viagem. “Eu só posso olhar por alguns estudantes novos,” ela disse, lançando uma amêndoa amanteigada para Luce.

“Sorte sua.”

Enquanto as luzes da sala se esmaeciam, Luce olhou em volta até seus olhos se estacionarem em Cam. Ela pensou sobre sua abreviada sessão no telefone com Callie e como sua amiga sempre disse que assistir um filme com um garoto era o melhor jeito de saber coisas sobre ele, coisas que talvez nunca viriam a tona em uma conversa.

Olhando para Cam, Luce pensou que ela sabia o que Callie queria dizer: há algum tipo de emoção em observar pelo canto do olho para ver qual piada Cam acha divertida, para se juntar a sua risada por si mesma.

Quando o olho dele encontrou o dela, Luce sentiu um instinto estranho de olhar distante. Mas então, antes que ela pudesse, a face de Cam se iluminou em um largo sorriso. Isso fez ela parecer notavelmente pertubada por ser pega olhando. Quando ele colocou suas mãos num aceno, Luce não ajudou, pensando sobre

como a oposição aconteceu exatamente alguns minutos que Daniel tinha travado seu olhar nele.

Daniel entrou com Rolland, tarde o suficiente para que Randy já tivesse contado as cabeças, tarde o suficiente para que os únicos assentos restantes eram no chão na frente da sala. Ele passou sobre o feixe de luz do projetor e Luce notou pela primeira vez a corrente de prata nas costas de seu pescoço e algum tipo de medalhão enfiado dentro de sua camisa. Então ele mergulhou completamente para fora de sua visão. Ela não podia nem ao menos ver seu perfil.

Como já haviam despejado, Starman não foi muito legal, mas os outros estudantes fazendo imitações de Jeff Bridge eram. Foi difícil para Luce focar no enredo. Além disso, ela estava tendo essa desconfortável sensação congelante atrás de seu pescoço. Alguma coisa estava prestes a acontecer.

Quando as sombras vieram dessa vez, Luce estava esperando por elas. Então, ela começou a pensar sobre isso e contou com os dedos. As sombras estavam aparecendo em um ritmo cada vez mais alarmante, e Luce não conseguia saber se ela estava apenas nervosa na Espada & Cruz... Ou se isso significava algo a mais. Elas nunca haviam sido tão ruins assim.

Elas vazaram por cima do auditório, então deslizaram pelos cantos da tela de projeção, e finalmente traçaram as linhas do assoalho como tinta derramada. Luce agarrou o assento de sua cadeira e sentiu o sofrimento causado pelo medo inchar através de seus braços e pernas.

Ela apertou todos os músculos de seu corpo, mas ela não podia evitar tremer. Um tapinha no seu ombro esquerdo a fez olhar para Arriane.

“Você está bem?” Arriane sussurrou.

Luce assentiu e abraçou seus ombros, fazendo parecer que estava apenas com frio. Ela desejava que estivesse, mas esse calafrio em particular não tinha nada a ver com o ar-condicionado super potente da Espada & Cruz.

Ela podia sentir as sombras rebocando sob seus pés, abaixo da cadeira. Elas permaneceram assim, paradas pelo filme inteiro, e cada minuto parecia uma eternidade.

***

Uma hora mais tarde, Arriane pressionou seu olho contra o olho mágico da porta pintada de bronze do quarto de Cam no dormitório. “Yo-hoo” ela cantou, dando risadinhas. “A alma da festa está aqui!”

Ela tirou um boá de penas rosas da mesma sacola mágica de onde o saco de pipocas veio. “Me dê uma mãozinha,” ela disse para Luce, colocando um dos pés no ar.

Luce cruzou seus dedos e os posicionou debaixo das botas pretas de Arriane. Ela assistiu, enquanto Arriane se empurrava para fora do solo e usava o boá para cobrir a lente da câmera de segurança do corredor, quando ela chegou em torno da parte traseira do dispositivo e desligou-o.

“Isso não é suspeito, ou algo assim,” Penn disse.

“Seus fiéis dormem com a pós festa?” Arriane revidou. “Ou a festa das câmeras?”

“Eu só estou dizendo que há modos mais inteligentes,” Penn bufou enquanto Arriane descia. Arriane lançou o boá sobre os ombros de Luce, e Luce riu e começou a vibrar com a canção de Motown* que eles podiam ouvir através da porta. Mas quando Luce ofereceu o boá para Penn, ela ficou surpresa por ver que ela continuava nervosa. Penn estava roendo suas unhas e suando pelas sobrancelhas. Penn vestia seis suéteres no pantanoso calor sulista de Setembro – ela nunca estava com calor.

* Motwon Records é uma gravadora americana, que nos anos 60 ficou conhecida por um estilo de soul característico, produzido por eles. Jackson Five, Drake Bell e Stevie Wonder tiveram músicas gravadas nessa gravadora.

“O que está errado?” Luce sussurrou, inclinando-se.

Penn puxou a ponta de sua manga e deu de ombros. Ela parecia estar prestes a responder quando a porta atrás deles se abriu.

Uma onda de fumaça de cigarro, jato de música, e de repente Cam abriu os braços, cumprimentando elas.

“Você fez isso,” ele disse, sorrindo para Luce. Mesmo na luz turva, os lábios dele tinham um brilho manchado de cereja. Quando ele a puxou para um abraço,

ela se sentiu minúscula e segura. Isso durou apenas um segundo; então ele acenou para dar oi para as outras duas garotas, e Luce se sentiu um pouco orgulhosa por ser a única que ganhou um abraço.

Atrás de Cam, o pequeno, escuro quarto estava abarrotado de pessoas. Roland estava em um canto, na mesa giratória, levantando cds para uma luz negra. O casal que Luce tinha visto na quadra uns dias atrás estava se agarrando contra a janela. Os caras estilosos* com as camisas oxford brancas estavam todos amontoados no mesmo círculo, ocasionalmente dando uma olhada nas garotas. Arriane não perdeu tempo fuzilando através do quarto até a escrivaninha de Cam, que parecia estar sendo usada como um bar. Quase imediatamente, ela tinha uma garrafa de champanhe entre suas pernas, e ria enquanto tentava abrir a garrafa.

* No original está preppy boys, que são caras que vestem camisas polo tipo Lacoste, usam cores fluorescentes e são tachados de esnobes pela maioria das pessoas, por causa do estilo que se vestem. O

nome veio porque a maioria estuda em escolas preparatórias (conhecidas como Prep = Preparatory)

Luce estava perplexa. Ela nunca soube como pegar bebidas alcóolicas em Dover, onde o mundo exterior tinha sido muito menos fora dos limites. Cam estava de volta a Espada & Cruz apenas há poucos dias, mas ainda assim, ele parecia saber como conseguir tudo que ele precisava para ter um soirée digno de Dioniso, onde a escola toda apareceu.

Ainda na entrada, ela ouviu o estalo, então os vivas do resto da multidão, então a voz de Arriane chamando: “Luciiiiinda venha cá. Eu estou prestes a fazer um brinde!”

Luce pode sentir o magnetismo da festa, mas Penn parecia menos pronta a se mover.

“Você vai em frente,” ela disse, balançando a mão para Luce.

“O que há de errado? Você não quer entrar?” A verdade era, Luce mesma estava um pouco nervosa. Ela não fazia a menor idéia o que poderia acontecer com essas coisas, e desde que ela não tinha tanta certeza o quão confiável Arriane era, definitivamente a faria melhor ter Penn ao seu lado.

Mas Penn fez uma carranca. “Eu estou... Estou fora do meu mundo. Eu fico na biblioteca, dou aulas de como usar o Power Point.

Você precisa hacker alguém, eu sou a garota. Mas isso...” Ela ficou na ponta dos pés e espreitou para dentro da sala. “Eu não sei. As pessoas lá dentro pensam que eu sou daquele tipo sabe-tudo.” Luce lançou para ela o melhor olhar dá-um-tempo. “E eles acham que eu sou um bolo de carne, e nós pensamos que eles são totalmente uns bananas.” Ela riu. “Nós não podemos simplesmente ir em frente?”

Lentamente, Penn enrolou o lábio, então pegou o boá de penas e enrolou em volta dos seus ombros. “Oh, tudo certo,” ela disse, entrando à frente de Luce.

Luce piscou enquanto seus olhos se ajustavam. Uma cacofonia encheu o quarto, mas ela podia ouvir as risadas de Arriane. Cam fechou a porta atrás delas e pegou a mão de Luce, então ela tirou, longe do resto da festa.

“Eu estou muito feliz que você veio,” ele disse, colocando a mão nas costas dela e inclinando a cabeça, então ela o podia ouvir no quarto barulhento. Os lábios dele pareciam apetitosos, especialmente quando ele dizia coisas como “Eu pulava toda vez que alguém batia na porta, esperando que fosse você."

O que quer que tenha ligado Cam a ela tão rápido, Luce não queria fazer nada para mudar isso. Ele era popular e inesperavelmente pensativo, e a atenção dele a fez sentir mais do que lisonjeada. A fez se sentir mais confortável nesse estranho e novo lugar. Ela sabia se ela tentasse responder ao seu elogio, ela iria tropeçar sobre as palavras.

Então, ela apenas riu, o que o fez rir também, então ele a envolveu em mais um abraço.

De repente, não havia outro lugar para por as mãos além do pescoço dele. Ela sentiu um pouco aliviada enquanto Cam a apertava, a fazendo tirar os pés do chão.

Quando ele a colocou de volta, Luce se virou para o resto da festa, e a primeira coisa que ela viu foi Daniel. Mas ela não achava que ele gostava de Cam. Contudo, ele estava sentado de pernas cruzadas na cama, a camiseta branca brilhando violeta por causa da luz negra. Logo que seus olhos encontraram os dele, ficou difícil olhar para alguém mais. O que não fazia sentido, porque um

cara deslumbrante e amigável estava parado logo atrás dela, perguntando o que ela gostaria de beber.

O outro cara maravilhoso, infinitamente menos amigável, sentado na frente dela, não podia ser o único que ela não podia parar de olhar. E

ele a estava fitando. Tão atentamente, com um secreto, furtivo olhar nos seus olhos, que Luce pensou que nunca ia decodificar, mesmo que o visse centenas de vezes.

Tudo que ela sabia era o efeito que isso causava nela. Todos os outros na sala pareciam fora de foco e ela derreteu. Ela poderia ficar olhando de volta toda noite, se não fosse Arriane, que escalou para o topo da mesa e gritou por Luce, seu copo erguido no ar.

“Para Luce,” ela brindou, lançando à Luce um sorriso inocente.

“Que obviamente está zoneando e perdeu meu discurso inteiro de boas-vindas e que nunca vai saber o quão fabuloso foi – não foi fabuloso, Ro?” ela inclinou-se para perguntar a Roland, que acariciou seu tornozelo, afirmando.

Cam deslizou um copo de plástico cheio de champanhe para a mão de Luce. Ela corou e tentou rir enquanto o resto da festa ecoava:

“Para Luce! Para o Bolo de Carne!”

Ao lado dela, Molly deslizou e sussurrou uma versão curta em sua orelha: “Para Luce, que nunca vai saber.”

Alguns dias antes, Luce teria vacilado. Essa noite, ela simplesmente rolou os olhos, então deu as costas para Molly. A garota nunca falara nenhuma palavra que não fizesse Luce se sentir ofendida, mas mostrar isso só parecia incita-la. Então Luce apenas se agachou para compartilhar a cadeira da mesa com Penn, que deu para ela um cordão de alcaçuz preto.

“Você pode acreditar? Eu acho que eu finalmente estou me divertindo,” Penn disse, digerindo a alegria.

Luce mordeu o alcaçuz e tomou um pequeno gole do espumante champanhe. Uma combinação não muito saborosa. Quase como ela e Molly. “Então, Molly é

esse diabo com todo mundo ou eu sou um caso especial?”

Por um segundo, Penn pareceu que daria uma resposta diferente, mas então ela afagou as costas de Luce. “Só o charme do seu comportamento usual, minha querida.”

Luce olhou em volta do quarto, com toda a circulação livre de champanhe, para a extravagante mesa giratória de Cam, para a globo espelhado rodando acima das cabeças, pedaços de estrelas no rosto de todo mundo.

“Onde que eles conseguem todas essas coisas?” Ela perguntou em voz alta.

“As pessoas dizem que Roland pode colocar qualquer coisa dentro da Espada & Cruz,” Penn disse naturalmente. “Não que eu já tenha perguntado para ele.”

Talvez seja isso que Arriane quis dizer quando ela disse que Roland sabia como conseguir coisas. A única coisa fora dos limites má o suficiente que Luce podia imaginar era perguntar sobre um celular. Mas então... Cam havia dito para não ouvir Arriane sobre os trabalhos secretos da escola. O que teria sido bom, exceto que boa parte dessa festa parecia ser cortesia de Roland.

Quanto mais ela tentava desvendar suas questões, menos coisas se encaixavam. Ela provavelmente só estava chocada por estar

“dentro” o suficiente para ser convidada para festas.

“Certo, todos vocês rejeitados,” Roland disse, lentamente, para ter a atenção de todo mundo. O toca-discos tinha acalmado para o estático entre músicas. “Nós vamos começar o espaço aberto da noite, e eu estou solicitando pessoas para o karaokê.”

“Daniel Grigori” Arriane piou através de suas mãos.

“Não!” Daniel piou de volta, sem perder o ritmo.

“Aw, o silencioso Grigori sente-se fora.” Roland disse, no microfone. “Você tem certeza que não quer fazer sua versão de

'Hellhound on My Trail'?”

“Eu creio que essa é sua música, Roland,” Daniel disse. Um sorriso se espalhou pelos seus lábios, mas Luce sentiu que era um sorriso embaraçado, um sorriso de alguém-por-favor-pegue-os-holofotes.

“Ele tem um ponto, galera.” Roland riu. “Eu acho que o karaokê Robert Johnson sabe como limpar uma sala” Ele arrancou um álbum de R.L. Burnside da pilha e colocou toca-discos do canto.

“Vamos para o Sul de vez.”

Enquanto as notas de baixo de uma guitarra elétrica começavam, Roland assumiu o centro do palco, que estava apenas a poucos metros quadrados do espaço iluminado pela luz da lua, no meio do quarto. Todos em volta estavam batendo palma ou batendo os pés no tempo, mas Daniel estava olhando para seu relógio. Ela continuava vendo a imagem dele assentindo para ela no lobby mais cedo aquela noite, quando Cam a convidou para a festa.

Se ela apenas pudesse ficar a sós com ele...

Roland estava monopolizando a atenção dos convidados, que apenas Luce percebeu quando, no meio da canção, Daniel levantou-se, moveu-se em torno de Molly e Cam, e saiu silenciosamente pela porta.

Essa era a chance dela. Enquanto todos a sua volta estavam aplaudindo, Lucy levantou-se devagar.

“Bis!” Arriane gritou. Então, percebendo Luce se levantar da cadeira, ela disse, “Oh, espertinha, é a minha garota se levantando para cantar?”

“Não!” Luce não queria cantar nesse quarto cheio de pessoas tanto quanto ela não queria admitir a razão pela qual ela estava se levantando no meio da primeira festa dela na Espada & Cruz, com Roland empurrando o microfone abaixo de seu queixo. Agora o que?

“Eu – Eu só estou me sentindo mal por, uh, Todd. Porque ele está perdendo isso,” A voz de Luce ecoou de volta para ela por cima dos alto-falantes. Ela já estava lamentando sua mentira ruim, e o fato de que não havia retorno agora. “Eu acho que vou descer e ver se ele já terminou com o Sr. Cole.”

Nenhum dos outros jovens parecia saber o que fazer com isso.

Apenas Penn falou, timidamente, “Volta rápido!”

Molly estava dando um sorriso afetado para Luce. “Amor nerd,” ela disse, fingindo uma falsa síncope “Tão romântico.” Espera, eles achavam que ela gostava de Todd? Oh, quem liga

– a única pessoa que Luce não queria que pensasse isso era a única pessoa que ela estava tentando seguir do lado de fora.

Ignorando Molly, Luce fugiu para a porta, onde Cam a encontrou com os braços cruzados. “Precisa de companhia?” ele perguntou, esperançoso.

Ela balançou a cabeça. Em outra situação, ela provavelmente gostaria da companhia de Cam. Mas não agora.

“Eu volto logo,” ela disse, brilhantemente. Antes que ela pudesse registrar o desapontamento no rosto dele, ela deslizou para o corredor. Após o murmurinho da festa, o silêncio soou em suas orelhas.

Levou um segundo antes que ela pudesse perceber vozes logo na curva do corredor.

Daniel. Ela reconheceria essa voz em qualquer lugar. Mas ela não tinha certeza quem estava falando com ele. Uma garota.

“Hm... Desculpe,” qualquer coisa que ela tenha dito... Com um som nasalado sulista.

Gabbe? Daniel havia saído para ver a loira e escovada Gabbe?

“Isso não vai acontecer de novo,” Gabbe continuou, “Eu juro -”

“Isso não pode acontecer de novo,” Daniel sussurrou, mas seu tom praticamente gritava “Você prometeu que estaria aqui e você não estava.”

Onde? Quando? Luce estava agonizando. Ela avançou ao longo do corredor, tentando não fazer barulho.

Mas os dois caíram no silêncio. Luce podia imaginar Daniel pegando a mão de Gabbe. Podia imaginar ele inclinando-se para ela em um longo, profundo beijo.

Uma camada de inveja a consumiu em volta do peito de Luce. Do outro lado do corredor, um deles suspirou.

“Você vai ter que confiar em mim, querido,” ela escutou Gabbe dizer, em uma voz sacarina que fez Luce decidir de uma só vez que a odiava. “Eu sou a única que você vai ter.”

Capitulo Seis – Sem Salvação

Na manhã clara e cedo de quinta, um auto-falante estalou no corredor do lado de fora do quarto de Luce:

“Atenção, Espada & Cruzanos!”

Luce rolou com um gemido, mas por mais arduamente que ela comprimisse o travesseiro ao redor de suas orelhas, pouco adiantava para bloquear o rosnado de Randy no sistema de auto-falante.

“Vocês têm exatos nove minutos para aparecerem no ginásio para o seu exame físico anual. Como sabem, nós não temos paciência com vagabundos, então estejam prontos e preparados para uma avaliação corporal."

Exame físico? Avaliação corporal? As seis e meia da manhã?

Luce já se arrependia de ter ficado até tão tarde ontem a noite... e ter ficado acordada até bem mais tarde deitada na cama, se estressando.

Bem por volta da hora que ela começou a imaginar Daniel e Gabbe se beijando, Luce começou a se sentir enjoada - aquele tipo específico de enjoo que vinha de saber que ela fizera papel de boba. Não tinha como voltar para a festa. Só tinha como sair espreitando da parede e escapar para seu dormitório para duvidar daquela sensação estranha que ela tinha perto de Daniel, aquela que ela tolamente tomara como algum tipo de conexão. Ela tinha acordado com um gosto ruim das consequências da festa ainda em sua boca. A última coisa que ela queria pensar agora era sobre capacidade física.

Ela girou seus pés para fora da cama e colocou-os no frio chão de vinil. Escovando seus dentes, ela tentou imaginar o que a Espada & Cruz poderia querer dizer por “avaliação corporal.” Imagens intimidantes de suas colegas – Molly fazendo dúzias de levantamentos com cara de má, Gabbe escalando

facilmente uma corda de nove metros em direção ao céu – encheram sua mente. Sua única chance de não fazer papel de boba – de novo – era tentar tirar Daniel e Gabbe de sua mente.

Ela cruzou a parte sul do campus até o ginásio. Era uma ampla estrutura gótica com arcobotantes e torres pequenas em pedra não-esculpida que faziam-na parecer mais com uma Igreja do que um lugar onde se iria para fazer exercícios físicos. Enquanto Luce se aproximava do prédio, a camada de kudzu cobrindo sua fachada farfalhava na brisa matinal.

“Penn,” Luce chamou, vislumbrando sua amiga vestindo uma roupa esportiva amarrando seu tênis no banco. Luce olhou para baixo para sua roupa preta e botas pretas regulamentadas e de repente entrou em pânico por ter perdido algum memorando sobre o código de vestimenta. Mas então, alguns dos outros estudantes estavam vagabundeando fora do prédio e nenhum deles parecia muito diferente dela.

Os olhos de Penn estava grogues. “Tão cansada,” ela gemeu.

“Eu karaoquei demais ontem a noite. Achei que poderia compensar ao tentar pelo menos parecer atlética.” Luce riu enquanto Penn lutava com o nó duplo em seu sapato.

“O que aconteceu com você ontem a noite, de qualquer jeito?” Penn perguntou. “Você não voltou pra festa.”

“Ah,” Luce disse, enrolando. “Eu decidi–”

“Gaaahh.” Penn cobriu seus ouvidos. “Cada som é como uma perfuratriz no meu cérebro. Me conta mais tarde?”

“É,” Luce disse. “Claro.” As portas duplas para o ginásio estavam abertas. Randy saiu com pesados crocs, segurando sua constante prancheta. Ela acenou para que os estudantes seguissem em frente, e um por um eles foram designados a sua estação física.

“Todd Hammond,” Randy chamou a medida em que o garoto de joelhos bambos se aproximava. Os ombros do Todd desabaram para frente como parêntesis, e Luce conseguia ver resquícios de um severo bronzeado de fazendeiro* atrás de seu pescoço.

* no original, 'farmer's tan ', ou seja, isso -> Chame-se assim os fazendeiros costumam trabalhar muito ao sol enquanto usam uma camiseta, e, desse jeito, só se bronzeiam em seus braços e pescoço, deixando o resto do torso branco.

“Musculação,” Randy comandou, atirando Todd para dentro.

“Pennyweather Van Syckle-Lockwood,” ela gritou a seguir, fazendo com que Penn se agachasse e pressionasse suas palmas contra seus ouvidos novamente. “Piscina,” Randy instruiu, esticando a mão para a caixa de papelão atrás dela e jogando para Penn um maiô único vermelho com corte nadador.

“Lucinda Price,” Randy continuou, após consultar sua lista.

Luce deu um passo para frente e ficou aliviada quando Randy disse,

“Piscina também.” Luce se esticou para pegar o maiô único no ar.

Estava esticado e fino como um pedaço de pergaminho entre seus dedos. Pelo menos cheirava a limpo. Mais ou menos.

“Gabrielle Givens,” Randy disse a seguir, e Luce se virou para ver a sua nova pessoa menos favorita resvalar em shorts pretos pequenos e uma fina regata preta. Ela estava nessa escola há três dias... como é que ela já tinha o Daniel?

“Oiii, Randy,” Gabbe disse, arrastando as palavras com um som fanhoso que fez Luce querer dar uma de Penn e cobrir seus próprios ouvidos.

Tudo menos a piscina, Luce desejou. *Tudo menos a piscina.*

“Piscina,” Randy disse.

Andando para perto de Penn na direção do vestiário das garotas, Luce tentou evitar olhar para trás para Gabbe, que girou, em seu dedo indicador com unha francesinha, o que parecia ser o único maiô fashion na pilha. Ao invés, Luce focou nas paredes de pedra cinza e na velha parafernália religiosa cobrindo-as. Ela passou por cruzes entalhadas floreadamente em madeira com descrições em seu baixo-relevo da Paixão.

Uma série de trípticos desbotados estavam pendurados à vista, com somente as órbitas das auréolas das imagens ainda iluminadas.

Luce se inclinou para frente para ter uma visão melhor do grande pergaminho escrito em latim, envolto em vidro.

“Decoração pra cima, não é?” Penn perguntou, engolindo um par de aspirinas com um gole d’água de sua bolsa.

“O que são essas coisas todas?” Luce perguntou.

“História antiga. As únicas relíquias sobreviventes de quando esse lugar era ainda o local de Missas, lá nos dias da Guerra da Sescessão.”

“Isso explica porque parece tanto com uma igreja,” Luce disse, parando na frente de uma reprodução de mármore da Pietà de Michelangelo.

“Como todo o resto nessa possilga, eles fizeram um trabalho porco total em atualizá-lo. Quero dizer, quem constrói uma piscina no meio de uma igreja velha?”

“Você está brincando,” Luce disse.

“Bem que eu queria.” Penn girou seus olhos. “Todo verão, o diretor fixa na cabecinha a ideia de me colocar para redecorar esse lugar. Ele não admite, mas todo o negócio de Deus aqui realmente o apavora,” ela disse. “O problema é que, mesmo que eu sentisse vontade de dar uma ajuda, eu não faço ideia do que fazer com todo esse lixo, ou mesmo como limpar isso sem ofender, tipo, meio mundo e Deus.” Luce lembrou-se nas paredes brancas imaculadas dentro do ginásio de Dover, fileira após fileira de fotos tiradas profissionalmente de campeonatos estudantis, cada uma combinando com o mesmo cartão azul-marinho, cada uma exibida em uma moldura dourada combinando. O único corredor mais santificado na Dover era sua entrada, que era onde todos os ex-alunos-que-viraram-senadores-estaduais e vencedores da sociedade Guggenheim* e bilionários comuns apresentavam seus retratos.

* Sociedades Guggenheim são dadas, desde 1925, pela Fundação Memorial de John Simon Guggenheim para aqueles que

"demonstraram uma capacidade excepcional em um aprendizado produtivo ou habilidade criativa excepcional nas artes."

“Você poderia pendurar todas as fotos de polícia* atuais dos ex-alunos,” Gabbe

ofereceu de trás delas.

* no original, 'mug shots', que são aquelas fotos tiradas quando a pessoa é fichada pela polícia.

Luce começou a rir – *era* engraçado... e estranho, quase como se Gabbe tivesse acabado de ler sua mente - mas então ela se lembrou da voz da garota na noite anterior, dizendo a Daniel que *ela* era a única que ele tinha. Luce rapidamente engoliu qualquer noção de uma conexão com ela.

“Vocês estão se dispersando!” Gritou uma desconhecida treinadora de ginásio, aparecendo do nada. Ela – pelo menos Luce achava que era ela – tinha uma bucha de cabelo castanho frisado puxado para trás em um rabo-de-cavalo, panturrilhas como um pernil de porco, e aparelho dental "invisível” amarelado cobrindo seus dentes de cima. Ela empurrou as garotas nervosamente para um vestiário, onde a cada uma foi dado um cadeado com uma chave e direções para um armário vazio com um empurrão.

“Ninguém se dispersa na vigia da Treinadora Diante.” Luce e Penn lutaram para entrar em seus maiôs desbotados e frouxos. Luce estremeceu ao ver seu reflexo no espelho, então cobriu o máximo de si mesma que conseguiu com sua toalha.

Dentro do espaço de natação úmido, ela imediatamente entendeu sobre o que Penn estava falando. A própria piscina era gigante, tamanho olímpico, um das poucas características atuais que ela tinha encontrado até então nesse campus. Mas não era isso que a tornava notável, Luce percebeu espantosamente. Essa piscina tinha sido construída bem no meio do que costumava ser uma igreja enorme.

Havia uma fileira de lindas janelas com vitrais, com apenas alguns painéis quebrados, atravessando as paredes perto do teto alto e arqueado. Havia nichos de pedra acesos por luz de vela pela parede. Um trampolim tinha sido instalado onde o altar provavelmente costumava estar. Se Luce não tivesse sido criada agnóstica, mas, ao invés, como uma fiel temente a Deus, como o resto de seus amigos no ensino fundamental, ela poderia ter pensado que esse lugar essa sacrílego.

Alguns dos outros estudantes já estavam na água, arfando por ar enquanto completavam suas voltas. Mas eram os estudantes que não estavam na água que capturaram a atenção de Luce. Molly, Roland, e Arriane estavam todos

espalhados nas arquibancadas pela parede. Eles estavam rindo de algo. Roland estava praticamente dobrado, e Arriane estava enxugando lágrimas. Eles estavam com maiôs e sungas muito mais atraentes do que Luce, mas nenhum deles parecia que tinha alguma intenção em fazer um movimento na direção da piscina.

Luce cutucou seu maiô único caído. Ela queria ir se juntar a Arriane –

mas bem quando ela estava pesando os prós (a possível entrada num mundo de elite) e contras (a Treinadora Diante repreendendo-a como uma embargadora consciente a exercícios), Gabbe vagueou até o grupo.

Como se ela já fosse a melhor amiga de todos eles. Ela tomou um assento ao lado de Arriane e imediatamente começou a rir também, como se, qualquer que fosse a piada, ela já tinha entendido.

“Eles sempre têm bilhetes para ficarem sentados,” Penn explicou, olhando feio para a galera popular nas arquibancadas. “Não me pergunte como eles se safam disso.”

Luce circundou e hesitou no lado da piscina, incapaz de captar as intruções da Treinadora Diante. Ver Gabbe et al* agrupados nas arquibancadas, estilo garotos descolados, fez Luce desejar que Cam estivesse lá. Ela conseguia imagina-lo parecendo sarado em uma reluzente sunga preta, acenando para que ela viesse para o grupo com seu grande sorriso, fazendo-a se sentir imediatamente bem-vinda, até mesmo importante.

* latim para 'e os outros'

Luce sentiu uma necessidade persistente de se desculpar por se evadir da festa dele mais cedo. O que era estranho – eles não estavam juntos, então não era como se Luce fosse obrigada a explicar suas idas e vindas para Cam. Mas ao mesmo tempo, ela gostava quando ele prestava atenção nela. Ela gostava do jeito que ele tinha um cheiro meio de livre e aberto, como dirigir com as janelas abaixadas de noite.

Ela gostava do jeito que ele sintonizava completamente quando ela falava, imóvel como se ele não conseguisse ver ou ouvir mais ninguém além dela. Ela até mesmo gostara de ser levantada do chão na festa, em plena vista do Daniel. Ela não queria fazer nada para que Cam reconsiderasse o jeito que ele tratava

ela.

Quando o apito da treinadora soou, uma Luce muito assustada levantou-se, então olhou para baixo com arrependimento enquanto Penn e todos os outros estudantes perto dela pularam para frente, na piscina.

Ela olhou para a Treinadora Diante por instruções.

“Você deve ser Lucinda Price – sempre atrasada e nunca escuta?” A Treinadora suspirou.

“A Randy me contou sobre você. São oito voltas, Escolha seu melhor estilo de natação.”

Luce assentiu e ficou de pé com seus dedos dos pés curvados perto da beirada. Ela costumava amar nadar. Quando seu pai a ensinou na piscina comunitária de Thunderbolt, ela até mesmo ganhara um prêmio como a criança mais nova a já desbravar as profundezas sem boias. Mas isso foi há anos. Luce não conseguia nem se lembrar da última vez que tinha nadado. A piscina exterior aquecida da Dover sempre brilhara, tentando-a - mas era fechada para qualquer um que não estivesse no time de natação.

A Treinadora Diante limpou sua garganta. "Talvez você não tenha entendido que isso é uma corrida... e você já está perdendo."

Essa era a “corrida” mais patética e ridícula que Luce já tinha visto, mas isso não impediu seu lado competitivo de aparecer.

“E... você *ainda* está perdendo,” a Treinadora disse, mastigando seu apito.

“Não por muito tempo,” Luce disse.

Ela checou a competição. O cara a sua esquerda estava cuspindo água de sua boca e fazendo um nado livre desajeitado. A sua direita, uma Penn com tampão nasal estava vagarosamente surfando junto, seu estômago descansando em uma pranchinha de espuma rosa.

Por uma fração de segundos, Luce olhou para a multidão nas arquibancadas. Molly e Roland estavam assistindo; Arriane e Gabbe estavam desmoronadas uma em cima da outra em um ataque irritante de risadinhas.

Mas ela não ligava do que elas estavam rindo. Mais ou menos.

Ela tinha ido.

Com seus braços curvados sobre sua cabeça, Luce mergulhou, sentindo suas costas arquearem enquanto ela deslizava na água ondulada. Poucas pessoas podiam fazer isso muito bem, seu pai uma vez explicou para uma Luce de oito anos na piscina. Mas uma vez que você aperfeiçoou o nado borboleta, não havia jeito de se mover mais rápido na água.

Deixando seu aborrecimento a propelir para frente, Luce levantou a parte superior de seu corpo para fora da água. O movimento voltou imediatamente para ela e ela começou a bater seus braços como asas. Ela nadou mais arduamente do que tinha nadado em muito, muito tempo. Se sentindo justificada, ela passou pelos outros nadadores uma vez, depois outra.

Ela estava chegando ao fim de sua oitava volta quando sua cabeça apareceu para fora da água por tempo o bastante para ouvir a voz vagarosa de Gabbe dizer, “Daniel.”

Como uma vela apagada, o ímpeto de Luce desapareceu. Ela colocou seus pés para baixo e esperou para ver o que mais Gabbe tinha a dizer. Infelizmente, ela não conseguiu ouvir mais nada além de um chapinhar ruidoso e, um momento depois, o apito.

“E o vencedor é,” a Treinadora Diante disse com uma expressão assombrada, “Joel Bland.”

O garoto magrelo de aparelho da raia ao lado pulou para fora da piscina e começar a fazer barulho para celebrar sua vitória.

Na raia do lado, Penn parou abruptamente. “O que aconteceu?” ela perguntou a Luce. “Você estava arrasando total com ele.”

Luce deu de ombros. *Gabbe* era o que tinha acontecido, mas quando ela olhou para a arquibancada, Gabbe tinha ido, e Arriane e Molly tinham ido com ela. Somente Roland permanecia onde o grupo estivera, e ele estava imerso em um livro.

A adrenalina de Luce tinha crescido enquanto ela nadava, mas agora ela tinha

caído tanto que Penn teve que ajuda-la a sair da piscina.

Luce observou Roland pular das arquibancadas. “Você estava muito bem lá,” ele disse, jogando-lhe uma toalha e a chave do armário do vestiário que ela tinha perdido.

“Por um tempinho.”

Luce pegou a chave no ar e amarrou a toalha ao seu redor.

Mas antes que ela pudesse dizer algo normal, como "Obrigada pela toalha," ou “Acho que estou simplesmente fora de forma,” esse novo e estranho lado “cabeça-quente” dela, ao invés, simplesmente falou, “O

Daniel e a Gabbe estão juntos ou o quê?”

Grande erro. Enorme. Ela conseguia dizer pelo olhar nos olhos deles que a pergunta dela estava direcionada bem para o Daniel.

“Ah, entendi,” Roland disse, e riu. “Bem, eu não sei dizer ao certo...” Ele olhou para baixo para ela e coçou seu nariz e deu-lhe o que pareceu ser um sorriso solidário.

Então ele apontou na direção da porta do corredor aberto, e quando Luce seguiu seu dedo ela viu a silhueta composta e loira de Daniel passar. “Por que você simplesmente não pergunta a ele?” O cabelo da Luce ainda estava pingando e seus pés ainda estavam descalços quando ela se encontrou pairando na porta de uma enorme sala de musculação. Ela tinha intencionado ir diretamente para o vestiário se trocar e secar. Ela não sabia por que esse negócio com a Gabbe estava balançando ela tanto. Daniel podia ficar com quem ele quisesse, certo?

Talvez Gabbe gostasse de garotos que mostrassem-lhe o dedo do meio. Ou, mais provável, esse tipo de coisa não acontecia com a Gabbe.

Mas o corpo de Luce venceu sua mente quando ele captou outro vislumbre de Daniel. As costas dele estavam voltadas para ela e ele estava de pé em um canto pegando uma corda de pular de uma pilha de emaranhados. Ela observou enquanto ele selecionava uma fina corda azul-marinha com cabos de madeira, então se moveu para um espaço aberto no centro da sala. Sua pele dourada estava quase radiante, e cada movimento que ele fazia, fosse girando seu longo

pescoço para esticar ou se curvando para coçar seu joelho esculpido, fazia Luce ficar completamente extasiada. Ela ficou pressionada contra a porta, alheia de que seus dentes estavam tremendo e sua toalha estava ensopada.

Quando ele levou a corda para trás de seus tornozelos logo antes de começar a pular, Luce foi golpeada com uma onda de déjà vu.

Não era exatamente que ela sentia que tinha visto Daniel pular corda antes, mas mais que a postura que ele tomava parecia inteiramente familiar.

Ele ficou de pé com seus pés a uma distância de quadril, destravou seus joelhos, pressionou seus ombros para baixo enquanto enchia seu peito de ar. Luce quase podia ter desenhado isso.

Foi só quando Daniel começou a girar a corda que Luce saiu do transe... e entrou logo em outro. Nunca em sua vida ela tinha visto outra pessoa se mover como ele. Era quase como se Daniel estivesse voando. A corda passou por cima e sobre sua alta estrutura tão rapidamente que desaparecia, e seus pés – seus graciosos e estreitos pés – eles ao menos estavam tocando o chão? Ele estava se movendo tão rapidamente, mesmo ele não devia estar contando.

Um alto resmungo e uma pancada no outro lado da sala de musculação tirou a atenção de Luce. Todd estava em um amontoado na base de um dos nós das cordas de escalada. Ela sentiu, momentaneamente, pena de Todd, que estava olhando para baixo para suas mãos com bolhas.

Antes que ela pudesse olhar de volta para Daniel para ver se ele tinha notado, uma fria precipitação negra ao redor de sua pele fez Luce tremer. A sombra varreu-a, primeiramente devagar, gelada, tenebrosa, seus limites ocultos. Então, repentinamente bruta, ela golpeou seu corpo e a forçou para trás. A porta para a sala de musculação bateu em sua cara e Luce ficou sozinha no corredor.

“Au!” ela gritou, não exatamente por estar machucada, mas porque ela nunca fora tocada pelas sombras antes. Ela olhou para baixo para seus braços, onde quase parecera que mãos tinham agarrado-a, empurrando-a para fora do ginásio.

Isso era impossível – ela simplesmente tinha estado em um lugar bizarro; um vento muito forte deve ter passado pelo ginásio.

Desconfortável, ela se aproximou da porta fechada e pressionou saeu rosto

contra o pequeno retângulo de vidro.

Daniel estava olhando em volta, como se tivesse ouvindo algo.

Ela tinha certeza que ele não sabia que era ela: Ele não estava fazendo cara feia.

Ela pensou na sugestão de Roland de que ela simplesmente perguntasse a Daniel o que estava acontecendo, mas rapidamente dispensou a ideia. Era impossível perguntar qualquer coisa ao Daniel.

Ela não queria trazer a tona aquela carranca no rosto dele.

Além do mais, qualquer pergunta que ela talvez pudesse apresentar seria inútil. Ela já tinha escutado tudo que precisava escutar ontem a noite. Ela teria que ser algum tipo de sádica para pedir que ele admitisse que estava com a Gabbe. Ela se virou na direção do vestiário quando percebeu que não poderia partir.

Sua chave.

Deve ter escorregado de suas mãos quando ela tropeçou para fora da sala. Ela ficou na ponta dos pés para olhar para baixo pelo pequeno painel de vidro na porta. Ali estava, uma mancada bronze num tapete azul acolchoado. Como tinha ido parar tão longe na sala, tão perto de onde ele estava malhando? Luce suspirou e empurrou a porta para abrir, pensando que se tivesse que entrar, pelo menos ela iria rápido.

Alcançando sua chave, ela roubou uma última olhada nele.

Seu passo estava ficando devagar, devagar, mas seus pés ainda mal tocavam o chão. E então, com um salto, leve-como-o-ar, final, ele parou e virou para encara-la.

Por um momento ele não disse nada. Ela conseguia sentir-se ruborizar e realmente desejou que não estivesse usando um maiô tão horroroso.

“Oi,” foi tudo que ela conseguiu dizer.

“Oi,” ele disse de volta, em um tom de voz muito mais calmo.

Então, gesticulando para o maiô dela, disse, “Você ganhou?” Luce deu um riso

triste e reticente e balançou sua cabeça.

“Bem longe disso.”

Daniel franziu seus lábios. “Mas você sempre foi...”

“Eu sempre fui o quê?”

“Eu quero dizer, você parece que talvez seja uma boa nadadora.” Ele deu de ombros. “Só isso.”

Ela deu um passo na direção dele. Eles estavam a apenas trinta centímetros de distância. Gotas d’água caíram do cabelo dela e tamborilaram como chuva nos tapetes do ginásio. “Não era isso o que você ia dizer,” ela insistiu. “Você disse que eu sempre...” Daniel se ocupou enrolando a corda de pular ao redor de seu pulso. “É, eu não quis dizer *você* você. Eu quis dizer no geral. Eles sempre devem deixar você vencer a sua primeira corrida aqui. Um código de conduta não-falado nosso, os mais velhos.”

“Mas a Gabbe também não ganhou,” Luce disse, cruzando seus braços sobre seu peito. “E ela é nova. Ela nem ao menos entrou na piscina.”

“Ela não é exatamente nova, só está voltando após um tempo... fora.” Daniel deu de ombros, não transparecendo nada de seus sentimentos por Gabbe. Sua tentativa óbvia de tentar parecer despreocupado fez Luce ficar com ainda mais ciúmes. Ela observou ele terminar de enrolar a corda de pular em uma bobina, o jeito que suas mãos moviam-se quase tão rapidamente quanto seus pés. E aqui estava ela, tão desajeitada e solitária e gelada e isolada de tudo por todos.

Seu lábio tremeu.

“Oh, Lucinda,” ele sussurrou, suspirando pesadamente.

Seu corpo todo aqueceu por aquele som. A voz dele era tão íntima e familiar.

Ela queria que ele dissesse seu nome novamente, mas ele tinha se virado. Ele prendeu a corda de pular em um prego na parede.

“Eu deveria ir me trocar antes da aula.”

Ela descansou uma mão no braço dele. “Espera.”

Ele empurrou com violência como se tivesse levado um choque

– e Luce sentiu isso, também, mas era o tipo de choque que é bom.

“Você já teve a sensação...” Ela levantou seus olhos para ele.

De perto, ela conseguia ver como eles eram diferentes. Eles pareciam cinzas de longe, mas de perto havia grãos violeta neles. Ela conhecia outra pessoa com olhos como aqueles...

“Eu podia jurar que nos conhecemos antes,” ela disse. “Estou louca?”

“Louca? Não é por isso que está aqui?” Ele disse, afastando-a.

“Estou falando sério.”

“Eu também.” O rosto de Daniel ficou vazio. “E só para constar” – ele apontou para um dispositivo piscando pregado ao teto –

“os vermelhos monitoram os perseguidores.”

“Eu não estou te *perseguindo*.” Ela endureceu, muito ciente da distância entre seus corpos.

“Você pode dizer honestamente que não faz ideia do que eu estou falando?” Daniel deu de ombros.

“Eu não acredito em você,” Luce insistiu. “Olhe-me nos olhos e diga-me que estou errada. Que nunca na minha vida eu te vi antes dessa semana.”

Seu coração disparou enquanto Daniel dava um passo na direção dela, colocando ambas as mãos em seus ombros. Seus dedões cabiam perfeitamente nas ranhuras de sua clavícula, e ela queria fechar seus olhos ao calor do toque dele – mas ela não fechou. Ela observou enquanto Daniel curvava sua cabeça para que seu nariz quase tocasse o dela. Ela conseguia sentir seu hálito em seu rosto. Ela conseguia sentir um toque de doçura na pele dele.

Ele fez como pedido. Ele olhou-a no olho e disse, muito vagarosamente, muito

claramente, para que suas palavras não pudessem possivelmente ser mal-interpretadas:

“Você nunca, na sua vida, me viu antes dessa semana.” **Capitulo Sete – Emitindo Luz**

“Você vai para onde *agora*?” Cam perguntou, abaixando seu óculos de plástico vermelho.

Ele aparecey do lado de fora da entrada de Augustine tão repentinamente que Luce quase trombou diretamente com ele. Ou talvez ele tenha estado ali por um tempo e ela simplesmente não tinha notado em sua pressa de chegar na aula. De qualquer jeito, seu coração começou a bater rapidamente e suas palmas começaram a suar.

“Hm, aula?” Luce respondeu, porque, onde parecia que ela estava indo? Seus braços estavam cheios, com seus dois livros pesados de cálculo e sua tarefa de religião parcialmente completa.

Essa seria uma boa hora para se desculpar por ir embora tão repentinamente ontem à noite. Mas ela não conseguia se forçar a fazer isso. Ela já estava tão atrasada. Não tivera água quente nos chuveiros do vestiário, então ela tivera que voltar para o dormitório. De algum modo, o que acontecera após a festa não parecia mais importante. Ela não queria chamar ainda mais atenção à sua saída – especialmente não agora, depois do Daniel tê-la feito se sentir tão patética. Ela também não queria que Cam pensasse que ela estava sendo rude. Ela só queria evitá-lo e ficar sozinha, para que pudesse se desvincilhar da série de envergonhamentos dessa manhã.

Exceto que – quanto mais Cam olhava para ela, menos importante parecia ir embora. E menos o orgulho de Luce doía pela recusa de Daniel. Como um olhar do Cam poderia fazer tudo isso?

Com sua pele clara e pálida e cabelo azeviche, Cam era diferente de qualquer cara que ela já conhecera. Ele exalava confiança, e não só porque ele conhecia todo mundo – e como conseguir tudo –

antes que Luce tivesse ao menos descoberto onde suas aulas eram.

Bem ali, parado do lado de fora do prédio da escola monótono e cinza, Cam

parecia com uma fotografia artística em preto-e-branco, suas lentes vermelhas em tecnicolor.

“Aula, hein?” Cam bocejou dramaticamente. Ele estava bloqueando a entrada, e algo no jeito divertido que sua boca estava posicionada faz Luce querer saber que ideia selvagem ele tinha escondida. Havia uma sacola de tela pendurada em seu ombro, e um copo descartável de café expresso entre seus dedos. Ele apertou Stop em seu iPod, mas deixou os fones pendurados ao redor do seu pescoço.

Parte dela queria saber que música ele estivera escutando, e onde ele tinha conseguido aquele café expresso do mercado negro. O sorriso brincalhão visível apenas em seus olhos verdes a desafiavam a perguntar.

Cam tomou um gole superficial do seu café. Levantando seu dedo indicador, ele disse, “Permita-me compartilhar meu lema sobre as aulas da Espada & Cruz: Melhor nunca do que tarde.” Luce riu, e então Cam empurrou seu óculos de volta para o seu nariz. As lentes eram tão escuras, ela não conseguia ver nem um traço de seus olhos.

“Além do mais.” Ele sorriu, relampejando um arco branco de dentes. “É quase almoço, e eu tenho um piquenique.” Almoço? Luce não tinha tomado nem café-da-manhã ainda. Mas seu estômago *estava* rosnando – e a ideia de ser perfurada pelo Sr. Cole por perder todas as aulas da manhã exceto pelos últimos vinte minutos parecia menos e menos atraente quanto mais eu ficava perto do Cam.

Ela assentiu para a sacola que ele estava segurando. “Você empacotou o bastante para dois?” Dirigindo Luce com uma mão ampla na parte debaixo de suas costas, Cam a guiou para as áreas comuns, passou pela biblioteca e o dormitório deplorável. Nos portões de metal para o cemitério, ele parou.

“Eu sei que esse é um lugar esquisito para um piquenique,” ele explicou, “mas é o melhor local que eu conheço para ficar fora de vista por um tempinho. No campus, de qualquer jeito. As vezes eu simplesmente não consigo respirar lá.” Ele gesticulou na direção do prédio.

Luce conseguia definitivamente concordar com isso. Ela se sentia tanto reprimida e exposta quase o tempo todo nesse lugar. Mas Cam parecia a última pessoa que iria partilhar daquela síndrome de aluno novo. Ele era tão... controlado. Depois daquela festa ontem à noite, e agora o café expresso proibido em sua mão, ela nunca adivinharia que ele se sentia sufocado também. Ou que

ele escolheria ela para compartilhar essa sensação.

Por trás da cabeça dele, ela conseguia ver o resto do campus precário. Daqui, não havia muita diferença entre um lado dos portões do cemitério e o outro.

Luce decidiu ir na onda. “Só prometa me salvar se alguma estátua cair.”

“Não,” Cam disse com uma seriedade que apagou efetivamente sua piada. “Isso não acontecerá novamente.”

Os olhos dela caíram no local onde, apenas alguns dias antes, ela e Daniel tinham chegado perto deles próprios terminarem no cemitério. Mas o anjo de mármore que tinha caído sobre eles tinha desaparecido, seu pedestal vazio.

“Vamos,” Cam disse, arrastando-o junto com ele. Eles evitaram retalhos abandonados de ervas daninhas, e Cam ficava se virando para ajudá-la a passar por montículos de terra desenterrados por sabe Deus quem.

Numa hora, Luce quase perdeu seu equilíbrio e se agarrou à uma das lápides para se firmar. Era uma laje ampla e polida com um lado áspero e inacabado.

“Eu sempre gostei dessa,” Cam disse, gesticulando para a lápide rosada sob seus dedos. Luce cruzou até a frente do terreno para ler a inscrição.

“‘Joseph Miley’,” ela leu em voz alta. “‘1821 a 1865. Serviu bravamente na Guerra da Agressão do Norte*. Sobreviveu a três balas e a cinco cavalos caídos em cima dele antes de encontrar sua paz final’.”

* é assim que os sulistas dos Estados Unidos se referem à Guerra Civil.

Luce estralou suas juntas. Talvez Cam só gostasse porque sua pedra rosada polida se destacava entre quase todas as cinzas? Ou por causa dos complexos verticílios pelo topo? Ela ergueu uma sobrancelha para ele.

“É.” Cam deu de ombros. “Eu simplesmente gosto de como a lápide explica o jeito que ele morreu. É honesto, sabe? Geralmente, as pessoas não querem falar sobre isso.”

Luce desviou o olhar. Ela sabia isso muito bem pelo epigrafo inescrutável na lápide do Trevor.

“Pense no quando mais interessantes esse lugar seria se a causa da morte de todo mundo fosse revelada.” Ele apontou para um pequeno túmulo a alguns lotes do de Joseph Miley. “Como você acha que ela morreu?”

“Hm, escarlatina?” Luce adivinhou, vagueando. Ela traçou as datas com seus dedos. A garota enterrada aqui era mais nova do que Luce quando morrera. Luce não queria realmente pensar muito em como poderia ter acontecido.

Cam inclinou sua cabeça, considerando. “Talvez,” ele disse.

“Ou isso ou um incêndio misterioso no celeiro enquanto a jovem Betsy estava tirando uma ‘soneca’ inocente com o vizinho.” Luce começou a fingir estar ofendida, mas ao invés, o rosto esperançoso a fez rir. Fazia tanto tempo desde que ela tinha simplesmente se divertido com um cara. Claro, essa cena era um pouco mais mórbida do que os típicos flertes no estacionamento de um cinema ao quais ela estava acostumada, mas também eram os estudantes na Espada & Cruz. De um jeito ou de outro, Luce era um deles agora.

Ela seguiu Cam para o fundo de um cemitério no formato de tigela e para tumbas e mausoléus mais ornado. Na inclinação acima, as lápides pareciam estar olhando para baixo para eles, como se Luce e Cam fossem artistas em um anfiteatro. O sol do meio dia brilhava laranja através de folhas de um carvalho vivo gigante no cemitério, e Luce tampou seus olhos com suas mãos. Era o dia mais quente que eles tinham tido na semana toda.

“Agora, esse cara,” Cam disse, apontando para uma tumba enorme emoldurada por colunas de ordem coríntia. “Um desertor total.

Ele sufocou quando uma viga caiu em seu porão. O que te mostra, nunca se esconda de uma captura dos Confederados.”

“É mesmo?” Luce perguntou. “Me lembre o que te faz o especialista sobre tudo isso?” Mesmo enquanto ela provocava-o, Luce se sentia estranhamente privilegiada por estar aqui com Cam. Ele ficava olhando para ela para se certificar de que ela estava sorrindo.

“É só um sexto sentido.” Ele relampejou seu sorriso enorme e inocente. “Se gosta disso, tem um sétimo sentido, e um oitavo sentido, e um nono sentido de onde esse vem.”

“Impressionante.” Ela sorriu. “Eu me satisfarei com o sentido do paladar agora. Estou morrendo de fome.”

“Ao seu serviço.” Cam puxou uma coberta de sua sacola e a esticou em um pedaço de sombra sob o carvalho vivo. Ele abriu a garrafa térmica e Luce conseguiu sentir o cheiro de café expresso forte.

Ela geralmente não bebia seu café preto, mas ela observou enquanto ele enchia um copo com gelo, serviu o café expresso, e acrescentou exatamente a quantidade certa de leite em cima. “Eu esqueci de trazer o açúcar,” ele disse.

“Eu não bebo com açúcar.” Ela tomou um gole do café gelado ultra-seco, seu primeiro gole deliciosos da cafeína proibida da Espada & Cruz em toda a semana.

“Que sorte,” Cam disse, espalhando o resto do piquenique. Os olhos de Luce alargaram-se enquanto ela observava-o arrumar a comida: uma baguete marrom-escura, uma rodela pequena de queijo fedorento, um pote de azeitonas laranja amarronzado, uma tigela de ovos apimentados, e duas maças verdes brilhantes. Não parecia possível que Cam tivesse enfiado tudo isso em sua sacola – ou se ele estivera planejando comer toda essa comida sozinho.

“Onde conseguiu isso?” Luce perguntou. Fingindo se focar em despedaçar um pedaço grande de pão, ela perguntou, “E com quem você estava planejando um piquenique antes de eu aparecer?”

“Antes de você aparecer?” Cam riu. “Eu mal consigo me lembrar da minha triste vida antes de você.”

Luce lançou-lhe um ligeiro olhar depreciativo para que ele soubesse que ela achou a observação dele incrivelmente brega... e só um pouquinhozinho charmosa. Ela se reclinou em seus cotovelos no cobertor, suas pernas cruzadas nos tornozelos. Cam estava sentado de pernas cruzadas a encarando, e quando ele se esticou na direção dela para pegar a faca do queijo, seu braço roçou, então descansou, no joelho da calça jeans preta dela. Ele olhou para ela, como se para perguntar, *Tudo bem?*

Quando ela não recuou, ele ficou ali, pegando o pedaço grande de baguete da mão dela e usando a perna dela como um tampo de mesa enquanto ele espalhava um triângulo de queijo no pão. Ela gostava da sensação do peso dele nela, e

nesse calor, isso era dizer muito.

“Eu vou começar com a pergunta mais fácil primeiro,” ele disse, finalmente se sentando. “Eu ajudo na cozinha alguns dias por semana. Parte do meu acordo de readmissão na Espada & Cruz. Eu devia estar ‘devolvendo.’” Ele revirou seus olhos. “Mas eu não me incomodo de estar lá. Acho que eu gosto do calor. Isso é, se você não contar as queimaduras de gordura." Ele mostrou seus punhos virados para cima para expor dúzias de minúsculas cicatrizes em seus antebraços, “Perigos do trabalho,” ele disse casualmente. “Mas eu gerencio a dispensa.” Luce não conseguiu resistir a correr seus dedos por elas, os inchaços pálidos infinitesimais desbotando em sua pele ainda mais pálida. Antes que ela pudesse se sentir envergonhada por sua audácia e recuar, Cam agarrou sua mão e apertou.

Luce encarou os dedos dele entrelaçados ao redor dos dela. Ela não tinha percebido antes o quanto os tons das peles deles combinavam acuradamente. Em um cenário de sulistas bronzeados, a palidez de Luce sempre a deixara auto-consciente. Mas a pele de Cam era tão impressionante, tão notável, quase metálica - e agora ela percebeu que poderia parecer a mesma coisa para ele. Os ombros dela estremeceram e ela se sentiu um pouco tonta.

“Você está com frio?” ele perguntou silenciosamente.

Quando ela encontrou com os olhos dele, ela sabia que ele sabia que ela não estava com frio.

Ele se aproximou no cobertor e abaixou sua voz para um sussurro. “Agora eu acho que você vá querer que eu admita que eu vi você cruzando o quadrângulo através da janela da cozinha e empacotei tudo isso na esperança de convence-la a matar aula comigo?” Agora seria quando ela teria pescado o gelo em sua bebida, se já não tivesse derretido no calor fedorento de setembro.

“E você fez esse esquema toda de um piquenique romântico,” ela terminou. “No cenário de um cemitério?”

“Ei.” Ele correu um dedo pelo lábio inferior dela. “Você é quem está trazendo o romance à tona.” Luce recuou. Ele estava certo – fora ela quem presumira... pela segunda vez no dia. Ela conseguia sentir suas bochechas queimando enquanto tentava *não* pensar em Daniel.

“Estou brincando,” ele disse, balançando sua cabeça para o olhar chocado no

rosto dela. “Como se não fosse óbvio.” Ele olhou para um urubu-de-cabeça-vermelha circulando uma grande estátua branca no formato de um canhão. “Eu sei que aqui não é nenhum Éden,” ele disse, jogando uma maça para Luce, “mas simplesmente finja que estamos numa música dos Smith. E para meu crédito, não é como se tivesse muito com que se trabalhar nessa escola.” E isso pegando leve.

“Do meu ponto de vista,” Cam disse, reclinando-se no cobertor, “localização é insignificante.”

Luce lançou-lhe um olhar duvidoso. Ela também desejou que ele não tivesse recuado, mas ela era tímida demais para se aproximar quando ele reclinava.

“Onde eu cresci” ele pausou “as coisas não eram tão diferentes do estilo de vista penitenciário da Espada & Cruz. O resultado é que eu estou oficialmente imune ao meu arredor.”

“De jeito nenhum.” Luce balançou sua cabeça. “Se eu te desse uma passagem de avião para a Califórnia agora mesmo, você não ficaria totalmente animado de cair fora daqui?”

“Hmm... indulgentemente indiferente,” Cam disse, enfiando um ovo apimentado em sua boca.

“Eu não acredito em você.” Luce deu-lhe um empurrão.

“Então você deve ter tido uma infância *feliz*.” Luce mordeu a pele verde mastigável da maça e lambeu o suco escorrendo de seus dedos. Ela percorreu um catálogo mental de todos as franzidas parentais, as visitas a médicos, e mudanças escolares de sua infância, as sombras negras pairando como uma mortalha sobre tudo. Não, ela não diria que teve uma infância feliz. Mas se Cam não conseguia nem ao menos ver uma saída da Espada & Cruz, algo mais esperançoso no horizonte, então talvez a dele tenha sido pior.

Houve um farfalhar aos pés deles e Luce se encolheu quando uma grossa cobra verde e amarela deslizou. Tentando não chegar muito perto, ela ficou de joelhos e espiou-a. Não só uma cobra, mas uma cobra no meio da troca de pele. Um invólucro translúcido estava saindo de sua cauda. Tinha cobras por toda a Geórgia, mas ela nunca tinha visto uma se trocar.

“Não grite,” Cam disse, descansando uma mão no joelho de Luce. O toque dele fez Luce se sentir mais a salvo. “Ela seguirá se simplesmente a deixarmos em paz.”

Não podia demorar mais. Luce queria muito gritar. Ela sempre odiara e temera cobras. Elas eram simplesmente tão escorregadias e escamosas e... “Ui.” Ela estremeceu, mas não conseguiu tirar seus olhos da cobra até que tivesse desaparecido na grama alta.

Cam sorriu forçadamente enquanto pegava a pele caída e a colocava na mão dela. Ainda parecia viva, como a pele fresca de um bulbo de alho que seu pai tinha colhido de seu jardim. Mas tinha acabado de sair de uma cobra. Nojento. Ela a jogou de volta no chão e limpou suas mãos na sua calça jeans.

“Vamos, você não achou que era bonitinho?”

“A minha tremedeira revelou isso?” Luce já estava se sentindo um tanto envergonhado pelo quanto ela deve ter parecido uma criança.

“E quanto a fé no poder da transformação?” Cam perguntou, dedilhando a pele caída. “É por isso que estamos aqui, afinal.” Cam tinha tirado seu óculos de sol. Seus olhos esmeralda estavam tão confiantes. Ele estava naquela pose imóvel inumana novamente, esperando que ela respondesse.

“Estou começando a achar que você é um pouquinhozinho estranho,” ela disse finalmente, dando um pequenino sorriso.

“Ah, e só pense no quanto mais há para se conhecer sobre mim,” ele respondeu, inclinando-se para mais perto. Mais perto do que ele estivera quando a cobra chegou. Mais perto do que ela estivera esperando que ele chegasse. Ele esticou sua mão e correu seus dedos lentamente pelo cabelo dela. Luce ficou tensa.

Cam era lindo e intrigante. O que ela não conseguia entender era como, quando ela devia estar uma pilha de nervos – como bem agora – ela ainda, de algum modo, se sentia confortável. Ela queria estar exatamente onde estava. Ela não conseguia tirar seus olhos dos lábios dele, que eram cheios e rosados e estavam se movendo mais para perto, fazendo-a se sentir ainda mais tonta.

O ombro dele roçou o dela e ela sentiu um estranho tremor no fundo de seu peito. Ela observou enquanto Cam separou seus lábios.

Então ela fechou seus olhos. “Aí tão vocês!” Uma voz sem fôlego tirou Luce diretamente do momento.

Luce soltou um suspiro exasperado e desviou sua atenção para Gabbe, que estava parada diante deles com um rabo-de-cavalo alto e lateral, e um sorriso distraído em seu rosto.

“Eu procurei por *todo o lugar*.”

“Por que diabos você faria isso?” Cam olhou feio para ele, ganhando mais alguns pontos com Luce.

“O cemitério foi o último lugar em que pensei,” Gabbe tagarelou, contando em seus dedos. “Eu chequei seus dormitórios, então debaixo das arquibancadas, então–”

“O que você *quer*, Gabbe?” Cam a cortou, como um irmão, como se se conhecessem por muito tempo.

Gabbe pestanejou, então mordeu seu lábio. “Foi a Senhorita Sophia,” ela disse finalmente, estalando seus dedos. “É mesmo. Ela ficou frenética quando Luce não apareceu na aula. Ficou falando como você era uma estudante tão promissora e tudo.”

Luce não conseguia decifrar essa garota. Ela era genuína e estava simplesmente seguindo ordens? Ela estava zombando da Luce por ter feita uma boa impressão com uma professora? Não era o bastante para ela ter Daniel na palma da mão - ela tinha que dar em cima do Cam agora, também?

Gabbe deve ter pressentido que estava interrompendo algo, mas ela simplesmente ficou parada lá pestanejando seus grandes olhos de corça e torcendo uma mecha de cabelo loiro ao redor de seu dedo.

“Bem, vamos,” ela disse finalmente, esticando as duas mãos para ajudar Luce e Cam a se levantarem. “Vamos te levar de volta para a aula.”

***

“Lucinda, você pode ficar na estação três,” a Senhorita Sophia disse, olhando para baixo para uma folha de papel quando Luce, Cam, e Gabbe entraram na

biblioteca. Nada de *Onde você esteve?* Nada de desconto de pontos pelo atraso. Só a Senhorita Sophia, distraidamente colocando Luce perto de Penn na seção do laboratório de computação da biblioteca. Como se ela nem ao menos tivesse notado que Luce não estava lá.

Luce lançou um olhar acusatório para Gabbe, mas ela simplesmente deu de ombros para Luce e balbuciou, “O quê?”

“Ondevocêesteve?” Penn exigiu assim que ela sentou. A única pessoa que pareceu ter notado que ela não estivera lá.

Os olhos de Luce acharam Daniel, que estava praticamente enterrado em seu computador na estação sete. De seu assento, tudo que Luce conseguia ver dele era a auréola loira do cabelo dele, mas era o bastante para trazer um rubor à suas bochechas. Ela afundou ainda mais em sua cadeira, envergonhada novamente pela conversa dos dois no ginásio.

Mesmo depois de todas as risadas e sorrisos e aquele potencial quase beijo que ela tinha acabado de partilhar com Cam, ela não conseguia calar o que sentiu quando viu Daniel.

E eles nunca iam ficar juntos.

Essa era a essência do que ele tinha dito a ela no ginásio.

Depois dela basicamente ter se jogado em cima dele.

A rejeição a cortou tão profundamente, tão perto do seu coração, que ela teve certeza de que todos ao redor dela podiam olhar para ela e saber exatamente o que tinha acontecido.

Penn estava batendo seu lápis impacientemente na mesa de Luce. Mas Luce não sabia como explicar. Seu piquenique com Cam tinha sido interrompido por Gabbe antes que Luce tivesse ao menos sido capaz de realmente achar um sentido no que estava acontecendo.

Ou prestes a acontecer. Mas o que era estranho, e o que ela não conseguia entender, era por que tudo isso parecia tão menos importante do que o que tinha acontecido no ginásio com Daniel.

A Senhorita Sophia ficou de pé no meio do laboratório de computação, estalando seus dedos no ar como uma professora de jardim para conseguir a atenção de seus estudantes. Suas pilhas de braceletes prata batiam como sinos.

“Se algum de vocês já tiver traçado a sua própria árvore genealógica,” ela falou alto sobre o barulho da multidão, “então você saberá que tipos de tesouro estão escondidos nas raízes.”

“Ah, meu, por favor mate essa metáfora,” Penn sussurrou. “Ou me mate. Um ou outro.”

“Vocês terão um acesso de vinte minutos a Internet para começar a pesquisar sobre a sua própria árvore genealógica,” a Senhorita Sophia disse, batendo num cronômetro. “Uma generação dá aproximadamente vinte a vinte cinco anos, então tenham como objetivo voltar pelo menos seis gerações.”

Gemido.

Um suspiro audível irrompeu na estação sete – Daniel.

A Senhorita Sophia virou-se para ele. “Daniel? Você tem algum problema com essa tarefa?”

Ele suspirou novamente e deu de ombros. “Não, não mesmo.

Tudo bem. Minha árvore genealógica. Deve ser interessante.” A Senhorita Sophia inclinou sua cabeça escarnecedoramente.

“Eu tomarei essa informação como uma confirmação entusiasmada.” Dirigindo-se para a sala novamente, ela disse, “Tenho certeza de que acharão uma linha que valerá a pena perseguir numa pesquisa de dez a quinze páginas.”

Luce não poderia possivelmente se focar nisso agora. Não quando tinha tanto mais para se processar. Ela e Cam no cemitério.

Talvez não tenha sido a definição padrão de romântico, mas Luce quase preferia isso desse jeito. Era como nada que ela já tinha feito antes.

Matar aula para perambular por todos aqueles túmulos. Partilhar aquele piquenique, enquanto ele reenchia seu latte perfeitamente feito.

Zombando do medo dela de cobras. Bem, ela podia ter passado sem todo aquele desenvolvimento da cobra, mas pelo menos Cam fora doce em relação a isso. Mais doce do que Daniel fora a semana toda.

Ela odiava admitir isso, mas era verdade. Daniel não estava interessado.

Cam, por outro lado... Ela o estudou, a algumas estações a distância. Ele piscou para ela antes que começasse a trabalhar no seu teclado. Então, ele gostava dela. Callie não iria ser capaz de calar a boca sobre como ele estava tão obviamente a fim dela.

Ela queria ligar para Callie agora, sair correndo dessa biblioteca e deixar sua tarefa sobre a árvore genealógica para mais tarde. Falar sobre outro cara era o jeito mais rápido - talvez o único - de tirar Daniel da sua cabeça. Mas havia aquela política telefônica horrível na Espada & Cruz, e todos os outros estudantes ao redor dela, que pareciam tão diligentes.

Os minúsculos olhos da Senhorita Sophia procuravam na sala por procrastinadores.

Luce suspirou, vencida, e abriu o mecanismo de pesquisa no seu computador. Ela estava presa aqui por mais vinte minutos – sem nenhuma celular cerebral dedicada a sua tarefa. A última coisa que ela queria era aprender sobre sua própria família tediosa. Ao invés, seus dedos apáticos começaram a digitar treze letras inteiramente por conta própria.

“Daniel Grigori.”

Buscar.

Capitulo Oito – Um Mergulho Profundo Demais

Quando Luce atendeu à batida em sua porta na manhã de sábado, Penn caiu em seus braços.

“Era de se esperar que eu aprendesse algum dia que as portas abrem pra dentro,” ela desculpou-se, ajeitando seus óculos. “Tenho que me lembrar de parar de me inclinar nos olhos mágicos. Belo local, a propósito,” ela acrescentou, olhando ao redor. Ela cruzou até a janela sobre a cama de Luce. “Não é uma má vista, fora as barras e tudo.” Luce ficou de pé atrás dela, olhando para o cemitério e, a plena

vista, o carvalho vivo onde ela fizera o piquenique com Cam. E, invisível daqui, mas claro em sua cabeça, o lugar onde ela ficara esmagada sob a estátua com Daniel. O anjo vingador que tinha desaparecido misteriosamente após o acidente.

Lembrando-se dos olhos preocupados de Daniel quando ele tinha sussurrado seu nome naquele dia, o toque próximo de seus narizes, o jeito como ela tinha sentido as pontas dos dedos dele em seu pescoço – tudo isso a fazia se sentir quente.

E patética. Ela suspirou e se afastou da janela, percebendo que Penn tinha se movido também.

Ela estava pegando coisas da mesa de Luce, dando a cada uma das posses de Luce um exame detalhe cuidadoso. O peso de papel da Estátua da Liberdade que seu pai tinha trazido de uma conferência na NYU*, a foto de sua mãe com um permanente hilário de tão ruim quando ela tinha aproximadamente a idade de Luce, o epônimo CD de Lucinda Williams que Callie tinha dado-a como presente de partida antes mesmo que Luce tivesse ouvido o nome Espada & Cruz.

* Universida de Nova York

“Onde estão os seus livros?” ela perguntou a Penn, querendo desviar de uma viagem pela rua das lembranças. “Você disse que estava vindo estudar.”

Nessa hora, Penn tinha começado a remexer em seu guarda-roupa. Luce observou enquanto ela rapidamente perdia interesse nas variações do estilo de camisetas e suéteres pretos do código de vestimenta. Quando Penn se moveu na direção das gavetas de sua penteadeira, Luce deu um passo para frente para interceptar.

“Está bem, isso é o bastante, Bisbilhoteira,” ela disse. “Não tem uma pesquisa que devíamos estar fazendo sobre as árvores genealógicas?”

“Falando em bisbilhotar.” os olhos de Penn cintilaram. “Sim, há uma pesquisa que deveríamos estar fazendo. Mas não a que você está pensando.”

Luce encarou-a inexpressivamente. “Hein?”

“Olha.” Penn colocou sua mão no ombro de Luce. “Se você realmente quiser saber sobre Daniel Grigori–”

“Shhh!” Luce sibilou, pulando para fechar sua porta. Ela enfiou sua cabeça no corredor e escaneou a cena. A barra parecia limpa

– mas isso não significava nada.

As pessoas nessa escola tinham uma maneira suspeita de aparecer do nada. Cam em particular. E Luce morreria se ele – ou qualquer um – descobrisse o quanto ela estava enamorada pelo Daniel.

Ou, a essa altura, qualquer um, exceto a Penn.

Satisfeita, Luce fechou e trancou a porta e se virou para sua amiga. Penn estava sentada de pernas cruzadas na beira da cama de Luce. Ela parecia divertida.

Luce prendeu suas mãos atrás de suas costas e afundou seus dedos no tapete vermelho circular perto de sua porta. “O que te faz achar que eu quero saber algo sobre ele?”

“Me dá um tempo,” Penn disse, rindo. “A, é totalmente óbvio que você encara o Daniel Grigori o tempo todo.”

“Shhh!” Luce disse novamente.

“B,” Penn disse, não abaixando sua voz, “eu te observei persegui-lo online por uma aula inteira no outro dia. Me processa – mas você estava sendo totalmente descarada. E C, não fique toda paranóica.

Você acha que eu fofoco com alguém nessa escola além de você?” Penn tinha mesmo razão.

“Só estou dizendo,” ela continuou, “assumindo que, hipoteticamente, você quisesse saber mais sobre uma certa pessoa sem nome, você podia concebivelmente procurar numa árvore mais frutífera.” Penn deu de ombros. “Sabe, se você tivesse ajuda.”

“Estou escutando,” Luce disse, afundando na cama. Sua pesquisa na internet no outro dia se resumira a digitar, então deletar, então digitar novamente o nome de

Daniel no campo de pesquisa.

“Esperava que você dissesse isso,” Penn disse. “Eu não trouxe livros comigo hoje porque eu vou te dar”– ela arregalou seus olhos patetamente – “uma excursão guiada no covil subterrâneo altamente fora dos limites do escritório de registros da Espada & Cruz!” Luce fez careta. “Eu não sei. Espiar os arquivos do Daniel? Eu não se preciso de outra razão para me sentir como uma perseguidora louca.”

“Ha.” Penn relinchou. “E sim, você acabou de dizer isso em voz alta. Vamos, Luce. Será divertido. Além do mais, o que mais você vai fazer numa manhã perfeitamente ensolarada de sábado?” Era um belo dia – precisamente o tipo de belo que fazia você se sentir solitária se não tivesse nada divertido planejado ao ar livre. No meio da noite, Luce sentira um vento frio pela sua janela aberta, e quando ela acordara essa manhã, o calor e a umidade não tinham desaparecido.

Ela costumava passar esses preciosos dias do começo do outono andando na trilha de bicicleta da vizinhança com seus amigos.

Isso fora antes de ela começar a evitar a trilha da floresta por causa das sombras que nenhuma das outras garotas via. Antes que seus amigos a fizeram se sentar durante o recesso e disseram que seus pais não queriam mais que eles a convidassem para ir em suas casas, no caso dela ter um incidente.

A verdade era que Luce tinha ficado um pouco em pânico sobre como passaria esse primeiro final de semana na Espada & Cruz.

Nada de aulas, nada de exames físicos aterrorizantes, nada de eventos sociais na lista. Somente quarenta e oito horas intermináveis de tempo livre. Uma eternidade. Ela tinha tido uma sensação enjoada de saudades de casa a manhã toda - até Penn aparecer.

“Está bem.” Luce tentou não rir quando disse, "Me leve ao seu covil secreto."

Penn praticamente saltitava enquanto levava Luce pela grama esmagada da área comum até o salão principal perto da entrada da escola. “Você não sabe quanto tempo eu esperei em trazer um parceiro no crime aqui embaixo comigo.”

Luce sorriu, feliz que Penn estava mais focada em ter uma amiga com quem explorar do que estava em, bem, essa... coisa que Luce tinha por Daniel.

No fim da área comum, eles passaram por alguns garotos descansando nas arquibancadas no claro sol de tarde da manhã. Era estranho ver cor no campus, naqueles estudantes que Luce identificava tanto com a cor preta. Mas lá estava Roland com um short de futebol verde-lima, driblando uma bola entre seus pés. E Gabbe com sua blusa de guingão roxa abotoada. Jules e Phillip – o casal das línguas furadas

– estavam desenhando nos joelhos dos jeans desbotados um do outro.

Todd Hammond sentava-se distante do resto dos garotos nas arquibancadas, lendo uma história em quadrinhos com uma camiseta de camuflagem. Até mesmo a regata e o short cinza de Luce pareciam mais vibrantes do que qualquer coisa que ela tinha usado a semana toda.

A Treinadora Diante e a Albatroz estavam cuidando do gramado e tinham colocado duas cadeiras de jardim de plástico e um guarda-sol desconjuntado no fim da área comum. Tirando a parte quando apagavam seus cigarros na grama, elas podiam estar dormindo por trás de seus óculos de sol escuros. Elas pareciam absolutamente entediadas, tão aprisionadas por seus trabalhos quanto os acusados que estavam monitorando.

Havia muitas pessoas na área comum, mas enquanto ela seguia perto de Penn, ela ficou feliz de ver que não havia ninguém perto do salão principal. Ninguém tinha dito nada para Luce sobre passar dos limites de áreas restritas, ou mesmo quais áreas eram restritas, mas ela tinha certeza que Randy encontraria uma punição apropriada.

“E quanto aos vermelhos?” Luce perguntou, se lembrando das câmeras onipresentes.

“Eu simplesmente coloquei umas baterias descarregadas em algumas dela no caminho até seu quarto,” Penn disse, no mesmo tom de voz indiferente que outra pessoa usaria para dizer “Eu acabei de encher o carro com gasolina.”

Penn deu um olhar varredor ao redor antes de dirigir Luce para a entrada traseira do prédio principal e por três degraus íngremes para baixo para uma porta de cor azeitonada não visível do nível do solo.

“Esse porão é da época da Guerra da Secessão também?” Luce perguntou. Parecia uma entrada para o tipo de lugar onde você dava para esconder alguns

prisioneiros de guerra.

Penn deu uma cheirada longa e dramática no ar úmido. “A raiz de mal-odor responde a sua pergunta? Isso aqui é um mofo anterior à guerra.” Ela sorriu sarcasticamente para Luce. “A maioria dos estudantes se ajoelharia pela chance de inalar um ar tão célebre.” Luce tentou não respirar pelo nariz enquanto Penn pegava um amontoado de chaves seguradas por uma passadeira gigante digno de loja de ferragens. “Minha vida seria tão mais fácil se eles fizessem uma chave mestra para esse lugar,” ela disse, procurando no sortimento e finalmente puxando uma fina chave de prata.

Quando a chave virou na fechadura, Luce sentiu um tremor inesperado de animação.

Penn estava certa – isso era muito melhor do que mapear nossa árvore genealógica.

Eles andaram uma pequena distância num corredor quente e úmido cujo teto era apenas alguns centímetros mais alto que a cabeça deles. O ar estragado cheirava como se algo tivesse morrido ali, e Luce ficou quase feliz pelo cômodo ser escuro demais para ver claramente o chão. Bem quando ela estava começando a se sentir claustrofóbica, Penn pegou outra chave que abria uma porta pequena, mas muito mais moderna. Elas mergulharam nela, então foram capazes de ficar de pé no outro lado.

Dentro, o escritório de registros fedia a mofo, mas o ar parecia muito mais frio e seco.

Estava negro como breu, exceto pelo brilho vermelho fraco do sinal de SAÍDA sobre suas cabeças.

Luce conseguia distinguir a silhueta robusta de Penn, suas mãos tateando o ar.

“Onde está aquela corda?” ela resmungou. “Aqui.” Com um empurrão gentil, Penn ligou uma lâmpada incandescente descoberta pendurada no teto por uma corrente de elos de metal. O cômodo ainda estava turvo, mas agora Luce conseguia ver que as paredes de cimento também estavam pintadas de verde oliva e alinhadas com pesadas prateleiras de metal e fichários. Dúzias de caixas de papelão tinham sido entulhadas nas prateleiras, e as fileiras entre os fichários parecia se esticar para sempre. Tudo estava coberto por um feltro espesso de

poeira. A luz do sol do lado de fora repentinamente parecia muito distante. Mesmo Luce sabendo que eles estavam apenas a uma escadaria do chão, podia muito bem ser a um quilômetro. Ela roçou seus braços nus. Se ela fosse uma sombra, esse porão era exatamente onde ela estaria. Não havia sinais delas ainda, mas Luce sabia que isso não era uma razão boa o bastante para se sentir segura.

Penn, inabalada pela melancolia do porão, arrastou uma banqueta com degrau do canto.

“Uau,” ela disse, puxando-o atrás de si enquanto andava. “Algo está diferente. Os registros costumavam ficar bem aqui... Eu acho que eles fizeram uma limpezinha geral desde a última vez que eu me intrometi aqui.”

“Há quanto tempo foi isso?” Luce perguntou.

“Cerca de uma semana...” A voz de Penn se dissipou enquanto ela desaparecia na escuridão atrás de um fichário alto.

Luce não conseguia imaginar para que a Espada & Cruz poderia precisar de todas essas caixas. Ela levantou uma tampa e puxou um arquivo espesso etiquetado MEDIDAS CORRETIVAS. Ela engoliu secamente. Talvez fosse melhor que ela não soubesse.

“Está em ordem alfabética por estudante,” Penn chamou. Sua voz soava abafada e distante. “E, F, C... aqui estamos nós, Grigori.” Luce seguiu o som de papelada farfalhando por uma fileira estreita e logo encontrou Penn com uma caixa apoiada em seus braços, lutando sob seu peso. O arquivo de Daniel estava enfiado sob seu queixo. “É tão fino,” ela disse, levantando seu queixo ligeiramente para que Luce pudesse pegá-lo. “Normalmente, há muito mais, hm...” Ela olhou para cima para Luce e mordeu seu lábio. “Está bem, agora eu sôo como uma perseguidora maluca. Vamos simplesmente ver o que tem dentro.”

Havia apenas uma única página no arquivo de Daniel. Uma cópia em preto e branco do que deveria ter sido sua foto da carteirinha de estudante estava colada no alto do canto direito. Ele estava olhando diretamente para a câmera, para Luce, um sorriso desbotado em seus lábios. Ela não conseguiu evitar sorrir de volta. Ele parecia exatamente o mesmo que naquela noite quando – bem, ela não conseguia pensar exatamente quando. A imagem de sua expressão estava tão penetrante em sua mente, mas ela não conseguia reconhecer onde ela a havia

visto.

“Deus, ele não parece exatamente o mesmo?” Penn interrompeu os pensamentos de Luce. “E olhe a data. Essa foto foi tirada há três anos quando ele veio para Espada & Cruz."

Devia ser isso que Luce estivera pensando... que Daniel parecia o mesmo de agora. Mas ela sentira que estivera pensando - ou prestes a pensar – em algo diferente, só que agora ela não conseguia se lembrar o que era.

“Pais: desconhecidos,’” Penn leu, com Luce inclinando-se sobre seu ombro. “Guardião: Orfanato do Condado de Los Angeles.’”

“Orfanato?” Luce perguntou, pressionando sua mão em seu coração.

“É só isso que tem. Todo o resto listado aqui é o seu–"

“Histórico criminal,” Luce terminou, lendo adiante.

“Vagabundear em um banco público tarde... vandalismo com um carrinho de compras... andar fora da faixa.”

Penn alargou seus olhos para Luce e engoliu uma risada.

“Loverboy Grigori foi preso por andar fora da faixa? Admita, isso é engraçado.”

Luce não gostava de imaginar Daniel sendo preso por nada.

Ela gostava ainda menos que, de acordo com a Espada & Cruz, a vida inteira dele somava um pouco mais do que uma lista de contravenções.

Todas essas caixas de papelada aqui embaixo, e isso era tudo que tinha sobre o Daniel.

“Tem que ter mais,” ela disse.

Passos acima. Os olhos de Luce e Penn foram para o teto.

“O escritório principal,” Penn sussurrou, puxando um lenço de papel de dentro de sua manga para assoar seu nariz. “Pode ser qualquer um.

Mas ninguém irá descer aqui, confie em mim.”

Um segundo mais tarde, uma porta bem nos fundos dentro do cômodo abriu rangendo, e uma luz de um corredor iluminou a escadaria. Um som de sapatos começou a descer. Luce sentiu o aperto de Penn nas costas de sua camiseta, puxando-a contra a parede atrás de um estante de livros. Elas esperaram, segurando suas respirações e apertando o arquivo de Daniel pego ilegalmente em suas mãos. Elas foram tão, tão pegas no flagra.

Luce estava com seus olhos fechados, esperando o pior, quando um cantarolar assombroso e melódico encheu o cômodo.

Alguém estava cantando.

“Doooo da da da dooo,” uma voz feminina sussurrava suavemente. Luce suspendeu seu pescoço entre duas caixas de arquivos e conseguiu ver uma magra mulher mais velha com uma pequena lanterna presa em sua testa como um mineirador. Senhorita Sophia. Ela carregava duas caixas largas, uma empilhada em cima da outra, assim a única parte dela que estava visível era sua testa brilhante. Seus passos aéreos faziam parecer como se as caixas estivessem cheias de penas ao invés de arquivos pesados.

Penn agarrou a mão de Luce enquanto elas observavam a Senhorita Sophia colocar as caixas de arquivos numa prateleira vazia.

Ela tirou uma caneta para escrever algo em seu caderno.

“Só mais algumas,” ela disse, então algo baixinho que Luce não conseguiu ouvir. Um segundo mais tarde, a Senhorita Sophia deslizava de volta pela escada, indo embora tão rapidamente quanto tinha aparecido. Seu cantarolar permaneceu por apenas um instante em seu rastro.

Quando a porta fechou, Penn soltou um trago enorme de ar.

“Ela disse que tinham mais. Ela provavelmente vai voltar.”

“O que fazemos?” Luce perguntou.

“Você escapa pela escada,” Penn disse, apontando. “Vira a esquerda no alto e estará bem no escritório principal. Se alguém te ver, você pode dizer que estava

procurando um banheiro.”

“E quanto a você?”

“Eu guardarei o arquivo do Daniel e te encontrarei na arquibancada. A Senhorita Sophia não ficará desconfiada se ver apenas eu. Eu fico aqui embaixo tanto que é como um segundo dormitório.” Luce espiou o arquivo de Daniel com uma pontadinha de arrependimento. Ela ainda não estava pronta para ir embora. Bem na hora que ela tinha se resignado a checar o arquivo de Daniel, ela também começou a pensar no do Cam. Daniel era tão oculto – e infelizmente, seu arquivo também. Cam, por outro lado, parecia tão aberto e fácil de ler que a deixava curiosa. Luce se perguntou o que mais ela seria capaz de descobrir sobre ele que ele não dividiria de outra forma. Mas uma olhada no rosto de Penn a disse que elas já estavam com tempo curto demais.

“Se houver mais para acharmos sobre o Daniel, acharemos,” Penn a assegurou. “Vamos continuar procurando.” Ela deu um pequeno empurrão em Luce na direção da porta. “Agora, vá.” Luce se movia rapidamente pelo grosseiro corredor, então abriu uma porta até a escada. O ar na base da escada ainda estava úmido, mas ela conseguia senti-lo clarear um pouco com cada passo que dava. Quando ela finalmente curvou a esquina no alto da escada, ela teve que piscar e esfregar seus olhos para se reajustar à brilhante luz do sol inundando o corredor. Ela tropeçou na esquina e pelas portas pintadas de branco até o salão principal. Lá ela congelou.

Duas botas pretas de salto agulha, cruzadas nos tornozelos, estavam apoiadas em cima e para fora de uma cabine telefônica, parecendo muito a Bruxa Má do Sul. Luce se apressava na direção da porta dianteira, esperando não ser avistada, quando ela percebeu que as botas de salto agulha estavam presas a uma legging de pele de cobra, que estava presa a uma Molly não-sorridente. A pequenina câmera de prata descansava em sua mão. Ela levantou seus olhos para Luce, desligou o telefone em seu ouvido, e ficou de pé no chão. “Por que você parece tão culpada, Bolo de Carne?” ela perguntou, ficando de pé com suas mãos em seus quadris. “Deixe-me adivinhar. Você ainda está planejando ignorar a minha sugestão de ficar longe do Daniel."

Todo o negócio de monstro malvado tinha que ser uma atuação. Não tinha jeito da Molly saber onde Luce acabara de estar. Ela não sabia nada sobre a Luce. Ela não tinha razão para ser tão má.

Desde o primeiro dia de escola, Luce nunca fizera nada para Molly –

exceto tentar ficar longe dela.

“Você está se esquecendo que desastre infernal foi da última vez que você tentou se forçar sobre um cara que não estava interessado?” A voz de Molly estava tão afiada quanto uma faca.

“Qual é mesmo o nome dele? Taylor? Truman?”

Trevor. Como é que a Molly podia saber sobre o Trevor? Era isso, seu segredo mais profundo e sombrio. A única coisa que Luce queria – precisava – manter em segredo na Espada & Cruz. Agora, não só o Mal Encarnado sabia sobre tudo isso, como ela não sentia vergonha alguma em mencionar isso, cruel, arrogantemente – no meio do escritório principal da escola.

Era possível que Penn mentira, que Luce não era a única pessoa com quem ela dividia seus secretos de escritório? Havia alguma outra explicação lógica? Luce prendeu seus braços sobre seu peito, sentindo-se enojada e exposta... e inexplicavelmente culpada como se sentira na noite do incêndio.

Molly inclinou sua cabeça. “Finalmente,” ela disse, soando aliviada. “Algo te atingiu.” Ela virou suas costas para Luce e empurrou a porta dianteira. Então, logo antes dela vaguear para fora, ela torceu seu pescoço e olhou para Luce. “Então não faça com o querido Daniel o que você fez com o qual-o-nome-dele. Capiche?”

Luce começou a ir atrás dela, mas só deu alguns passos para fora da porta antes de perceber que provavelmente explodiria se tentasse confrontar Molly agora. A garota era simplesmente cruel demais. Então, esfregando sal na ferida de Luce, Gabbe trotou da arquibancada para encontrar a Molly no meio do campo. Elas estavam longe o bastante que Luce não conseguia distinguir suas expressões quando ambas se viraram para olhar para ela. A cabeça da loira com rabo-de-cavalo levantou-se na direção da com corte de fadinha e preto –

a conversa a dois mais odiosa que Luce já tinha visto.

Ela curvou seus punhos suados juntos, imaginando Molly despejando tudo que sabia sobre Trevor para Gabbe, que imediatamente correria para transmitir as noticias para o Daniel.

Pensando isso, uma dor enjoativa se espalhou dos dedos da Luce, pelos seus braços, e em seu peito. Daniel podia ter sido pego andando fora da faixa, mas e daí?

Era nada comparado pelo que Luce estava aqui.

“Cuidado com a cabeça!” uma voz chamou. Essa sempre fora a coisa menos favorita de Luce de se ouvir. Equipamentos esportivos de todos os tipos tinham de jeito estranho de descontrolaram bem nela.

Ela recuou, olhando para cima diretamente para o sol. Ela não conseguia ver nada e nem teve tempo de cobrir seu rosto antes de sentir um golpe contra a lateral de sua cabeça e ouvir um *thwunk* alto tocando em seus ouvidos. Ai.

A bola de futebol do Roland.

“Boa!” Roland chamou enquanto a bola viajava diretamente de volta para ele. Como se ela tivesse tido a intenção de fazer isso. Ela esfregou sua testa e deu alguns passos vacilantes. Uma mão ao redor de seu punho. Uma faísca de calor que a fez arfar. Ela olhou para baixo para ver dedos bronzeados ao redor de seu braço, então para cima para os olhos cinzas profundos de Daniel. “Você está bem?” ele perguntou.

Quando ela assentiu, ele levantou uma sobrancelha. “Se queria jogar futebol, podia ter dito,” ele disse. “Eu ficaria feliz de explicar alguns detalhes do jogo, como a maioria das pessoas usa partes do corpo menos delicadas para retornar um chute.” Ele soltou seu punho, e Luce achou que ele estava esticando a mão na direção dela, para acariciar o lado dolorido de seu rosto. Por um segundo, ela ficou parada lá, segurando sua respiração. Então seu peito desmoronou quando a mão de Daniel afastou-se para escovar seu próprio cabelo para longe de seus olhos.

Foi quando Luce percebeu que Daniel estava zoando dela.

E por que não deveria? Provavelmente devia haver uma impressão de uma bola de futebol na lateral de seu rosto.

Molly e Gabbe ainda encaravam – e agora Daniel – com seus braços cruzados sobre seus peitos.

“Acho que a sua namorada está ficando com ciúmes,” Luce disse, gesticulando para o par.

“Qual delas?” ele perguntou.

“Eu não percebi que ambas eram suas namoradas.”

“Nenhuma é minha namorada,” ele disse simplesmente. “Eu não tenho namorada. Quis dizer, qual delas achou que fosse minha namorada?”

Luce estava estupefata. E quanto a toda a conversa sussurrada com a Gabbe?

E quanto ao jeito que as garotas estavam olhando para eles agora? Daniel estava mentindo?

Ele estava olhando para ela de um jeito estranho. “Talvez você tenha batido sua cabeça mais forte do que eu pensara,” ele disse.

“Vamos, vamos dar uma volta, respirar um pouco de ar.” Luce tentou localizar a piada depreciadora na última sugestão de Daniel. Ele estava dizendo que ela era uma cabeça de vento que precisava de mais ar? Não, isso nem mesmo fazia sentido. Ela olhou para ele. Como ele podia parecer tão ingenuamente sincero? E bem quando ela estava se acostumando à rejeição de Grigori.

“Onde?” Luce perguntou cuidadosamente. Porque seria fácil demais se sentir regozijada agora sobre o fato de Daniel não ter uma namorada, sobre ele querer ir a algum lugar com ela. Tinha que ter uma pegadinha.

Daniel meramente espremeu seus olhos para as garotas do outro lado do campo. “Algum lugar onde não seremos observados.” Luce dissera a Penn que a encontraria na arquibancada, mas haveria tempo para explicar mais tarde, e é claro que Penn entenderia.

Luce deixou Daniel guiá-la pelo olhar examinador das garotas e pela alamedinha de pessegueiros parcialmente apodrecidos, nos fundos da antiga igreja-ginásio. Eles estavam vindo por uma floresta de carvalhos vivos lindamente retorcidos, que Luce nunca adivinharia que estavam escondidos lá. Daniel olhou para trás para se certificar que ela estava acompanhando. Ela sorriu como se segui-lo não fosse nada demais, mas enquanto ela tomava seu caminho pelas velhas raízes nodosas, ela não conseguia evitar pensar nas sombras.

Agora ela estava entrando no bosque, a escuridão sob a grossa folhagem furada de vez em quanto por uma pequena coluna de luz do sol acima. O fedor de lama rica e úmida encheu o ar, e Luce repentinamente soube que havia água por perto.

Se ela fosse o tipo de pessoa que rezasse, seria agora que ela rezaria para as sombras ficarem distantes, simplesmente pela fatia de tempo que ela tinha com Daniel, para que ele não tivesse que ver como ele ficava maluco as vezes. Mas Luce nunca rezara.

Ela não sabia como. Ao invés, ela simplesmente cruzou seus dedos.

“A floresta se abre bem aqui,” Daniel disse. Eles tinham chegado numa clareira, e Luce arfou em estupefação.

Algo tinha mudado enquanto ela e Daniel andavam pela floresta, algo mais do que simplesmente a mera distância da Espada & Cruz colorida por fleuma.

Porque quando eles saíram das árvores e ficaram parados nessa pedra alta e vermelha, era como se estivessem parados no meio de um cartão postal, do tipo que girava ao redor de uma prateleira de metal de uma farmácia de cidade pequena, uma imagem sonhadora de um sul idílico que não existia mais. Cada cor em que os olhos de Luce caíam era brilhante, mais clara do que tinha sido há um momento. Do lago azul cristalino logo abaixo deles até a floresta esmeralda densa cercando-os. Duas gaivotas voando em inclinação no céu claro acima.

Quando ela ficou na ponta dos pés, ela conseguiu ver o começo de um pântano salgado de cor marrom-amarelada, um que ela sabia que cedia para um oceano de espuma branca em algum lugar no horizonte invisível.

Ela olhou para cima para Daniel. Ele parecia brilhante também. Sua pele estava dourada nessa luz, seus olhos quase chuvosos. A sensação deles em seu rosto era uma coisa pesada e notável.

“O que você acha?” ele perguntou. Ele parecia tão mais relaxado agora que estavam longes de todos os outros.

“Eu nunca vi algo tão maravilhoso,” ela disse, escaneando a superfície prisca do lago, sentindo a vontade de mergulhar. A cerca de quinze metros na água estava uma pedra larga, chata e coberta por musgo. “O que é isso?”

“Vou te mostrar,” Daniel disse, chutando seus sapatos. Luce tentou sem sucesso não encarar quando ele puxou sua camiseta pela sua cabeça, expondo seu torso musculoso. “Vamos,” ele disse, fazendo ela perceber como ela devia ter parecia enraizada no lugar.

“Você pode nadar naquilo,” ele acrescentou, apontando para sua regata seu short cinza. “Eu até te deixarei vencer dessa vez.” Ela riu. “Versus o quê? Todas aquelas vezes que eu te deixei vencer?”

Daniel começou a assentir, então se parou abruptamente.

“Não. Desde que você perdeu na piscina no outro dia.” Por um segundo, Luce teve vontade de dizer a ele por que tinha perdido. Talvez eles pudessem rir sobre todo o mal-entendido da Gabbe-ser-sua-namorada. Mas então os braços de Daniel estavam sobre sua cabeça e ele estava no ar, arqueando e então caindo, mergulhando no lago com um respinguinho perfeito.

Era uma das coisas mais bonitas que Luce já tinha visto. Ele tinha uma graça como nenhuma outra que ela já tinha testemunhado antes. Até mesmo o respingo que ele fizera deixou um toque adorável em seus ouvidos.

Ela queria estar lá com ele.

Ela tirou seus sapatos e os deixou na margem da magnólia perto de Daniel, então ficou de pé na beirada da pedra. A queda foi a cerca de sete metros, o tipo de mergulho alto que sempre fizera o coração de Luce pular uma batida. De um jeito bom.

Um segundo mais tarde, sua cabeça apareceu acima da superfície. Ele estava sorrindo, mantendo a cabeça acima d’água sem se mover. “Não me faça mudar de ideia sobre deixar você vencer,” ele chamou.

Tomando um fôlego profundo, ela mirou seus dedos sobre a cabeça de Daniel e se empurrou em um alto mergulho de cisne. A queda durou apenas uma fração de segundo, mas era a sensação mais deliciosa, velejar pelo ar ensolarado, para baixo, baixo, baixo.

Splash. A água estava chocantemente fria no começo, então ideal um segundo mais tarde. Luce subiu à superfície para recuperar seu fôlego, deu uma olhada em Daniel, e começou seu nado borboleta.

Ela se impulsionou tão forte que perdeu ele. Ela sabia que estava se mostrando e esperava que ele estivesse observando. Ela ficou mais e mais perto até que ela bateu sua mão na pedra - um instante antes de Daniel.

Ambos arfavam enquanto se rebocavam na superfície chata e aquecida pelo sol. Sua beirada era escorregadia por causa do musgo, e Luce teve dificuldade em se firmar. Daniel não teve problema em escalar a pedra, contudo. Ele se esticou e deu-lhe uma mão, então puxou-a para cima para onde ela podia colocar uma perna sobre a lateral.

Quando ela se suspendeu completamente para fora da água, ele estava deitado de costas, quase seco. Só seu short revelava qualquer indício que ele estivera no lago. Por outro lado, as roupas molhadas de Luce prendiam em seu corpo, e seu cabelo estava pingando por tudo. A maioria dos caras teria agarrado a oportunidade de olhar provocativamente para uma garota pingando de molhado, mas Daniel recostou-se na pedra e fechou seus olhos, como se estivesse dando-a um momento para se secar - ou por bondade ou por falta de interesse.

Bondade, ela decidiu, sabendo que estava sendo irremediavelmente romântico. Mas Daniel parecia tão perceptivo, ele deve ter sentido pelo menos um tiquinho do que Luce sentira. Não só a atração, a necessidade de estar perto dele quando todos ao seu redor estavam dizendo-a para ficar longe, mas aquela sensação muito real de que eles conheciam – realmente conheciam – um ao outro de outro lugar.

Daniel abriu seus olhos num estralar e sorriu – o mesmo sorriso da foto em seu arquivo. Um ataque de déjà vu a engolfou tão completamente que Luce teve que se deitar.

“O quê?” ele perguntou, soando nervoso.

“Nada.”

“Luce.”

“Não consigo tirar isso da minha cabeça,” ela disse, rolando de lado para encará-lo. Ela não se sentia firme o bastante para se sentar ainda. “Essa sensação de que eu te conheço. Que eu te conheço faz tempo.”

A água agitou-se contra a pedra, respingando nos dedos dos pés de Luce onde

estavam pendurados na beirada. Estava fria e espalhou calafrios até suas panturrilhas. Finalmente, Daniel falou.

“Já não passamos por isso?” Seu tom tinha mudado, como se ele estivesse tentando rir dela. Ele soava como um cara da Dover: satisfeito consigo mesmo, eternamente entediado, presunçoso. “Estou lisonjeado por você achar que temos essa conexão, sério. Mas você não tem que inventar uma história esquecida para fazer com que um cara preste atenção em você.”

Não. Ele achava que ela estava mentindo sobre essa sensação estranha da qual não conseguia se livrar como um jeito de dar em cima dele? Ela cerrou seus dentes, mortificada.

“Por que eu inventaria isso?” ela perguntou, espremendo os olhos na luz do sol.

“Você que me diga,” Daniel disse. “Não, na verdade, não diga.

Não fará bem algum.” Ele suspirou.

“Olha, eu devia ter dito isso antes quando eu comecei a ver os sinais.” Luce se sentou.

Seu coração começou a acelerar. Daniel via os sinais também.

“Eu sei que te dei um fora no ginásio antes,” ele disse lentamente, fazendo com que Luce se inclinasse para frente, como se ela pudesse extrair as palavras mais rapidamente. “Eu devia simplesmente ter te contado a verdade.”

Luce esperou.

“Uma garota me magoou.” Ele balançou uma mão na água, arrancou uma folha de nenúfar, e a despedaçou em suas mãos.

“Alguém que eu realmente amava, não há muito tempo. Não é nada pessoal, e eu não quero te ignorar.” Ele olhou para ela e o sol foi filtrado por uma gota de água em seu cabelo, fazendo-o brilhar. “Mas eu também não quero que você tenha esperanças. Eu simplesmente não estou querendo me envolver com ninguém, não tão cedo."

Oh.

Ela desviou o olhar, para a água parada e azul-escura onde apenas minutos atrás eles estiveram rindo e respingando água. O lago não mostrava mais sinais daquela diversão. Assim como o rosto de Daniel.

Bem, Luce tinha sido magoada também. Talvez se ela contasse a ele sobre Trevor e como tudo tinha sido horrível, Daniel se abriria sobre seu passado. Mas, também, ela já sabia que não conseguia suportar escutar sobre o passado dele com outra pessoa. Pensar nele com outra garota – ela imaginou Gabbe, Molly, uma montagem de rostos sorridentes, olhos grandes, cabelos compridos – era o bastante para fazê-la se sentir nauseada. Sua história de término ruim deveria ter justificado tudo. Mas não justificava. Daniel fora tão estranho com ela desde o começo. Mostrando-lhe o dedo do meio um dia, antes mesmo deles terem sido apresentados, então protegendo-a da estátua no cemitério no seguinte. Agora ele tinha trazido ela aqui no lago –

sozinha. Ele era uma bagunça só.

A cabeça de Daniel estava abaixada, mas seus olhos estavam encarando-a. “Não é uma resposta boa o bastante?” ele perguntou, quase como se soubesse o que ela estava pensando.

“Eu ainda sinto como se houvesse algo que você não está me contando,” ela disse.

Tudo isso não podia ser explicado por um coração quebrado, Luce sabia. Ela tinha experiência nesse departamento.

As costas dele estavam voltadas para ele e ele olhava na direção do caminho que eles tinham tomado até o lago.

Após um instante, ele riu amargamente. “É claro que há coisas que eu não estou te contando. Eu mal te conheço. Não tenho certeza do por que você achar que eu te devo alguma coisa.” Ele ficou de pé.

“Onde está indo?”

“Tenho que voltar,” ele disse.

“Não vá,” ela sussurrou, mas ele não pareceu ouvir.

Ela observou, o peito pesando, enquanto Daniel mergulhava na água.

Ele ergueu-se distante e começou a nadar na direção da costa.

Ele olhou de volta para ela uma vez, perto da metade, e deu-lhe um aceno de adeus definitivo.

Então seu coração inchou enquanto ele circulou seus braços sobre sua cabeça num nado borboleta perfeito. Por mais vazia que ela se sentisse por dentro, ela não conseguia evitar admirar isso. Tão puro, tão fácil, mal parecia com natação.

Rapidamente ele alcançara a costa, tornando a distância entre eles parecer muito menor do que parecera para Luce. Ele parecera tão calmo enquanto nadava, mas não havia jeito dele poder ter alcançado o outro lado tão rapidamente a não ser que ele realmente estivesse dilacerando a água.

Era tão urgente para ele se afastar dela?

Ela observou – sentindo uma mistura confusa de envergonhamento profundo e até mesmo uma tentação mais profunda –

enquanto Daniel se suspendia de volta na costa. Uma coluna de luz do sol apareceu através das árvores e enquadrou sua silhueta com uma radiação brilhante, e Luce teve que espremer os olhos à visão perante seus olhos.

Ela se perguntou se a bola de futebol na sua cabeça tinham sacudido sua visão. Ou se o que ela achou que estava vendo era uma miragem. Um truque da luz do sol da tarde.

Ela ficou de pé na pedra para dar uma olhada melhor.

Tudo que ele estava fazendo era chacoalhar a água de sua cabeça molhada, mas um verniz de gotinhas parecia pairar sobre ele, do lado de fora dele, desafiando a gravidade em uma amplitude ampla ao longo de seus braços.

Do jeito que a água brilhava na luz solar, quase parecia que ele tinha asas.

Capitulo Nove – Estado de Inocência

Na noite de segunda, a Senhorita Sophia ficou de pé atrás de um pódio na frente

de uma das maiores salas em Augustine, tentando fazer marionetes de sombra com suas mãos. Ela tinha convocado uma sessão de estudo de última hora para os alunos em sua aula de religião antes do exame do dia seguinte, e já que Luce já tinha perdido um mês inteiro de aula, ela achou que tinha muito o que recuperar.

O que explicava porque ela era a única ao menos fingindo tomar notas. Nenhum dos outros alunos nem ao menos notou que o sol da tarde entrando suavemente pelas estreitas janelas ocidentais estava debilitando o palco caseiro de negatoscópio da Senhorita Sophia. E Luce não quis chamar atenção para o fato dela estar prestando atenção ao ficar de pé para puxar as persianas poeirentas.

Quando o sol roçou a nuca de Luce, ela se deu conta de quanto tempo estivera sentada nessa sala. Ela tinha observado o brilho do sol nascente brilhar na juba do cabelo diminuto do Sr. Cole naquela manhã durante história mundial. Ela tinha sofrido o calor sufocante do meio da tarde durante biologia com a Albatroz. Era quase noite agora. O

sol tinha curvado o campus inteiro, e Luce mal tinha deixado sua mesa.

Seu corpo parecia tão duro quanto a cadeira de metal em que ela estivera sentando, sua mente tão opaca quanto o lápis com o qual desistira de tomar notas.

Qual era a dessas marionetes de sombra? Ela e outros estudantes tinham, tipo, cinco anos?

Mas então ela se sentiu culpada. De todo o corpo docente aqui, a Senhorita Sophia era de longe a mais boazinha, até mesmo gentilmente chamando Luce de lado outro dia para discutir como ela estava atrasada em sua escrita no trabalho da árvore genealógica. Luce teve que fingir uma gratidão impressionante quando a Senhorita Sophia a acompanhou por uma hora de instruções de base de dados mais uma vez.

Ela se sentiu um pouco envergonhada, mas se fingir de burra era muito mais superior a admitir que estivera ocupada demais ficando obcecada com um certo colega para devotar qualquer tempo a sua pesquisa.

Agora a Senhorita Sophia estava de pé com seu longo vestido preto de musselina, entrelaçando elegantemente seus dedões e levantando suas mãos no

ar, preparando-se para sua próxima pose. Do lado de fora da janela, uma nuvem passou pelo sol. Luce voltou a prestar atenção na aula quando notou que havia repentinamente uma sombra real visível na parede atrás da Senhorita Sophia.

“Como todos vocês se lembram da leitura de *Paraíso Perdido* ano passado, quando Deus deu a seus anjos suas próprias vontades,” a Senhorita Sophia disse, respirando no microfone preso em sua lapela de marfim e batendo seus dedos finos como asas de anjo perfeitas, “houve *um* que cruzou a linha.” A voz da Senhorita Sophia caiu dramaticamente, e Luce assistiu enquanto ela retorcia seus dedos indicadores para que as asas do anjo se transformassem em chifres de diabo.

Atrás de Luce, alguém resmungou, “Grande coisa, esse é o truque mais velho do mundo.”

No instante em que a Senhorita Sophia acabou a sua aula, parecia que pelo menos uma pessoa na sala discordou de cada palavra que saiu da sua boca.

Talvez fosse porque Luce não tivera uma criação religiosa como o resto deles, ou talvez fosse porque ela sentia pena da Senhorita Sophia, mas ela sentiu uma vontade crescente de se virar e calar os interferentes.

Ela estava mal-humorada. Cansada. Faminta. Ao invés de ir para a fila para jantar com o resto da escola, os vinte estudantes matriculados na aula de religião da Senhorita Sophia foram informados que se estivessem atendendo uma sessão de estudos “opcional”, – um triste nome impróprio, Penn a informou – sua refeição seria servida na sala de aula onde a sessão seria realizada, para poupar tempo.

A refeição – não uma janta, nem mesmo um lanche, só algo genérico para encher o estômago no fim da tarde - fora uma experiência estranha para Luce, que tinha bastante dificuldade em achar algo que pudesse comer na lanchonete lotada de carne. Randy tinha acabado de rolar um carrinho de sanduíches deprimentes e alguns jarros de água morna.

Os sanduíches eram todos de frios misteriosos cortados, maionese, e queijo, e Luce tinha observado invejosamente enquanto Penn mastigava um atrás do outro, deixando anéis de marcas de dente na crosta enquanto comia. Luce estivera a beira de desbolonhezar um sanduíche quando Cam se aproximou dela. Ele abriu seu punho para expor uma pequena penca de figos frescos. Sua pele

roxa escura parecia jóias na mão dele.

“O que é isso?” ela perguntara, suprindo um sorriso.

“Não pode viver só de pão, pode?” ele tinha dito.

“Não coma isso.” Gabbe tinha aparecido, pegando os figos dos dedos de Luce e os jogando na lixeira. Ela tinha interrompido outra conversa privada e substituído o espaço vazio na palma de Luce com um punhado de M&M's de amendoim de um saco de uma máquina de venda. Gabbe usava uma faixa da cor do arco-íris. Luce imaginou arrancar o negócio de sua cabeça e arremessá-lo na lixeira.

“Ela está certa, Luce.” Arriane tinha aparecido, olhando feio para Cam. “Quem sabe com o que ele drogou isso?” Luce tinha rido, porque, é claro que Arriane estava brincando, mas quando ninguém mais sorriu, ela se calou e deslizou os M&M’s em seu bolso bem quando a Senhorita Sophia falou para que todos tomassem seus assentos.

***

O que pareceu como horas mais tarde, eles todos ainda estavam presos na sala de aula e a Senhorita Sophia só tinha ido do Despontas da Criação até a guerra no Paraíso. Eles não estavam nem ao menos em Adão e Eva. O estômago de Luce roncou em protesto.

“E todos sabemos quem era o anjo malvado que batalhou contra Deus?” a Senhorita Sophia perguntou, como se estivesse lendo um livro de figuras para um bando de crianças na biblioteca.

Luce meio que esperava que a sala gritasse *Sim, Senhorita Sophia.*

“Alguém?” a Senhorita Sophia perguntou novamente.

“Roland!” Arriane vaiou baixinho.

“Isso mesmo,” a Senhorita Sophia disse, a cabeça balançando em um aceno santo. Ela simplesmente tinha dificuldades auditivas.

“Nós o chamamos de Satã agora, mas durante os anos ele teve diversas

aparências – Mefistófeles, ou Beliel, até Lúcifer para alguns.” Molly, que estivera sentada na frente de Luce, balançando a parte de trás de sua cadeira contra a mesa de Luce pela última hora com o propósito expresso de enlouquecer Luce, prontamente derrubou um pedaço de papel sobre seu ombro na mesa de Luce.

Luce... Lúcifer... alguma relação?

Sua caligrafia era obscura e nervosa e frenética. Luce conseguiu ver suas maças do rosto levantarem em desprezo. Em um momento de fraqueza faminta, Luce começou a rabiscar furiosamente uma resposta atrás do bilhete de Molly. Que ela fora nomeada em homenagem à Lucinda Williams, a melhor cantora-compositora viva cujo show que quase virara um dilúvio fora o local do primeiro encontro de seus pais. Que após sua mãe ter escorregado em um copo plástico, caído em um deslizamento, e aportado nos braços de seu pai, ela não tinha deixado aqueles braços por vinte anos. Que *seu* nome significava algo romântico e o que a bocuda da Molly tinha a mostrar por si só? E

de qualquer jeito, que se houvesse alguém nessa escola inteira que chegava perto de parecer com Satã, não era o destinatário do bilhete, era o remetente.

Seus olhos furaram a nuca do corte joãozinho recém pintado de escarlate de Molly. Luce estava pronta a atirar nela o pedaço dobrado de papel e se arriscar com o temperamento de Molly quando a Senhorita Sophia atraiu sua atenção para o negatoscópio.

Ela estava com ambas as mãos erguidas sobre sua cabeça, as palmas para cima e vertendo o ar. Enquanto ela as abaixava, as sombras de seus dedos na parede pareciam milagrosamente como braços e pernas descontrolados, como alguém pulando de uma ponte ou de um prédio. A visão era tão bizarra, tão obscura e, ainda assim, tão bem feita, que enervou Luce. Ela não conseguia desviar o olhar.

“Por nove dias e nove noites,” a Senhorita Sophia disse, “Satã e seus anjos caíram, cada vez mais longe do Paraíso.” Suas palavras refrescaram algo na memória de Luce. Ela olhou até duas fileiras para Daniel, que encontrou seus olhos por meio segundo antes de enterrar seu rosto em seu caderno.

Mas aquela segunda olhada fora o bastante, e de uma só vez voltou para ela: o sonho que ela tivera na noite anterior.

Fora uma história revisionada dela e Daniel no lago. Mas no sonho, quando Daniel disse adeus e mergulhou de volta na água, Luce teve a coragem de ir atrás dele. A água estava quente, tão confortável que ela nem mesmo se sentira molhada, e cardumes de peixes violeta abundou ao redor dela. Ela estava nadando o mais rápido que podia, e de primeira ela pensou que os peixes estavam ajudando-a a ir na direção de Daniel e da costa. Mas logo as massas de peixes começaram a obscurecer e nublar sua visão, e ela não conseguiu vê-lo mais. Os peixes ficaram com uma aparência indistinta e maligna, e ficaram cada vez mais perto, até que ela não conseguisse ver mais nada, e ela se sentiu afundar, escapulindo dele, até as profundezas lodosas do lago.

Não era uma questão de não ser capaz de respirar, era uma questão de nunca ser capaz de emergir novamente. Era uma questão de perder Daniel para sempre.

Então, de baixo, Daniel aparecera, seus braços abertos como remos. Eles dispersaram os peixes obscurecidos e enveloparam Luce, e juntos os dois planaram na superfície. Eles romperam a água, cada vez mais alto, passando a pedra e a árvore de magnólia onde tinham deixado seus sapatos. Um segundo mais tarde, eles estavam tão no alto que Luce nem conseguia ver o chão.

“E eles pousaram,” a Senhorita Sophia disse, descansando suas mãos no pódio, “no buraco flamejante do Inferno.” Luce fechou seus olhos e exalou. Fora apenas um sonho.

Infelizmente, essa era sua realidade

Ela suspirou e descansou seu queixo em suas mãos, lembrando de sua resposta esquecida do bilhete de Molly. Estava dobrado em suas mãos. Agora parecia estúpido e imprudente. Melhor não responder, para que Molly não soubesse que tinha afetado Luce.

Um avião de papel descansou em seu antebraço esquerdo. Ela olhou distante para o canto esquerdo da sala, onde Arriane estava sentada segurando uma pose exagerada piscando os olhos.

Presumo que não esteja sonhando acordada com Satã. Para onde você e o DG se escafederam na tarde de sábado?

Luce não tivera uma chance de falar com Arriane sozinha o dia todo. Mas como Arriane saberia que Luce saiu com Daniel? Enquanto a Senhorita Sophia se

ocupavam com uma marionete de sombra focada na representação dos nove círculos do Inferno, Luce observou Arriane fazer velejar outro avião perfeitamente direcionado em sua mesa.

Assim como Molly.

Ela o alcançou bem a tempo de capturar o avião entre suas escorregadias unhas pintadas de preto, mas Luce não ia deixar ela ganhar essa. Ela pegou o avião de volta do aperto de Molly, rasgando suas asas ruidosamente na metade. Luce teve exatamente tempo o bastante para guardar no bolso o bilhete rasgado antes que a Senhorita Sophia virasse.

“Lucinda e Molly,” ela disse, franzindo seus lábios e firmando suas mãos no pódio. “Eu esperaria que o que quer que vocês duas tenham a necessidade de discutir passando bilhetes desrespeitosamente pode ser dito perante a turma toda.” A mente de Luce acelerou. Se ela não bolasse nada rápido, Molly bolaria, e não haveria como dizer o quanto isso seria envergonhante.

“M-Molly estava simplesmente dizendo,” Luce gaguejou, “que ela discorda com a sua visão de como o Inferno foi destruído. Ela tem suas próprias ideias.”

“Bem, Molly, se você tem um esquema alternativo do submundo, eu certamente gostaria de ouvi-lo.”

“Que diabos,” Molly resmungou baixinho. Ela limpou sua garganta e levantou-se. “Bem, você descreveu a desembocadura de Lúcifer como o lugar mais baixo do inferno, que é por que todos os traidores acabam lá. Mas para mim,” ela disse, como se tivesse ensaiado as falas, "eu acho que o lugar mais torturante no Inferno"– ela deu uma longa e envolvente olhada em Luce - "deveria ser reservado não para traidores, mas para covardes. Os perdedores mais fracos, mais alquebrados. Porque me parece que, traidores? Pelo menos eles fazem uma escolha. Mas os covardes? Eles simplesmente correm por aí roendo suas unhas, totalmente assustados em fazer qualquer coisa. O que é totalmente pior.” Ela tossiu, “Lucinda!” e limpou sua garganta. “Mas essa é só a minha opinião.” Ela se sentou.

“Obrigada, Molly,” a Senhorita Sophia disse cuidadosamente,

“estou certa que todos nos sentimos muito esclarecidos.” Luce não se sentia. Ela tinha parado de escutar na metade do desvairo de Molly, quando teve uma

sensação estranha e doentia no fundo de seu estômago.

As sombras. Ela as sentiu antes de as ver, borbulhando como piche do chão. Um tentáculo de escuridão curvou-se ao redor de seu punho, e Luce olhou para baixo em horror. Estava tentando escapar até seu bolso. Estava querendo o avião de papel de Arriane. Ela nem tinha lido-o ainda! Ela fechou seu punho profundamente em seu bolso e usou dois dedos e toda sua força de vontade para beliscar a sombra o mais forte que pode.

Uma coisa incrível aconteceu: A sombra recolheu-se, recuando como um cachorro machucado. Fora a primeira vez que Luce fora capaz de fazer isso.

Do outro lado da sala, ela encontrou os olhos de Arriane. A cabeça de Arriane estava inclinada de lado e sua boca estava aberta.

O bilhete – ela deveria estar esperando que Luce lesse o bilhete.

A Senhorita Sophia apagou o negatoscópio. “Eu acho que a minha artrite teve o bastante do Inferno por uma noite.” Ela deu risada, encorajando os estudantes, com seus cérebros adormecidos, a dar risada com ela. “Se vocês todos relerem os ensaios críticos que eu determinei sobre Paraíso Perdido, eu acho que estarão mais do que preparados para o teste de amanhã.” Enquanto os outros estudantes se apressavam para pegar suas mochilas e cair fora da sala, Luce desdobrou o bilhete de Arriane:

Diga que ele não te deu aquela desculpa esfarrapada de “ter sido magoado antes”.

Ai. Ela definitivamente precisava falar com Arriane e descobrir exatamente o que ela sabia sobre Daniel. Mas antes...

Ele estava diante dela. A fivela prata de seu cinto brilhou ao nível dos olhos. Ela tomou um longo fôlego e olhou para seu rosto.

Os olhos cinzas manchados de violeta de Daniel pareciam descansados. Ela não falara com ele por dois dias, desde que ele a deixara no lago. Era como se o tempo que ele passara longe dela tive rejuvenescido ele.

Luce percebeu que ela ainda tinha o bilhete revelador de Arriane aberto em sua mesa. Ela engoliu em seco e o guardou de volta em seu bolso.

“Eu queria me desculpar por ter ido tão repentinamente no outro dia,” Daniel disse, soando estranhamente formal. Luce não sabia se ela devia aceitar suas desculpas, mas ele não lhe deu tempo de responder. “Suponho que você voltou para a terra firme bem?” Ela tentou um sorriso. Passou por sua mente contar a Daniel sobre o sonho que ela tivera, mas felizmente ela percebeu que seria totalmente estranho.

“O que você achou da sessão de revisão?” Daniel parecia fechado, duro, como se eles nunca tivessem se falado antes. Talvez ele estivesse brincando.

“Foi uma tortura,” Luce respondeu. Sempre aborrecera Luce quando garotas espertas fingiam que não gostavam de algo só porque assumiam que era isso que um cara gostaria de ouvir. Mas Luce não estava fingindo; realmente fora uma tortura.

“Que bom,” Daniel disse, parecendo satisfeito.

“Você odiou também?”

“Não,” ele disse enigmaticamente, e Luce agora desejara ter mentido para soar mais interessada do que realmente estava.

“Então... você gostou,” ela disse, querendo dizer algo, qualquer coisa para mantê-lo perto dela, falando. “O que você gostou exatamente?”

“Talvez *gostar* não seja a palavra certa.” Após uma longa pausa, ele disse, “Está na minha família... estudar essas coisas. Eu acho que não consigo evitar sentir uma conexão.” Levou um momento para que as palavras dele fossem registradas por completo por Luce. Sua mente viajou para o velho porão de armazenamento mofento onde ela tinha relampejado o arquivo de página única de Daniel. O arquivo que alegava que Daniel Grigori tinha passado a maior parte de sua vida no Orfanato do Condado de Los Angeles.

“Eu não sabia que você tinha família,” ela disse.

“Por que saberia?” Daniel zombou.

“Eu não sei... Então, quero dizer, você tem?”

“A pergunta é por que você assumiria saber qualquer coisa sobre a minha família

– ou sobre mim?” Luce sentiu seu estômago despencar. Ela viu *Aviso: Alerta de Perseguidora* relampejar nos olhos alarmados de Daniel. E ela sabia que tinha estragado as coisas com ele mais uma vez.

“D.” Roland chegou por trás deles e colocou sua mão no ombro coberto por uma camiseta de Daniel. “Quer ficar por aí para ver se tem outra aula de um ano, ou vamos partir?”

“É,” Daniel disse suavemente, dando um olhar lateral final para Luce. “Vamos cair fora daqui.”

É claro – obviamente – ela devia ter escapulido diversos minutos atrás. Tipo ao primeiro instinto de divulgar quaisquer detalhes do arquivo de Daniel. Uma pessoa inteligente e normal teria esquivado-se da conversa, ou mudado o assunto para algo muito menos bizarro, ou, no mínimo, mantido sua boca enorme fechada.

Porém. Luce estava provando dias após dia que –

especialmente quando se tratava do Daniel – ela era incapaz de fazer qualquer coisa que estivesse na categoria de “normal” ou “inteligente.” Ela observara enquanto Daniel afastava-se com Roland. Ele não olhou de volta, e cada passo que ele dava para longe dela a fazia se sentir mais e mais bizarramente sozinha.

Capitulo Dez – Onde há Fumaça

“O que você está esperando?” Penn perguntou apenas um segundo depois que Daniel saiu com Roland. “Vamos.” Ela puxou a mão de Luce.

“Para onde?” perguntou Luce. Seu coração continuava batendo forte pela conversa com Daniel – e da visão dele se afastando. A forma em que seus esculpidos ombros cortavam o corredor fazia parecer maior do que o próprio Daniel.

Penn bateu levemente em um lado da cabeça de Luce. “Oi?

Para a biblioteca, como eu disse a você em meu bilhete...” ela captou a expressão em branco de Luce. “Você não recebeu nenhum dos meus bilhetes?” Ela bateu a perna, frustada. “Mas eu entreguei a Todd para passar ao Cam, para passar pra você.”

“Pony Express.” ***** Cam se meteu na frente de Penn e apresentou a Luce dois pedaços de papel dobrado colocados entre o indicador e o dedo médio.

* O Pony Express é o nome pelo qual ficou conhecido um histórico correio expresso colocado em funcionamento de abril de 1860

até outubro de 1861, sendo depois substituído pelas linhas de telégrafos transcontinentais, que levava correspondências a cavalo cruzando territórios dos Estados Unidos da América.

“Me dê um descanço. Teu cavalo morreu de esgotamento no caminho?” Penn bufou, recolhendo os bilhetes. “Eu te dei estes faz uma hora. Por que levou tanto tempo? Você não os leu...”

“Claro que não.” Cam levou uma mão a seu peito largo, ofendido. Ele usava um grosso anel preto em seu dedo médio. “Se você recorda, Luce se meteu em problemas por trocar bilhetes com Molly...”

“Eu não estava trocando bilhetes com Molly...”

“Não me importa,” disse Cam, pegando os bilhetes da mão de Penn e entregando-os finalmente a Luce. “Eu só estava olhando por seus interesses. Esperando a oportunidade certa.”

“Bem, obrigada.” Luce meteu os bilhetes em seu bolso e deu de ombros para Penn como se disesse ‘o que quer que eu faça.’

“Falando de esperar o momento certo,” ele disse. “Eu estava fora no outro dia e vi isto.” Ele tirou uma pequena caixa de joías de veludo vermelho e o manteve aberto para que Luce visse.

Penn deu um puxão no ombro de Luce com a intenção de dar uma olhada.

Dentro, uma fina corrente de ouro que envolvia um pequeno pingente circular com uma linha esculpida no centro e uma pequena cabeça de serpente na ponta.

Luce olhou para ele. Estava brincando com ela?

Ele tocou no pingente. “Pensei que, depois do outro dia...

queria te ajudar a enfrentar seu medo," ele disse em um tom quase nervoso, com medo de que ela não fosse aceitar.

Deveria aceitá-lo? "Só uma brincadeira. Eu gostei. É único, me lembrou você."

Era único. E muito lindo, e isso fez Luce se sentir estranhamente indigna.

"Você foi às compras?" Se encontrou perguntando, porque era mais fácil falar de como Cam havia deixado o campus do que estar se perguntando *Por que eu?* "Pensei que uma das normas da escola é que estamos todos presos aqui."

Cam levantou o queixo ligeramente e sorriu com os olhos. "Há maneira," disse em voz baixa. "Eu te mostrarei um dia. Poderia te mostrar... está noite?"

"Cam, carinho," disse uma voz atrás dele. Era Gabbe, batendo-lhe no ombro. Uma parte fina da frente de seu cabelo era uma trança francesa e presa até atrás de sua orelha, como uma perfeita pequena bandana. Luce a olhou com ciúmes.

"Preciso de sua ajuda com os preparativos," Gabbe ronronou.

Luce olhou ao seu redor e percebeu que eram as únicas quatro pessoas que ficaram na sala de aula.

"Vou dar uma pequena festa em meu quarto mais tarde," disse Gabbe, apertando o queixo no ombro de Cam para dirigir-se a Luce e a Penn. "E todos estão indo, certo?"

Gabbe, cuja boca parecia sempre pegajosa pelo brilho labial, cujo os cabelos loiros nunca paravam de deixar sua marca no segundo que um cara começava a falar com Luce. Mesmo que Daniel tenha dito que não havia nada entre eles, Luce sabia que ela nunca iria ser amiga dessa garota.

Então outra vez, você não tem que gostar de alguém para ir a sua festa, especialmente quando certamente outra pessoa que você gosta, provavelmente vai está lá...

Ou ela deveria aceitar a oferta de Cam? Ele estava realmente sugerindo que eles escapassem?

Só ontem, um rumor tinha voado por toda a classe quando Jules e Phillip, o casal

língua furada, não apareceram para a aula da Srta. Sophia. Aparentemente, eles tinham tentado sair do campus no meio da noite, para um encontro secreto que saiu errado – e agora estavam em algum tipo de confinamento solitário, cuja localização ainda não era conhecida por Penn.

O mais estranho de tudo foi a Srta. Sophia – que geralmente não tolera os sussurros – não calou os estudantes que fofocavam loucamente durante a aula. Era quase como se quisesse que os estudantes imaginassem o pior castigo possível por quebrar alguma de suas regras ditatoriais.

Luce engoliu em seco, olhando para Cam. Ele ofereceu seu cotovelo, ignorando inteiramente Gabbe e Penn. “O que me diz, garota?” ele perguntou, soando tão encantadoramente um clássico de Hollywood que Luce se esqueceu de tudo o que tinha acontecido a Jules e a Phillip.

“Desculpe.” Interrompeu Penn, respondendo a ambos e afastando Luce do cotovelo dele. “Mas nós temos outros planos.” Cam olhou para Penn como se estivesse tentando descobrir de onde ela tinha vindo tão repentinamente. Ele fazia Luce se sentir como uma versão melhor, mais calma, de si mesma. E ele tinha uma maneira de cruzar em seu caminho no momento certo depois que Daniel a tinha feito se sentir exatamente o oposto. Mas Gabbe ainda continuava flutuando ao lado dele, e o aperto de Penn era cada vez mais forte, então finalmente Luce só agitou a mão que ainda estava segurando Cam.

“Um, talvez da próxima vez! Obrigada pelo colar.” Deixando Cam e Gabbe confusos na sala atrás delas, Penn e Luce sairam de Agustine. Era assustador está sozinha no escuro edificil tão tarde, e Luce podia dizer pelos ruído apressador das sandalias de Penn nas escadas que ela sentia o mesmo também.

Do lado de fora, havia vento. Uma coruja cantava em sua pequena Palmeira. Quando elas passaram sob os Carvalhos ao lado do edifícil, ganchos desordenados de musgos espanhol tocando-as como emaranhados de fios de cabelos.

“Talvez na próxima vez?” Penn imitou a voz de Luce. “O que foi isso?”

“Nada... eu não sei.” Luce queria mudar de assunto. “Você fez um som muito elegante, Penn,” ela disse, rindo enquanto caminhava ao longo do pátio.

“Outros planos... pensei que você se divertiu na festa da semana passada.”

“Se você alguma vez andou lendo minha última correspondência, verá por que temos coisas mais importantes em nosso prato.”

Luce esvaziou seus bolsos, descobrindo cinco M&M’s não-consumidos, e compartilhando-os com Penn, que fez uma expressão muito Penn – como dizendo que esperava que viessem de um lugar limpo, mas os comi de todo jeito.

Luce abriu o primeiro bilhete de Penn, no qual parecia uma cópia da página de um dos arquivos da sala de arquivos subterrâneo: **Gabrielle Givens**

Cameron Briel

Lucinda Prince

Todd Hammond

Localizações Anteriores:

Todos no Nordeste, com exceção de T. Hammond

(Orlando, Florida)

Arriane Alter

Daniel Grigori

Mary Margaret Zane

Localizações Anteriores:

Los Angeles, Califórnia

O grupo de Lucinda foi anotado que chegou em Sword & Cross em 15 de setembro deste ano. O segundo grupo tinha chegado em 15 de março, de três anos antes.

“Quem é Mary Margaret Zane?” Luce perguntou, apontando.

“Apenas a muito virtuosa Molly,” Penn disse.

O nome de Molly é Mary Margaret? “Não é de se estranhar que é tão irritada com o mundo,” Luce disse. “Então, onde você consegue tudo isso?”

“Peguei de uma das caixas que a Srta. Sophia derrubou no outro dia,” disse Penn. “É a letra da Srta. Sophia.” Luce olhou pra ela. “O que isso significa? Por que ela tinha a necessidade de guardar isso? Pensava que eles tinham todas as nossas fichas de chegada separadas em nossos arquivos.”

“Eles tem. Não consigo entender isso também,” Penn disse. “E

eu quero dizer, que embora você se apresentasse ao mesmo tempo que os outros garotos, não é como se você tivesse algo em comum com eles.”

“Eu não poderia ter menos em comum com eles,” Luce disse, prevendo o olhar recatado de Gabbe sempre colado ao seu rosto.

Penn coçou o queixo. “Mas quando Arriane, Molly e Daniel apareceram, eles já se conheciam. Creio que eram do mesmo Centro de Recuperação em Los Angeles.”

Em algum lugar existia uma chave para a historia de Daniel.

Tinha que ser para ele algo mais que um Centro de Recuperação na California. Mas pensando em como seria sua reação – que desaparecesse ao horror que Luce

poderia ter o interesse de saber algo sobre ele – bem, a fez sentir que tudo o que ela e Penn estavam fazendo era inútil e imaturo.

“Qual é o ponto de tudo isso?” Luce perguntou, de repente irritada.

“Não posso imaginar por que a Srta. Sophia estaria conferindo toda essa informação. Embora a Srta Sophia chegou a Sword & Cross o mesmo dia que Arriane, Daniel e Molly...” Penn se apagou. “Quem sabe?

Talvez isso não signifique nada. Aqui mencionam só um pouco de Daniel nos arquivos, imaginei que deveria te mostrava tudo o que encontrasse. Por tanto, bilhete B.”

Ela apontou para o segundo bilhete na mão de Luce.

Luce suspirou. Parte dela queria deixar a busca e parar de se sentir envergonhada sobre Daniel. Outra parte insistente dela ainda ansiava por conhecê-lo melhor... o qual, estranhamente, era muito mais fácil de fazer quando ele não estava tecnicamente presente para lhe dar novos motivos para sentir-se envergonhada.

Ela olhou para o bilhete, uma cópia de um cartão antigo da biblioteca.

Grigori, D. Os Observadores: Mito Medieval

Europa. Seraphim Press, Roma, 1755.

Número de Identificação: R999.318 CR!

“Parece que um dos antepassados de Daniel foi um estudioso,” Penn disse, lendo por cima do ombro de Luce.

“Isso deve ter sido o que ele quis dizer,” Luce disse em voz baixa. Olhou para Penn. “ele me disse que o estudo da religião estava em sua familia. Isto deve ser o que ele quis dizer.”

“Pensei que ele era órfão...”

“Não pergunte,” Luce disse, agitando sua mão. “É um tema delicado para ele.” Ela passou o dedo sobre o título do livro.” O que um observador?”

“Só há uma maneira de descobrir,” Penn disse. “Embora podemos viver para lamentar. Porque isto possivelmente parece com o livro mais chato de todos. No entanto,” ela acrescentou, batendo seus dedos em sua camisa. “Tomei a liberdade de checar o catálago. O livro deve estar nas estantes. Você pode me agradecer mais tarde.”

“Você é boa.” Luce sorriu. Estava ansiosa por chegar à biblioteca. Se alguém na familia de Daniel tinha escrito um livro, não poderia ser chato. Ou não para Luce, de qualquer modo. Mas então ela olhou outra coisa que tinha em sua mãos. A caixa aveludade de joías de Cam.

“O que você acha que isso significa?” ela perguntou a Penn, enquanto começava a caminhar até o mosaico de azulejos das escadas da biblioteca.

Penn deu de ombros. “Seus sentimentos sobre as serpentes são...”

“O ódio, a agonia, a paranóia extrema e o desgoto,” Luce listou.

“Talvez seja como... ok, eu costumava ter medo de cactus. Não podia nem me aproximar deles... não ria, alguma vez foi picada por uma dessas coisas? Permanecem em sua pele durante vários dias. Mesmo assim, um ano, no meu aniversário, meu pai me presentiou com onze plantas de cactus. À principio eu queria desfazer-me delas. Mas então, você sabe, me acostumei com elas. Deixei de dar a volta a cada momento que eu estava próximo de um. No final, superei totalmente.”

“Então você está me dizendo que o presente de Cam,” Luce disse, “é na verdade muito suave.”

“Eu acho,” disse Penn. “Mas se eu soubesse que ele estava louco por ti, eu não teria confiado nossa correspondencia particular.

Desculpe por isso.”

“Ele não está louco por mim,” começou a dizer Luce, tocando o pingente de ouro dentro da caixa, imaginando como seria o aspecto contra sua pele, ela não tinha contado nada a Penn sobre seu dia de campo com Cam, porque – bem, ela realmente não sabia o por que. Isto tinha haver com Daniel, e como Luce ainda não sabia se queria estar ou não estar – com qualquer um deles.

“Há.” Gritou Penn. “O que significa que você gosta um pouco dele! Traindo Daniel. Eu não posso continuar com você e seus homens.”

“Como se estivesse acontecendo algo com qualquer um deles,” disse Luce com tristeza. “Acha que Cam leu os bilhetes?”

“Se ele fez isso, e ainda te deu esse colar,” disse Penn, “então ele realmente gosta de você.”

Elas entraram na biblioteca e as pesadas portas duplas deram um golpe surdo atrás delas. O som resoou na sala. A Srta. Sophia levantou a vista das montanhas de papéis que cobriam sua mesa à fraca luz.

“Oh, oi, garotas,” ela disse, sorrindo de maneira tão ampla que Luce se sentia culpada de novo pela bagunça que aconteceu durante sua aula. “Espero que tenham desfrutado de minha breve sessão de estudos.” Disse praticamente cantando.

“Muito.” Luce assentiu com a cabeça, embora não tinha escrito nada a respeito. “Nos viemos aqui para revisar algumas coisas antes do exame.”

“Isso mesmo,” interveio Penn. “Você nos inspirou.”

“Que maravilhoso!” Sussurrou Srta. Sophia atraves de sua papelada. “Tenho uma nova lista de leitura em alguma parte. Ficarei feliz em fazer uma cópia.”

“Genial,” mentiu Penn, dando a Luce um pequeno empurrão até as estantes. “Nós a faremos saber se precisarmos.” Do outro lado da mesa da Srta. Sophia, a biblioteca estava em silêncio. Luce e Penn seguiam olhando os números de identificação enquanto passavam de estante em estante até os livros de religião. As lâmpadas de poupança de energia detectavam o movimento e se supunha que faziam cada vez que cruzavam um corredor, mas só a metade delas funcionavam. Luce percebeu que Penn ainda segurava seu braço, e então percebeu que não queria que ela soltasse.

As garotas chegaram a sessão de estudos que em geral estava lotada, onde só tinha uma lâmpada de mesa queimada. Todo mundo devia estar na festa de Gabbe. Todo mundo exceto Todd. Ele tinha os pés levantados na cadeira em frente a ele e parecia estar lendo um atlas mundial do tamanho de uma mesa de café. Quando as garotas caminhavam até ele, ele as olhou com uma expressão

que queria dizer que ou estava muito bem sozinho ou ligeiramente irritado por ter sido perturbado.

“Vocês garotas estão atrasadas.” Disse categoricamente.

“Assim como você,” replicou Penn, mostrando a lingua dramaticamente.

Quando tinham posto algumas estantes entre elas e Todd, Luce arqueou uma sobrancelha a Penn. “O que foi isso?”

“O quê?” Disse Penn. “Ele paquera comigo.” Ela cruzou os braços sobre peito e soprou um cacho de seu cabelo marrom dos olhos.

“Como assim.”

“Você está na quarta série?” Luce brincou.

Penn levantou o dedo indicador para Luce com uma intensidade que teria feito Luce saltar se ela não estivesse rindo muito.

“Você conhece mais alguém que quer mergulhar na história da família de Daniel Grigori com você? Acho que não. Deixe-me em paz.” Até então, tinham chegado ao canto traseiro da biblioteca, onde todos os 999 livros se organizavam ao longo de uma única estante de cor metal. Penn se agachou e traçou a lombada dos livros com seus dedos, Luce sentiu um tremor, como se alguém percorresse um dedo pelo seu pescoço. Ela esticou a cabeça ao redor e viu uma nuvem de fumaça cinza. Não negra, como eram as sombras em geral, senão mais leve, mas fina. Mas igualmente indesejada.

Ela observou com os olhos arregalados, com a sombra estendida em um longo traço diretamente sobre a cabeça de Penn.

Desceu lentamente, como uma agulha enfiada e Luce não queria pensar no que poderia acontecer se tocasse em sua amiga. No outro dia no ginásio tinha sido a primeira vez que a sombra a tinha tocado – e ela ainda se sentia violada, quase suja. Ela não sabia que outra coisa elas podiam fazer.

Nervosa, insegura, Luce esticou o braço como se fosse um bastão de baseball. Deu uma respiração profunda e lançou para frente.

Arrepiou-se ao contato frio enquanto afastava a sombra – e golpeou o topo da cabeça de Penn.

Penn pressionou suas mãos contra seu crânio e olhou Luce em choque. “Qual é o seu problema?”

Luce se sentou junto a ela e tocou a parte de cima do cabelo de Penn, “Desculpe. Havia... pensei que vi uma abelha... pousar em sua cabeça. Me assustei. Não queria que te picasse.” Ela podia sentir quão absurdamente, totalmente pobre essa desculpa era e esperou que sua amiga lhe dissesse que ela estava louca

– por que uma abelha estaria em uma biblioteca? Ela esperou que Penn ficasse furiosa.

Mas o rosto redondo de Penn se suavizou. Ela pegou a mão de Luce entre a sua e as agitou. “As abelhas me aterrorizam também.” Ela disse. “Sou mortalmente alérgica. Basicamente você salvou a minha vida.”

Foi como se tivessemos um grande momento de conexão – só que não era, porque Luce estava completamente consumida pelas sombras. Se tão somente pudesse afastá-las de sua mente, afastar as coisas das sombras, sem assustar Penn. Luce tinha um forte e inquieto presentimento sobre esta sombra cinza-clara. A uniformidade das sombras nunca tinham sido reconfortantes, mas estas últimas variações eram novas em um nível desconcertante.

Significava que mais tipos de sombras estavam encontrando uma maneira de chegar à ela? Ou só era ela que estava ficando melhor em distingui-las? E o que era este estranho momento durante a leitura da Srta. Sophia, quando ela, praticamente, comprimiu uma sombra antes que pudesse entrar em seu bolso? Ela tinha feito isso sem pensar, e não tinha razão para esperar que seus dois dedos pudessem fazer algo à sombra, mas eles tinham feito – ela deu uma olhada ao redor das estantes – pelo menos temporariamente.

Ela se perguntava se ela tinha arrumado algum tipo de precedente para interagir com as sombras. Exceto que para chamar o que ela tinha feito com a sombra pairando sobre a cabeça de Penn de

“interagir” – inclusive Luce sabia que era um eufemismo. Um frio e doentio sentimento cresceu em seu interior quando percebeu que o que ela tinha começado a fazer com as sombras era mais como... lutar com elas.

“Essa é a coisa mais estranha.” Penn falou do chão. “Deveria ser exatamente aqui entre *O Dicionário dos Anjos* e esta coisa horrível de Billy Graham fogo-e-enxofre”. Ela levantou a vista para Luce. “Mas sumiu.”

“Pensei que você tivesse dito...”

“Eu disse. O computador tinha listado as estantes quando procurei esta tarde, mas não podemos conectar a está hora para checar de novo.”

“Pode perguntar à Todd,” Luce sugeriu. “Talvez ele esteja usando como capa para suas Playboys.”

“Que nojento.” Penn bateu em sua coxa.

Luce saiba que só tinha feito essa brincadeira para baixar um pouco sua decepção. Isso era tão frustrante. Ela não podia encontrar nada sobre Daniel sem correr contra uma parede. Ela não sabia o que poderia encontrar nessas páginas do livro de sua tatará-tatará- o que seja do livro, mas pelo menos lhe diria algo mais sobre Daniel. No qual era melhor que nada.

“Fique aqui,” disse Penn, levantando-se. “Vou perguntar para a Srta. Sophia se alguém o tirou hoje.”

Luce a observou ir sobre o longo corredor até a mesa da frente.

Ela riu quando Penn apertou o passo quando passou pela área onde Todd estava sentado.

Sozinha no canto de trás, Luce roçou alguns dos outros livros na estante. Ela fez uma rápida e mental revisão de todos os estudantes em Sword & Cross, mas não podia pensar em nenhum candidato para tirar um velho livro de religião. Talvez a Srta. Sophia tinha usado como referência para sua sessão de revisão mais cedo.

Luce se perguntou o que deve ter sido para Daniel ficar sentado lá, escutando a bibliotecária falar sobre coisas que tinham sido provavelmente temas da mesa de jantar em sua casa quando ele estava crescendo. Luce queria saber como tinha sido a infância dele. O que tinha acontecido a sua familia? Teve sua educação em um orfanato religioso? Ou tinha sido sua infância como a dela, onde as únicas coisas perseguidas religiosamente eram boas notas e honras acadêmicas? Ela queria saber se Daniel tinha lido este livro escrito por seu ancestral e o que ele

tinha pensado sobre isso, e se ele gostava de escrever.

Ela queria saber o que ele estava fazendo exatamente agora na festa de Gabbe e quando era seu aniversário e qual o tamanho do sapato que usava e se ele alguma vez desperdiçou um segundo de seu tempo pensando nela.

Luce sacudiu sua cabeça. Este tipo de pensamento estava dirigindo-se diretamente a Cidade da Piedade, e ela queria sair. Tirou o primeiro livro da estante – a tão desinteressante surrada capa do Dicionário dos Anjos – e decidiu se distrair lendo até que Penn voltasse.

Ela tinha ido até o ponto quando o anjo caido Abbadon, que se arrependeu de estar do lado de Satanás e constantemente lamentava sua má decisão – bocejo – quando um som forte soou sobre sua cabeça.

Luce olhou para cima para ver a luz vermelha do alarme de incêndio.

“Alerta. Alerta,” uma monotona voz robótica anunciava em voz alta. “O alarme de incêndio foi ativado. Evacuem o prédio.” Luce deslizou o livro de volta para a estante e começou a correr. Eles tinham feito este tipo de coisa em Dover o tempo todo.

Depois de um tempo, tinha chegado ao ponto onde nem mesmo os professores ouviam as simulações de incêndios mensalmente, então o Departamento de Bombeiros tinha realmente começado a configurar o alarme só para as pessoas responderem. Luce podia ver claramente os administradores em Sword & Cross fazendo a mesma coisa.

Mas quando ela começou a caminhar até a saida, foi surpreendida ao encontrar-se tossindo. Tinha fogo de verdade na biblioteca.

“Penn?” Ela gritou, escutando o eco de sua voz em seus ouvidos. Ela sabia que seria abafada pelo ruido do alarme. O odor da fumaça fez ela instataneamente voltar às chamas na noite com Trevor.

Imagens e sons flutuavam em sua cabeça, coisas que ela tinha abafado tão profundamente de sua memória que poderiam muito bem ter sido apagadas. Até agora.

Os surpreendentes olhos brancos de Trevor contra a luz alaranjada. As

individuais chamas enquanto o fogo se dispersava entre cada um de seus dedos. O agudo e interminavel grito que ressoava em sua cabeça como uma sirene muito depois que Trevor tivesse dado por vencido. E todo o tempo, ela tinha estado ali parada, observando, ela não podia deixar de ver, congelada neste banho de calor. Ela não tinha sido capaz de mover-se. Ela não tinha sido capaz de fazer algo para ajudá-lo. Então ele morreu.

Sentiu um agarre de uma mão em seu pulso esquerdo e se virou, esperando ver Penn. Era Todd. O branco de seus olhos eram enormes, e ele estava tossindo também. “Temos que sair daqui,” ele disse, respirando rápido. “Acho que a saída está na parte de trás.”

“E Penn e a Srta. Sophia?” Luce perguntou. Ela estava se sentindo fraca e enjoada. Esfregou os olhos. “Elas estavam alí.” Quando ela apontou para o corredor até a entrada, ela podia ver o quanto a fumaça tinha se tornado mais grossa nesta direção.

Todd olhou receoso por um segundo, mas depois assentiu,

“Ok,” ele disse, mantendo-se agarrado ao pulso dela enquanto se agachavam e corriam até as portas principais da biblioteca. Foram para a direita quando um corredor parecia particulamente estar cheio de fumaça, encontraram-se em uma parede de livros sem nenhuma pista de até onde correr. Os dois pararam para respirar.

A fumaça que só a alguns momentos estava sobre suas cabeças, agora pressionava abaixo de seus ombros. Ainda agachados nela, eles estavam se asfixiando. E não podia ver nada mais que alguns metros à frente deles. Certificando-se de se manter agarrada a Todd, Luce deu uma volta em círculo, repentinamente insegura de qual direção eles tinham vindo. Ela estendeu a mão e sentiu um metal quente de uma estante. Ela nem sequer podia ver os títulos nos livros.

Estavam na sessão de D ou O?

Não tinham pista que guiasse até Penn e a Srta. Sophia, e nenhuma pista que os guiassem para a saída tampouco. Luce sentiu uma onda de pânico passar por ela, fazendo mais difícil respirar, “Elas já devem ter saído pelas portas da frente!” Todd gritou, parecendo meio convencido. “Temos que voltar!”

Luce mordeu seu lábio. E se alguma coisa conteceu com Penn.

Ela mal podia ver Todd, que estava parado exatamente em frente a ela.

Ele tinha razão, mas qual era o caminho de volta? Luce assentiu silenciosamente, e sentiu a mão dele tomando a dela.

Por um longo tempo, ela se moveu sem saber onde estavam indo, mas enquanto eles seguiam, a fumaça se desvanecia, pouco a pouco, até que, eventualmente, ela viu o brilho vermelho da saída de emergência. Luce deu um suspiro de alívio enquanto Todd procurava pela maçaneta da porta e finalmente a abriu.

Eles estavam em um corredor que Luce jamais tinha visto.

Todd fechou a porta atrás deles. Eles ofegaram e encheram seus pulmões com ar limpo. Tinha um gosto tão bom, Luce queria queria afundar seus dentes nisso, beber um galão disso, banhar-se nisso.

Ela e Todd tossiram a fumaça para fora de seus pulmões até que começaram a rir, uma inquieta, quase aliviada risada. Eles riram até que ela estava chorando. Mas mesmo quando Luce terminou de chorar e tossir, seus olhos continuavam lacrimejando. Como podia respirar neste ar quando ela nem sequer sabia o que tinha acontecido a Penn? E se Penn não tinha conseguido sair – se estava presa em algum lugar lá dentro – então Luce tinha falhado com alguém a quem lhe importava novamente. Só que desta vez seria muito pior.

Ela limpou os olhos e viu uma nuvem de fumaça passando por baixo da rachadura da base da porta. Ainda não estavam a salvo. Tinha outra porta no final do corredor. Através do painel de cristal da porta, Luce podia ver a forma de um ramo de uma árvore na noite. Exalou. Em pouco tempo, estariam do lado de fora, longe dessa fumaça intoxicante.

Se fossem o suficiente rápido, podiam ir para a entrada principal e assegurar-se de que Penn e a Srta. Sophia tinham saído.

“Vamos,” Luce disse a Todd, que estava curvado, respirando com dificuldade. “Temos que continuar.”

Ele se endireitou, mas Luce podia ver que estava realmente mal. Seu rosto estava vermelho, seus olhos eram selvagens e molhados.

Ela praticamente teve que arrastá-lo até a porta. Ela estava tão concentrada em sair dalí que levou um tempo para processar o pesado ruído que tinha caido sobre eles, silenciando o alarme.

Ela olhou para o redemoinho de sombras. Um espectro de sombras de tons cinzas e o mais profundo negro. Ela só devia ser capaz de ver um pouco mais sobre o teto, mas as sombras pareciam de alguma maneira extender-se sobre os limites. Em um estranho e escondido céu. Todas estavam amontoadas umas sobre as outras, mas ainda assim, de alguma maneira eram distintas.

No meio delas estava a sombra mais clara e cinza que ela tinha visto anteriormente. Não era mais da forma alongada de uma agulha, mas agora parecia quase como a chama de um fósforo. Se balançou até eles no corredor. Ela realmente tinha apartado essa forma obscura quando tinha ameaçado esfolar a cabeça de Penn? A recordação fez com que suas palmas lhe coçassem e seus dedos se enrolarem.

Todd começou a bater-se contra as paredes, como se o corredor estivesse aproximando-se dele. Luce sabia que eles estavam em nenhum lugar próximos da porta. Ela pegou sua mão, mas suas maõs suadas se deslizaram uma e outra vez. Ela enrolou seus dedos fortemente ao redor do pulso dele. Ele estava tão pálido como um fantasma, agachou-se do chão, quase encolhido. um gemido de pavor escapou de seus lábios.

Era porque a fumaça agora estava chegando no corredor?

Ou era porque ele também podia ver as sombras?

Impossível.

Mas ainda assim, seu rosto estava comprimido e horrorizado.

Muito mais agora que as sombras estavam aproximando-se.

“Luce?” Sua voz tremeu.

Outra onda de sombras se levantou diretamente em seu caminho. Uma manta de negro intenso se estendeu sobre as paredes e fez impossível para Luce ver o chão. Ela viu Todd – ele podia ver isso?

“Corre!” Ela gritou.

Ele ainda podia correr? Seu rosto estava cinzendo e suas palpébras fechadas. Ele estava a ponto de desmaiar. Mas então, repentinamente parecia como se ele estivesse carregando-a.

Ou algo estava carregando os dois.

“Que demônios?” Todd gritou.

Seus pés se levantaram do chão só por um momento. Sentiu como se estivesse em uma onda no oceano, um cume leve que a levantava mais alto, levando seu corpo ao ar. Luce não sabia até onde iria – ela nem sequer podia ver a porta, só um monte de sombras ao redor. Próximo dela, mas não a tocaram. Ela deveria ter estado horrorizada, mas não estava. De alguma maneira se sentia protegida das sombras, como se algo a estivesse protegendo – algo flexível mas impenetrável. Algo estranhamente familiar.

Algo forte, mas gentil. Algo – quase muito rápido, ela e Todd estavam na porta. Seus pés tocaram o chão de novo, e ela se lançou contra porta de emergencia.

Então ela soltou. Sufocada. Ofegante. Com ansia de vômito.

Outro alarme estava soando. Mas estava soando muito longe.

O vento roçou seu pescoço. Eles estavam do lado de fora!

Parados em um pequeno peitoral, Um lance de escadas chegavam até a áreal principal, e inclusive quando tudo em sua cabeça se sentia nublado e cheio de fumaça, Luce pensou que podia escutar vozes em algum lugar próximo. Ela virou para tentar saber o que tinha acontecido. Como ela e Todd tinham saído através dessa grossa, negra e impenetrável sombra? E o que era essa coisa que os tinha salvo? Luce sentiu sua ausência.

Ela quase queria voltar para procurá-la.

Mas o corredor estava escuro, e seus olhos ainda estavam cheios de lágrimas, e ela já não podia distinguir as retorcidas formas das sombras. Talvez tivessem ido.

Depois houve uma irregular pincelada de luz, algo que parecia com o tronco de árvore com ramos – não, como um torço amplos, longos membros. Uma pulsante, quase violeta coluna de luz movendo-se pra cima deles. Isso fez com que Luce pensasse, absurdamente, em Daniel.

Ela estava vendo coisas. Ela respirou fundo e tentou piscar as lágrimas de fumaça de seus olhos. Mas a luz ainda estava ali. Ela sentia mais que ouvi-la chamar, acalmando-a, uma canção de ninar em meio a uma zona de guerra.

Então ela não viu chegar a sombra.

Bateu no corpo dela e de Todd, rompendo seu agarre um do outro, e lançando Luce no ar.

Ela aterrizou ao pé das escadas. Um grunido agonizante escapou de seus lábios.

Por um longo momento sua cabeça latejava. ela nunca tinha conhecido uma dor tão profunda e abrasadora como esta. ela chorou durante a noite, no conflito de luz e sombra sobre sua cabeça.

Mas então tudo se tornou muito e Luce se entregou, fechando os olhos.

Capitulo Onze - Rude Despertar

"Está com medo?" Daniel perguntou. Sua cabeça estava inclinada para o lado, seu cabelo loiro desgrenhado por uma brisa suave. Ele estava segurando-a, e enquanto seu aperto estava firme em torno de sua cintura, era tão suave e leve como um lenço de seda. Seus próprios dedos estavam entrelaçados atrás do pescoço sem camisa dele.

Ela estava com medo? Claro que não. Ela estava com Daniel.

Finalmente. Em seus braços. A verdadeira questão incomodando nos fundos de sua mente era: Ela deveria ficar com medo? Ela não podia ter certeza. Ela nem mesmo sabia onde estava.

Ela conseguia sentir o cheiro de chuva no ar, próxima. Mas tanto ela quanto Daniel estavam secos. Ela conseguia sentir um longo vestido branco fluindo até seus tornozelos. Havia só um pouco de luz do dia restante. Luce sentiu um arrependimento penetrante ao desperdiçar o pôr-do-sol, como se houvesse algo

que ela pudesse fazer para detê-lo.

De alguma forma ela sabia que esses raios de luz finais eram tão preciosas quanto as últimas gotas de mel em um jarro.

"Você fica comigo?" ela perguntou. Sua voz era o mais fino sussurro, quase cancelado por um gemido baixo de trovão. Uma rajada de vento girou ao redor deles, soprando o cabelo de Luce em seus olhos.

Daniel cruzou seus braços com mais força ao redor dela, até que ela conseguisse respirar a respiração dele, pudesse sentir o cheiro da pele dele na dela.

"Para sempre," ele sussurrou de volta. O som doce de sua voz a completou.

Havia um pequeno arranhão do lado esquerdo da testa dele, mas ela esqueceu dele enquanto Daniel pegou suas bochechas entre as mãos e trouxe seu rosto mais para perto. Ela inclinou sua cabeça para trás e sentiu todo o seu corpo ficar frouxo de expectativa.

Finalmente, finalmente, os lábios dele desceram nos dela com uma urgência que tirou seu fôlego. Ele beijou ela como se ela pertencesse a ele, tão naturalmente como se ela fosse alguma parte dele há muito tempo perdida que ele pudesse enfiar recuperar.

Então a chuva começou a cair. Ensopou seus cabelos, correu pelos seus rostos e em suas bocas. A chuva estava quente e inebriante, como os próprios beijos.

Luce esticou sua mão ao redor das costas dele para puxa-lo mais para perto, e suas mãos deslizavam em algo aveludado. Ela correu uma mão sobre isso, depois outra, buscando seus limites, e então olhou para além do rosto brilhante de Daniel.

Algo estava se desenrolando atrás dele.

Asas. Lustrosas e iridescentes, batendo devagar, sem esforço, brilhando na chuva.

Ela as tinha visto antes, talvez, ou algo parecido com elas, em algum lugar. "Daniel," ela disse, arfando. As asas consumiram sua visão e sua mente. Elas pareciam girar em um milhão de cores, fazendo sua cabeça doer. Ela tentou olhar

para outro lugar, para qualquer outro lugar, mas de todos os lados, tudo que ela podia ver além de Daniel eram os rosas e azuis infinitos do céu se pondo. Até que ela olhou para baixo e observou uma última coisa.

O chão.

Milhares de metros abaixo deles.

Quando ela abriu seus olhos, estava muito claro, sua pele muito seca, e havia uma dor imobilizante na parte de trás de sua cabeça. O céu tinha ido embora, assim como Daniel.

Outro sonho.

Só que esse a deixou se sentindo quase doente de desejo.

Ela estava em um quarto de paredes brancas. Deitada em uma cama de hospital. À sua esquerda, uma cortina fina como papel tinha sido arrastada pela metade do quarto, separando-a de algo se movimentando no outro lado.

Luce delicadamente tocou o ponto tenro na base do seu pescoço e choramingou.

Ela tentou se orientar. Ela não sabia onde estava, mas tinha uma nítida sensação de que não estava mais na Espada & Cruz. Seu vestido branco ondeado era – ela deu um tapinha nas laterais – uma folgada camisola de hospital. Ela conseguia sentir cada parte do sonho escapulindo – tudo exceto aquelas asas. Elas tinham sido tão reais. O

toque delas tão aveludado e fluído. Seu estômago agitou-se. Ela fechou e abriu seus punhos, hiper-consciente de seu vazio.

Alguém agarrou e apertou sua mão direita. Luce virou sua cabeça rapidamente e recuou. Ela tinha assumido que estava sozinha.

Gabbe estava empoleirada na beira de uma cadeira giratória azul desbotada que parecia, irritantemente, realçar a cor dos olhos.

Luce queria se desvencilhar – ou pelo menos, ela esperou querer se desvencilhar – mas então Gabbe lançou-lhe o sorriso mais quente, um que fez Luce se sentir, de alguma forma, segura, e ela percebeu que estava feliz por não estar sozinha.

"Quanto disso foi um sonho?" ela murmurou.

Gabbe riu. Ela tinha um pote de creme para cutículas na mesa ao lado dela, e começou a esfregar o negócio branco com aroma de limão nas unhas de Luce. "Isso tudo depende," ela disse, massageando os dedos de Luce. "Mas não se importe com sonhos. Eu sei que sempre quando sinto o meu mundo virando de cabeça para baixo, nada me acalma como uma manicure."

Luce olhou para baixo. Ela nunca fora muito de esmalte, mas as palavras de Gabbe a lembraram de sua mãe, que sempre sugeria que elas fossem à manicure quando Luce tinha um dia ruim. Enquanto as mãos lentas de Gabbe trabalhavam em seus dedos, Luce se perguntava se todos esses anos ela estivera perdendo isso.

"Onde nós estamos?" ela perguntou.

"Hospital Lullwater."

Sua primeira viagem para fora do campus e ela acabara em um hospital há cinco minutos da casa dos seus pais. Na última vez em que ela estivera aqui fora para tirar três pontos de seu cotovelo quando ela caíra da sua bicicleta. Seu pai não havia deixado o seu lado. Agora ele não estava em lugar algum.

"Há quanto tempo estou aqui?" ela perguntou.

Gabbe olhou para o relógio branco na parede e disse, "Eles te acharam desmaiada devido a inalação de fumaça na noite passada por volta das onze. É procedimento operacional padrão chamar o Técnico de Emergência Médica quando encontram alguém do reformatório inconsciente, mas não se preocupe, Randy disse que vão te deixar sair daqui logo logo. Assim que seus pais assentirem–"

"Meus pais estão aqui?"

"E cheios de preocupação com a filha deles, até as pontas do cabelo com permanente da sua mamãe. Eles estão no corredor, se afogando em papelada. Eu disse a eles que ficaria de olho em você."

Luce resmungou e apertou seu rosto no travesseiro, convocando a profunda dor na parte de trás de sua cabeça novamente.

"Se você não quiser vê-los..."

Mas Luce não resmungava por causa de seus pais. Ela estava morrendo de vontade de ver seus pais. Ela estava se lembrando da biblioteca, do fogo, e da nova geração de sombras que ficava mais assustadora cada vez que a encontravam. Elas sempre foram escuras e feias, elas sempre a fizeram se sentir nervosa, mas ontem à noite, tinha quase parecido como se as sombras quisessem algo dela. E então houve aquela outra coisa, a força levitante que a libertou.

"Que cara é essa?" Gabbe perguntou, inclinando sua cabeça e acenando sua mão no ar na frente do rosto de Luce. "No que está pensando?"

Luce não sabia como assimilar a bondade repentina de Gabbe com ela. Assistente de enfermeira não parecia exatamente o tipo de emprego em que Gabbe seria voluntária, e não era como se houvesse algum cara por aqui cuja atenção ela pudesse monopolizar.

Gabbe nem mesmo parecia gostar de Luce. Ela não apareceria aqui por vontade própria, apareceria?

Mas mesmo tão bondosa quanto Gabbe estava sendo, não havia jeito de explicar o que tinha acontecido na noite passada. A reunião pavorosa e inexprimível no corredor. A sensação surreal de ser impulsionada para frente por aquela escuridão. A figura estranha e atraente da luz.

"Onde o Todd está?" Luce perguntou, lembrando-se dos olhos amedrontados do rapaz. Ela perdera seu aperto sobre ele, saiu voando, e então...

A cortina de papel foi repentinamente atirada para trás, e ali estava Arriane, usando patins em linha e um uniforme vermelho-e-branco cor de doce listrado. Seu curto cabelo preto estava retorcido em uma série de nós no alto da sua cabeça. Ela rolou, carregando uma bandeja na qual estavam três cascas de côco cobertas com canudos de festa em formato de guarda-chuva de cor neon.

"Agora me deixa entender," ela disse numa voz rouca, nasal.

"Ponha a lima no côco e beba ambos – opa, caras azedas. O que estou interrompendo?”

Arriane parou as rodas no pé da cama de Luce. Ela estendeu um coco com um

guarda-chuva rosa balançando.

Gabbe pulou e agarrou o coco primeiro, dando uma cheirada em seu conteúdo. "Arriane, ela acabou de passar por um trauma," ela repreendeu. "E para sua informação, o que você interrompeu foi o assunto Todd."

Arriane jogou seus ombros para trás. "Justamente o por que dela precisar de algo potente," ela debateu, segurando a bandeja possessivamente enquanto ela e Gabbe envolviam-se em um concurso de encarar.

"Ótimo," Arriane disse, olhando para longe de Gabbe. "Darei a ela sua velha bebida chata." Ela deu a Luce o coco com o canudo azul.

Luce devia estar em algum tipo de atordoamento pós-traumático. Onde é que elas poderiam ter conseguido esse negócio? Cascas de coco?

Bebidas com guarda-chuvas? Era como se ela tivesse adormecido no reformatório e acordado no Club Méd*.

* cadeia internacional de hotéis.

"Onde vocês conseguiram todas essas coisas?" ela perguntou.

"Quero dizer, obrigada, mas–"

"Nós unimos nossos recursos quando precisamos," Arriane disse, "Roland ajudou."

As três se sentaram bebendo de forma barulhenta as bebidas geladas e doces por um momento, até que Luce não conseguisse aguentar mais. "Então, voltando para o Todd ...?"

"Todd," Gabbe disse, limpando sua garganta. "O negócio é que... ele simplesmente inalou muito mais fumaça do que você, doçura”

"Ele não inalou," Arriane cuspiu. "Ele quebrou o pescoço."

Luce arfou, e Gabbe bateu em Arriane com sua bebida de guarda-chuva.

"O quê?" Arriane disse. "Luce pode aguentar isso. Se ela vai descobrir

eventualmente, por que adoçar a verdade?"

"A evidência ainda é inconclusiva," Gabbe disse, sublinhando as palavras.

Arriane deu de ombros. "Luce estava lá, ela deve ter visto–"

"Eu não vi o que aconteceu com ele," Luce disse. "Nós estávamos juntos e então, de alguma forma, fomos separados. Eu tive um mau pressentimento, mas eu não sabia," ela sussurrou. "Então ele..."

"Se foi desse mundo," Gabbe disse suavemente.

Luce fechou seus olhos. Um frio, que não tinha nada a ver com a bebida, se espalhou por ela. Ela se lembrou do Todd batendo freneticamente nas paredes, sua mão suada apertando a dela quando as sombras rugiram sobre eles, o momento terrível quando os dois foram separados e ela ficara muito chocada para ir até ele.

Ele tinha visto as sombras. Luce estava certa disso agora. E

ele morrera.

Depois de Trevor ter morrido, nenhuma semana se passou sem uma carta de ódio encontrando seu caminho até Luce. Seus pais começaram a tentar vetar o correio antes que ela pudesse ler as coisas venenosas, mas muito ainda chegava a ela. Algumas cartas eram escritas à mão, alguns eram digitadas, uma tinha até sido cortada de letras de revistas, estilo bilhete de resgate. Assassina, Bruxa. Eles a tinham chamado de nomes cruéis o bastante para encher uma página de recados, causado agonia o bastante para mantê-la trancada dentro de casa durante todo o verão.

Ela pensara que tinha feito tanto para se afastar daquele pesadelo: deixando seu passado para trás quando ela foi para a Espada

& Cruz, concentrando-se em suas aulas, fazendo amigos... ah Deus. Ela inspirou uma respiração. "E quanto a Penn?" ela perguntou, mordendo seu lábio.

"Penn está ótima," Arriane disse. "Ela é totalmente matéria de primeira página, testemunha do incêndio. Tanto ela quanto a Senhorita Sophia saíram, cheirando como um poço de fumaça do leste da Geórgia, mas ainda assim bem."

Luce soltou sua respiração. Pelo menos havia uma boa notícia.

Mas sob os lençóis finos como papel fino da enfermaria, ela estava tremendo. Logo, certamente os mesmos tipos de pessoas que foram atrás dela após a morte de Trevor iriam atrás dela novamente. Não apenas os que escreveram as cartas zangadas. Dr. Sanford. Seu agente da condicional. A polícia.

Bem como antes, seria esperado que ela tivesse a história toda reunida. Que lembrasse de cada detalhe mínimo. Mas é claro que, exatamente como antes, ela não seria capaz. Numa hora, ele estivera ao seu lado, apenas os dois. Na seguinte–

"Luce!” Penn irrompeu pela sala, segurando um grande balão de hélio marrom. Tinha a forma de um band-aid e dizia Arranca em letras cursivas azuis. "O que é isso?" ela perguntou, olhando para as outras três garotas criticamente. "Algum tipo de festa do pijama?"

Arriane tinha desamarrado seus patins e subido na minúscula cama ao lado de Luce. Ela estava segurando as duas bebidas de cocos e deitando sua cabeça no ombro de Luce.

Gabbe estava pintando esmalte transparente na mão livre de coco de Luce.

"É," Arriane gargalhou. "Junte-se a nós, Pennyloafer*.

Estávamos prestes a jogar Verdade ou Desafio. Deixaremos você ir primeiro."

*trocadilho com o nome da Pen e ‘loafer’, que significa mocassim (penny loafer também é um tipo de mocassim).

Gabbe tentou encobrir sua risada com um delicado espirro falso.

Penn colocou suas mãos nos quadris. Luce se sentiu mal por ela, e também um pouco assustada.

Penn pareceu bastante feroz.

"Um dos nossos colegas morreu na noite passada," Penn enunciou cuidadosamente. "E Luce poderia ter se machucado muito."

Ela balançou sua cabeça. "Como vocês podem brincar numa hora como essa?" ela fungou. "Isso é álcool?"

"Ohhh," Arriane disse, olhando para Penn, seu rosto sério.

"Você gostava dele, não gostava?"

Penn pegou um travesseiro da cadeira atrás dela e jogou-o em Arriane. O negócio era que Penn estava certa. Era estranho que Arriane e Gabbe estivessem tomando a morte de Todd como algo quase leve.

Como se elas vissem esse tipo de coisa acontecer o tempo todo.

Como se isso não as afetasse da forma como isso afetava Luce.

Mas elas não podiam saber o que Luce sabia sobre os últimos momentos de Todd. Elas não poderiam saber por que ela se sentia tão enojada agora. Ela de um tapinha no pé da cama para Penn e entregou-lhe o que restava de seu coco gelado.

"Nós saímos pela saída traseira, e então–" Luce não conseguia nem mesmo dizer as palavras. "O que aconteceu com você e a Senhorita Sophia?"

Penn olhou desconfiadamente para Arriane e Gabbe, mas nenhuma se movimentou para ser insolente. Penn desistiu e se sentou na beirada da cama.

"Eu simplesmente fui lá perguntar a ela sobre–" Ela olhou para as outras duas garotas novamente, então lançou a Luce um olhar astucioso. "A pergunta que eu tinha. Ela não sabia a resposta, mas ela queria me mostrar outro livro."

Luce tinha esquecido tudo sobre a busca dela e de Penn na noite passada. Isso parecia tão distante e tão irrelevante depois do que havia acontecido.

"Nós nos afastamos dois passos da mesa da Senhorita Sophia,"

Penn continuou, "e houve essa explosão maciça de luz de canto de olho.

Quero dizer, li sobre combustão espontânea, mas isso foi... "

Todas as três outras garotas estavam se inclinando para a frente nesse momento.

A história de Penn era notícia de primeira página.

"Algo deve ter começado isso," Luce disse, tentando imaginar a mesa da Senhorita Sophia em sua mente. "Mas eu não acho que havia mais alguém na biblioteca."

Penn sacudiu a cabeça. "Não havia. A Senhorita Sophia disse que um fio deve ter dado curto-circuito em uma lâmpada. O que quer que tenha acontecido, que o fogo tinha bastante combustível. Todos os documentos dela se foram rapidamente." Ela estalou os dedos.

"Mas ela está bem?" Luce perguntou, dedilhando a bainha parecida com papel de sua camisola de hospital.

"Perturbada, mas bem," disse Penn. "Os extintores de incêndio foram ligados eventualmente, mas eu acho que ela perdeu um bando das coisas dela. Quando lhe contaram o que aconteceu com o Todd, foi quase como se ela estivesse dormente demais até mesmo para entender."

"Talvez estejamos todos dormentes demais para entender,"

Luce disse. Dessa vez Gabbe e Arriane assentiram de cada lado dela.

"Os – os pais do Todd sabem?" ela perguntou, querendo saber como diabos ela explicaria para seus próprios pais o que tinha acontecido.

Ela os imaginou preenchendo papelada no salão. Será que eles iriam querer vê-la? Será que eles conectariam a morte do Todd com a de Trevor... e traçariam ambas as histórias terríveis até ela?

"Eu ouvi Randy no telefone com os pais de Todd," Penn disse.

"Eu acho que eles vão processar. O corpo dele está sendo mandado de volta para a Flórida mais tarde hoje."

Só isso? Luce engoliu em seco.

"A Espada & Cruz vai fazer um serviço memorial para ele na quinta," Gabbe disse silenciosamente. "Daniel e eu vamos ajudar a organizar."

"Daniel?" Luce repetiu antes que pudesse se controlar. Ela olhou para Gabbe, e mesmo em seu estado abatido pelo luto, ela não conseguiu evitar reverter à sua imagem inicial da garota: uma sedutora loira de lábios rosa.

"Foi ele quem achou vocês dois na noite passada," Gabbe disse. "Ele carregou você da biblioteca até o escritório da Randy."

Daniel tinha carregado ela? Tipo... seus braços em volta do corpo dela? O sonho voltou correndo e a sensação de voar – não, de flutuar – a inundou. Ela se sentiu amarrada demais em sua cama. Ela sentia falta do mesmo céu, da chuva, da boca dele, dos dentes dele, da língua dele fundindo com a dela novamente. Seu rosto ficou quente, primeiro com desejo, então com a impossibilidade agonizante de tudo aquilo acontecer enquanto ela estivesse acordada. Aquelas asas gloriosas e cegantes não eram as únicas coisas fantásticas nesse sonho.

O Daniel da vida real somente a carregaria para a enfermaria. Ele nunca iria querer ela, nunca a pegaria em seus braços, não desse jeito.

"Hãn, Luce, você está bem?" Penn perguntou. Ela estava abanando as bochechas coradas de Luce com sua bebida de guarda-chuva.

"Ótima," Luce disse. Era impossível afastar aquelas asas de sua mente. Esquecer da sensação do rosto dele sobre o dela. "Ainda estou me recuperando, suponho."

Gabbe deu um tapinha em sua mão. "Quando ficamos sabendo sobre o que tinha acontecido, nós bajulamos a Randy para nos deixar vir visitar," ela disse, revirando seus olhos. "Não queríamos que você acordasse sozinha."

Houve uma batida na porta. Luce esperava ver os rostos ansiosos de seus pais, mas ninguém entrou. Gabbe ficou de pé e olhou para Arriane, que não fez menção alguma de se levantar.

"Fiquem aqui. Eu lidarei com isso."

Luce ainda estava sobrepujada pelo que tinham lhe contado sobre Daniel. Mesmo não fazendo sentido algum, ela queria que fosse ele fora daquela porta.

"Como ela está?" uma voz perguntou em um sussurro. Mas Luce a ouviu. Era ele. Gabbe murmurou algo de volta.

"Que congregação toda é essa?" Randy rosnou do lado de fora da sala. Luce sabia, com o coração afundado, que isso significava que as horas de visita tinham acabado. "Quem quer que tenha me convencido a deixar vocês, seus hooligans, virem junto recebe detenção.

E não, Grigori, não aceitarei flores como suborno. Todos vocês, entrem na minivan."

Ouvindo a voz da atendente, Arriane Penn se encolheram, então correram para esconder as cascas de coco debaixo da cama. Penn enfiou os guarda-chuvas da bebida dentro de seu estojo e Arriane espirrou um forte perfume almíscar de baunilha no ar. Ela deu um pedaço de chiclete de hortelã para Luce.

Penn engasgou numa nuvem flutuante de perfume, então se inclinou rapidamente para Luce e sussurrou, "Assim que estiver boa de nova, acharemos o livro. Acho que será bom para nós duas ficarmos ocupadas, tirar nossas mentes das coisas."

Luce apertou a mão de Penn em agradecimento e sorriu para Arriane, que parecia ocupada demais amarrando o cadarço de seu patins para ter ouvido.

Foi então que Randy empurrou com tudo a porta. "Mais congregação!" ela gritou. "Inacreditável."

"Nós estávamos apenas–" Penn começou a dizer.

"Indo embora," Randy terminou por ela. Ela tinha um buquê de peônias brancas selvagens em sua mão. Estranho. Elas eram as favoritas de Luce. E era tão difícil achá-las florescendo por aqui. Randy abriu um armário debaixo da pia e fuçou por um minuto, então puxou um vaso pequeno e empoeirado. Ela o encheu com a água turva da torneira, colocou as peônias rudemente dentro, e as assentou na mesa ao lado de Luce. "São dos seus amigos," ela disse, "que irão todos agora se despedir."

A porta estava largamente aberta, e Luce conseguia ver Daniel encostado contra a moldura. Seu queixo estava levantado e seus olhos cinzentos estavam nublados com preocupação. Ele encontrou o olhar de Luce e deu-lhe um pequeno sorriso. Quando ele tirou seus cabelos de perto de seus olhos, Luce conseguiu ver um pequeno corte vermelho escuro em sua testa.

Randy dirigiu Penn, Arriane e Gabbe porta afora. Mas Luce não conseguia tirar seus olhos de Daniel. Ele ergueu uma mão no ar e balbuciou o que ela achava ser Sinto muito, logo antes de Randy empurrar-los para fora.

"Espero que eles não tenham te exaustado," Randy disse, espreitando na entrada com um franzir de testa antipático.

"Ah não!" Luce sacudiu sua cabeça, percebendo o quanto ela tinha aprendido a contar com a lealdade de Penn, e a maneira peculiar de Arriane animar até mesmo o humor mais sombrio. Gabbe, também, tinha sido realmente bondosa com ela. E Daniel, embora ela mal o tenha visto, tinha feito mais para restaurar sua paz de espírito do que jamais saberia. Ele tinha vindo para checar ela. Ele estivera pensando nela.

"Bom," Randy disse. "Porque o horário da visita ainda não acabou."

Novamente, o coração de Luce acelerou enquanto ela esperava ver seus pais. Mas houve apenas um ligeiro ruído no chão de linóleo, e logo Luce viu a minúscula moldura da Senhorita Sophia. Uma pashmina de outono colorida estava guarnecida sobre seus ombros magros, e seus lábios estavam pintados de um vermelho profundo para combinar. Atrás dela andava um homem baixo e careca de terno, e dois policiais, um gordinho e um magro, ambos com linhas capilares retrocedendo e braços cruzados.

O policial gordinho era mais jovem. Ele sentou-se na cadeira ao lado de Luce, então – percebendo que ninguém mais tinha se mexido para sentar –levantou-se novamente recruzou os braços.

O careca deu um passo a frente e ofereceu sua mão à Luce.

"Sou o Mr. Schultz, advogado da Espada & Cruz." Luce apertou sua mão duramente. "Esses policiais simplesmente vão te fazer algumas perguntas. Nada a ser usado em um tribunal, apenas um esforço para corroborar os detalhes do acidente–"

"E eu insisti em estar aqui durante o questionamento, Lucinda," a Senhorita Sophia acrescentou, indo para a frente para acariciar o cabelo de Luce. "Como está, querida?" ela sussurrou. "Em estado amnéstico de choque?"

"Estou bem–"

Luce cortou quando avistou mais duas figuras na entrada. Ela quase caiu em prantos quando viu a cabeça escura e encaracolada de sua mãe e os grandes óculos de couraça de tartaruga de seu pai.

"Mãe," ela sussurrou, baixo demais para alguém mais ouvir.

"Pai." Eles se apressaram em direção à cama, jogando seus braços em volta dela e apertando suas mãos. Ela queria abraçá-los tanto, mas ela se sentia fraca demais para fazer muito mais do que ficar parada e absorver o conforto familiar do toque deles. Os olhos deles pareciam tão assustados quanto ela se sentia.

"Doçura, o que aconteceu?" sua mãe perguntou.

Ela não conseguia dizer uma palavra.

"Eu disse a eles que você é inocente," a Senhorita Sophia disse, virando-se para lembrar os policiais.

"Ao diabo com semelhanças estranhas."

Claro que eles tinham o acidente de Trevor registrado, e é claro que os policiais iriam encontrá-lo ... notavelmente devido à morte do Todd. Luce tinha prática o bastante com os policiais para saber que ela apenas iria deixá-los frustrados e irritados.

O policial magro tinha costeletas longas que estavam ficando grisalhas. O arquivo aberto dela na mão dele parecia exigir sua atenção total, porque nenhuma vez ele olhou para ela. "Srta. Price," ele disse com um lento sotaque sulista. "Por que você e o Sr. Hammond estavam sozinhos na biblioteca numa hora tão tardia quando todos os outros estudantes estavam numa festa?"

Luce olhou para seus pais. Sua mãe estava mordiscando seu batom. O rosto do seu pai estava tão branco quanto o lençol da cama.

"Eu não estava com o Todd," ela disse, não entendendo a linha de questionamento. "Eu estava com a Penn, minha amiga. E a Senhorita Sophia estava lá. Todd estava lendo sozinho e quando o incêndio começou, eu me perdi da Penn, e Todd foi o único que consegui achar."

"O único que conseguiu achar... para fazer o quê?"

"Espera um minuto." O Sr. Schultz deu um passo para frente para interromper o policial. "Isso foi um acidente, devo lembrar-lhe.

Você não está interrogando um suspeito."

"Não, eu quero responder," Luce disse. Havia tantas pessoas nesse minúsculo quarto que ela não sabia para onde olhar. Ela olhou o policial. "O que quer dizer?"

"Você é uma pessoa nervosa, Srta. Price?" Ele agarrou a pasta.

"Você se definiria como solitária?"

"Já chega," seu pai interrompeu.

"Sim, Lucinda é uma estudante séria," a Senhorita Sophia acrescentou. "Ela não tinha nenhuma má vontade em relação a Todd Hammond. O que aconteceu foi um acidente, nada mais."

O policial olhou em direção a porta aberta, como se desejando que a Senhorita Sophia se deslocasse para fora dela. "Sim, madame.

Bem, com esses casos de reformatório, dar o benefício da dúvida nem sempre se é o mais responsável–"

"Eu lhe contarei tudo o que sei," Luce disse, embolando seu lençol em seu punho. "Eu não tenho nada a esconder."

Ela os conduziu da melhor maneira que conseguiu, falando devagar e claramente para que não levantasse novas perguntas para seus pais, para que os policiais pudessem tomar nota. Ela não se deixou escorregar para a emoção, o que parecia ser exatamente o que todos estavam esperando. E – deixando de fora a aparição das sombras

– a história fazia bastante sentido. Eles tinham corrido para a porta traseira. Eles tinham encontrado a saída no final de um longo corredor.

A escada desprendeu-se rapidamente, inclinando-se para longe da base, e ela e Todd ambos estiveram correndo com tanta força, não conseguiram se impedir de tombar escada abaixo. Ela o perdera de vista, batera sua cabeça forte o bastante

para acordar aqui doze horas depois. Isso era tudo de que ela se lembrava.

Ela deixou a eles muito pouco que se discutir. Havia apenas a lembrança verdadeira da noite para que ela combatesse – por conta própria.

Quando acabou, o Sr. Schultz deu aos policiais uma inclinação de cabeça do tipo estão-satisfeitos?, e a Senhorita Sophia sorriu de alegria para Luce, como se juntas elas tivessem tido sucesso em algo impossível. A mãe de Lúcia soltou um longo suspiro.

"Iremos refletir sobre isso na delegacia," o policial magro disse, fechando o arquivo de Luce com tal resignação que parecia que ele queria ser agradecido por seus serviços.

Então os quatro saíram da sala e ela ficou sozinha com seus pais.

Ela lançou-lhes seu melhor olhar me-levem-para-casa. O lábio de sua mão tremeu, mas seu pai só engoliu em seco.

"Randy vai te levar de volta para a Espada & Cruz essa tarde,"

ele disse. "Não pareça tão chocada, doçura. O médico disse que você estava bem,"

"Mais do que bem," sua mãe acrescentou, mas ela parecia incerta.

Seu pai deu-lhe um tapinha no braço. "Te vemos no sábado.

Apenas mais alguns dias."

Sábado. Ela fechou seus olhos. Dia dos Pais. Ela estivera ansiando-o desde o momento que chegara na Espada & Cruz, mas agora tudo estava tingido pela morte do Todd. Seus pais pareciam quase ansiosos para deixá-la. Eles tinham um jeito de não querer exatamente lidar com as realidades de ter uma filha em um reformatório. Eles eram tão normais. Ela não podia realmente culpá-los.

"Descanse um pouco agora, Luce," seu pai disse, abaixando-se para beijá-la sua testa.

"Você teve uma noite longa e difícil."

"Mas–"

Ela estava exausta. Ela fechou seus olhos brevemente e quando os abriu, seus pais já estavam acenando da entrada.

Ela arrancou uma rechonchuda flor branca do vaso e a levou lentamente até seu rosto, admirando as folhas profundamente lobuladas e as pétalas frágeis, as gotas ainda úmidas de néctar dentro de seu centro. Ela respirou o odor suave e aromático da flor.

Ela tentou imaginar o modo como teriam parecido nas mãos de Daniel. Ela tentou imaginar onde ele as tinha conseguido, e o que tinha estado em sua mente.

Fora uma escolha tão estranha de flor. Peônias selvagens não floresciam no pantanal da Geórgia. Elas nem aderiam ao solo no jardim do seu pai em Thunderbolt. E, ainda, essas não pareciam quaisquer peônias que Luce já tivesse visto. As flores eram tão grandes quanto palmas das mãos vertidas em conchas, e o cheiro a lembrava de algo que ela não conseguia exatamente identificar.

Sinto muito, Daniel dissera. Só que Luce não conseguia entender exatamente pelo que.

Capitulo Doze - Em poeira

No nublado entardecer sobre o cemitério, um abutre circulava.

Dois dias haviam se passado desde a morte de Todd e Luce não havia conseguido comer ou dormir. Ela estava parada em um vestido preto sem mangas na enseada do cemitério onde toda Sword & Cross havia se reunido para mostrar seu respeito a Todd. Como se uma desanimada cerimônia de uma hora fosse o bastante. Especialmente já que a única capela do campus havia sido transformada em um natatório, e a cerimônia teve que ser feita em um pântano depressivo.

Desde o acidente a escola tem estado em alerta e os alunos tem sido a definição de bico fechado. Luce havia passado os últimos dois dias evitando os olhares dos outros estudantes que a olhavam todos com variáveis níveis de desconfiança. Os que ela não conhecia muito bem pareciam olhar para ela com uma pitada de medo. Outros como Roland e Molly encaravam ela um jeito diferente, bem mais desavergonhadamente, como se tivesse algo sombriamente fascinante sobre a

chegada dela. Ela agüentava os olhares xeretas o melhor que podia durante as aulas, e ficava contente a noite quando Penn dava uma passada para levá-la uma caneca fumegante de chá de gengibre, ou Arriane passava um Mab Libs obsceno por debaixo da sua porta.

Ela estava desesperada por qualquer coisa que tirasse a ansiedade da sua mente, daquele sentimento de estar esperando-que-o-outro-sapato-caia. Porque ela sabia que estava chegando. Na forma de uma segunda visita da policia, ou das sombras, ou ambas.

Naquela manhã, os anúncios da escola informaram a eles que os eventos sociais daquela noite seriam cancelados por respeito à morte de Todd e as aulas seriam terminadas uma hora mais cedo para que os estudantes tivessem tempo para se trocarem e chegarem ao cemitério às três horas. Como se toda a escola já não estivesse vestida para um funeral todo o tempo.

Luce nunca havia visto tantas pessoas reunidas em um só lugar no campus.

Randy estava estacionada no centro do grupo usando saia cinza pregueada até a panturrilha e um grosso sapato preto de sola emborrachada.

Uma Srta. Sophia de olhos marejados e um Sr. Cole mexedor de lenço ficaram parados atrás em suas roupas de luto. Sra. Tross e O

Treinador Diante estavam parados em um aglomerado preto com um grupo de outro professores e administradores que Luce nunca havia visto antes.

Os estudantes estavam sentados em filas em ordem alfabética.

Na frente Luce podia ver Joel Blant, o garoto que tinha ganhado a corrida de natação na semana passada, assoando o nariz em um lenço sujo. Luce estava na terra de lugar nenhum dos Os mas ela podia ver Daniel, irritantemente posicionado nos Gs bem ao lado de Gabbe, duas fileiras a frente. Ele estava vestido impecavelmente em um blazer preto sob medida, mas sua cabeça parecia pender abaixo de todos a sua volta. Até mesmo por trás, Daniel conseguia parecer devastadoramente sombrio.

Luce pensou sobre as peônias brancas que ele havia trazido para ela.Randy não havia deixado ela levar o vaso com ela quando ela deixou a enfermaria, então Luce teve que carregar as flores para o seu quarto e foi bem inventiva, cortando

a parte de cima de uma garrafa de água de plástico com uma tesoura de manicure.

Os botões eram perfumados e calmantes, mas a mensagem que eles forneciam não era clara.

Normalmente quando um cara te dava flores, você não tinha que ficar pensando quais eram os sentimentos dele. Mas com Daniel, esses tipos de pressuposições eram sempre uma má idéia. Era muito mais seguro presumir que ele tinha comprado elas para ela porque isso era o que se fazia quando alguém passava por um trauma.

Mas ainda, Ela havia lhe trazido flores! Se ela se inclinasse para frente agora em sua cadeira de dobrar e olhasse para seu quarto, apesar das barras de metal na terceira janela da esquerda, ela quase conseguia vê-las.

“No suor de teu rosto comerás o pão.” Um padre pago-pela-hora cantarolou em frente a multidão. “Até que retornes ao chão. Para fora dele foste retirado, do veio e ao pó voltarás.” Ele era um homem magro de aproximadamente setenta anos, perdido em uma grande jaqueta preta. Seus batidos sapados atléticos estavas com os laços partidos, sua face era encaroçada e queimada do sol. Ele falou no microfone preso a um velho aparelho de sol de plástico que parecia ser dos anos oitenta. O som que saiu era estático e distorcido e dificilmente atingiria toda a multidão.

Tudo sobre aquela cerimônia era inadequado e completamente errado.

Ninguém estava prestando Todd qualquer respeito por estar aqui. Todo o memorial parecia mais como uma tentativa patética de ensinar aos estudantes como a vida podia ser injusta.

O fato do corpo do Todd nem estar presente dizia muito sobre a relação da escola ou total falta dela com o garoto falecido. Nenhum dele havia conhecido ele, nenhum deles jamais iria.

Havia algo falso sobre ficar parada aqui naquela multidão hoje, algo piorado pelas poucas pessoas que estavam chorando. Fazia Luce sentir como se Todd fosse ainda mais desconhecido para ela do que ele havia sido na verdade.

Deixe Todd descansar em paz. Deixe os outros simplesmente seguirem em

frente.

Uma coruja branca cantava no galho alto da arvore de carvalho acima de suas cabeças.

Luce sabia que havia um ninho em algum lugar ali perto com um clã de novos bebes coruja.

Ela havia escutado o cantar preocupado da mãe todas as noites naquela semana seguida pela fanática batida de asas na sua descida para sua caçada noturna.

E então havia acabado. Luce se levantou da sua cadeira, se sentindo fraca com a injustiça de tudo aquilo. Todd havia sido tão inocente quanto ela era culpada, embora do que ela não sabia.

Enquanto ela seguia os outros estudantes em uma única fila em direção a tão chamada recepção, um braço passou ao redor da sua cintura e a puxou para trás.

Daniel?

Mas não, era Cam.

Seus olhos verdes procuraram os dela e pareceram ver o desapontamento, o que só a fez se sentir pior. Ela mordeu o lábio impedindo que se dissolvesse em soluços de choro. Ver Cam não deveria fazer ela chorar. Ela só estava drenada emocionalmente, a beira de um colapso. Ela mordeu tão forte que chegou a sentir gosto de sangue e então limpou a boca com sua mão.

“Hey.” Cam falou alisando a parte de trás do cabelo dela. Ela retraiu. Ela ainda tinha um galo ali atrás de quando ela havia batido a cabeça nos degraus. “Você quer ir a algum lugar para conversar?” Eles haviam caminhado com os outros pela grama em direção a recepção embaixo da sombra de um dos carvalhos. Uma cadeira de dobrar havia sido colocada praticamente uma em cima da outra. Uma mesa de dobrar próxima estaca coberta com biscoitos velhos, retirados de caixas de marcas genéricas mas ainda dentro de sacos plásticos.

Uma tigela de ponche de plástico barata havia sido cheia com um liquido vermelho adocicado e havia atraído varias moscas da mesma maneira um cadáver atrairia. Era uma recepção tão patética, poucos dos outros estudantes se incomodaram em ir. Luce viu Penn em sua saia preta apertando a mão do padre.

Daniel estava olhando para longe de todos eles, sussurrando algo para Gabbe.

Quando Luce se virou de volta para Cam, o dedo dele desenhou levemente através da clavícula dela, então parou sobre o valo do pescoço dela. Ela inspirou e sentiu arrepios sobre sua pele.

“Se você não gostou do colar,” ele falou se inclinado nela “Eu posso te conseguir outra coisa.”

Os lábios dele estavam tão perto de roçar no pescoço dela que Luce pressionou uma mãos no ombro dele e deu um passo para trás.

“Eu gostei.”ela falou, pensando na caixa largada na sua mesa.

Tinha id parar bem ao lado das flores de Daniel, e ela havia passado metade da noite anterior olhando de uma para a outra, pesando os presentes e as intenções por trás deles. Cam era tão mais claro, mais fácil de entender. Como se ele fosse álgebra e Daniel fosse calculo.

E ela sempre amou calculo, a maneira como as vezes ela levava uma hora para desvendar um único problema.

“Eu acho que o colar é ótimo.” Ela falou para Cam. “Eu só não tive a chance de usar ainda.”

“Me desculpe.” Ele falou, apertando os lábios.”Eu não devia pressionar você.”

Os cabelos escuros dele estavam puxados para trás e mostravam mais do rosto dele do que de costume. Fez ele parecer mais velho, mais maduro. E o jeito que ele olhava para ela era tão intenso, os grandes olhos verdes dele sondavam dentro dela, como se ele aprovasse tudo o que ela guardava dentro de si.

“Senhorita Sophia ficou dizendo para eu lhe dar mais espaço nesses últimos dias. Eu sei que ela está certa, você passou por tanta coisa. Mas você deveria saber o quanto eu pensei em você. Todo o tempo. Eu queria ver você.”

Ele acariciou seu rosto com as costas da mão e Luce sentiu lágrimas brotando.

Ela tinha passado por muita coisa. E ela se sentia terrível de estar ali, prestes a chorar, e não pelo Todd cuja morte importava, e devia ter importado mais, mas

por razões egoístas, porque os últimos dois dias trouxeram de volta dor demais do passado sobre Trevor e a vida dela antes de Sword & Cross, coisas que ela pensou que já havia lidado e nunca poderiam explicadas, à ninguém. Mais sombras para serem empurradas.

Era como se Cam pressentisse aquilo, ou ao menos parte dele, porque ele enrolou ela em seus braços, pressionando o coração dela contra seu forte e amplo peito, e a balançou de um lado para o outro.

“Está bem.” Ele falou “Vai ficar tudo bem.”

E talvez ela não tivesse que explicar nada à ele. Era como se quanto mais endoidecida ela se sentia por dentro, mais disponível Cam se tornava. E se fosse o bastante só ficar ali nos braços que alguém que se importa com ela, deixar a simples afeição dele estabilizar ela por um breve momento?

Era tão bom ser simplesmente abraçada.

Luce não sabia como me afastar de Cam. Ele sempre foi tão legal.

E ela gostava dele, e ainda, por razões que faziam ela se sentir culpada, ele meio que estava começando a irritar ela. Ele era tão perfeito, e solícito, e exatamente o que ele devia precisar agora. Era só que ... ele não era Daniel.

Um bolinho de papo de anjo apareceu sobre o ombro dela.

Luce reconheceu a mão com manicure feita segurando ele. “Tem ponche bem ali que precisa ser bebido.” Gabbe falou segurando um bolinho para Cam também. Ele olhou o topo com cobertura. “Você está bem?” Gabbe perguntou a Luce. Luce assentiu com a cabeça. Pela primeira vez, Gabbe havia aparecido exatamente quando Luce queria ser salva.

Elas sorriram uma para a outra e Luce ergueu o bolinho em agradecimento. Ela deu uma pequena, doce mordida.

“Ponche parece ser uma boa.” Cam falou por entre os dentes.

“Por que você não vai buscar alguns copos para nós, Gabbe?” Gabbe revirou os olhos para a Luce. “Faça um favor para o homem e ele já começa a tratar você como uma escrava.” Luce riu. Cam estava um pouco fora da linha, mas era

obvio para Luce o que ele estava tentando fazer.

“Eu vou pegar as bebidas.” Luce falou, pronta uma tomar um ar. Ela seguiu para a mesa da tigela de ponche. Ela estava enxotando uma mosca da superfície do ponche quando alguém sussurrou em seu ouvido.

“Você quer dar o fora daqui?”

Luce se virou, pronta para inventar alguma desculpa para Cam que não, ela não podia sair, não agora e não com ele. Mas não foi Cam que estendeu a mão e tocou a base do pulso dela com o dedão dele.

Foi Daniel. Ela derreteu um pouquinho. A vez dela de usar o telefone na quarta-feira era em dez minutos e ela queria, desesperadamente, ouvir a voz de Calli, ou dos pais dela. Falar de alguma coisas que estivesse se passando do lado de fora desses portões de metal, outra coisa além desolação dos seus últimos dois dias.

Mas dar o fora daqui? Com Daniel? Ela se pegou assentindo com a cabeça.

Cam ia odiar ela se ele a vise sair, e ele iria ver.

Ele estaria vigiando ela. Ela quase podia sentir os olhos verdes dele na parte de trás da sua cabeça. Mas é claro que ela tinha que ir.

Ela deslizou sua mão dentro da mão de Daniel.

“Por favor.”

Todas as outras vezes que ele haviam se tocado, ou havia sido por acidente, ou um deles havia se afastado bruscamente, normalmente Daniel, antes que a corrente de calor que Luce sempre sentia pudesse evoluir a um calor crescente. Não dessa vez. Luce olhou para baixo para as mãos de Daniel, segurando rapidamente as dela, e todo o corpo dela queria mais. Mais do calor, mais do formigamento, mais de Daniel, era quase, não tão bom quanto ela havia sentido em seu sonho. Ela mal podia sentir seus pés se movendo embaixo dela, só corrente do toque dele tomando conta.

Era como se ela tivesse só piscado, e eles haviam chegado aos portões do cemitério.

Abaixo deles, bem ao longe, o resto da cerimônia me movia fora de foco enquanto os dois deixavam tudo para trás.

Daniel parou repentinamente e, sem aviso, largou a mão dela.

Ela tremeu, frio de novo.

“Você e Cam.” Ele falou, deixando as palavras pairarem no ar como uma pergunta. “Vocês passam muito tempo juntos?”

“Parece que você não é muito fã da idéia.” Ela falou, se sentindo instantaneamente estúpida por bancar a ingênua. Ela só queria provocar ele por parecer um pouco ciumento, mas o rosto e o tom dele eram tão sérios.

“Ele não é.” Daniel começou a falar. Ele observou um gavião de cauda vermelha pousar em um carvalho sobre suas cabeças. “Ele não é bom o bastante para você.”

Luce havia ouvido pessoas dizerem essa fala mais de mil vezes antes. Era o que todo mundo sempre dizia. Não bom o bastante. Mas quando as palavras passaram pelos lábios de Daniel, elas soaram importantes, e mesmo de alguma forma verdadeiras e relevantes, não vagas e indiferentes do modo como sempre soavam a ela no passado.

“Bem, então,” ela falou em voz baixa. “quem é?”

Daniel colocou as mãos sobre os quadris. Ele riu para si mesmo por um longo tempo. “Eu não sei.” Ele falou finalmente. “Essa é uma ótima pergunta.”

Não exatamente a resposta que Luce estava procurando. “Não é como se fosse tão difícil.” Ela falou, enfiando as mãos no bolso porque ela queria esticar elas e alcançar ele. “Ser bom o bastante para mim.” Os olhos de Daniel pareciam estar caindo, todo o violeta que havia estado ali momentos antes, se tornaram em um profundo cinza escuro. “Sim,” Ele falou, “é sim.”

Ele esfregou a testa e quando fez isso seus cabelos foram para trás por apenas um segundo.

Tempo o suficiente. Luce viu o machucado na testa dele.

Estava cicatrizando, mas Luce podia identificar que era novo.

“O que aconteceu com a sua testa?” ela perguntou esticando o braço em direção a ele.

“Eu não sei.” Ele estourou empurrando a mão dela para longe, forte o bastante que ela cambaleou para trás. “Eu não sei de onde veio.” Ele parecia mais agitado por aquilo do que Luce estava, o que a surpreendeu.

Era apenas um pequeno arranhão.

Passos no cemitério atrás deles. Ambos se viraram.

“Eu te falei, eu não vi ela.” Molly estava falando, se encolhendo das mãos de Cam enquanto eles passavam na subida do cemitério.

“Vamos.”Daniel falou sentindo tudo que ela sentia, ela tinha quase certeza que ele podia antes mesmo de ela atirar um olhar nervoso para ele.

Ela sabiam onde eles estavam indo assim que ela começou a seguir ele. Atrás da igreja-ginasio e dentro da floresta. Bem como ela esperava a sua postura pulando corda antes mesmo de ver ele se exercitar. Assim como ela sabia do corte antes de ver.

Eles andaram no mesmo passo, com passos na mesma distancia.

Eles pisavam na grama ao mesmo tempo, todas as vezes, até eles alcançarem a floresta.

“Se você vai a um lugar mais de uma vez com a mesma pessoa.” Daniel falou, quase para si mesmo. “Acho que não é mais só seu.”

Luce sorriu, honrada ao perceber o que Daniel estava dizendo, que ele nunca havia estado com outra pessoa no lago. Somente ela.

Enquanto ele passavam pela mata, ele sentiu o frio da sombra embaixo das árvores no seu ombro descoberto. Cheirava do mesmo jeito de sempre, como a maioria das florestas da costa da Giorgia cheirava, um aroma de carvalho úmido que Luce costumava a associar com as sombras, mas que agora ela conectava a Daniel. Ela não devia se sentir segura em nenhum lugar após o que havia

acontecido recentemente com Todd, mas, próxima a Daniel, Luce sentia como se pudesse respirar tranqüila pela primeira vez em dias.

Ela tinha que acreditar que ele estava à trazendo de volta àquele lugar por causa do modo como ele havia saído tão de repente da ultima vez.Como se eles precisassem de uma segunda tentativa para acertarem.

O que havia começado como o que parecia um quase primeiro encontro havia terminado com Luce se sentido como se tivesse levado um cano. Daniel deve ter sabido disso e se sentia mal por sua saída repentina.

Eles alcançaram a árvore de magnólia que marcava o ponto de observação para o lago. O sol deixou uma trilha dourada na água enquanto costeava sobre a floresta no oeste. Tudo parecia tão diferente ao entardecer. O mundo todo parecia reluzir.

Daniel se recostou contra a árvore e assistiu ela observar a água. Ela se moveu para ficar ao lado dela abaixo das folhas envernizadas e flores, que deviam ter morrido e se ido nessa época do ano, mas parecia tão puras e frescas como o florescer da primavera.

Luce respirou o perfume almiscarado e se sentiu mais próxima de Daniel do que ela tinha motivos e esse sentimento parecia vir de lugar nenhum.

“Nós não estamos exatamente vestidos para nadar dessa vez.” Ele falou apontando para o vestido preto de Luce.

Ela dedilhou a bainha ilhó delicada em seu joelho, imaginando o choque de sua mãe se ela arruinasse um bom vestido porque ela e um garoto queria mergulhar no lago. “Talvez nós podíamos só mergulhas nossos pés”

Daniel apontou para o caminho íngreme da rocha vermelha que levava para a água. Eles escalaram sobre as espessas, relvas amareladas e grama do lago e usaram os contorcidos todos dos carvalhos para manterem o equilíbrio. Aqui a costa do lago se tronava seixos. A água parecia tão imóvel, ela sentiu que ela podia quase andar sobre ela.

Luce chutou suas sapatilhas de balé pretas e deslizou a superfície forrada de lírios com seus dedos. A água era mais fria do que havia sido no outro dia. Daniel juntou um ramo de grama do lago e começou a trançar sua espessa haste.

Ele olhou para ela. “Você nunca pensa em sair daqui?”

“O tempo todo.” Ele falou com um resmungo, presumindo que ele quisesse dizer que ele também pensasse. Mas é claro que ela queria ficar o mais longe possível de Sword & Cross. Qualquer um iria querer.

Mas ela tentou ao menos manter sua mente de espiralar fora de controle em direção a fantasias dela e Daniel bolando uma fuga.

“Não.” Daniel falou, “eu quis dizer, você realmente já considerou ir para outro lugar? Pedir transferência para seus pais? É só que ... Sword & Cross não parece o melhor lugar para você.” Luce tomou um lugar para se sentar à frente de Daniel e abraçou os joelhos. Se ele estava sugerindo que ela era uma rejeitada entre o corpo estudantil cheio de rejeitados, ela não conseguia evitar se sentir um pouco insultada.

Ela limpou a garganta. “Eu não tenho o luxo de considerar seriamente um outro lugar. Sword & Cross é” ela pausou

“praticamente um esforço de fim de linha para mim.”

“Qual é.” Daniel falou.

“Você não saberia.”

“Saberia.” Ele suspirou. “Sempre tem uma outra parada, Luce.”

“Isso é muito poético, Daniel.” Ela falou. Ela podia sentir sua voz aumentando. “Mas se você está tão interessado em se livrar de mim, o que iremos fazer? Ninguém pediu para você me arrastar até aqui com você.”

“Não.” Ele falou “Você está certa. Eu quero dizer que você não é como as outras pessoas aqui. Tem que ter um lugar melhor para você.”

O coração de Luce estava batendo rápido, como normalmente fazia perto de Daniel. Mas isso era diferente. Essa cena toda estava fazendo ela suar.

“Quando eu vim para cá.” Ela falou. “Eu fiz uma promessa a mim mesma que eu não iria contar a ninguém sobre meu passado, ou o que eu fiz para vir parar neste lugar.” Daniel abaixou a cabeça em suas mãos. “O que eu estou falando não tem

nada a ver com o que aconteceu com aquele cara.”

“Você sabe sobre ele?” o rosto de Luce desabou. Não. Como Daniel sabia?

“O que quer que tenha sido que a Molly lhe contou ...” Mas ela sabia que era tarde demais. Daniel havia sido o que havia a encontrado com Todd. Se Molly contou qualquer coisa sobre como Luce também havia sido implicada em outra morte misteriosa com fogo, ela não conseguia imaginar nem como começar a explicar isso.

“Escuta.” Ele falou pegando as mãos dela. “ O que eu estou dizendo, não tem nada a ver com essa parte do seu passado.” Ela achou difícil de acreditar. “Então tem a ver com Todd?” O toque de Daniel mexeu em algo na mente dela. Ela começou a pensar sobre as sombras selvagens que ela havia visto naquela noite.

O modo como elas mudaram tanto desde que ela havia chegado aquela escola, de uma ameaça sorrateira e desconfortável para uma agora quase onipresente, desenvolvido terror.

Ela era louca, isso deve ter sido o que Daniel havia percebido sobre ela. Talvez ele achasse ela bonita, mas ele sabia que no fundo ela era seriamente perturbada. Era por isso que ele queria que ela se fosse, ele então não ficaria tentado a se envolver com alguém como ela. Se era isso o que Daniel pensava, ele não sabia da metade.

“Talvez tenha a ver com as estranhas sombras pretas que eu vi na noite que Todd morreu?” ela falou esperando chocar ele. Mas assim que ela falou as palavras ela soube que sua intenção não era assustar Daniel ainda mais ... era finalmente contar a alguém. Não era como se ela tivesse muito mais para perder.

“O que você disse?” ele perguntou lentamente.

“Oh, você sabe.” Ela falou encolhendo os ombros agora, tentando disfarlar o que ela havia falado.

“Uma vez por dia mais ou menos, eu recebo visitas dessas coisas escuras que eu chamo de sombras.”

“Não seja engraçadinha.” Daniel falou secamente. E mesmo o tom dele ter doido, ela sabia que ele estava certo. Ela odiava o quão falso ela soava quando,

realmente, toda ferida. Mas ela devia contar para ele? Ela podia? Ele estava assentindo com a cabeça para que ela continuance.

Os olhos dele pareciam buscar e puxar as palavras de dentro dela.

“Tem acontecido por pelo menos doze anos.” Ela admitiu finalmente com um tremor profundo.

“Costumava vir somente à noite, quando eu estava próxima a água ou árvores, mas agora ...” as mãos dela estavam tremendo. “É

praticamente sem parar.”

“O que elas fazem?”

Ela pensaria que ele estava só fazendo graça dela, ou tentando fazer com que ela continuasse para que ele fizesse uma piada ás custas dela, exceto a voz dele havia ficado rouca e a face dele havia ficado sem cor.

“Normalmente elas começam sobrevoando mais ou menos por aqui.” Ela levou sua mão até a nuca de Daniel e fez cócegas para demonstrar. Dessa vez ela não estava só tentando ficar fisicamente perto dele, era realmente o único modo que ela sabia como explicar.

Especialmente desde que as sombras começaram a infringir o corpo dela em tal palpável, física maneira.

Daniel não se esquivou, então ela continuou. “E então algumas vezes elas ficam realmente audaciosas,” ela falou, se ajoelhando e colocando suas duas mãos no peito dele. “E elas se batem diretamente contra mim.” Agora ela estava bem na cara dele. O lábio dela tremeu e ela não podia acreditar que realmente estava se abrindo para alguém, muito menos Daniel, sobre as terríveis coisas que ela via.

A voz dela caiu para um sussurro e ela falou, “recentemente, elas não parecem satisfeitas até que elas,” ela engoliu “levem a vida de alguém e me joguem de costas no chão.”

Ela deu um pequeno empurrão nos ombros dele, não pretendendo afetar ele de maneira alguma, mas o mais leve toque dos dedos dela foi o bastante para derrubar o Daniel.

A queda dele a surpreendeu tanto que ela acidentalmente perdeu o próprio equilíbrio e aterrissou com os quadris revirados em cima dele. Daniel estava deitado de barriga para cima, olhando para ela com olhos arregalados.

Ela não devia ter contado aquilo para ele. Ali estava ela, em cima dele, e ela havia acabado de divulgar seu mais profundo segredo, o que realmente a definia como lunática.

Como ela podia ainda querer tanto beijar ele num momento como esse?

O coração dela estava pulando impossivelmente rápido. Então ela percebeu: Ela estava sentindo ambos os corações, correndo juntos.

Um tipo de conversa desesperada, uma que eles não podiam ter com palavras.

“Você realmente enxerga elas?” ele suspirou.

“Sim.” Ela suspirou, querendo se levantar e retirar tudo que disse. E ainda assim ela estava impossibilitada de sair de cima do peito de Daniel. Ela tentou ler os pensamentos dele, o que qualquer pessoa normal pensaria sobre uma admissão como a dela. “Deixe-me adivinhar.” Ela falou triste. “Agora você tem certeza que eu preciso de uma transferência. Para a ala psiquiátrica.”

Ele saiu de debaixo dela, a deixando deitada praticamente de cara na rocha. Os olhos dela se moveram dos pés dele, para as pernas dele, para o dorso dele, para o rosto dele. Ele estava olhando para cima em direção a floresta.

“Isso nunca aconteceu antes.” Ele falou.

Luce se levantou. Era humilhiante, ficar ali dentada sozinha. E

mais, era como se ele nem tivesse ouvido o que ela falou.

“O que nunca aconteceu? Antes do quê?”

Ele se virou para ela e colocou as mãos em volta das bochechas dela. Ela segurou a respiração. Ele estava tão perto. Os lábios dele estavam tão próximos aos dela. Luce beliscou a própria coxa para ter certeza que dessa vez não estava sonhando. Ela estava bem acordada.

Então ele quase que a força se puxou para longe. Ele ficou parado em frente a ela, respirando rápido, os braços dele duros dos seus lados.

“Me diga novamente o que você viu.”

Luce se virou para ficar de frente para o lago. A água azul clara batia suavemente contra a margem e ela pensou em dar um mergulho. Isso era o que Daniel havia feito da ultima vez que as coisas haviam ficado intensas demais para ele. Por que ela não podia fazer isso também?

“Pode surpreender você saber isso.” Ela falou “mas não é nada emocionante ficar sentada aqui e falar sobre o quanto imensamente insana eu sou.” Especialmente para você.

Daniel não respondeu, mas ela podia sentir os olhos dele nela.

Quando ela finalmente ganhou coragem para olhar para ele, ele estava lhe dando um estranho, perturbante, olhar de luto.

Um em que os olhos dele se curvavam para baixo nos cantos e o seu particularmente tom de cinza era coisa mais triste que Luce já havia visto. Ela sentiu como se tivesse desapontado Daniel de alguma maneira. Mas essa era a horrível confissão dela. Por que Daniel era quem parecia tão devastado?

Ele andou em direção a ela e se aproximou até que os olhos dele estavam diretamente nos dela. Luce quase não conseguiu agüentar. Mas ela não conseguia fazer ela fugir também.

O que quer que fosse acontecer para quebrar esse transe teria que partir de Daniel que estava se movendo para ainda mais perto, virando a cabeça em direção a dela e fechando os olhos. Os lábios dele se partiram. A respiração de Luce ficou presa na garganta.

Ela fechou os olhos também. Ela virou a cabeça em direção a ele também. Ela partiu os lábois também.

E esperou.

O beijo pelo qual ela estava morrendo não veio. Ela abriu os olhos porque nada havia acontecido, exceto pelo farfalhar de um galho de árvore. Daniel havia

desaparecido. Ela suspirou abatida, mas não surpresa.

O que era estranho era que ela quase podia ver o caminho que ele havia tomado através da floresta. Como se ela fosse algum tipo de caçadora que podia identificar a rotação de uma folha e a deixar levá-la de volta até Daniel. Exceto que ela não era nada do tipo, e o tipo de trilha que Daniel havia deixado era de alguma forma maior, mais claro, e ao mesmo tempo, ainda mais elusivo. Era como se uma luz violeta iluminace o caminho dele de volta através da floresta.

Como a luz violeta que ela podia jurar ter visto durante o incêndio na biblioteca. Ela estava vendo coisas. Ela se endireitou na pedra e olhou para longe por um momento, esfregando os olhos. Mas quando ela olhou de volta estava do mesmo jeito: apenas um plano de sua visão como se ela estivesse olhando através de óculos bifocais com uma louca prescrição, os carvalhos, a palha debaixo deles, e até mesmo o canto dos pássaros nos galhos, tudo isso parecia oscilar fora de foco.

E não apenas oscilava, banhado na mais leve luz púrpura, mas parecia emitir um quase inaldivel zumbido de baixa freqüência.

Ela se virou, aterrorizada para enfrenter, aterrorizada pelo que significava. Algo estava acontecendo com ela, e ela não podia contar a ninguém. Ela tentou se focar no lago, mas mesmo escurecendo e ficando difícil de enxergar.

Ela estava sozinha. Daniel havia deixado ela. E em seu lugar, esse caminho que ela não sabia como – ou queria – navegar. Quando o sol afundou atrás das montanhas e p lago se tornou negro como carvão, Luce ousou outra olhada em direção a floresta. Ela sugou o ar, sem ter certeza se ficava desapontada ou aliviada. Era uma floresta como nenhuma outra, sem luz trêmula ou zumbido violeta. Sem sinal de Daniel ter alguma vez estado ali.

Capitulo Treze – Toque nas Raízes

Luce podia ouvir seu All Star batendo forte contra o chão. Ela podia sentir o vento úmido contra sua camiseta preta. Ela podia praticamente experimentar o pinche quente de uma parte recém pavimentada do estacionamento. Mas quando ela lançou seus braços ao redor de duas criaturas curvadas perto da entrada de Sword & Cross em um Sábado pela manhã, tudo isso foi esquecido.

Ela nunca esteve tão feliz de abraçar seus pais em toda sua vida.

Por dias, ela ficou se lamentando de quão distante e fria as coisas tinham sido no hospital, e ela não iria cometer o mesmo erro de novo.

Os dois tropeçaram enquanto ela os abraçava. Sua mãe começou a rir e seu pai lhe deu palmadinhas nas costas à sua maneira de cara-durão. Ele tinha sua enorme câmera ao redor do pescoço. Eles se endireitaram e mantiveram sua filha com ao longo de seus braços.

Parecia querer uma boa olhada de seu rosto, mas tão logo como a conseguiram, suas próprias feições desvaneceram. Luce estava chorando.

“Querida, qual é o problema?” seu pai perguntou, descansando a mão em sua cabeça. Sua mãe procurou em sua gigante bolsa azul uma caixa de lenços. Com os olhos amplamente abertos, ela balançou um lenço em frente ao nariz de Luce e perguntou, “Nós estamos aqui agora. Está tudo bem, não é?”

Não, não estava tudo bem.

“Por que vocês não me levaram pra casa no outro dia?” Luce perguntou, sentindo-se magoada e com raiva mais uma vez. “Por que vocês os deixaram me trazer pra cá de novo?”

Seu pai empalideceu. “Todas as vezes que nós falamos com o diretor, ele disse que você estava indo muito bem, de volta às aulas, como a boa garota que criamos. Uma dor de garganta pela fumaça e um pequeno galo na cabeça. Pensávamos que isso era tudo.” Ele lambeu seus lábios.

“Existe algo mais?” Sua mãe perguntou.

Uma olhada entre seus pais lhe disse que eles já tiveram esse briga. Mamãe lhe tinha suplicado que a deixassem visitá-la de novo em breve. O pai rígido-amoroso de Luce havia batido o pé.

Não havia modo de explicar a eles o que tinha acontecido naquela noite ou o que ela vem passando desde então, ela tinha ido direto para às aulas, embora não por sua própria escolha. E, fisicamente, ela estava bem. Só que em todas as outras maneiras –

emocional, psicológica e romântica – ela não podia se sentir mais ferida.

“Nós só estamos tentando seguir as regras,” o pai de Luce explicou, movendo sua grande mão para apertar o pescoço dela. O peso dele mudou sua postura e isso fez desconfortável parar quieta, mas tinha passado muito tempo desde que ela esteve assim perto das pessoas que amava, então ela não atreveu a se afastar. “Porque nós só queremos o que é melhor pra você,” seu pai acrescentou.” Nós temos que ter fé nestas pessoas.” – ele sinalizou ao formidável edificil ao redor do campus, como se representasse Randy e o diretor Udell e ao resto deles. – “Eles sabem do que estão falando.”

“Eles não sabem,” Luce disse, olhando os edificios de má qualidade e o pátio vazio. Até agora, nada nesta escola fazia algum sentido pra ela.

Caso em questão, o que eles chamavam de Dia dos Pais. Eles fizeram um grande caso de quão afortunados são os estudantes de ter o privilégio de ver sua própria carne e sangue. E no entanto, faltavam dez minutos para a hora do almoço e o carro dos pais de Luce era o único no estacionamento.

“Este lugar é uma absoluta piada,” ela disse, soando o suficiente cínica para que seus pais compartilhessem um olhar de problema.

“Luce, querida,” sua mãe disse, acariciando seu cabelo. Luce podia dizer que ela não estava acostumada a seu curto tamanho. Seus dedos tinham um instinto maternal para seguir o fantasma do antigo cabelo de Luce por todo o caminho até às costas. “Nós só queremos um dia agradável com você. Seu pai trouxe todas as suas comidas favoritas.”

Timidamente, seu pai levantou uma colcha de retalhos coloridos e uma grande gerinconça do estilo maleta que Luce nunca tinha visto antes. Geralmente, quando eles faziam piquenique, era uma coisa muito mais casual, com sacos de papel de mercearia e uma velha folha rasgada jogada na grama pela trilha de canoa fora de sua casa.

“Quiabo em conserva?” Luce perguntou numa voz que soou bastante como a pequenina Lucy.

Ninguem podia dizer que seus pais não estavam tentando.

Seu pai assentiu. “E chá doce, e biscoitos com molho branco.

Cereais com queijo com pimenta extra, justo como você gosta. Oh,” ele disse. “E

mais uma coisa.” A mamãe de Luce colocou a mão na sua gorda bolsa à procura de um envelope vermelho e estendeu para Luce.

Por um brevíssimo momento uma dor atormentou o estômago de Luce quando voltou a pensar nas correspondências que costumava receber.

Assassina Psicótica. Garota Morte.

Mas quando Luce viu a caligrafia no envelope, seu rosto se desfez em um sorriso enorme.

Callie.

Ela rasgou o envelope e tirou o cartão com uma fotografia na frente em branco-e-preto de duas velhas senhoras decorando seus cabelos. Dentro, cada centímetro quadrado do cartão estava preenchido com a letra grande e borbulhante de Callie. E ali havia vários pedaços de rabiscos no papel de folhas soltas porque ela ficou sem espaço no cartão.

Querida Luce,

Desde que nosso tempo no telefone é agora ridiculamente insuficiente (poderia por favor pedir um pouco mais de tempo? É

francamente injusto), e vou ficar antiquada com você e fazer uma épica carta escrita a mão. Em Anexo você irá encotrar cada minúscula coisa que aconteceu comigo nas últimas duas semanas. Quer goste ou não.

Luce segurou contra o peito, sem deixar de sorrir, ansiosa de devorar a carta tão logo seus pais voltassem pra casa. Callie não tinha desistido dela. E seus pais estavam bem ao seu lado. Tinha passado muito tempo desde que Luce se sentiu amada. Ela procurou e apertou a mão de seu pai.

Um apito estridente fez com que seus pais pulasssem. “É só a sinal do almoço,” ela explicou; eles pareciam aliviados. “Vamos, têm alguem que quero que conheçam.” Enquanto caminhavam pelo quente, nebuloso estacionamento até a área aberta onde os eventos de abertura do Dia dos Pais estava sendo organizado, Luce começou a ver o campus atraves do olhos de seus pais. Ela notou a curvatura do telhado da sede principal, e o amadurecido odor do pêssego apodrecendo no bosque ao lado do ginásio. A forma como o ferro forjado do

portão do cemitério foi sobreposto a ferrugem alaranjada. Ela percebeu que só em algumas semanas, ela estaria completamente acostumada as muitas coisas desagradáveis de Sword & Cross.

Seus pais se olhavam horrorizados. Seu pai fez um gesto a uma moribunda videira que serpenteava ao redor da cerca decrépita e fragmentada do pátio.

“Essas são as uvas chardoney,” ele disse, fazendo uma careta, porque quando uma planta sentia dor, ele também sentia.

Sua mãe estava usando as duas mãos para agarrar seu livro de bolso contra o peito, com os cotovelos colados, postura que toma quando se encontra em um bairro que pensa que pode ser assaltada. E

eles ainda não tinham visto os vermelhos.

Seus pais que eram veementemente contra as pequenas coisas como Luce tendo uma webcam, odiariam a idéia de vigilância constante em sua escola.

Luce queria protegê-los de todas as atrocidades de Sword & Cross, porque ela estava descobrindo como controlar – e às vezes – até vencer o sistema aqui. Como no outro dia, Arriane a tinha levado através de uma série de obstáculos-tipo uma corrida através do campus para sinalar todos os “vermelhos mortos” cuja bateria tinham acabado ou sido astutamente “substituídas” efetivamente criando pontos cegos na escola. Seus pais não precisavam saber de tudo isso, eles só precisavam ter um bom dia com ela.

Penn estava balançando suas pernas na arquibancada, onde ela e Luce tinham prometido se encontrar ao meio-dia. Ela estava segurando um vaso de flores.

“Penn, estes são meus pais, Harry e Doreen Price,” Luce disse, gesticulando. “Mãe e Pai, esta é...”

“Pennywather Van Syckle-Lockwood,” Penn disse formalmente, estendendo o vaso com as duas mãos. “Obrigada por deixar me juntar ao almoço.”

Sempre educados, os pais de Luce a saldaram e sorriram, sem fazer perguntas sobre o paradeiro da própria família de Penn, coisa que Luce não teve tempo de explicar.

Era outro dia quente e claro. As árvores de salgueiro verde-

ácido em frente a biblioteca balançavam suavemente com a brisa, e Luce dirigiu seus pais para a posição onde os salgueiros ocultavam a maioria das manchas de fuligem e as janelas manchadas pelo fogo.

Quando eles estenderam a manta em um área de grama seca, Luce puxou Penn de lado.

“Como você está?” Luce perguntou, sabendo que se ela fosse aquela a se sentar um dia inteiro homenageando os pais de todo o mundo, exceto os dela, ela iria precisar de um grande incentivo.

Para sua surpresa, Penn assentiu feliz. “Isso já está muito melhor do que no ano passado!” ela disse. “E é tudo por sua causa. Eu não teria ninguem hoje se você não tivesse vindo junto.” O discurso pegou Luce de surpresa e a fez olhar ao redor do patio para ver como todos os demais estavam lidando com o evento.

Apesar de que o estacionamento ainda estava meio vazio, o Dia dos Pais parecia acontecer pouco a pouco.

Molly sentou-se em uma manta próxima, entre um homem com cara de poucos amigos e uma mulher roendo avidamente uma coxa de peru. Arriane estava agachada sobre uma arquibancada, sussurrando a uma garota punk mais velha, com um hipnotizante cabelo rosa-choque. O mais provavel é que seja sua irmã mais velha.

Elas duas encontraram-se com o olhar de Luce e Arriane sorriu e acenou, em seguida, virou-se para a outra garota para susurrar algo.

Roland tinha uma imensa festa de pessoas fazendo um almoço de pequinique em uma longa colcha. Eles estavam rindo e brincando, e uns poucos garotos mais jovens estavam atirando comida uns nos outros. Eles pareciam estar tendo um grande momento até que uma granada espiga de milho saiu voando e quase cegar Gabbe, que estava caminhando pelo pátio. Ela fez uma careta para Roland enquanto guiava um homem suficientemente velho para ser seu avô, dando-lhe palmadinhas no cotovelo, enquanto caminhavam em direção a uma fileira de cadeiras do gramado instituído ao redor do campo aberto.

Daniel e Cam estavam notavelmente desaparecidos – e Luce não podia descrever

como nenhuma de seus familiares poderiam ser.

Por mais furiosa e envergonhada que ela estivesse depois que Daniel lhe dera um fora pela segunda vez no lago, ela ainda estava morrendo de vontade de dar uma olhada em qualquer pessoa que estivesse relacionada a ele. Mais depois, pensando no fino arquivo de Daniel na sala de arquivos, Luce se perguntou se ele ainda mantinha contato com alguém de sua familia.

A mãe de Luce repartiu o queijo em quatro pedaços, e seu pai encobriu com a pimenta fresca em pequenos pedaços. Depois de uma mordida, a boca de Luce estava em chamas, exatamente da maneira como gostava. Penn não parecia familiarizada com a comida típica da Georgia com a que Luce tinha crescido. Ela parecia particularmente horrorizada pelo quiabo em conserva, mas assim que deu uma mordida, ela deu a Luce um surpreso sorriso de aprovação.

A mãe e o pai de Luce trouxeram com eles cada um dos pratos favoritos de Luce, inclusive o doce de amêndoa e nóz da farmacia da rua de baixo. Seus pais comiam felizes cada um do lado dela, parecendo aliviados de preencher suas bocas com algo mais que falar de morte.

Luce deveria estar desfrutando de seu tempo com eles, e lavando tudo isso com seu amado chá doce da Georgia, mas ela se sentia como uma filha impostora fingindo que este almoço eliseo era normal em Sword & Cross. Todo o dia era uma farsa.

Ao som de uma curta, fraca roda de aplausos, Luce olhou pra as arquibancadas, onde Randy estava junto ao diretor Udell, um homem que Luce nunca tinha visto pessoalmente antes. O reconheceu do retrato excepcionalmente débil que estava pendurado no hall principal da escola, mas agora viu que o artista tinha sido generoso.

Penn já lhe tinha dito que o diretor só aparecia no campus um dia no ano – o Dia dos Pais – sem exceções. Do contrário, ele era um recluso que não deixava sua mansão na Ilha Tybee, nem sequer quando um estudante da sua escola morre. A papada do homem parecia tragar seu queixo, seus olhos bovinos olhavam a multidão, não parecendo focar-se em nada.

Ao seu lado Randy estava de pé, as mão na cintura e com meias brancas. Ela tinha um sorriso engessado no rosto, e o diretor estava secando sua grande testa com um lenço. Ambos tinham suas caras de jogadores postas hoje, mas pareciam

estar tomando muito esforço deles.

“Bem-vindos ao centuagéssimo quinquagésimo nono Dia dos Pais anual do Sword & Cross.” O diretor Udell disse ao microfone.

“Ele está brincando?” Luce sussurrou para Penn. Era dificil imaginar o Dia dos Pais durante do período anterior a guerra.

Penn revirou os olhos. “Certamente um erro de digitação. Eu disse a você que conseguiram pra ele um novo par de oculos de leitura.”

“Temos um dia longo e cheio de diversão em família programado para vocês, começando com este tranquilo pequenique...”

“Normalmente só temos dezenove minutos,” Penn interrompeu ao lado os pais de Luce, que ficaram rígidos.

Luce sorriu sobre a cabeça de Penn e murmurrou. “Ela está brincando.”

“Agora vocês faram sua escolha de atividades. Nossa própria bióloga, a Sr. Yolanda Tross, fará uma palestra fascinante na biblioteca da flora da sabana local encontrada no campus. O treinador Diante supervisionará uma serie de corridas amigável entre familias aqui no campo. E o Sr. Stanley Cole oferecerá um históriooco tour guiado de nosso apreciado cemitério de heróis. Vai ser um dia muito ocupado. E

sim.” O diretor Udell disse com um sorriso barato e cheio de dentes,

“Vocês serão testado nisso.”

Era simplesmente o tipo de piada sem graça para ganhar alguns sorrisos artificiais dos membros visitantes das familias. Luce revirou os olhos para Penn.

Esta tentativa deprimente de bom humor fez tudo tão claro sobre todo mundo estava aqui para se sentir melhor sobre deixar seus filhos nas mãos do corpo docente de Sword & Cross. Os Prices riram, também, mas ficaram olhando Luce para mais pistas sobre como lidar eles mesmos com isso.

Depois do almoço, as outras familias ao redor do pátio empacotaram seus pequeniques e se retiraram para vários cantos. Luce teve a sensação de que

muito poucas pessoas realmente participariam dos eventos programados pela escola. Ninguem tinha seguido a Sra.

Tross para a biblioteca, e até agora só Gabbe e seu avô tinham entrado em um saco de batatas no outro lado do campo.

Luce não sabia onde Molly ou Arriane ou Roland tinham escapulido com suas familias, e ela ainda não tinha visto Daniel. Ela sabia que seus proprios pais estariam decepcionados se eles não vissem nada do campus e não participassem de nenhuma das atividades planejadas. Como o tour guiado do Sr. Cole pareciam ser o menor dos males, Luce sugeriu que recolhessem seus restos de comida e se unissem a ele nas portas do cemitério. Enquanto iam até lá, Arriane balançou para fora das arquibancadas como uma ginasta desmontando uma barra paralela. Ela parou aterrizando em frente ao pais de Luce.

“Oiiiiiiiii,” ela cantou, dando sua melhor impressão de garota louca.

“Mãe e pai,” Luce disse apertando seus ombros, “esta é minha boa amiga Arriane”

“E esta...” Arriane apontou a garota alta, cabeça rosa-choque que estava descendo lantamente pelas escadas da arquibancada, “é minha irmã, Anabelle.”

Anabelle ignorou a mão estendida de Luce, e a arrastou para dentro de seus braços abertos, em um extendido, intimo abraço. Luce podia sentir seus ossos se cruzando. O intenso abraço durou tempo suficiente para que Luce começasse a se perguntar o que estava acontecendo, mas justo quando ela estava começando a se sentir incomodada, Anabelle a soltou.

“É tão bom conhece-la,” ela disse, pegando a mão de Luce.

“Igualmente,” Luce disse, dando a Arriane uma olhada de relance.

“Vocês duas vão ao tour do Sr. Cole?” Luce perguntou a Arriane, que também olhava Anabelle como se ela fosse louca.

Anabelle abriu sua boca, mas Arriane rapidamente a cortou.

“Inferno não,” ela disse.

“Essas atividades são absolutamente patéticas.” Ela olhou para os pais de Luce. “Sem ofensa.” Anabelle deu de ombros. “Talvez tenhamos uma oportunidade de alcançá-los depois!” Ela disse a Luce, antes que Arriane a afastasse.

“Elas parecem ser legais,” a mãe de Luce disse no tom de voz de sondagem que usava quando queria que Luce explicasse algo.

‘Um, por que a garota estava tão interessada em você?” Penn perguntou.

Luce olhou para Penn e depois para seus pais. Ela realmente tinha que defender diante deles o fato de que alguem poderia gostar dela?

“Lucinda!” O Sr. Cole chamou, saudando da outra parte do vazio ponto de encontro nas portas do cemitério. “Por aqui!” O Sr. Cole apertou as mãos de seus pais fervorozamente, e até deu a Penn um aperto no ombro. Luce estava tentando decidir se devia estar mais irritada com a participação do Sr. Cole no Dia dos Pais ou estar impressionada por seu falso show de entusiasmo. Mas então ele começou a falar e a surpreendeu.

“Eu pratiquei o ano todo para isto,” ele sussurrou. “Uma oportunidade para levar os estudantes ao ar livre e lhes explicar as muitas maravilhas deste lugar – oh, eu amo isso. É o mais proximo que um professor de reformatório pode conseguir de uma verdadeira viajem de campo. Claro que ninguem nunca se apresenta para meus tour nos anos anteriores, o que os converte em meu tour inaugural...”

“Bem, nos estamos honrados,” o pai de Luce disse, dando ao Sr. Cole um grande sorriso.

Imediatamente, Luce percebeu que não era só a fome de canhão de seu pai pela Guerra Civil que estava falando. Ele claramente sentia que o Sr. Cole era legítimo. E seu pai era o melhor juiz de carater que ela conhecia.

Os dois homens já tinham começado a avançar em marcha pela entrada do cemitério. A mãe de Luce deixou a cesta de pequenique no portão e deu a Luce e a Penn um de seus bem- gastos sorrisos.

O Sr. Cole agitou uma mão para ter a atenção deles. “Primeiro, um pouco de trivialidade. O que...” ele levantou a sombrancelha –

“vocês acreditam que é o elemento mais velho no cemitério?” Enquanto Luce e

Penn olhavam para seus pés – evitando olhá-

lo como faziam durante a aula – o pai de Luce ficou na ponta dos pés para dar uma olhada nas grandes estátuas.

“Uma pegadinha!” O Sr. Cole gritou, batendo nas portas de ferro forjado. “Esta parte frontal dos portões foi construída pelo proprietário original em 1831. Eles diziam que sua esposa, Ellamena, tinha um jardim adorável, e que queria manter as galinhas guiné longe de seus tomates.” Ele riu. “Isso foi antes da guerra. E do rolo de pia.

“Prosseguiremos.”

Enquanto caminhavam o Sr. Cole recitou fato por fato sobre a construção do cemitério, o contexto histórico sobre o qual foi construido, e o “artista” – inclusive ele utilizou o termo vagarosamente –

que tinha vindo com a escultura da besta alada no alto do monumento no centro da área. O pai de Luce bombardiou o Sr. Cole com perguntas enquanto que a mãe de Luce passava as mãos no poto das mais bonitas lápides, deixando sair um murmuro de “Oh Deus”. Cada vez que ela parava para ler uma inscrição. Penn arrastava os pés atras da mãe de Luce, possivelmente desejando ter se juntado a uma familia diferente neste dia. Luce fechava a marcha, considerando o que podia acontecer se ela desse a seus pais seu tour pessoal do cemitério.

Aqui é onde eu servi minha primeira detenção...

E aqui é onde um anjo caido de marmore quase me decapitou...

E aqui é onde um estranho garoto do reformatório que vocês nunca aprovariam me levou ao pequenique mais estranho da minha vida.

“Cam,” o Sr. Cole chamou, enquanto dirigia o tour ao redor do monumento.

Cam estava parado com um homem alto, de cabelo escuro em um terno de negocios preto feito sob medida.

Nenhum deles escutou o Sr. Cole ou viu a festa que ele estava fazendo ao dirigir o tour. Eles falavam e faziam gestos de uma forma muito envolvidos em um carvalho, a forma que Luce tinha visto seu professor de Drama gesticular

enquando os estudantes estavam bloqueando uma cena de uma peça.

“Você e seu pai querem se unir tardiamente a nosso tour?” O

Sr. Cole perguntou a Cam, desta vez mais audivel. “Vocês perderam quase tudo, mas ainda há um ou dois fatos interessantes que estou certo que posso contar.”

Cam lentamente vira a cabeça em nossa direção, depois de volta para seu acompanhante, que parecia distraído. Luce não pensava que o homem, com sua altura clássica, escura, e atrativa boa aparencia e enorme relogio dourado, parecia suficientemente velho para ser o pai de Cam. Mas talvez só envelhecesse bem. Os olhos de Cam deslizaram para o pescoço vazio de Luce e ele parecia brevemente decepcionado.

Ela ruborizou, porque podia sentir sua mãe capturando toda a cena e se perguntando o que estava acontecendo.

Cam ignorou o Sr. Cole e se aproximou da mãe e Luce, levando as mãos dela a seus lábios antes que alguem pudesse apresentá-los.

“Você deve ser a irmã mais velha de Luce,” ele disse elegantemente.

A sua esquerda, Penn amordaçada em seu cotovelo e sussurrou de uma maneira que só Luce podia ouvir.

“Por favor, me diga que alguém mais está com nauseas.” Mas a mãe de Luce parecia de algum modo deslumbrada, de uma forma que fazia Luce – e seu pai claramente – incomodados.

“Não, nós não podemos ficar para o tour.” Cam anunciou, dando uma piscada para Luce e recuando exatamente como o pai de Luce aprovava. “Mas foi adorável,” – ele olhou para cada um dos três, excluindo Penn – “ encontra-los aqui. Vamos pai.”

“Quem era esse?” A mãe de Luce sussurrou quando Cam e seu pai, ou quem quer que seja, desapareceram pelo lado do cemitério.

“Oh, só um dos admiradores de Luce” disse Penn, tentando aliviar o ambiente e fazendo exatamente o contrário.

“Um dos?” O pai de Luce olhou para Penn.

Na luz do fim da tarde, Luce podia ver pela primeira vez algums poucos fios grisalhos na barba de seu pai. Ela não queria gastar seus últimos momentos de hoje, convencendo seu pai a não se preocupar com os garotos de sua escola reformatória.

“Não é nada pai, Penn está brincando.”

“Nós queremos que seja cuidadosa, Lucinda,” ele disse.

Luce pensou no que Daniel havia sugerido – muito fortemente

– no outro dia.

Que talvez ela não deveria estar em Sword & Cross. E de repente ela queria tão arduamente tocar no assunto com seus pais, pedir e implorar que a levassem para muito longe daqui.

Mas foi a mesma lembrança de Daniel que fez com que ela segurasse sua lingua. O emocionante toque da pele dele com a sua quando ela o empurrou no lago, a maneira em que seus olhos algumas vezes eram as coisas mais tristes que ela conhecia. Se sentia absolutamente louco e absolutamente verdadeiro que isso poderia valer todo esse inferno de Sword & Cross só para passar um pouco mais de tempo com Daniel. Só para ver se algo mais poderia vir disso.

“Odeio despedidas,” a mãe de Luce suspirou, interrompendo os pensamentos de sua filha para arrastá-la em um ligeiro abraço. Luce olhou para seu relogio, e seu rosto se desfez. Ela não sabia como a tarde tinha passado tão rápido, como podia já ser o momento de vê-los ir embora.

“Você vai nos ligar na quarta-feira?” Seu pai perguntou, beijando suas bochechas da forma que o lado francês de sua familia sempre fazia.

Enquanto todos eles caminhavam para o estacionamento, os pais de Luce apertaram as mãos dela. Cada um deles deu outro abraço e outra serie de beijos. Quando eles sacudiram a mão de Penn e lhe desejaram que ficasse bem, Luce viu uma câmera fixada em um tijolo colocada em uma caixa quebrada na saída. Deve ser um detector de movimento conectado aos vermelhos, porque a camera estava fazendo um panorama, seguindo seus movimentos. Esta não estava no

tour de Arriane e certamente não era um vermelho morto. Os pais de Luce não notaram nada – e talvez fosse melhor assim.

Então eles se afastaram, olhando para trás duas vezes para se despedir das duas garotas na entrada do hall principal. Papai conduziu seu velho Chrysler New Yorker e abaixou a janela.

“Nós amamos você,” ele disse tão audivelmente que Luce estaria envergonhada se ela não estivesse tão triste por vê-los partir.

Luce acenou de volta. “Obrigada,” ela sussurou. *Pelo doce de amêndoa e nóz e o quiabo em conserva. Por gastar todo o dia aqui. Por receber Penn debaixo de suas asas, sem fazer perguntas. Por continuar me amando, apesar do fato de assustá-los.*

Quando as luzes traseiras desapareceram na curva, Penn tocou as costas de Luce. “Eu estava pensando em ir ver meu pai.” Ela chutou o chão com a ponta de sua bota e olhou timidamente para Luce.

“Existe alguma chance de você querer vir? Se não, eu vou entender, considerando que isso envolve outra viajem pelo...”. Ela sacudiu seu polegar para trás, em direção as profundidades do cemitério.

“Claro que irei,” Luce disse.

Elas caminharam ao redor do perímetro do cemitério, ficando no topo da margem até que haviam chegado no canto extremo oriente, onde Penn parou em frente a uma lápide. Era modesta, branca e coberta por uma camada amarelada de agulhas de pinheiro. Penn ficou de joelhos e começou a limpa-la.

STANFORD LOCKWOOD, na simples lápide de pedra dizia, O

MELHOR PAI DO MUNDO.

Luce podia ouvir a comovedora voz de Penn atras da inscrição, e ela podia sentir as lágrimas chegando ao seus olhos. Ela não queria que Penn visse – depois de tudo, Luce ainda tinha seus pais. Se alguem deveria chorar neste momento deveria ser... Penn estava chorando. Ela estava tentando esconder com o mais suave dos fungados e algumas lágrimas derramaram na borda irregular de seu sueter. Luce ficou de joelhos também, e começou a ajudá-la a tirar as agulhas.

Ela colocou seus braços ao redor de sua amiga e a manteve o mais forte possivel.

Quando Penn recuou e agradeceu a Luce, ela procurou em seu bolso e tirou uma carta.

“Eu normalmente escrevo algo pra ele,” ela explicou.

Luce queria dar a Penn um momento a sós com seu pai, assim ela se levantou, deu um passo para trás e virou-se, descendo até o centro do cemitério. Seus olhos ainda estavam um pouco mareados, mas ela pensou que podia ver alguem sentado sozinho no topo do monumento. Sim. Um tipo com seus braços envolvidos ao redro de seu joelhos. Ela não podia imaginar como ele subiu até ali, mas ali estava ele.

Ele parecia rígido e solitário, como se estivesse ali o dia todo.

Ele não tinha visto nem Luce ou Penn. Ele não parecia ver nada. Mas Luce não tinha que estar o suficientemente proxima para ver seus olhos cinza-violeta e saber quem era.

Todo esse tempo Luce esteve procurando explicações sobre o por que o arquivo de Daniel era tão escasso, que segredo contem os livros perdidos de seus ancestrais na biblioteca, onde tinha viajado sua mente aquele dia que lhe perguntou por sua familia. Porque ele é tão quente e tão frio com ela... sempre.

Esse dia emocional dia com seus pais, o próximo pensamento de Luce a deixou quase de joelhos, de tristeza. Daniel estava sozinho no mundo.

Capitulo Quatroze – Mãos Ociosas

Choveu o dia todo na terça. Nuvens extremamente negras rolaram do oeste e agitaram-se sobre o campus, nada fazendo para ajudar a clarear a mente de Luce. O aguaceiro caía em ondas desiguais

- garoando, então chovendo torrencialmente, então chovendo granizo –

antes de diminuir para começar tudo de novo. Os alunos não tinham nem sido permitidos que fossem para fora durante os intervalos, e ao final de sua aula de cálculo, Luce estava ficando louca por causa do aprisionamento.

Ela percebeu isso quando suas anotações começaram a se desviar do teorema de valor médio e começaram a ficar desse jeito: *15 de setembro: dedo do meio introdutório de D*

16 de setembro: estátua derrubada, mão na cabeça para me proteger (alternativa: simplesmente ele tateando uma saída); a saída imediata de D

17 de setembro: potencial leitura errada do aceno de cabeça de D como uma sugestão de que eu fosse a festa do Cam. Perturbadora descoberta do relacionamento de D & G (erro?) Soletrado desse jeito, era o começo de um catálogo muito embaraçoso. Ele tinha simplesmente tantos altos e baixos. Era possível que ele se sentisse da mesma maneira que ela – embora, se pressionada, Luce insistiria que qualquer estranheza da sua parte era apenas uma resposta à estranheza suprema da parte dele.

Não. Esse era *precisamente* o tipo de argumento circular no qual ela não queria se engajar.

Luce não queria jogar nenhum jogo. Ela só queria ficar com ele. Só que, ela não tinha ideia do por que. Ou como agir sobre isso. Ou, na verdade, o que ficar com ele realmente significava. Tudo que ela sabia era que, apesar de tudo, era nele quem ela pensava.

Aquele com quem ela se preocupava.

Ela pensara que se pudesse rastrear cada vez que eles tinham se conectado e cada vez que ele tinha se afastado, ela podia ser capaz de encontrar alguma razão por trás do comportamento errático de Daniel. Mas sua lista até agora estava apenas deprimindo-a. Ela amassou a página numa bola.

Quando o sino soou finalmente para liberá-los pelo dia, Luce saiu apressada da sala de aula. Normalmente ela esperava para andar com Arriane ou Penn, temendo os momentos em que seus caminhos se separavam, porque então Luce ficaria sozinha com seus pensamentos.

Mas hoje, para variar, ela não teve vontade de ver ninguém. Ela estava ansiando um tempo para Luce. Ela tinha apenas uma ideia certeira sobre como desviar sua mente de Daniel: uma nadada longa, difícil e solitária.

Enquanto os outros alunos começaram a caminhar de volta na direção de seus

dormitórios, Luce puxou o capuz do seu suéter preto e lançou-se na chuva, ansiosa para chegar à piscina. Enquanto ela descia os degraus de Agustine, ela se deparou diretamente com algo alto e negro. Cam. Quando ela empurrou-o, uma torre de livros balançou em seus braços, então caiu na calçada molhada em uma série de batidas.

Ele estava com o seu próprio capuz preto puxado sobre sua cabeça e seus fones de ouvido berrando em seus ouvidos. Ele provavelmente não tinha visto ela vindo, tampouco. Ambos tinham estado em seus próprios mundos.

"Você está bem?" ele perguntou, colocando uma mão nas costas dela.

"Estou bem," Luce disse. Ela mal tinha tropeçado. Foram os livros de Cam tombaram.

"Bem, agora que nós derrubamos os livros um do outro, o próximo passo não são que nossas mãos se toquem acidentalmente enquanto pegamos-nos?"

Luce riu. Quando ela lhe entregou um dos livros, ele segurou sua mão e apertou-a. A chuva tinha encharcado seu cabelo escuro, e grandes gotas reuniam-se em seus cílios longos e espessos. Ele parecia muito bem.

"Como se diz 'constrangido' em francês?" ele perguntou.

"Hm ... *gêné*," Luce começou a dizer, sentindo-se ela própria um pouco *gênée* de repente. Cam ainda estava segurando sua mão.

"Espere, não foi você quem tirou um 10 no teste de Francês ontem?"

"Você notou?" ele perguntou. Sua voz soou estranha.

"Cam," ela disse, "está tudo bem?"

Ele se inclinou na direção dela e retirou uma gota d’água que ela sentira escorrer pela ponte de seu nariz. O simples toque de seu dedo indicador a fez estremecer, e de repente ela não podia deixar de pensar quão maravilhoso e acolhedor podia ser se ele dobrasse-a em seus braços da forma como tinha feito no memorial de Todd.

"Eu estive pensando em você," ele disse. "Querendo te ver. Eu esperei por você

no memorial, mas alguém me disse que tinha ido embora."

Luce teve o pressentimento de que ele sabia com quem ela saíra. E que ele queria que ela soubesse que ele sabia.

"Sinto muito," ela disse, tendo que gritar para ser ouvida sobre um ruído de trovão. Agora ambos estavam encharcados pelo aguaceiro jorrando.

"Venha, vamos sair dessa chuva." Cam puxou suas costas na direção da entrada coberta de Agustine.

Luce olhou sobre o ombro dele na direção do ginásio e quis estar lá, não aqui ou em qualquer outro lugar com o Cam. Pelo menos, não agora. Sua cabeça estava cheia até a borda de tantos impulsos confusos, e ela precisava de tempo e espaço longe – de todos – para discerni-los.

"Eu não posso," ela disse.

"Que tal mais tarde? Que tal hoje à noite?"

"Claro, mais tarde, tudo bem."

Ele ficou radiante. "Passarei no seu quarto."

Ele a surpreendeu ao puxá-la para si, apenas pelo mais breve dos momentos, e a beijando suavemente na testa. Luce se sentiu instantaneamente aliviada, quase como se tivesse ganho uma dose de alguma coisa. E antes que ela tivesse a chance de sentir algo mais, ele a soltou e estava andando rapidamente de volta na direção do dormitório.

Luce balançou sua cabeça e chapinhou lentamente em direção ao ginásio. Evidentemente ela tinha que resolver mais do que apenas Daniel.

Havia uma possibilidade de que poderia ser bom, até divertido, passar algum tempo com Cam, mais tarde essa noite. Se a chuva passasse, ele provavelmente levaria-na para uma parte secreta do campus e seria totalmente carismático e lindo naquela maneira intimidantemente tranqüila dele. Ele a faria se sentir especial. Luce sorriu.

Desde a última vez em que ela tinha posto os pés na Nossa Senhora de Ginástica

(como Arriane tinha batizado o ginásio), o pessoal de manutenção da escola começou a lutar contra o kudzu*. Eles haviam retirado o cobertor verde da maior parte da fachada do prédio, mas tinham acabado apenas a metade, e vinhas verdes balançavam como tentáculos pelas portas. Luce teve que se abaixar sob alguns rebentos compridos apenas para que ela pudesse entrar.

* kudzu é uma vinha que cresce incontrolavelmente, por volta de 15 a 30 centímetros por noite.

O ginásio estava vazio, e silencioso a ponto de se ouvir uma agulha cair, em comparação com a tempestade lá fora.

A maior parte das luzes estava desligada. Ela não tinha perguntado se tinha permissão para usar o ginásio fora do horário, mas a porta estava destrancada, e, bem, ninguém está lá para impedi-la.

No corredor turvo, ela passou pelos antigos manuscritos em latim nas caixas de vidro, e pelas reprodução em miniatura de mármore da Pietá.

Ela parou na frente da porta da sala de musculação, onde ela tinha se deparado com Daniel pulando corda. Suspiro. Isso seria uma grande adição ao seu catálogo:

18 de setembro: D me acusa de persegui-lo.

Seguido dois dias mais tarde por:

20 de setembro: Penn me convence de realmente começar a persegui-lo. Eu consento.

Argh. Ela estava em um buraco negro de autodepreciação. E

ainda assim ela não conseguia parar a si mesma. No meio do corredor, ela congelou. De uma só vez ela compreendeu porque este dia todo ela se sentira ainda mais consumida por Daniel do que o habitual, e também ainda mais confusa quanto ao Cam. Ela sonhara com ambos na noite passada.

Ela estivera andando através de um nevoeiro cinzento, alguém segurando sua mão. Ela se virara, pensando que seria Daniel. Mas embora os lábios de quem ela estivera pressionando fossem reconfortantes e carinhosos, não eram dele.

Eles eram de Cam. Ele deu-lhe inúmeros beijos suaves, e cada vez que Luce o espiava, seus tempestuosos olhos verdes estavam abertos, também, penetrando-a, interrogando-a sobre algo que ela não podia responder.

Então Cam se fora, e o nevoeiro se fora, e Luce estava enrolada apertadamente nos braços de Daniel, exatamente onde queria estar. Ele a afundou e a beijou ferozmente, como se estivesse com raiva, e cada vez que seus lábios deixavam os dela, mesmo que por apenas meio segundo, a sede mais seca a percorria, fazendo-a gritar. Desta vez, ela sabia que eram asas, e ela as deixou se enrolarem ao redor de seu corpo como um cobertor. Ela queria tocá-las, dobrá-las ao redor de si mesma e de Daniel completamente, mas logo o roçar de veludo estava recuando, dobrando-se sobre si mesmo. Ele parou de beijá-la, observou seu rosto, esperou por uma reação. Ela não entendeu o estranho medo quente crescendo na boca do seu estômago. Mas lá estava, deixando-a desconfortavelmente quente, então quente até fazer bolhas – até que ela não pudesse mais aguentar. Foi quando ela acordou de repente: No último momento do sonho, a própria Luce tinha queimado e se despedaçado – então tinha sido destruída até virar cinzas.

Ela acordara encharcada de suor – seu cabelo, seu travesseiro, seu pijama todos molhados e de repente a fazendo se senti com muito, muito frio. Ela ficara deitada lá tremendo e sozinha até a primeira luz da manhã.

Luce esfregou suas mangas encharcada de chuva para se aquecer. É claro. O sonho tinha deixado-a com um fogo no seu coração e um frio nos seus ossos que ela tinha sido incapaz de conciliar o dia todo. E era por isso que ela viera aqui para nadar, para tentar tirar isso de seu sistema.

Dessa vez, seu Speedo preto realmente servia, e ela se lembrara de trazer um par de óculos de natação. Ela empurrou a porta para a piscina e ficou sob a plataforma alta de mergulho sozinha, respirando o ar úmido com seu odor maçante de cloro. Sem a distração dos outros alunos, ou o estímulo do apito da Treinadora Diante, Luce conseguia sentir a presença de outra coisa na Igreja. Algo quase sagrado.

Talvez fosse simplesmente que o natatorium fosse um lugar tão lindo, mesmo com a chuva caindo pelas janelas rachadas de vitrais.

Mesmo com nenhuma das velas acesas nos altares laterais vermelhos.

Luce tentou imaginar como o lugar era antes da piscina ter substituído os bancos, e ela sorriu. Ela gostava da ideia de nadar sob todas aquelas cabeças orando.

Ela baixou os óculos e pulou para dentro A água estava quente, muito mais quente que a chuva lá fora, e o estrondo do trovão lá fora parecia inofensivo e longe enquanto ela abaixava sua cabeça debaixo d'água.

Ela se propeliu e começou um nado crawl lento de aquecimento.

Seu corpo rapidamente relaxou, e algumas voltas mais tarde, Luce aumentou sua velocidade e começou o borboleta. Ela conseguia sentir a queimação em seus membros, e ela se forçou.

Era exatamente dessa sensação que ela estava atrás.

Totalmente a vontade.

Se ela pudesse apenas falar com Daniel. Realmente falar, sem ele lhe interromper ou lhe dizer para transferir de escola ou escapar antes que ela pudesse chegar ao ponto. Isso podia ajudar. Também poderia exigir que ele fosse amarrado e sua boca fechada simplesmente para que ele a ouvisse.

Mas o que ela diria? Tudo o que ela era essa *sensação* que tinha perto dele, que, se ela pensasse nisso, não tinha nada a ver com suas interações.

E se ela pudesse levá-lo de volta para o lago? Fora ele quem tinha deixado implícito que aquele se tornara o lugar *deles*. Dessa vez, ela poderia levá-lo até lá, e ela seria super-cuidadosa para trazer a tona algo que pareceria assustá-lo - Não estava funcionando.

Droga. Ela estava fazendo isso de novo. Ela deveria estar nadando. Só nadando.

Ela nadaria até que estivesse cansada demais para pensar em qualquer outra coisa, especialmente Daniel.

Ela nadaria até-

"Luce!"

Até que fosse interrompida. Por Penn, que estava de pé ao lado da piscina.

"O que você está fazendo aqui?" Luce perguntou, cuspindo água.

"O que *você* está fazendo aqui?" Penn disparou de volta.

"Desde quando você faz exercícios de boa vontade? Eu não gosto deste novo lado seu."

"Como você me encontrou?" Luce não percebeu até que tivesse dito que suas palavras podiam ter soado rudes, como se ela estivesse tentando evitar Penn.

"Cam me disse," Penn disse. "Tivemos uma conversa inteira.

Foi estranho. Ele queria saber se você estava bem."

"Isso é estranho," Luce concordou.

"Não," Penn disse, "o que foi estranho foi que ele se aproximou de mim e tivemos uma conversa inteira. O Sr. Popularidade... e *eu*.

Preciso soletrar ainda mais a minha surpresa? O negócio é que, ele foi realmente muito bonzinho."

"Bem, ele *é* bonzinho." Luce tirou os óculos de sua cabeça.

"Com você," Penn disse. "Ele é tão bonzinho com você que ele escapuliu da escola para lhe comprar aquele colar – que você nunca usa."

“Eu usei uma vez,” Luce disse. O que era verdade. Há cinco noites, depois da segunda vez que Daniel a deixou encalhada no lago, sozinha com ou caminho dele iluminado na floresta. Ela não fora capaz de se desvencilhar da imagem e não fora capaz de dormir. Então ela experimentara o colar. Ela adormecera segurando-o perto de sua clavícula, e acordara com ele quente na sua mão. Penn estava acenando três dedos para Luce, como se dissesse: *Oi? E qual a razão disso...?*

"A razão disso é," Luce disse finalmente, "eu não sou tão superficial que tudo pelo que estou procurando é um cara que me compra coisas."

"Não é tão superficial, hein?" Penn perguntou. "Então eu te desafio a fazer uma lista não-superficial do por que você está tão afim do Daniel. O que significa

nada de *Ele tem os olhinhos cinza mais adoráveis* ou *Ooh, a maneira como seus músculos ondulam na luz do sol."*

Luce teve que rir do falsete agudo de Penn e da maneira como ela segurava suas mãos cruzadas sobre o peito. "Ele simplesmente me entende," ela disse, evitando os olhos de Penn. "Eu não consigo explicar isso."

"Ele entende que você merece ser ignorada?" Penn sacudiu a cabeça.

Luce nunca tinha dito a Penn sobre os momentos que ela passara sozinha com Daniel, os momentos em que ela vira um relampejo de que ele se preocupava com ela, também. Então Penn não conseguia entender realmente seus sentimentos. E eles eram muito particulares e muito complicados para se explicar.

Penn se agachou na frente de Luce. "Olha, a razão pela qual eu vim te procurar, em primeiro lugar, foi para arrastá-la para a biblioteca para uma missão relacionada ao Daniel."

"Encontrou o livro?"

"Não exatamente," Penn disse, estendendo uma mão para ajudar Luce a sair da piscina. "A obra-prima do Sr. Grigori ainda está misteriosamente desaparecida, mas eu meio que tipo hackeei o mecanismo de busca literário somente para assinantes da Senhorita Sophia, e algumas coisas apareceram. Eu achei que você poderia achá-

las interessantes."

"Obrigada," Luce disse, içando-se para fora com a ajuda de Penn. "Eu vou tentar não ser irritantemente sentimental sobre o Daniel."

"Que seja," Penn disse. "Só se apresse e se seque. Nós temos um breve período sem chuva ali fora e eu não tenho um guarda-chuva."

Quase toda seca e de volta em seu uniforme escolar, Luce seguiu Penn até a biblioteca. Parte da porção da frente havia sido bloqueada por fitas amarelas da polícia, então as meninas tiveram que escapulir pelo espaço estreito entre o catálogo de cartas e a seção de referência. Ainda cheirava a uma fogueira, e agora, graças aos irrigadores e à chuva, possuía um cheiro acrescentado de mofo.

Luce deu sua primeira olhada para onde estivera a mesa da Senhorita Sophia, agora um círculo carbonizado quase perfeito sobre o velho chão de azulejo no centro da biblioteca. Tudo em um raio de quatro metros e meio tinha sido removido. Tudo além disso estava estranhamente intacto.

A bibliotecária não estava em seu posto, mas uma mesa dobrável havia sido posta para ela ao lado do local queimado. A mesa estava deprimentemente vazia, exceto por um abajur novo, um portalápis, e um bloco cinza de post-its.

Luce e Penn lançaram uma a outra uma careta de que-droga antes de continuarem para a estação de computadores nos fundos.

Quando elas passaram a seção de estudo onde tinham visto Todd pela última vez, Luce olhou para sua amiga. Penn manteve seu rosto para frente, mas quando Luce estendeu a mão e apertou a mão dela, Penn apertou de volta muito firme.

Elas puxaram duas cadeiras até um terminal de computador, e Penn digitou seu nome de usuário. Luce olhou ao redor só para ter certeza que ninguém mais estava por perto. Uma caixa vermelha de erro apareceu na tela.

Penn gemeu.

"O quê?" Luce perguntou.

"Depois das quatro, você precisa de permissão especial para acessar a net."

"É por *isso* que este lugar é sempre tão vazio à noite."

Penn estava revirando sua mochila. "Onde eu coloquei aquela senha criptografada?" ela murmurou.

"Ali está a Senhorita Sophia," Luce disse, sinalizando para a bibliotecária, que estava atravessando o corredor com uma blusa preta justa e calça pescador verde clara. Seus brincos brilhantes roçavam seus ombros, e ela tinha um lápis enfiado na lateral de seu cabelo.

"Aqui," Luce sussurrou em voz alta.

A Senhorita Sophia espremeu os olhos para elas. Seus óculos bifocais tinham deslizado nariz abaixo, e com uma pilha de livros em cada braço, ela não tinha

uma mão livre para empurrá-los para cima.

"Quem é?" ela chamou, andando até lá. "Oh, Lucinda. Pennyweather,"

ela disse, parecendo cansada. "Olá".

"Nós estávamos pensando se você poderia nos dar a senha para usar o computador," Luce perguntou, apontando para a mensagem de erro na tela.

"Você não vai usar redes sociais, não é? Esses sites são obra do diabo."

"Não, não, esta é uma investigação séria," disse Penn. "Você aprovaria."

A Senhorita Sophia se inclinou sobre as meninas para desbloquear o computador. Dedos voando, ela digitou a senha mais longa que Luce já tinha visto. "Vocês têm vinte minutos," disse ela sem rodeios, indo embora.

"Isso deve ser suficiente," sussurrou Penn. "Eu encontrei um ensaio crítico sobre Os Observadores, então até que rastreemos o livro, podemos pelo menos ler sobre o que se trata."

Luce percebeu alguém parado atrás dela e se virou para ver que a Senhorita Sophia tinha retornado. Luce pulou. "Desculpe," ela disse. "Eu não sei por que você me assustou."

"Não, sou eu quem deve pedir desculpas," a Senhorita Sophia disse. Seu sorriso praticamente fazia seus olhos desaparecerem. "É só que tem sido tão difícil ultimamente, desde o incêndio. Mas não há nenhuma razão para descarregar a minha tristeza em duas das minhas alunas mais promissoras."

Nem Luce nem Penn sabiam exatamente o que dizer. Era uma coisa confortar uma a outra após o incêndio. Tranquilizar a bibliotecária da escola parecia um pouco demais para elas.

"Eu tenho tentado me manter ocupada, mas..." a Senhorita Sophia dissipou-se.

Penn olhou nervosamente para Luce. "Bem, poderíamos precisar de alguma ajuda com a nossa pesquisa, se, quer dizer, você–"

"Posso ajudar!" Senhorita Sophia puxou uma terceira cadeira,

"Vejo que estão pesquisando Os Observadores," disse ela, lendo sobre seus ombros. "Os Grigoris foram um clã muito influente. E acontece que eu conheço um banco de dados papel. Deixe-me ver o que eu consigo achar."

Luce quase engasgou no lápis que ela estava mastigando.

"Desculpa, você disse Grigoris?"

"Ah sim, historiadores os traçaram até a Idade Média. Eles eram...” Ela fez uma pausa, procurando pelas palavras. "Uma espécie de grupo de pesquisadores, para colocar em termos leigos modernos.

Eles se especializaram em um determinado tipo de folclore de anjo caído."

Ela estendeu a mão entre as meninas novamente e Luce maravilhou-se enquanto seus dedos corriam pelo teclado. O mecanismo de busca apanhou para acompanhar, puxando artigo após artigo, fonte primária depois de fonte primária, todos sobre os Grigoris. O nome da família de Daniel estava em toda parte, enchendo a tela. Luce sentiu-se um pouco tonta.

A imagem de seu sonho voltou para ela: asas desenrolando-se, seu corpo aquecendo até que ela ardesse em cinzas. "Há diferentes tipos de anjos em que se especializar? Penn perguntou.

"Ah, claro – é um vasto campo da literatura," a Senhorita Sophia disse enquanto digitava.

"Há aqueles que se tornam demônios. E aqueles que exaltam Deus. E há ainda aqueles que se davam com mulheres mortais." Por fim seus dedos pararam. "Hábito muito perigoso."

Penn disse, "Esses caras Observadores tem alguma relação com o Daniel Grigori daqui?"

A Senhorita Sophia tocou seus lábios cor de malva. "Bem possível. Eu mesma me perguntei isso, mas não é nada da nossa conta ficar se metendo nos assuntos dos alunos, não concordam?" Seu rosto pálido apertou-se em uma carranca enquanto ela olhava para o relógio.

"Bem, eu espero ter lhes dado o suficiente para começarem seu projeto. Eu não

vou mais monopolizar o seu tempo." Ela apontou para um relógio na tela do computador. "Vocês só têm nove minutos restantes."

Enquanto ela voltou para a frente da biblioteca, Luce observou a postura perfeita da Senhorita Sophia. Ela poderia ter equilibrado um livro em sua cabeça. Parecia mesmo que tinha animado-a um pouco ajudar as meninas com sua pesquisa, mas ao mesmo tempo, Luce não tinha ideia do que fazer com a informação que lhe acabara de ser dada sobre Daniel.

Penn tinha. Ela já começara a rabiscar notas furiosas.

"Oito minutos e meio," ela informou Luce, entregando-lhe uma caneta e um pedaço de papel. "Tem coisas demais aqui para entender em oito minutos e meio. Comece a escrever."

Luce suspirou e fez o que lhe foi dito. Era uma página acadêmica da web maçantemente desenhada com uma borda fina azul enquadrando um fundo liso bege. No alto, em um cabeçalho com uma fonte rigorosamente negrita se lia: O CLÃ GRIGORI.

Apenas lendo o nome, Luce sentiu sua pele aquecer.

Penn bateu no monitor com sua caneta, voltando a atenção de Luce para sua tarefa.

Os Grigoris não dormem. Parecia possível; Daniel sempre parecia cansado. *Eles são geralmente quietos*. Certo. Às vezes falar com ele era como extrair os dentes. *Em um decreto do século VIII–*

A tela ficou preta. O tempo delas acabara.

"Quanto você conseguiu?" Penn perguntou.

Luce ergueu sua folha de papel. Patético. O que ela tinha era algo que ela nem sequer se lembrava de ter rabiscado: as bordas das penas de asas.

Penn deu-lhe um olhar lateral. "Sim, posso ver que você será uma excelente assistente de pesquisa," disse ela, mas ela estava rindo.

"Talvez mais tarde nós poderíamos teorizar um jogo de MASH*." Ela ergueu as

próprias anotações muito mais abundantes. "Tudo bem, eu tenho o suficiente para nos levar a algumas outras fontes."

* MASH é um jogo comum de crianças, tendo a intenção de prever o futuro um do outro. Mash é uma sigla para mansão, apartamento, barraco[shack] (variações incluem rua[street], galpão[shed], esgoto[sewers] e abrigo[shelter]), ou casa [house].

Luce enfiou o papel no seu bolso ao lado da lista mestre amassada que ela começara sobre todas as suas interações com Daniel.

Ela estava começando a transformar-se no seu pai, que não gostava de estar em qualquer lugar muito longe do seu triturador de papel. Ela se abaixou para procurar uma lixeira e avistou um par de pernas andando pelo corredor em direção a elas.

A marcha era tão familiar quanto a dela própria. Ela sentou-se de volta – ou tentou sentar-se de volta – e bateu sua cabeça na parte inferior da mesa do computador.

"Au," ela gemeu, esfregando o local onde batera sua cabeça no incêndio da biblioteca.

Daniel estava parado a poucos metros de distância. Sua expressão dizia que a última coisa no mundo que ele queria agora era topar com ela. Pelo menos ele apareceu depois que o computador tinha feito logoff. Ele não precisa pensar que ela estava perseguindo-o ainda mais ativamente do que ele já pensava.

Mas Daniel parecia estar olhando através dela; seus olhos cinza-violetas estavam fixados em cima do seu ombro, em algo – ou alguém.

Penn bateu no ombro de Luce, então girou seu polegar na direção da pessoa de pé atrás dela. Cam estava inclinando-se sobre a cadeira de Luce e sorrindo para ela. Um raio lá fora fez com que Luce praticamente pulasse nos braços de Penn.

"Só uma tempestade," disse Cam, inclinando sua cabeça. "Vai dissipar-se em breve. Uma pena, porque você fica uma gracinha quando está com medo."

Cam avançou a mão. Ele começou em seu ombro, então traçou a ponta de seu braço com seus dedos até sua mão. Os olhos dela vibraram, era tão bom, e

quando ela os abriu, havia uma pequena caixa de veludo rubi na sua mão. Cam a abriu, só por um segundo, e Luce viu um relampejo de ouro.

"Abra-a mais tarde," disse ele. "Quando você estiver sozinha."

"Cam–"

"Eu passei no seu quarto."

"Podemos–" Luce olhou para Penn, que estava descaradamente olhando para eles com um encanto de espectador de filme na primeira fila.

Finalmente saindo de seu transe, Penn agitou suas mãos.

"Você quer que eu vá. Entendo."

"Não, fique," disse Cam, soando mais doce do que Luce esperava.

Ele

se

virou

para

Luce.

"Eu vou. Mas mais tarde – você promete?"

"Claro." Ela sentiu-se corar.

Cam pegou sua mão e empurrou-a e a caixa para dentro do bolso frontal esquerdo de sua calça jeans. Ficou apertada, e a fez estremecer sentir os dedos dele espalharem-se em seus quadris. Então ele piscou e virou as costas.

Antes que ela tivesse a chance de recuperar o fôlego, ele voltou. "Uma última coisa," disse ele, deslizando seu braço para trás da cabeça dela e se aproximando.

A cabeça dela inclinou-se para trás e a dele para frente, e a boca dele estava sobre a dela. Seus lábios eram tão luxuosos quanto pareceram todas as vezes que

Luce os encarou.

Não foi profundo, só um selinho, mas Luce sentiu como se fosse muito mais. Ela não conseguia respirar por causa do choque e da emoção e da potencial exibição pública desse muito longo, muito inesperado–

"Que di–!"

A cabeça de Cam tinha girado, e então ele estava encurvado, segurando seu queixo.

Daniel estava de pé atrás dele, esfregando o pulso. "Mantenha suas mãos longe dela."

"Não te ouvi," disse Cam, levantando-se lentamente.

Ai. Meu. Deus. Eles estavam lutando. Na biblioteca. Por ela.

Então, em um movimento limpo, Cam disparou-se para Luce.

Ela gritou enquanto os braços dele começaram a fechar em torno dela.

Mas as mãos de Daniel foram mais rápidas. Ele golpeou duramente Cam para longe, e empurrou-o contra a mesa do computador. Cam grunhiu enquanto Daniel pegava um punhado de seu cabelo e prensava sua cabeça para baixo.

"Eu disse parar manter suas mãos imundas longe dela, seu merdinha maligno."

Penn gritou, pegou seu estojo, e foi na ponta dos pés até a parede. Luce observou enquanto ela jogava seu estojo amarelo sujo uma vez, duas vezes, três vezes no ar. Na quarta vez, ele foi alto o suficiente para acertar a pequena câmera preta parafusada na parede. O golpe desviou a lente da câmera para a esquerda, em direção a uma pilha muito parada de livros de não-ficção.

Nessa hora, Cam tinha jogado Daniel para fora e eles estavam circulando um ao outro, seus pés rangendo no chão polido.

Daniel começou a esquivar-se antes que Luce sequer percebesse que Cam estava pegando impulso. Mas Daniel ainda não esquivou-se com rapidez suficiente. Cam acertou o que pareceu ser um soco de nocaute logo abaixo do olho de

Daniel. Daniel rodou para trás devido a força disso, empurrando Luce e Penn contra a mesa do computador. Ele se virou e murmurou um pedido de desculpas confuso antes de retornar.

"Ai meu Deus, parem!" Luce gritou, pouco antes dele pular na cabeça do Cam.

Daniel parou Cam, lançando uma onda bagunçada de golpes nos seus ombros e nas laterais de seu rosto.

"Isso é gostoso," resmungou Cam, estalando o pescoço de um lado para outro como um boxeador.

Ainda persistindo, Daniel deslocou suas mãos ao redor do pescoço de Cam. E espremeu. Cam respondeeu ao lançar Daniel de volta contra uma estante alta de livros. O impacto explodiu pela biblioteca, mais alto do que o trovão do lado de fora.

Daniel resmungou e soltou. Ele caiu no chão com um baque.

"O que mais você tem, Grigori?"

Luce cambaleou, pensando que ele podia não se levantar. Mas Daniel se levantou rapidamente.

"Eu vou mostrar para você," ele sibilou. "Lá fora." Ele foi até Luce, então afastou-se. "Você fica aqui."

Então ambos os garotos saíram da biblioteca, através da saída traseira que Luce usara na noite do incêndio. Ela e Penn ficaram congeladas em seus lugares. Elas encararam uma a outra, as bocas abertas.

"Vamos," disse Penn, arrastando Luce para uma janela que dava para a área comum. Elas apertaram seus rostos no vidro, apagando a bruma de suas respirações.

A chuva estava caindo pesadamente. O campo lá fora estava escuro, exceto pela luz que entrava pelas janelas da biblioteca. Estava tão enlameado e escorregadio, era difícil ver alguma coisa.

Então duas figuras saíram do centro da área comum. Ambos ficaram ensopados

instantaneamente. Eles discutiram por um momento, depois começaram a circular um ao outro. Seus punhos foram erguidos novamente.

Luce segurou o parapeito da janela e observou enquanto Cam fez o primeiro movimento, correndo até Daniel e batendo nele com o ombro. Então um rápido chute giratório em suas costelas.

Daniel tombou, agarrando seus lados. *Levante-se*. Luce motivou-lhe a se mover. Ela sentia como se ela própria tivesse sido chutada. Cada vez que Cam ia para cima de Daniel, ela sentia em seus ossos.

Ela não agüentava assistir.

"Daniel tropeçou por um segundo ali," Penn anunciou após Luce ter se virado.

"Mas ele disparou diretamente e totalmente marcou o Cam no rosto. *Boa*!"

"Você está gostando disso?" Luce perguntou, horrorizada.

"Meu pai e eu costumávamos assistir UFC," disse Penn.

"Parece que esses dois caras tiveram alguma formação séria em artes marciais misturadas. Perfeito cruzamento, Daniel!" Ela gemeu. "Ai, cara."

"O quê?" Luce espiou novamente. "Ele está ferido?"

"Relaxe," disse Penn. "Alguém está vindo para acabar com a luta. Bem quando Daniel estava se recuperando."

Penn estava certa. Parecia que o Sr. Cole estava correndo pelo campus. Quando chegou ao local onde os garotos estavam brigando, ele parou e assistiu-os por um momento, quase hipnotizado pela maneira como eles estavam lutando.

"Faça alguma coisa," Luce sussurrou, sentindo-se enojada.

Finalmente, o Sr. Cole agarrou cada garoto pela nuca. Os três lutaram por um momento até que Daniel finalmente se desvencilhou.

Ele balançou sua mão direita, então marchou em um círculo e cuspiu algumas vezes na lama.

"Muito atraente, Daniel," Luce disse sarcasticamente. Exceto que era.

Agora para uma conversa com o Sr. Cole. Ele acenou suas mãos loucamente para eles e eles ficaram parados com as cabeças pendendo. Cam foi o primeiro a ser dispensado. Ele correu pelo campo na direção do dormitório e desapareceu.

O Sr. Cole colocou uma mão no ombro de Daniel. Luce estava morrendo de vontade de saber o que eles estavam falando, se Daniel seria punido. Ela queria ir até ele, mas Penn a bloqueou.

"Tudo isso por causa de uma joia. O que Cam lhe deu, afinal?"

O Sr. Cole saiu e Daniel ficou sozinho, de pé à luz de um poste de luz acima, olhando para a chuva.

"Eu não sei," Luce disse a Penn, deixando a janela. "Seja o que for, eu não quero. Especialmente não depois disso." Ela voltou para a mesa do computador e tirou a caixa de seu bolso.

"Se você não vai olhar, eu vou," disse Penn. Ela abriu a caixa, então olhou para Luce, confusa.

O relampejo de ouro que elas tinham visto não tinha sido de joias. Havia apenas duas coisas dentro da caixa: outra palheta verde de Cam, e um pedaço dourado de papel.

Encontre-me amanhã depois da aula. Eu estarei esperando nos portões.

-C

Capitulo Quinze – A Cova do Leão

Fazia um bom tempo desde que Luce havia dado uma boa olhada no espelho. Ela costumava nunca se importar com seu reflexo, seus olhos claros esverdeados, seus pequenos e retos dentes, seus espessos cílios, e sua densa cabeleira negra. Isso era antes. Antes do verão passado. Após a mãe dela ter cortado todo o cabelo dela, Luce havia começado a evitar espelhos. Não era só por causa do cabelo curto, ela não achava que gostava mais de quem ela era, então ela não queria ver nenhuma evidencia. Ela começou a olhar para baixo e para as mãos dela quando ela as lavava no banheiro. Ela mantinha seu rosto

olhando para frente quando passava em frente a janelas de vidros fumados e desviava de pós compactos com espelhos.

Mas vinte minutos antes do horário que ela deveria se encontrar com Cam, Luce ficou parada em frente ao espelho no banheiro feminino vazio em Augustine. Ela achava que aparentava tudo bem. O cabelo dela estava finalmente crescendo, e o peso estava começando a soltar alguns dos seus cachos. Ela deu checada nos dentes, então endireitou os ombros e olhos para o espelho como se estivesse olhando Cam nos olhos. Ela tinha que lhe dizer algo, algo importante, e ela queria ter certeza que conseguiria manobrar um olhar que exigisse que ele a levasse a serio.

Ele não havia ido à aula hoje. Nem Daniel, então Luce presumiu que Mr. Cole havia colocado os dois em algum tipo de liberdade condicional. Ou isso ou eles estavam lambendo as feridas.

Mas Luce não tinha duvidas que Cam iria esperar por ela hoje.

Ela não queria ver ele. De jeito nenhum. Pensar sobre os punhos dele batendo em Daniel fez o estomago dela se revirar. Mas era culpa dela eles terem brigado, em primeiro lugar.

Ela havia iludido Cam e se ela fez por que ela estava confusa ou lisonjeada ou estivesse o menor que seja interessada não importava mais. O que importava era que ela fosse direta com ele hoje.

Não havia nada entre eles.

Ela respirou fundo, puxou sua camiseta em direção aos quadris e abriu a porta do banheiro.

Se aproximando dos portões, ela não conseguia ver ele. Mas então, era difícil ver qualquer coisa além da zona de construção no estacionamento. Luce não havia estado de volta à entrada da escola desde que eles haviam começado as renovações ali e ela estava surpresa do quão complicado era se mover através do esburacado estacionamento. Ela desviou de poças e tentou se esquivar do radar da equipe de construção, abanando a fumaça do asfalto que parecia nunca dissipar.

Não havia sinal de Cam. Por um segundo ela se sentiu tola, quase como se ela

tivesse caído em algum tipo de pegadinha. Os portões de metal alto eram cheios de bolha e ferrugem vermelha. Luce olhou através deles para um bosque fechado de antigas olmeiras do outro lado da rua. Ela estalou as juntas dos dedos, pensando na vez que Daniel havia lhe dito que ele odiava quando ela fazia aquilo. Mas ele não estava ali para vê-la fazer aquilo, ninguém estava. Então ela notou um papel dobrado com o nome dela nele. Estava preso no galho espesso da árvore de magnólia próxima ao interfone.

Eu estou salvando você dos eventos sociais esta noite.

Enquanto nossos colegas estudantes apresentam uma reencenação da Guerra Civil triste, mas verdadeira, você e eu iremos pintar a cidade de vermelho. Um sedan preto com uma placa dourada irá trazer você até mim. Achei que nós dois podiam usar uma dose de ar fresco.

C.

Luce tossiu da fumaça. Ar fresco era uma coisa, mas um sedan preto buscando ela do campus? Para levá-la até ele, como se ele fosse algum tipo de monarca que podia arranjar em um impulso para que mulheres fossem buscadas? Onde estava ele afinal?

Nada disso era parte do plano dela. Ela havia concordado se encontrar com Cam somente para dizer a ele que ele estava sendo muito avançado e ela realmente não conseguia se ver se envolvendo com ele. Porque, apesar de que ela nunca contará a ele, cada vez que os punhos dele atingiram Daniel na noite anterior, algo dentro dela havia se esquivado e começado a ferver.

Claramente ela precisava cortar essa coisinha com o Cam pela raiz. Ela tinha o colar dourado de serpente no bolso. Era hora de devolvê-lo.

Exceto que agora ela se sentia estúpida por presumir que Cam iria querer só conversar. È claro que ele tinha algo mais embaixo da manga. Ele era esse tipo de cara.

O som das rodas do carro desacelerando fez Luce virar a cabeça. Um sedan preto parou em frente aos portões. A janela esfumada do banco do motorista rolou para baixo e uma mão peluda saiu e pegou o receptor do interfone do lado de fora dos portões.

Após um momento, o receptor estava de volta no seu lugar e o motorista se inclinou sobre sua buzina.

Finalmente os grandes portões de metal gemeram e se partiram e o carro entrou parando na frente dela. As portas se destrancaram suavemente. Ela ia mesmo entrar naquele carro e ir para sabe-se-lá-onde para se encontrar com ele?

A ultima fez que ela havia estado parada naqueles portões havia sido para dizer adeus aos pais dela.

Sentindo falta deles antes mesmo deles irem embora, ela havia abanado daquele mesmo lugar, próxima do interfone quebrada dentro dos portões e, ela se lembrava de ter notado uma câmera de segurança mais moderna. O tipo com detectores de movimento, dando zoom nela toda vez que ela se movia. Cam não podia ter escolhido um ponto pior para o carro buscar ela.

Do nada ela teve visões do confinamento solitário na cela do porão. Paredes de cimento úmido e baratas correndo pelas pernas dela.

Sem luz de verdade. Os rumores ainda estavam correndo pelo campus sobre aquele casal, Jules e Phillip, que não haviam sido mais vistos desde que eles haviam escapado. Cam achava que Luce queria tanto ver ele que ariscaria saindo do campus em plena visão das vermelhas?

O carro ainda estava com o motor ligado em frente a ela. Após um momento, o motorista, um homem de óculos escuros estilo esportivo com um pescoço grosso e cabelos ralos estendeu sua mão.

Nela estava um pequeno envelope branco. Luce hesitou um segundo antes de ir para frente e tirar ele dos dedos dele.

O material personalizado de Cam. Um Cartão pesado cor marfim com o nome dele impresso em letras douradas decadentes no canto inferior a esquerda.

Devia ter mencionado antes, as vermelhas foram fitadas. Veja por si mesma. Eu cuidei disso, como irei cuidar de você. Vejo você logo, espero.

Fitadas? Ele quis dizer? Ela ousou uma olhada para as vermelhas. Ele fez. Um círculo de fita preta havia sido colocado perfeitamente sobre as lentes da câmera. Luce não sabia como essas coisas funcionavam ou quanto tempo levaria para a

escola descobrir, em uma maneira estranha, ela estava aliviada por Cam ter pensado em cuidar disso. Ela não podia imaginar Daniel pensando tão à frente.

Ambos Callie e os pais dela estavam esperando telefonemas esta tarde.

Luce havia lido a carta de dez paginas da Calli três vezes e ela tinha todos os detalhes engraçados da viagem do final de semana da amiga dela a Nantucket memorizados, mas ela ainda não saberia como responder a qualquer uma das perguntas de Callie sobre sua vida em Swords & Cross. Se ela se virasse e fosse para dentro para pegar o telefone, ela não saberia como começar a contar à Callie e seus pais sobre a sinistra virada que os últimos dois dias haviam tomado. Mais fácil não contar nada a eles, ou até que ela encerrasse as coisas de um jeito ou de outro.

Ela deslizou no luxuoso assento de couro bege do sedan e colocou o cinto. O motorista ligou a inguinissão do carro sem dizer uma palavra.

“Aonde nós vamos?” ela perguntou a ele.

“Um lugarzinho que fica no remanso do rio. Sr. Briel gosta das cores locais. Apenas se recoste e relaxe, querida. Você verá.” Sr. Briel? Quem era esse cara? Luce nunca gostou que a mandassem relaxar, especialmente quando parecia uma ameaça para não fazer mais nenhuma pergunta. De quqlquer maneira, ela cruzou os braços sobre o peito, olhou para fora da janela e tentou esquecer do tom do motorista quando ele a chamou de querida.

Através dos vidros fumados, as árvores la fora e a estrada cinza pavimentada embaixo delas pareciam marrons. Na virada onde a bifurcação levava á Thunderbolt, o sedan preto virou para o leste. Eles estavam seguindo o rio em direção a costa. Uma vez ou outra, quando o caminho deles e o rio convergiam, Luce podia ver a água turva marrom se retorcendo ao lado deles. Vinte minutos depois o carro desacelerou até parar em frente ao bar batido de beira de rio.

Era feito de uma madeira cinza, apodrecida e inchada, havia marcas de água sobre a porta da frente vermelha que se lia STYX em irregulares letras vermelhas pintadas a mão. Bandeirolas de plástico de propaganda de cerveja haviam sido grampeadas em um feixe de madeira embaixo do telhado de zinco, uma tentativa medíocre de festividade. Luce estudou as imagens impressas nos triângulos de plástico, palmeiras e garotas bronzeadas de biquínis com garrafas de cerveja nos seus lábios sorridentes, e se perguntou quando foi a ultima vez

que uma garota de verdade havia colocado os pés naquele lugar.

Dois punks mais velhos se sentaram fumando no banco que ficava de frente para a água. Moicanos cansados caiam sobre as testas de meia idade deles, e as suas jaquetas de couro tinham uma aparência feia e suja de algo que eles estivessem usando desde que punk era novidade. A expressão vazia dos seus bronzeados e caídos rostos fazia a cena toda parecer ainda mais desolada.

O pântano que beirava a rodovia de duas vias havia começado a cobrir o asfalto, e a estrada parecia meio que sumir por entre a grama do pântano e a lama. Luce nunca havia estado tão longe no rio pantanoso.

Enquanto ela se sentava, incerta do que ela faria uma vez que saísse do carro, ou se essa era realmente uma boa idéia, a porta da frente do Styx se abriu abruptamente e Cam andou para fora. Ele se inclinou descontraidamente contra a tela da porta, uma perna cruzada sobre a outra. Ela sabia que ele não podia ver ela através da janela esfumada do carro, mas ele levantou sua mão como se ele pudesse e gesticulou para ela ir até ele.

“Aqui vai nada.” Luce resmungou antes de agradecer o motorista. Ela abriu a porta e foi recebida por uma rajada de vento salgado enquanto subia os três degraus até a varanda de madeira do bar.

O cabelo bagunçado de Cam estava solto ao redor do rosto dele e ele tinha uma expressão calma em seus olhos verdes. Uma manga da camiseta preta dele estava puxada sobre o ombro dele, e Luce podia ver a suave marcação do bíceps dele. Ela dedilhou a corrente de ouro no bolso dela. Lembre-se porque você está aqui.

O rosto de Cam não mostrava nenhum sinal da briga da noite anterior, o que a fez se perguntar, imediatamente, se Daniel tinha alguma marca.

Cam a deu um olhar inquisitivo, correndo sua língua ao longo do seu lábio inferior. “Eu só estava calculando quantos drinques de consolação eu precisaria se você me desse o cano hoje.” Ele falou, abrindo os braços para um abraço. Luce andou até eles. Cam era uma pessoa muito difícil de dizer não, até mesmo quando ela não estava totalmente certa sobre o que ele estava pedindo.

“Eu não daria o cano em você.” Ela falou, então imediatamente se sentiu culpada, sabendo que as palavras dela vieram do senso de dever, não o romance

que Cam teria preferido. Ela estava ali somente porque ela ia dizer a ele que não queria se envolver com ele. “Então, o que é esse lugar? E desde quando você tem um serviço de carro?”

“Cola em mim, criança.” Ele falou, parecendo tomar a pergunta dela como um elogio, como se ela gostasse de ser arrastada para bares que cheiravam como o interior de um ralo de pia.

Ela era tão ruim nesse tipo de coisa. Callie sempre dizia que Luce era incapaz de honestidade brutal e era por isso que ela ficava presa em tantas situações desagradáveis com caras que ela devia apenas ter dito não. Luce estava tremendo. Ela tinha que desabafar aquilo. Ela pescou no seu bolso e tirou o pendente. “Cam.”

“Oh que bom, você trouxe.” Ele pegou o colar das mãos dela e girou ela, “Deixe-me ajudar você a colocar ele.”

“Não, espere.”

“Pronto.” Ele falou. “Ele realmente combina com você. Dê uma olhada.” Ele a acompanhou ao longo do assoalho de madeira que rangia até a janela do bar, onde um numero de bandas havia colocado posters para shows. OS VELHOS BEBES. PINGANDO COM ÓDIO.

RACHADORES DE CASAS. Luce teria preferido estudar qualquer um deles a olhar seu reflexo. “Viu?”

Ela não conseguia distinguir direito as feições dela no enlameado vidro da janela, mas o pendente de ouro brilhava na sua pele quente. Ela pressionou sua mão nele. Ele era adorável. E tão distinto, com sua pequena serpente esculpida a mão pairando no centro. Não era como nada que você vê nas vitrines dos mercados, onde vendedores locais superfaturam os trabalhos manuais para turistas, suvenirs da Geórgia feito nas Filipinas.

Atrás do reflexo dela na janela, o céu estava com uma cor rica de laranja-picolé, quebrado por linhas finas de nuvens rosa.

“Sobre a noite passada ...,” Cam começou a dizer. Ela conseguia ver vagamente os lábios rosados dele se moverem pelo vidro sobre os ombros dela.

“Eu queria falar sobre a noite passada, também.” Luce falou, parando do lado dele. Ela podia ver as pontas da tatuagem em formato de raios de sol atrás do pescoço dele.

“Venha para dentro.” Ele falou guiando ela de volta para a porta de tela meio caída. “Nós podemos conversar lá.” O interior do bar era de madeira plainada, com algumas fracas lâmpadas laranja provendo a única luz. Todos os tamanhos e formar de galhadas estavam amontoados na parede, e uma cheetah empalhada posava sobre o bar, parecendo pronta para da o bote a qualquer momento.

Um retrato desbotado composto com as palavras Condado de Pulaski Clube de Oficiais Alce 1964-1965 era a única outra decoração na parede, mostrando cem faces ovais, sorrindo modestamente acima de laços cor pastel. A jukebox tocava Ziggy Stardust, e um cara mais velho com a cabeça raspada e calça de couro estava cantarolando e dançando sozinho no meio de um pequeno palco elevado. Além de Luce e Cam, ele era a única outra pessoa naquele lugar.

Cam apontou para dois banquinhos. As almofadas verdes de couro gastas haviam se partido no meio, a espuma bege saia para fora como um pedaço maciço de pipoca. Já havia uma taça pela metade onde Cam havia se sentado. A bebida nela era marron e aguada com gelo, banhada com suor.

“O que é isso?” Luce Perguntou.

“Luar da Geórgia.” Ele falou tomando um gole. “Eu não recomendo ele para começar." Quando ela olhou torto para ele, ele falou, “Eu estive aqui o dia inteiro.”

“Encantador.” Luce falou dedilhando o colar de ouro. “Quantos anos você tem, setenta? Sentado em um bar sozinho o dia inteiro?” Ele não parecia obviamente bêbado, mas ela não gostava da idéia de ir toda aquela distancia até lá para terminar tudo com ele, e ele estar bêbado demais para entender. Ela estava começando a se perguntar como ela iria voltar para a escola. Ela nem sabia onde era aquele lugar.

“Ai.” Cam esfregou seu coração. “A beleza de ser suspenso das aulas, Luce, é que ninguém sente a sua falta durante as aulas. Eu achei que eu merecia um tempinho para me recuperar.” Ele levantou a cabeça. “O que está realmente encomodando você? É este lugar? Ou a briga da noite passada? Ou o fato de não estarmos tendo nenhum atendimento?” ele elevou a voz para gritar as ultimas

palavras, auto o bastante para fazer um enorme, bruto bartender se virar em frente a porta da cozinha atrás do bar. O barman tinha cabelos longos, repicados com franja, e tatuagens que pareciam cabelos humanos trançados que percorriam seus braços de cima a baixo. Ele era só músculos e devia pesar uns cento e cinqüenta quilos.

Cam se virou para ela e sorriu. “Qual é o seu veneno?”

“Eu não me importo.” Luce falou. “Eu na verdade não tenho meu próprio veneno.”

“Você estava bebendo champagne na minha festa.” Cam falou.

“Viu quem estava prestando atenção?” ele esbarrou nela com seu ombro. “Seu champagne mais fino aqui.” Ele falou para o bartender que jogou a cabeça para trás e soltou uma risada maléfica.

Não fazendo nenhuma tentativa de ver a identidade dela ou até mesmo olhar ela tempo o bastante para adivinhar sua idade, o bartender se abaixou sobre um um pequeno refrigerador com uma porta de vidro de correr. As garrafas se bateram enquanto ele cavava e cavava. Após o que pareceu como um longo tempo, ele emergiu novamente com uma pequena garrafa de Freixenet. Parecia que tinha uma coisa laranja crescendo em volta da base.

“Eu não aceito nenhuma responsabilidade por isso.” Ele falou entregando a garrafa.

Cam estourou a rolha e elevou sua sobrancelha a Luce. Ele serviu o Freixebet cerimoniosamente nas taças de vinho.

“Eu queria me desculpar.” Ele falou. “Eu sei que eu tenho forçado um pouco a barra. E a noite passada, o que aconteceu com Daniel, eu não me sinto bem a respeito daquilo.” Ele esperou Luce consentir com a cabeça antes de continuar. “Ao invés de ficar bravo, eu só devia ter ouvido você. É com você que eu me importo, não ele.” Luce observou as bolhas subirem no seu vinho, pensando que se ela tivesse que ser honesta, ela diria que era com Daniel que ela se importava, não Cam. Ela tinha que contar a Cam. Se ele já se arrependia de não ter escutado ela na noite passada, talvez agora ele iria começar a ouvir. Ela ergueu a taça dela para beber um gole antes de ela começar.

“Oh, espere.” Cam colocou sua mão no braço dela. “Você não pode beber até que nos tenhamos brindado alguma coisa.” Ele ergueu a taça dele e segurou os olhos dela. “O que deve ser? Você escolhe.” A porta de tela bateu e os caras que haviam estado fumando na varanda entraram. O mais alto, com cabelos pretos oleosos, nariz cortado e unhas muito sujas, deu uma olhada em Luce e foi até eles.

“O que estamos celebrando?” ele olhou ela, batendo na taça erguida dela com seu copo. Ele se inclinou mais perto, e ela pode sentir a carne dos quadris dele pressionando os dela através da camisa de flanela. “É a primeira noite fora do bebê? Qual é a hora do toque de recolher?”

“Nós estamos celebrando você levando seu traseiro de volta para fora agora mesmo.” Cam falou agradavelmente como se ele tivesse anunciado que era o aniversário de Luce. Ele fixou os olhos verdes no homem, que mostrou seus pequenos dentes pontudos e a boca cheia de gengiva.

“Lá fora, é? Só se eu levar ela comigo.”

Ele agarrou a mão de Luce. Após o jeito que a briga com Daniel havia começado, Luce esperava que Cam precisaria de pouca desculpa para perder o controle de novo.

Especialmente se ele realmente tivesse bebido o dia inteiro.

Mas Cam se manteve excepcionalmente calmo.

Tudo que ele fez foi espanar a mão do cara para longe com a velocidade, graça e força brutal de um leão espanando um rato.

Cam assistiu o cara cambalear para trás vários passos. Cam sacudiu sua mão com uma espressão desinteressada no rosto, então acariciou o pulso de Luce onde o cara tinha tentado agarrar.

“Lamento por isso. Você estava dizendo, sobre a noite passada?”

“Eu estava dizendo...” Luce sentiu o sangue drenar de seu rosto. Diretamente sobre a cabeça de Cam, uma enorme sombra preta havia se aberto, se esticando para frente e se desdobrando até que se tornou a maior, mais negra sombra que ela jamais havia visto. Um sopro de ar ártico soprou de seu centro, e Luce sentiu o gelo da sombra mesmo nos dedos de Cam, ainda traçando a pele dela.

“Oh. Meu.Deus.” ele sussurrou.

Houve um estrondo de vidro quando o cara quebrou o copo sobre a cabeça de Cam.

Lentamente, Cam ficou de pé em frente a cadeira dele e sacudiu alguns dos estilhaços de vidro do cabelo. Ele se virou para encarar o homem que era facilmente duas vezes a sua idade e vários centímetros mais alto.

Luce se acovardou em seu banco de bar se esquivando do que ela sentia que estava prestes a acontecer entre Cam e esse outro cara. E

o que ela temia que poderia acontecer com a espalhada, negra como a noite sombra que estava sobre as cabeças.

“Separando.” O enorme bartender falou categoricamente sem nem se preocupar em tirar os olhos da sua revista de luta.

Imediatamente, o cara começou a lançar socos cegamente em Cam que tomou os socos sem sentido como se eles fossem tapas vindas de uma criança.

Luce não era a única espantada pela compostura de Cam. O

dançarino-usador-de-calças-de-couro estava se acovardando contra o jukebox. E

após o cara de cabelo oleoso socar Cam algumas vezes, até ele foi para trás e ficou ali, confuso.

Enquanto isso, a sombra estava se juntando contra o forro, ramos escuros como ervas e descendo para cada vez mais perto de suas cabeças. Luce se retraiu e se esquivou assim que Cam se esquivou de um último soco do cara sórdido.

E então decidiu contra-atacar.

Foi só um simples virar dos dedos dele, como se Cam estivesse retirando uma folha morta. Em um minuto, o cara estava em cima de Cam, mas quando os dedos de Cam conectaram com o peito do oponente dele, o cara foi voando, jogado de pés para cima no ar, garrafas de cerveja se quebrando com sua subida até as costas dele baterem na parede oposta próxima ao jukebox.

Ele esfregou a cabeça e, gemendo, começou a se amontoar e ficar agachado.

“Como você fez aquilo?” Os olhos de Luce estava arregalados.

Cam ignorou ela, se virou em direção ao amigo mais baixo, mais parrudo do cara e falou. “Você é o próximo?” O segundo cara levantou suas palmas. “Não é minha briga, cara.” Ele falou se esquivando para longe.

Cam encolheu os ombros, andou em direção ao primeiro cara e o levantou do chão pelas costas da camiseta dele. Seus membros balançavam vulneravelmente no ar, como de uma marionete. Então, com um fácil giro de pulso,Cam jogou o cara contra a parede. Ele quase parecia grudar lá enquanto Cam se soltou, socando o cara e dizendo de novo e de novo, “Eu falei vá para fora!”

“Basta!” Luce gritou, mas nenhum deles ouviu ou se importou.

Luce se sentiu mal. Ela queria tirar os olhos do nariz e gengivas sangrentas do cara pendurado contra a parede, da força quase sobre humana de Cam. Ele queria dizer a ele para esquecer, que ela acharia o caminho para escola sozinha. Ela queria, mais que tudo, fugir da sombra medonha que agora cobria o teto e pingava pelas paredes. Ela agarrou a sua bolsa e correu noite adentro E direto nos braços de alguém.

“Você está bem?” era Daniel.

“Como você me encontrou aqui?” ela perguntou, desavergonhadamente enterrando sua face no ombro dele. Lágrimas com as quais ela não queria lidar estavam se enchendo dentro dela.

“Venha.” Ele falou “Vamos sair daqui.”

Sem olhar para trás, ela deslizou sua mão para dentro da mão dele. Calor se espalhou acima do braço dela e através do seu corpo. E

então as lágrimas começaram a rolar. Não era justo se sentir tão a salvo quando as sombras ainda estavam tão perto.

Até Daniel parecia agitado. Ele estava arrastando ela através do lote tão rápido, ela quase precisou correr para alcançá-lo.

Ela não queria olhar para trás quando ela sentiu as sombras se derramarem para fora da porta do bar e ganhar forma no ar. Mas então, não precisava. Elas flutuaram em um fluxo constante sobre a cabeça dela, sugando toda a luz do caminho deles. Era como se o mundo inteiro estava sendo rasgado em pedaços bem diante de seus olhos. Um cheiro podre de enxofre ficou preso em seu nariz, pior do que qualquer coisa que ela conhecia.

Daniel olhou para cima também, e fez uma careta, só que parecia que ele estava apenas tentando se lembrar onde tinha estacionado. Mas então a coisa mais estranha aconteceu. As sombras se encolheram para trás, se afastando em jatos pretos que se aglomeravam e dispersavam.

Luce vagou seus olhos em descrença. Como Daniel tinha feito aquilo? Ele não tinha feito aquilo, ou tinha?

“Quê?” Daniel perguntou, distraido. Ele detrancou a porta do lado do caroneiro de um branco Taurus Station Wagon. “Alguma coisa errada?”

“Nós não temos tempo para eu listar todas as muitas, muitas coisas que estão erradas.” Luce falou, se afundando no acento do carro.

“Olha.” Ela apontou em direção a entrada do bar. A porta de tela se abriu com Cam. Ele deve ter desacordado o outro cara, mas ele não parecia que tinha estado em uma briga. Os punhos dele estavam fechados.

Daniel sorriu e sacudiu a cabeça. Luce estava batendo seu sinto de segurança inutilmente de novo e de novo na fivela até ele estender as mãos e tirar as mãos dela do caminho. Ela segurou a respiração enquanto os dedos dele roçaram o estômago dela. “Tem um truque.” Ele sussurrou, encaixando a tranca na base.

Ele ligou o carro e, em seguida recuou lentamente, tomando seu tempo enquanto eles passavam a porta do bar. Luce não conseguia pensar em uma única coisa a dizer a Cam, mas sentiu perfeito quando Daniel abriu a janela e disse simplesmente. “Boa noite, Cam.”

“Luce.” Cam falou andando em direção ao carro. “Não faça isso. Não vá embora com ele. Vai acabar mal.” Ela não podia olhos nos olhos dele, os quais ele sabia que estavam apelando para ela voltar. “Eu sinto muito.”

Daniel ignorou Cam inteiramente e só dirigiu pelo pântano que parecia nublado no crepúsculo, e as matas em frente a eles pareciam ainda mais nubladas.

“Você ainda não me disse como me achou aqui.” Luce falou.

“Ou como você sabia que eu viu me encontrar com Cam. Ou onde você conseguiu esse carro.”

“É da Srta Sophia.” Daniel explicou, ligando o farol alto enquanto as árvores cresciam juntas a frente e deixando a estrada na sombra densa.

“Srta Sophia deixou você pegar o carro dela emprestado?”

“Depois de anos vivendo em Skid Row em L.A.” ele falou encolhendo os ombros. “Você pode dizer que eu tenho um toque mágico quando se fala em “emprestar” carros.”

“Você roubou o carro da Srta. Sophia?” Luce zombou, perguntando-se como a bibliotecária iria anotar este desenvolvimento em seus arquivos.

“Nós vamos levar de volta.” Daniel falou. “Além disso, ela estava muito preocupado com a noite da encenação da Guerra Civil.

Algo me diz que ela não vai nem mesmo notar que ele se foi.” Foi só aí que Luce percebeu o que Daniel estava vestindo. Ela assimilou o uniforme azul de soldado da União dele com sua ridícula tira de couro jogada diagonalmente

sobre o peito dele. Ela tinha estado tão aterrorizada das sombras, de Cam, de toda a horrorosa cena que ela não tinha nem pausado para assimilar Daniel.

“Não ria.” Daniel falou tentando não rir. “Essa noite você se safou do possivelmente pior evento social do ano.” Luce não conseguiu se conter. Ela estendeu o braço e deu bateu com o dedo em um dos botões de Daniel. “Uma pena.” Ela falou, usando um sotaque sulista. “Eu tinha acabado de mandar passar meu vestido-bela-do-baile.”

Os lábios de Daniel se contorceram em um sorriso, mas então ele suspirou. “Luce, o que você fez essa noite, as coisas podiam ter acabado muito feio. Você sabia disso?”

Luce olhou para a estrada, incomodada que a atmosfera havia mudado tão de repente para uma depressiva. Uma coruja cantadora olhou para ela de uma árvore.

“Eu não tinha a intenção de vir aqui.” Ela falou o que parecia ser verdade. Foi quase como se Cam tivesse enganado ela. “Eu queria não ter vindo.” Ela adicionou quietamente, se perguntando onde a sombra estava agora. Daniel bateu os punhos no volante fazendo ela pular. Ele estava rangendo os dentes, e Luce odiava que ela era quem havia feito ele parecer tão zangado.

“Eu não consigo acreditar que você está envolvida com ele.” Ele falou.

“Eu não estou.” Ela insistiu. “A única razão que me fez aparecer era para dizer a ele …” era sem sentido. Envolvida com Cam!

Se Daniel soubesse que ela e Penn passavam a maioria do tempo delas pesquisando a família dele … bem, ele provavelmente ficaria igualmente irritado.

“Você não precisa se explicar.” Daniel falou, acenando com a mão. “É minha culta de qualquer jeito.”

“Sua culpa?”

Aquela altura Daniel havia saído da rua e parado o carro em uma pequena estrada de areia. Ele apagou os faróis e eles ficaram olhando para o oceano. O céu acinzentado estava com um tom extraordinariamente profundo e o pico das

ondas pareciam quase prata, brilhando. A grama da praia sacudia no vento, fazendo um alto, desolado som de assovio. Um bando de gaivotas sentaram em uma longa linha ao longo do parapeito da passarela, ajeitando as penas.

“Nós estamos perdidos?” ela perguntou.

Daniel ignorou ela. Ele saiu do carro e fechou a porta, começou a andar em direção a água, Luce esperou dez agonizantes segundos, assistindo a silueta dele ir diminuindo no crepúsculo púrpura, antes dela pular para fora do carro e seguir ele.

O vento jogou o cabelo dela contra seu rosto. Ondas batiam na costa, levando linhas de conchas e algas marinhas de volta para sua contracorrente submarina. O ar estava mais frio perto da água. Tudo tinha um aroma forte de maresia.

“O que está acontecendo, Daniel?” ela falou, correndo ao longo da duna. Ela se sentiu mais pesada andando na areia. “Onde nós estamos?” E o que você quis dizer , é sua culpa?” ele se virou para ela.

Ele parecia tão abatido, sua fantasia de uniforme toda amassada, seus olhos cinza caindo. O barulho das ondas quase abafaram a voz dele. “Eu só preciso de um tempo para pensar.” Luce sentiu um nó crescendo de novo na sua garganta. Ela finalmente havia parado de chorar, mas Daniel estava dificultando tudo. “Por que me resgatar então? Por que vir todo o caminho até aqui para me apanhar, então gritar comigo e então me ignorar?” ela secou os olhos na barra da camiseta preta dela e o sal do mar nos dedos dela fizeram seus olhos arderem. “Não que isso seja alguma diferença do jeito que você tem me tratado na maioria do tempo, mas.” Daniel se virou e bateu na testa dele com as duas mãos. “Você não entende, Luce.” Ele sacudiu a cabeça. “Isso é o que você nunca entende.”

Não tinha nada maldoso na voz dele. Em fato, era quase bondosa demais. Como se ela fosse lenta demais para captar o que quer que seja que era tão obvio para ele. O que fez ela ficar absolutamente furiosa.

“Eu não entendo?” ela perguntou. “Eu não entendo? Deixe eu te dizer uma coisa sobre o que eu não entendo. Você se acha tão esperto? Eu passei três anos com uma bolsa integral na melhor escola preparatória do país. E quando eles me chutaram, eu tive que fazer uma petição, petição! Para que eles não apagassem meu histórico das minha notas quatro-ponto-zero.”

Daniel se afastou, mas Luce perseguiu ele, dando um passo a frente a cada passo de olhos arregalados que ele dava para trás.

Provavelmente assustando ele, mas e daí? Ele estava pedindo por isso toda vez que ele era condescendente com ela.

“Eu sei latin e Frances, e no ensino médio, eu ganhei a feira de ciências três anos seguidos.”

Ela tinha encurralado ele contra o parapeito da passarela e estava tentando se segurar para não cutucar ele no peito com o dedo dela. Ela não tinha terminado.

“Eu também faço as palavras cruzadas do jornal Sunday, algumas vezes em menos de uma hora. Eu tenho um preciso sentido de direção ... apesar de isso nem sempre se aplicar aos garotos.” Ela engoliu e tomou um momento para recuperar o fôlego.

“E algum dia, eu serei uma psiquiatra que realmente ouve os pacientes e ajuda pessoas. Ok? Então não fique falando comigo como se eu fosse uma estúpida e não me diga que eu não entendo só porque eu não consigo decodificar seu erradico, falho, quente-num-minuto-frio-no-outro, francamente.” Ela olhou para ele, soltando a respiração.

“Realmente insensível comportamento.” Ela secou as lágrimas, zangada consigo mesma por ter ficado tão exaltada.

“Cala a boca.” Daniel falou, mas ele falou suavemente e tão carinhosamente que Luce surpreendeu ambos ao obedecer.

“Eu não acho que você é estúpida.” Ele fechou os olhos. “Eu acho que você é a pessoa mais esperta que eu conheço. E a mais gentil.

E.” ele engoliu, abrindo os olhos para olhar diretamente para ela.” A mais bonita.”

“Com licença?”

Ele olhou para o oceano. “Eu só ... estou tão cansado disso.” Ele parecia tão exausto.

“Do quê?”

Ele olhou para ela, com a mais triste expressão no rosto dele, como se ele tivesse perdido algo precioso. Esse era o Daniel que ela conhecia, apesar de ela não poder explicar como ou de onde. Este era o Daniel que ela ... amava.

“Você pode me mostrar.” Ela sussurrou.

Ele sacudiu a cabeça. Mas os lábios dele ainda estavam tão perto dos dela. E a expressão nos olhos dele era tão fascinante.Era quase como se ele quisesse que ela mostrasse para ele primeiro.

O corpo dela tremia de nervos enquanto ela ficava nas pontas dos pés e se inclinava em direção a ele.

Ela colocou a mão dela na bochecha dele e ele piscou, mas ele não se moveu. Ela se moveu lentamente, tão lentamente, como se ela estivesse com medo de assustar ele, cada segundo sentindo se petrificar. E então, quando eles estavam perto o bastante que os olhos dela estavam quase vesgos, ela fechou eles e pressionou os lábios dela contra os dele.

O mais leve, como uma pena, toque dos lábios deles era tudo o que conectava eles, mas um fogo que Luce jamais havia sentido antes passou por ela, e ela soube que ela precisava mais de tudo de Daniel.

Seria pedir demais que ele precisasse dela da mesma maneira, segurar ela nos braços dele como ele havia feito tantas vezes nos sonhos dela, retribuir o beijo esperançoso dela com um mais poderoso.

Mas ele fez.

Os músculos dos braços dele circularam a cintura dela. Ele puxou ela até ele, e ela podia sentir a linha definida dos seus corpos conectando, pernas se enrolando em pernas, quadris pressionados em quadris, peitos arfando em sincronia um com o outro.Daniel a colocou com as costas contra o parapeito da passarela, prendendo ela mais perto dele até que ela não conseguia de mover, até ele ter ela exatamente onde ela queria estar. Tudo isso sem nenhuma vez quebrar a apaixonada ligação de seus lábios.

E então ele começou a realmente beijá-la, carinhosamente a principio, fazendo

sutis, adoráveis sons de selinhos no ouvido dela. E

então longo e doce e ternamente ao longo da mandíbula dela e abaixando até o pescoço dela, fazendo ela gemer e jogar sua cabeça para trás. Ele puxou firmemente no cabelo dela e ela abriu os olhos para vislumbrar, por um segundo, as primeiras estrelas aparecerem no céu da noite. Ela se sentiu mais perto do céu do que ela jamais sentiu antes.

Finalmente, Daniel voltou aos lábios dela, beijando ela com tanta intensidade, sugando os lábios inferiores dela, então esticando sua língua macia só até um pouco depois dos dentes dela. Ela abriu a boca dela mais, desesperada para deixar mais dele entrar, finalmente sem medo de mostrar o quanto ela ansiava por ele. Para empatar a força dos beijos dele com a dela.

Ela tinha areia na boca dela e entre seus dedos do pé, o vento salgado levantou arrepios em sua pele, e o mais doce, sentimento de fascinação derramava do seu coração.

Ela poderia, naquele momento, ter morrido por ele.

Ele se afastou e olhou para ela, como se ele quisesse que ela dissesse algo. Ela sorriu para ele e beijou ele delicadamente nos lábios, deixando os lábios dela perdurar nos dele. Ela não conhecia nenhuma palavra, não tinha maneira melhor de comunicar o que ela estava sentindo, o que ela queria.

“Você ainda está aqui.” Ele suspirou.

“Eles não conseguiriam me arrastar.” Ela riu.

Daniel deu um passo para trás e com um olhar sombrio para ela, o sorriso dele havia sumido. Ele começou a andar de um lado para o outro, esfregando sua testa com as mãos.

“O que está errado?” ela perguntou levemente, puxando as mangas dele para que ele voltasse para outro beijo. Ele correu os dedos dele pelo rosto dela, pelo cabelo dela, ao redor do pescoço dela. Como se ele estivesse se certificando que ela não era um sonho.

“Esse foi seu primeiro beijo de verdade?” ela achou que não devia contar Trevor, então tecnicamente era. E tudo parecia tão certo, como se ela tivesse sido

destinada para Daniel, e ele para ela. Ele cheirava ... lindo. A boca dele tinha um gosto doce e rico. Ele era alto e forte e escorregando do abraço dela.

“Onde você está indo?” ela perguntou.

Seus joelhos dobrados e ele afundaram alguns centímetros, inclinando-se contra o parapeito de madeira da passarela e olhando para o céu. Ele parecia estar com dor.

“Você disse que nada poderia arrastar você.” Ele falou em uma voz apressada. “Mas elas vão. Talvez elas só estejam atrasadas.”

“Elas? Quem?” Luce perguntou, olhando ao redor para a praia deserta. “Cam? Eu acho que despistamos ele.”

“Não.” Daniel começou a andar para longe pela passarela. Ele estava tremendo. “É impossível.”

“Daniel.”

“Vai vir.” Ele sussurrou.

“Você está me assustando.” Luce seguiu atrás tentando alcançar. Porque de repente, mesmo ela não querendo, ela tinha o pressentimento que sabia o que ele queria dizer. Não Cam, mas outra coisa, alguma outra ameaça.

A mente de Luce pareceu enuveada. As palavras dele bateram em seu cérebro, soando estranhamente verdade, mas o raciocínio por trás deles escapou dela. Como o fio de um sonho que ela não conseguia se lembrar dele todo.

“Fale comigo.” Ela falou. “Me diga o que está acontecendo.” Ele se virou, sua face pálida como o florecer de uma peônia, os braços dele erguidos em rendição. “Eu não sei como parar isso.” Ele suspirou. “Eu não sei o que fazer.”

CAPÍTULO 16 - Na Dúvida

Luce parou no cruzamento entre o cemitério ao norte do campus e o caminho para o lago ao sul. Era o início da noite e os trabalhadores da construção tinham ido para casa. Uma luz atravessou um ramo de carvalho atrás do ginásio, lançando sombras no gramado manchado que levava ao lago. Tentando Luce ir

em direção a ele. Ela não tinha certeza se devia ir. Manteve duas cartas em suas mãos. A primeira, de Cam, era a desculpa que ela estava esperando, e um pedido para que se encontrasse com ele depois da escola para conversar. A segunda, de Daniel, não dizia nada mais que “Me encontre no lago” ela não podia esperar. Seus lábios ainda formigavam por seu beijo da noite de ontem. Não podia tirar esse pensamento dos dedos dele em seus cabelos, ou os lábios dele em seu pescoço, para fora de sua cabeça.

Outras partes da noite estavam borradas, como o que tinha acontecido depois de ter se sentado ao lado de Daniel na praia.

Comparada com a forma que suas mãos tinham tocado seu corpo nem dez minutos antes, Daniel parecia quase apavorado ao tocá-la.

Nada podia tirá-lo de seu torpor. Ele continuava murmurando a mesma coisa uma e outra vez. “Algo deve ter acontecido. Algo mudou.” E olhando para ela com dor em seus olhos, como se ela tivesse a resposta, como se ela tivesse alguma idéia do que suas palavras significavam. Por fim, ela adormeceu em seu ombro, olhando o suave oceano.

Quando despertou horas depois, ele estava levando-a para cima, de volta a seu quarto. Ela ficou perplexa ao perceber que tinha dormido todo o caminho de volta até a escola – e mais perplexa pelo estranho resplendor no corredor. Estava de volta. A luz de Daniel. Na qual ela não sabia se ele podia ver.

Tudo ao seu redor estava banhado de uma luz violeta. Os letreiros brancos colados nas portas de outros estudantes tinham um tom neon. O sombrio azulejo linóleo parecia brilhar. A janela de vidro com vista para o cemitério tinha tomado um brilho violeta nos primeiros raios do sol lá fora.

Tudo isso diretamente sob os olhos dos vermelhos.

“Estamos bem encrencados,” ela sussurrou, nervosa e ainda meio adormecida.

“Não estou preocupado com os vermelhos,” Daniel disse calmamente, seguindo seus olhos até as câmeras. A princípio, suas palavras eram tranquilizantes, mas depois ela começou a notar um tom preocupado em seu tom de voz: se Daniel não estava preocupado com os vermelhos, estava preocupado com outra coisa.

Quando a deixou sobre a cama, ele a beijou ligeiramente na testa, então deu um

profundo respiro, “Não desapareça de mim,” ele disse.

“Não existe modo de isso acontecer.”

“Eu falo sério.” Ele fechou os olhos com um longo tempo.

“Descanse um pouco agora, mas me encontre pela manhã antes das aulas. Quero falar com você. Promete?”

Ela apertou suas mãos para puxá-lo até ela para um último beijo. Ela segurou o rosto dele entre suas mãos e se derreteu neles.

Cada vez que seus olhos cintilavam, os dele estavam observando-a. E

ela amava isso.

Por fim, ele se afastou, e parou na porta olhando-a, seus olhos ainda com essa intensidade para fazer com que seu coração corra tão rápido como quando a tinha beijado momentos antes. Quando ele deslizou-se pelo corredor e fechou a porta atrás dele, Luce se afundou no sonho mais profundo.

Tinha dormido em suas aulas pela manhã e despertou quase a tarde sentindo-se viva e renascida. Não importava que ela não tivesse desculpa por faltar a escola. Só preocupada que tivesse perdido seu encontro com Daniel. Ela devia encontrá-lo logo que pudesse, e ele entenderia.

Por volta das duas em ponto, quando finalmente lhe ocorreu que devia comer alguma coisa ou talvez aparecer na aula de religião da Sra. Sophia, ela se arrastou para fora da cama. Isso foi quando viu os dois bilhetes que tinham sido jogados por baixo da porta, o qual a ajudou com o seu objetivo de logo sair do quarto.

Ela tinha que ir falar com Cam primeiro. Se fosse ao lago antes de ir ao cemitério, ela sabia que não seria capaz de deixar Daniel.

Se ela fosse primeiro ao cemitério, seu desejo de ver Daniel faria com que ela tivesse coragem suficiente para dizer a Cam as coisas que a deixou tão nervosa para dizer antes. Antes que tudo se voltasse tão horrível e fora de controle na última noite.

Sacudindo seus medos por vê-lo, Luce passou atraves do pátio até o cemitério. O início da noite estava quente, e o ar era pegajoso com a umidade. Iria ser uma dessas noites sufocantes quando a brisa do distante oceano nunca ficava tão forte para refrescar. Não tinha ninguém fora do campus, e as folhas das árvores estavam quietas. Luce podia ter sido a única coisa em Sword & Cross que estava se movendo.

Todos seriam liberados das aulas, agrupados no refeitório para jantar, e Penn – e possivelmente outros – estariam se perguntando onde estava Luce até agora.

Cam estava encostado no portão enferrujado do cemitério quando ela chegou. Os joelhos dele recostados no ferro esculpido em forma de videiras, seus ombros curvados para frente. Estava recolhendo um dente de leão com a ponta de aço da bota grossa e preta. Luce não podia recordar tê-lo visto tão intensamente consumido – na maioria do tempo Cam parecia que tinha um grande interesse no mundo ao seu redor. Mas desta vez, nem sequer olhou para cima até que ela estava em frente a ele. E quando a viu, seu rosto ficou pálido. Seu cabelo estava alisado sobre sua cabeça e ela estava surpreendida de notar que ele precisava se barbear. Seus olhos rolaram até seu rosto, como se focar suas feições exigisse algum esforço. Seu olhar destroçado, não pela luta, mas simplesmente com se ele não tivesse dormido há dias.

“Você veio.” Sua voz era rouca, mas suas palavras terminaram com um pequeno sorriso.

Luce trocou os pesos, pensando que ele não estaria sorrindo por mais tempo. Ela assentiu e segurou o bilhete dele.

Ele alcançou sua mão, mas ela retirou o braço, fingindo que precisava da mão para tirar os cabelos de seus olhos.

“Pensei que estaria zangada pela outra noite,” ele disse, afastando-se da porta. Deu uns passos para o cemitério, depois sentou com as pernas cruzadas em um pequeno banco de mármore cinza entre a primeira fila de lápides. Limpou a sujeira e folhas quebradas, depois deu uma palmada no lugar vazio ao lado dele.

“Zangada?” Ela disse.

“É por isso que geralmente as pessoas saem dos bares.” Ela sentou olhando-o, com as pernas cruzadas também.

Daqui, ela podia ver a ponta dos ramos dos enormes e velhos carvalhos no centro do cemitério, onde ela e Cam tiveram seu piquenique à tarde que parecia que tinha sido a muito tempo atrás.

“Não sei,” Luce disse. “Mais como desconcertada. Confundida, talvez. Decepcionada.” Ela estremeceu ante a recordação dos olhos daquele sujeito miserável quando ele a agarrou, o alvoroço dos punhos de Cam, o intenso teto de sombras... “Por que me levou lá? Sabe o que aconteceu quando Jules e Phillip escaparam.”

“Jules e Phillip eram uns idiotas que cada movimento era monitorado através de pulseiras. Claro que seriam pegos.” Cam sorriu sombriamente, mas não para ela.

“Não somos como eles, Luce. Acredite. Além do mais, eu não estava tentando me meter em outra briga.” Ele esfregou as têmporas, e sua pele ao redor dela se enrugou, parecendo duro e muito magro.

“Simplesmente não podia suportar a maneira com aquele cara falou com você, tocou em você. Você merece ser tratada com o maior cuidado.” Seus olhos verdes se ampliaram. “Eu quero ser aquele quem fará isso. O único.”

Ela colocou seu cabelo atrás de sua orelha e respirou profundamente. “Cam, você parecer ser um cara legal.”

“Oh, não.” Ele cobriu seu rosto com as mãos. “Não o discurso de dispensá-lo socialmente. Espero que não me diga que deveríamos ser amigos.”

“Não quer ser meu amigo?”

“Sabe que eu quero ser mais que um amigo,” ele disse, cuspido a palavra amigo como se fosse um palavrão. “É Grigori, não é?” Ela sentiu seu estômago se contrair. Ela achou que não era tão difícil de descobrir isso, mas esteve tão envolvida em seus sentimentos, que ela quase não teve tempo para considerar o que Cam pensava deles dois.

“Você realmente não conhece nenhum de nós,” disse Cam, ficando de pé e caminhando, “mas está preparada para escolher agora, uh?”

Era presunção dele assumir que ainda estava na jogada.

Especialmente depois da noite passada. Que ele pudesse pensar que tinha algum tipo de competição entre ele e Daniel. Então Cam ficou de joelhos diante dela no banco. Seu rosto estava diferente – suplicante, seria – enquanto pegava suas mãos entre as dele.

Luce estava surpresa de vê-lo tão decidido. “Desculpe,” ela disse, retirando-se. “Simplesmente aconteceu.”

“Exatamente! Simplesmente aconteceu. O que foi, deixe-me adivinhar – na noite passada ele olhou pra você de uma forma romântica. Luce está apresando-se em tomar uma decisão antes de ao menos saber o que está em jogo. Poderia ser... uma aposta alta.” Ele suspirou ante o confuso olhar no rosto dela. “Eu poderia fazê-la feliz.”

“Daniel me faz feliz.”

“Como pode dizer isso? Ele nem sequer se atreve a tocá-la.” Luce fechou os olhos, recordando a junção de seus lábios à noite passada na praia. Os braços de Daniel envolvendo-a. Todo o mundo parecia tão bem, tão harmonioso, tão seguro. Mas quando ela abriu seus olhos, Daniel não estava em nenhum lugar.

Era apenas Cam.

Ela limpou sua garganta. “Sim, ele fará isso. Ele fez isso.” Suas bochechas ficaram quentes, Luce pressionou uma fria mão contra elas, mas Cam não percebeu.

As mãos dele se curvaram em punhos.

“Planejado.”

“A maneira como Daniel me beijou não é assunto seu.” Ela mordeu o lábio, furiosa. Ele estava zombando dela.

Cam sorriu. “Oh? Posso fazer isso tão bem quanto Grigori,” ele disse, pegando a mão dela e beijando a parte de trás antes que deixá-la cair abruptamente a seu lado.

“Não foi nada como isso.” Luce disse, virando-se.

“Que tal isso então?” Os lábios dele roçaram sua bochecha antes que ela pudesse afastá-lo.

“Errou.”

Cam lambeu seus lábios. “Está me dizendo que Daniel Grigori realmente te beijou da forma que você merece ser beijada?” Algo em seus olhos verdes começaram a ficar cheios de ódio.

“Sim.” ela disse, “o melhor beijo que recebi.” E embora esse tenha sido o único beijo real que ela recebeu, Luce sabia que se voltasse a perguntar daqui a sessenta anos, cem anos, ela diria a mesma coisa.

“E mesmo assim, você está aqui,” Cam disse, sacudindo a cabeça em descrença.

Luce não gostou do que ele estava insinuando. “Só estou aqui para dizer a verdade sobre mim e Daniel. Para que saiba que você e eu...”

Cam deu uma gargalhada, uma risada alta e vazia que ecoou através do cemitério vazio. Ele riu tão forte e por um bom tempo, se agarrou seus ombros e enxugou uma lágrima de seus olhos.

“O que é tão engraçado?” Disse Luce.

“Não tem nem idéia.” Ele disse, ainda rindo.

O tom de “você não entenderia”, de Cam não estava muito longe do que Daniel usou a noite passada quando, quase inconsolavelmente, ele seguia repetindo, “é impossível”. Mas a reação de Luce com Cam foi muito diferente. Quando Daniel a tinha irritado, ela se sentia mais atraída por ele. Mesmo quando eles discutiam, ela adorava estar com Daniel mais do que ela queria estar com Cam. Mas quando Cam a fez sentir com uma intrusa, ela ficou aliviada. Ela não queria ficar mais perto dele.

De fato, agora ela se sentia muito perto.

Ela teve o bastante. Batendo seus dentes, se levantou e caminhou até os portões, irritada consigo mesma por desperdiçar tanto tempo com ele. Mas Cam a agarrou, ficando em frente a ela, e bloqueando a saída. Ele ainda estava rindo dela, mordendo seu lábio, tentando não rir. “Não vá,” ele riu.

“Deixe-me em paz.”

“Ainda não.”

Antes que ela pudesse pará-lo, Cam a pegou em seus braços e a inclinou em um mergulho tão arrebatador que seus pés saíram do chão. Luce gritou, lutando por um momento, mas ele sorriu.

“Solte-me!”

“Grigori e eu temos travado uma luta justa até agora, não acha?”

Ela olhou para ele, as mãos empurrando contra seu peito. “Vá para o inferno.”

“Está entendendo mal.” Ele disse, levando seu rosto mais perto dela. Seus olhos verdes encarando-a e ela odiava ainda que uma parte ainda se sentia arrastada por seu olhar.

“Olhe, sei que as coisas ficaram loucas nos últimos dias,” ele disse em voz baixa, “mas me preocupo com você Luce. Profundamente.

Não escolha ele antes de me deixar ter um beijo.” Ela sentiu os braços dele apertarem-se ao redor dela, e de repente, ela estava assustada.

Estavam fora de vista da escola, e ninguém sabia onde ela estava.

“Isso não mudará nada,” ela disse a ele, tentando parecer calma.

“Faça a minha vontade? Finjá que sou um soldado e você está me concedendo meu último desejo. Prometo só um beijo.” A mente de Luce foi para Daniel. Ela o imaginou esperando no lago, mantendo suas mãos ocupadas atirando a pedra na água, quando deveria tê-la em seus braços. Ela não queria beijar Cam, mas e se ele realmente não a deixasse ir? O beijo podia ser a mínima coisa, a coisa mais insignificante. A maneira mais fácil de fugir. E então ela seria libertada de volta para Daniel. Cam tinha prometido.

“Só um beijo.” Ela começou, mas os lábios dele estavam juntos ao seu.

Seu segundo beijo em dois dias. Quando beijou Daniel foi faminto e quase desesperado, o beijo de Cam era gentil e muito perfeito, como se ele tivesse

praticado em centenas de garotas antes dela.

E mesmo assim, ela sentia algo em suas veias, querendo que ela respondesse, tomando a raiva que sentia apenas alguns segundos antes e convertendo-se em nada. Cam ainda tinha as costas dela inclinada em seus braços, equilibrando todo o peso dela em seu joelho.

Ela sentiu-se segura em suas fortes e capazes mãos. E ela precisava se sentir segura. Era uma mudança de, bem, cada momento quando não estava beijando Cam. Ela sabia que estava esquecendo algo, ou alguém... quem? Ela não podia lembrar. Só havia o beijo, e os lábios dele, e ... de repente, ela se sentiu caindo. Ela bateu contra o chão tão forte que o ar escapou dela. Apoiando-se com seus braços, ela viu que, a poucos centímetros de distância, o rosto de Cam em contato com o chão. Ela estremeceu. O sol do entardecer produzia uma luz fraca em duas figuras no cemitério.

“Quantas vezes terá que arruinar esta garota?” Luce escutou um sotaque lento do sul.

Gabbe? Ela olhou para cima, piscando pela luz do sol.

Gabbe e Daniel.

Gabbe correu para ajudá-la a ficar de pé, mas Daniel nem sequer a olhou nos olhos.

Luce xingou em voz baixa. Ela não podia saber o que era pior –

que Daniel tinha acabado de vê-la beijando Cam, ou o que ela tinha certeza – Daniel iria brigar com Cam outra vez.

Cam parou e os encarou, ignorando Luce completamente.

“Muito bem, quem de vocês dois vai brigar comigo desta vez?” Ele grunhiu.

Desta vez?

“Eu,” disse Gabbe, dando um passo para frente com suas mãos na cintura. “Esse primeiro golpezinho de amor foi meu, Cam querido. O que você vai fazer a respeito?” Luce sacudiu a cabeça. Gabbe tinha que estar brincando. Certamente

isto era uma espécie de jogo.

Mas Cam não achou nenhuma graça. Ele cerrou seus dentes e enrolou as mangas, erguendo os punhos e movendo-se para frente.

“De novo Cam?” Luce falou. “Não teve brigas suficientes durante esta semana?” Como se não fosse o bastante, ele iria realmente bater em uma garota.

Ele deu um desses sorrisos de lado. “O charme da terceira vez,” ele disse, sua voz soltando malícia. Ele virou quanto Gabbe veio até ele com um chute alto até seu queixo. Luce recuou enquanto Cam caia. Seus olhos estavam fechados e ele agarrou seu rosto. Parando em cima dele, Gabbe parecia tão inabalável como se ela apenas puxasse um bolo de pêssego perfeitamente cozido do forno. Ela olhou para suas unhas e suspirou.

“Será uma lástima ter que te dar uma surra justo quando acabo de fazer minha unha. Oh Bem,” ela disse, avançando para chutar Cam repetidamente no estômago, deleitando-se com cada chute igual uma criança ganhando um jogo.

Ele ficou curvado. Luce não podia ver mais seu rosto – estava enterrado entre seus joelhos – mas ele estava gemendo de dor e afogando-se em sua própria respiração. Luce parou e olhou de Gabbe para Cam e de volta, incapaz de falar o que estava vendo. Cam era o dobro do tamanho dela, mas Gabbe parecia ter vantagem. Ainda ontem, Luce tinha visto Cam vencer aquele cara no bar. E na outra noite, do lado de fora da biblioteca, Daniel e Cam pareciam ter forças semelhantes. Luce se maravilhou com Gabbe, com seu vestido de arco-

íris mantendo seu cabelo para trás em um rabo de cavalo alto.

Agora ela tinha Cam preso ao chão e estava torcendo o braço dele para trás. “Tio?” Ela disse. “Basta dizer a palavra mágica, docinho, e eu deixarei você ir.”

“Nunca,” Cam cuspiu no chão.

“Estava esperando que dissesse isso,” ela disse, e empurrou fortemente a cabeça dele na terra.

Daniel colocou a mãos no pescoço de Luce. Ela relaxou contra ele e olhou para longe, aterrorizada de ver sua expressão. Ele deve odiá-

la agora.

“Eu sinto muito,” ela sussurou. “Cam, ele...”

“Por que viria aqui para encontrá-lo?” Daniel parecia ferido e furioso ao mesmo tempo. Ele pegou seu queixo para fazer com que o visse. Seus dedos estavam gelados contra a pele dela. Seus olhos eram violetas, não cinzas.

O lábio de Luce tremeu. “Pensei que podia cuidar disso. Ter uma conversa honesta com Cam pra que você e eu pudéssemos estar juntos e não ter que nos preocupar com mais nada.” Daniel bufou, e Luce percebeu o quão estúpida devia parecer.

“Aquele beijo...” ela disse, torcendo as mãos. Ela queria cuspi-lo de sua boca. “Foi um grande erro.”

Daniel fechou os olhos e se virou. Duas vezes ele abriu a boca para dizer alguma coisa, então pensou melhor. Pegou seu cabelo entre as mãos e o agitou.

Observando-o, Luce temia que ele fosse chorar. Finalmente, ele a pegou nos braços.

“Está irritado comigo?” Ela enterrou seu rosto no peito dele e respirou o doce cheiro de sua pele.

“Só estou feliz de termos chegado a tempo.”

O som dos gemidos de Cam fez com que os dois voltassem a ver. Então fizeram uma careta. Daniel pegou a mão de Luce e tentou afastá-la, mas ela não conseguia tirar os olhos de Gabbe, que tinha Cam em uma chave de braço e nem ao menos parecia que estivesse fazendo força. Cam parecia derrotado e patético. Simplesmente não fazia sentido.

“O que esta acontecendo Daniel?” Luce sussurrou. “Como Gabbe pode bater em Cam? Por que ele está deixando ela fazer isso?” Daniel meio suspirou, meio sorriu. “Ele não está deixando ela fazer isso. O que você está vendo é só a mostra do que essa garota pode fazer.”

Ela balançou a cabeça. “Não entendo. Como...”

Daniel acariciou sua bochecha. “Você pode dar um passeio comigo?” Ele perguntou. “Vou te explicar, mas acho que provavelmente deveria se sentar.”

Luce tinha muitas coisas para descobrir sobre Daniel. Ou se não descobrisse, pelo menos para jogar conversa fora, para ver se ele mostrava sinais de pensar que ela fosse completamente e verificavelmente uma transtornada. Aquela luz violeta, uma das coisas.

E os sonhos que ela não podia – não queria – parar.

Daniel a guiou para a parte do cemitério onde Luce jamais esteve, um claro e plano lugar onde dois pessegueiros tinham crescido juntos. Seus troncos inclinados em direção um do outro, formando um contorno de um coração no ar debaixo deles.

A levou para o estranho, enroscado emparelhamento dos galhos e pegou a mão dela, entrelaçando seus dedos com os dele.

A noite estava silenciosa, exceto pelas canções dos grilos. Luce imaginou todos os outros estudantes no refeitório. Comendo purê de batata em suas bandejas, bebendo leite na temperatura ambiente através de um canudo. Era como se, de repente, ela e Daniel estivessem em um lugar diferente do resto da escola. Tudo, exceto as mãos dele envolvendo-a, seu cabelo brilhando na luz do entardecer do sol, seus quentes olhos cinza – todo o resto parecia tão distante.

“Não sei por onde começar,” ele disse, apertando mais forte enquanto massageava os dedos dela como se dali pudesse tirar a resposta. “Há tanto o que dizer, e tenho que dizer direito.” Por muito que ela quisesse que as palavras de Daniel fossem uma simples confissão de amor, Luce sabia que não era assim. Daniel tinha algo difícil para dizer, algo que talvez pudesse explicar muito sobre ele, mas também poderia ser difícil para Luce escutar.

“Talvez faça algo do tipo tenho boa e má noticia?” Ela sugeriu.

“Boa idéia. Qual você quer primeiro?”

“A maioria das pessoas querem a boa notícia primeiro.”

“Talvez,” ele disse. “Mas você está muito longe de ser a maioria das pessoas.”

“Ok, ficarei primeiro com a má notícia.”

Ele mordeu o lábio. “Então me prometa que não irá antes que eu chegue à boa notícia.”

Ela não tinha planos para sair. Não agora que ele não a estava afastando. Não quando ele podia estar a ponto de oferecer algumas respostas da longa lista de perguntas com que ela estava obcecada nas últimas semanas.

Ele levou as mãos dela ao seu peito e a segurou-as contra seu coração. “Vou dizer a verdade,” ele disse. “Não acreditará em mim, mas merece saber, mesmo se isso matar você.”

“Ok,” um pequeno nó de dor se apoderou de Luce, e ela podia sentir seus joelhos começando a tremer. Ela estava contente de que Daniel a fez sentar. Ele olhou para trás, para frente, depois respirou profundamente. “Na Bíblia...”

Luce grunhiu. Não pôde evitar; ela tinha uma má reação instintiva das aulas na Escola Dominical. Além do mais, ela queria discutir sobre eles dois, não sobre parábolas moralistas. A Bíblia não tinha todas as respostas para nenhuma de suas perguntas sobre Daniel.

“Só escute,” ele disse, olhando para ela. “Na Bíblia, você sabe como Deus fez uma grande coisa sobre como todo mundo deveria amá-

lo com toda a sua alma? Que tem que ser incondicional, e incomparável?”

Luce deu de ombros. “Eu acho que sim.”

“Bem,” Daniel parecia estar procurando as palavras certas.

“Esse pedido não se aplica somente as pessoas.”

“A que se refere? A quem mais? Aos animais?”

“Às vezes, com certeza,” Daniel disse. “Como a serpente. Ela foi amaldiçoada depois que tentou Eva. Condenada a arrastar-se pela terra para sempre.”

Luce estremeceu, pensando em Cam. A serpente. Seu piquenique. Esse colar. Ela esfregou seu pescoço limpo, feliz de ter se livrado dele.

Ele correu seus dedos sobre o cabelo dela, ao longo do seu queixo, até o pescoço. Ela suspirou, em um estado de felicidade.

“O que estou tentando dizer... acho que poderia dizer que eu também estou amaldiçoado, Luce. Fui amaldiçoado por um longo, longo tempo.” Ele falou como se as palavras tivessem um gosto amargo. “Eu fiz uma escolha uma vez, uma escolha que eu acreditava que – eu ainda acredito, embora...”

“Não entendo,” ela disse, balançando a cabeça.

“Claro que não,” ele disse, deixando-se cair no chão ao lado dela. “Eu não tenho o melhor histórico de explicar isso para você.” Ele coçou a cabeça e baixou o tom de sua voz, como se estivesse falando para sim mesmo. “Mas tudo o que posso fazer é tentar. Aqui vai.”

“Ok,” ela disse. Ele a estava confundindo, e ele nem sequer tinham dito alguma coisa ainda. Mas ela tentou agir menos perdida do que realmente se sentia.

“Apaixonei-me,” ele explicou, pegando suas mãos e segurando-a fortemente. “De novo e de novo. E em cada vez, terminando em catástrofe.”

“De novo e de novo,” suas palavras a deixaram mal. Luce fechou os olhos e retirou sua mão. Ele já tinha dito isso. Naquele dia no lago. Que ele teve rompimentos. Que tinha sido magoado. Por que mencionar aquelas outras garotas agora? Tinha doído antes e doía muito mais agora, como uma fina dor em suas costelas. Ele apertou os dedos dela.

“Me olhe,” ele pediu. “Está é a parte difícil.”

Ela abriu os olhos.

“A pessoa por quem me apaixonei cada vez era você.” Ela esteve segurando sua respiração, e queria exalar, mas saiu como um fino e cortante sorriso.

“Claro, Daniel,” ela disse, começando a se levantar. “Uau, realmente está amaldiçoado. Isso soa horrível.”

“Escute.” Ele a puxou de volta para baixo com uma força que fez com que seus ombros vibrassem. Seus olhos brilhavam com violeta e ela podia dizer que ele estava ficando irritado. Bem, ela também. Daniel olhou para a copa das árvores,

como se pedisse ajuda. “Estou te implorando, me deixe explicar.” Sua voz tremeu. “O problema não é amar você.”

Ela tomou uma respiração profunda. “Então o que é?” Ela se forçou a ouvir, para ser mais forte e não se sentir magoada. Daniel parecia como se já estivesse magoado o suficiente pelos dois. “Eu vou viver para sempre,” ele disse. As árvores sussurravam ao redor dele, e Luce observou uma fraca sombra pelo canto do olho. Não a doentia e consumidora turbulência de escuridão do bar na outra noite, mas um aviso. A sombra estava mantendo distância, girando friamente ao virar na esquina, mas ela estava esperando. Por ela. Luce sentiu um profundo calafrio percorrendo seus ossos. Ela não podia se desfazer da sensação de que algo colossal, negro como a noite, algo final estava a caminho.

“Desculpe,” ela disse. Arrastando seus olhos de volta para Daniel. “Poderia, um, dizer isso de novo?”

“Eu viverei para sempre,” ele repetiu. Luce ainda estava perdida, mas ele continuou falando, um fluxo de palavras saia de sua boca. “Eu vou viver, e verei os bebês nascerem, crescerem, e apaixonarem-se. Verei eles terem seus próprios bebês e envelhecer. Os verei morrer. Estou condenado, Luce, ver isso de novo e de novo. Todos exceto você.” Seus olhos estavam vidrados. Sua voz baixou até um sussurro. “Você... não se apaixona.”

“Mas...” ela sussurrou. “Eu me apaixonei.”

“Você não têm bebês e envelhece Luce.”

“Por que não?”

“Você vem a cada dezessete anos.”

“Por favor...”

“Nos encontramos. Sempre nos encontramos, de alguma forma sempre somos jogados juntos, não importa onde eu vou, não importa quanto tente me manter afastado de você. Nunca importou. Você sempre me encontra.”

Ele estava olhando para seus punhos fechados agora, parecendo como se quisesse bater em alguma coisa, incapaz de levantar os olhos.

“E cada vez que nos encontramos, você se apaixona por mim...”

“Daniel...”

“Eu posso resistir ou fugir de você ou tentar não corresponder, mas não faz nenhuma diferença. Você se apaixona por mim, e eu por você.”

“Isso é tão terrível?”

“E isso mata você.”

“Pare com isso!” Ela gritou. “O que você está tentando fazer?

Me assustar?”

“Não.” Ele bufou. “De qualquer jeito não funcionaria.”

“Se você não quer ficar comigo...” ela disse, esperando que tudo fosse uma elaborada brincadeira, um discurso de rompimento para terminar todos os discursos de rompimentos, e não a verdade,

“...existe provavelmente uma história que seria mais criativa para contar.”

“Sei que você não pode acreditar em mim. É por isso que não podia dizer até agora, quando eu tenho que dizer. Porque pensei que eu entendia as regras e... nos beijamos, e agora não entendo nada.” Suas palavras na noite passada voltaram para ela: *Não sei como parar isso. Não sei o que fazer.*

“Porque você me beijou.”

Ele assentiu.

“Você me beijou e quando terminamos, você estava surpreso.” Ele assentiu de novo, tendo a graça de olhar um pouco envergonhado.

“Você me beijou,” Luce continuou, procurando uma forma de juntar todas as peças, “e você pensou que eu não iria sobreviver?”

“Baseado em experiências anteriores,” ele disse em voz rouca.

“Sim.”

“Isso é uma loucura,” ela disse.

“Não é sobre o beijo desta vez, isso é sobre o que significa. Em algumas vidas nos podemos beijar, mas na maioria não.” Ele tocou a bochecha dela, e ela lutou com o bem que sentia. “Devo dizer que prefiro as vidas em que podemos beijar.” Ele olhou para baixo. “Embora isso o faz com que seja muito mais difícil ao te perder.” Ela queria estar irritada com ele. Por inventar uma história tão bizarra quando eles deveriam estar presos em um abraço. Mas algo havia ali, como uma coceira no fundo de sua mente, dizendo-lhe que não saísse correndo de Daniel agora, mas ficar por perto e escutar tanto quanto pudesse.

“Quando você me perde,” ela disse, sentindo a forma da palavra em sua boca. “Como acontece? Por quê?”

“Depende de você, quanto mais você consegue olhar o nosso passado, o quão bem você me conhece, quem eu sou.” Ele atirou suas mãos para cima dando de ombros.

“Sei que isso soa incrivelmente...”

“Louco?”

Ele sorriu. “Eu iria dizer vago. Mas não estou tentando esconder nada de você. É só um assunto, muito, muito delicado. Às vezes, no passado, só falando assim...” ela observou a forma das palavras em seus lábios, mas ele não diria nada.

“Me matou?”

“Eu iria dizer partiu meu coração.”

Ele estava em uma dor óbvia, e Luce queria reconfortá-lo. Ela podia sentir-se arrasada, algo em seu peito puxando para frente. Mas não podia. Foi quando ela sentiu com certeza que Daniel sabia da brilhante luz violeta. Que ele tinha tudo haver com isso.

“O que você é?” Ela perguntou. “Algum tipo de...”

“Eu vago pela Terra sempre sabendo no fundo da minha mente que você virá. Eu costumava procurar por você. Mais então, quando comecei a me esconder de você – da inevitável ferida no coração – você começou a me seguir. Não me

levou muito tempo para perceber que você vinha a cada dezessete anos.

O décimo sétimo aniversário de Luce tinha sido em Agosto passado, duas semanas antes de se matricular em Sword & Cruz. Foi uma celebração triste, apenas Luce, seus pais, e um bolo comprado.

Não havia velas, só por precaução. E quanto a família dela? Eles voltam a cada dezessete anos também?

“Não é o tempo suficiente para superar a última vez,” ele disse.

“Só o tempo suficiente para poder baixar a guarda de novo.”

“Então sabia que eu iria chegar?” Ela perguntou com dúvida.

Ele olhava sério, mas ainda assim ela não podia acreditar. Ela não queria.

Daniel balançou a cabeça. “Não o dia que você apareceu. Não dessa forma. Não se lembra da minha reação quando a vi?” Ele olhou para cima, como se estivesse pensando nisso.

“Nos primeiros segundos de cada vez, sempre fico tão eufórico.

Me esqueço de mim mesmo. Então eu me lembro.”

“Sim,” ela disse lentamente. “Você sorriu, e então... é por isso que você deu dedo pra mim?”

Ele franziu o cenho.

“Mas se isso acontece a cada dezessete anos, como você diz,” ela disse, “você sabia que eu ainda viria. Em certo sentido, você sabia.”

“É complicado, Luce.”

“Eu vi você naquele dia, antes que você me viesse. Você estava rindo com Roland do lado de fora de Augustine. Estava rindo tão intensamente que fiquei com ciúmes. Se você sabia tudo isso, Daniel, se era tão inteligente para prever quando vou chegar, e quando vou morrer, e quão dificil isso tudo será para você, como você podia sorrir assim? Não acredito em você,” ela disse, sentindo que

sua voz tremia.

“Não acredito em nada disso.”

Daniel gentilmente pressionou seu polegar nos olhos dela para limpar uma lágrima, “Está é uma linda pergunta, Luce. Amo você por tê-la feito, e desejo que pudesse explicá-la de uma forma melhor. Tudo o que posso dizer é isso: A única maneira de sobreviver a eternidade é ser capaz de apreciar cada momento. Isso é tudo o que eu estava fazendo.”

“Eternidade,” Luce repetiu. “Outra coisa que não podia entender.”

“Não importa. Não posso sorrir assim outra vez. Assim que você aparece, estou preso a você.”

“Não tem sentido no que diz,” ela disse, esperando ir antes que isso ficasse muito escuro. Mas a história era muito mais que sem sentido. Todo o tempo que ela esteve em Sword e Cross, acreditou que estava louca. Sua loucura empalidecia com a de Daniel.

“Não existe um manual para poder explicar esta... coisa a garota que amo,” ele suplicou escovando o cabelo dela com os dedos.

“Estou fazendo o melhor que posso. Quero que acredite em mim, Luce.

Que eu preciso fazer?”

“Conte-me uma história diferente,” ela disse amargamente.

“Invente uma desculpa normal.”

“Você mesma disse que sentia como se me conhecesse. Tentei negar isso tanto o quanto pude porque sabia que isto aconteceria.”

“Parecia que eu te conhecia de algum lugar, certo,” ela disse.

Agora sua voz estava mais perto do medo. “Como do Shopping ou do Acampamento de Verão ou algo assim. Não de outra vida.” Ela balançou a cabeça. “Não... não posso.”

Ela cobriu os ouvidos. Daniel os descobriu.

“E ainda assim, você sabe em seu coração que é verdade.” Ele deu uma palmadinha em seus joelhos e a olhou diretamente nos olhos.

“Você sabia quando eu te segui até no topo do Corcovado no Rio, quando você queria ver a estátua de perto. Você sabia quando te carreguei duas milhas até o Rio Jordão depois que ficou doente em Jerusalém. Te disse que não comesse todas aquelas tâmaras. Você sabia quando você foi minha enfermeira naquele hospital italiano durante a Primeira Guerra Mundial, e antes disso, quando me escondi do Czar em seu porão durante a purificação em San Petersburgo.

Quando escalei a torre de seu castelo na Escócia durante a Reforma, e dancei com você de novo e de novo na coroação do Rei no baile em Versalles. Você era a única vestida de negro. Lá estava naquela colônia de artistas em Quitana Roo, a na marcha protestante em Cape Town onde ambos passamos a noite na prisão. A inauguração do Teatro Globo em Londres. Nós tínhamos os melhores lugares da casa. E

quando meu navio naufragou no Taiti, você estava lá, como também estava quando eu era um condenado em Melbourne, e um batedor de carteiras em Nimes no século XVIII, e um monge no Tibet. Você aparecia em toda parte, sempre, e cedo ou tarde você pressentia todas as coisas que acabo de te dizer. Mas você não se permitia aceitar que o que você sentia podia ser verdade.”

Daniel parou para recuperar o fôlego e passou seu olhar sobre ela, sem ver. Então ele se aproximou, pressionando sua mão no joelho dela e enviando-lhe esse fogo através dela de novo.

Ela fechou os olhos e quando os abriu, Daniel estava segurando a mais perfeita peônia branca. Praticamente brilhava. Ela virou para ver de onde ele tinha arrancado, como ela não a percebeu antes. Havia apenas as ervas daninhas e as polpas podres de frutas caídas. Eles seguraram a flor juntos.

“Você sabia disso quando recolhia peônias brancas todos os dias por um mês no verão em Helston. Recorda?” Ele a olhou, como se estivesse tentando vê-la por dentro.

“Não,” ele suspirou depois de um momento. “Claro que não.

Eu te invejo você por isso.”

Mas enquanto ele dizia isso, a pele de Luce começou a sentir-se quente, como se estivesse respondendo as palavras que seu cérebro não sabia compreender. Parte dela já não tinha certeza de nada.

“Eu faço todas essas coisas,” Daniel disse, inclinando-se até que suas testas se tocaram, “porque você é meu amor Lucinda. Para mim, você é tudo o que há.” O lábio inferior de Luce estava tremendo.

Suas mãos se afrouxaram nas dele. As pétalas das flores caiam entre seus dedos até o chão.

“Então por que você parece tão triste?”

Isso tudo foi muito para até mesmo começar a pensar. Ela se afastou de Daniel e levantou, tirando as folhas e as gramas de seus jeans. Sua cabeça estava dando voltas. Ela tinha vivido antes?

“Luce.”

Ela acenou para ele. “Acho que preciso ir a algum lugar, sozinha, para descansar.” Ela recostou seu peso em um pessegueiro.

Sentia-se fraca.

“Você não está bem,” ele disse, levantando e pegando a mão dela.

“Não.”

“Sinto muito.” Daniel suspirou. “Não sabia o que eu esperava que acontecesse te dizendo tudo isso. Eu não devia...” Ela nunca pensou que podia chegar um momento que precisasse de um tempo de Daniel, mas ela tinha que se afastar dali.

Pela maneira que ele a estava olhando, ela podia dizer que ele queria que ela dissesse que o encontraria mais tarde, que iriam falar mais sobre as coisas, mas ela já não tinha certeza se essa era uma boa idéia.

Enquanto mais falava, mais ela sentia que algo estava despertando dentro dela –

algo que não estava segura de estar pronta. Ela não se sentia mais uma louca – e também não tinha certeza se Daniel estava.

Para outra pessoa, sua explicação podia fazer menos e menos sentido enquanto ele falava.

Para Luce... ela não tinha certeza ainda, mas e se as palavras de Daniel eram as respostas que podiam explicar o sentido de toda a sua vida? Ela não sabia. Ela se sentia mais assustada do que jamais esteve antes.

Ela agitou a mão dele, soltando-se e começou a se afastar para seu dormitório. Deu uns passos, ela parou e lentamente se virou.

Daniel não tinha se movido. “O que acontece?” Ele perguntou, levantando o queixo.

Ela parou onde estava, distante dele. “Prometo que estarei por perto, tempo bastante para escutar as boas noticias.” O rosto de Daniel relaxou em quase um meio sorriso. Mas havia algo atormentado em sua expressão. "A boa notícia é...", ele fez uma pausa, escolhendo cuidadosamente suas palavras: "Eu beijei você, e você ainda está aqui."

Capitulo Dezessete – Um Livro Aberto

Luce desabou sobre a cama, dando as molas cansadas uma sacudida. Depois que ela fugiu do cemitério - e de Daniel - ela praticamente correu até seu quarto. Ela não tinha sequer se preocupou em acender uma luz, por isso ela tropeçou em sua cadeira e seu dedo do pé arrancado rígido. Ela tinha enrolado em uma bola e segurou seu pé latejante. Pelo menos a dor era algo real que ela poderia lidar com, e são algo deste mundo. Ela estava tão feliz por finalmente estar sozinha.

Houve uma batida na porta.

Ela não poderia ter uma pausa.

Luce ignorou o bater. Ela não queria ver ninguém, e quem quer que fosse iria ficar a dica. Outra batida. Respiração difícil e catarrosa, alergia cheias de som pigarro.

Penn.

Ela não podia ver Penn agora. Ela iria soar como louca se tentasse explicar tudo o que lhe tinha acontecido nas ultimas 24 horas, ou ela ia ficar louca colocar um cara normal e mantê-lo para si.

Finalmente, Luce ouviu passos de Penn pisando fora no corredor. Ela suspirou aliviada, que se transformou em um gemido longo e solitário.

Ela queria culpar Daniel por desencadear esse sentimento fora do controle de dentro dela.

E por um segundo, ela tentou imaginar sua vida sem ele. Só que foi impossível. Como tentando lembrar sua primeira impressão que teve de uma casa depois de você viver nele durante anos. Isso era o quanto ele tinha ficado nela. E agora ela tinha que descobrir uma maneira de passar por todas as coisas estranhas que ele lhe disse esta noite.

Mas no fundo da sua mente, ela manteve uma espiral de volta para o que ele disse sobre o tempo que passaram juntos no passado.

Talvez Luce não podia se lembrar exatamente os momentos que ele tinha descrito, mas de um jeito estranho, as suas palavras não foram de choque total. Foi tudo de alguma forma familiar.

Por exemplo, ela sempre odiou, inexplicavelmente encontros*.

Até mesmo a visão deles fazia sentir-se enjoada. Ela começou a dizer a mãe que era alérgica, assim ela não tentava empurrar as coisas que havia cozinhado. E ela implorava aos pais a levá-la ao Brasil praticamente sua vida toda, embora ela nunca pudesse explicar exatamente porque queria ir. As peônias brancas. Daniel tinha dado a ela um buquê após o incêndio na biblioteca. Sempre houve algo tão incomum sobre elas, mas tão familiar.

O céu fora de sua janela estava um carvão de profundidade, com apenas algumas tragadas de nuvens brancas. Seu quarto estava escuro, mas as flores pálidas cheio de flores no peitoril* da janela se destacou na obscuridade. Estavam no vaso há uma semana, e não havia uma única pétala murcha. Lúcia sentou-se e respirou suavemente.

Ela não podia culpá-lo. Sim, ele parecia louco, mas ele também estava certo - ela foi quem falara com ele de novo e de novo, sugerindo que eles tiveram algum

tipo da história. E não foi só isso. Ela também foi a única que viu as sombras, o que encontrava-se envolvido na morte de pessoas inocentes. Ela tinha tentando não pensar sobre Trevor e Todd quando Daniel começou a falar sobre a morte dela mesma, ele havia visto morrer tantas vezes.

Se houvesse alguma forma de entender uma coisa dessas, teria Luce queria perguntar se Daniel já se sentiu responsável. Para a perda dela. Se a sua realidade era qualquer coisa como a, feia, culpa secreta, enfrentou a cada dia.

Ela afundou na sua cadeira, que de alguma maneira fez o caminho para o meio do quarto. Ouch. Quando ela chegou embaixo dela, tateou a mão até um objeto duro, ela se sentou, e encontrou um livro grosso.

Luce mudou-se para a parede e acendeu seu interruptor de luz, então apertou na feia luz fluorescente. O livro em suas mãos foi um que nunca tinha visto antes. Foi consolidado no pálido pano cinzento, com os cantos desgastados e no interior um cola marrom.

The Watchers: Mito na Europa Medieval.

Um livro do ancestral do Daniel.

Era pesado e tinha um cheiro fraco de fumaça. Ela puxou para fora a nota que foi dobrada na primeira pagina.

“Sim, eu encontrei uma chave reserva e entrei em seu quarto de forma ilegal. Sinto muito. Mas isso é URGENTE! E eu não poderia encontrá-la em qualquer lugar. Onde você está? Você precisa olhar isso, e então precisamos ter uma conversa. Vou voltar por dentro de uma hora.*

Continue com cautela.

xoxo,

Penn.”

Luce colocou a nota ao lado das flores e pegou o livro de volta para sua cama. Sentou-se colocando suas pernas na beirada da cama.

Apenas segurando o livro deu-lhe uma estranha sensação de calor se

movimentando bem abaixo de sua pele. O livro parecia quase vivo em suas mãos.

Ela o abre, esperando ter que decodificar algumas tabelas de conteúdo acadêmico ou cavar através de um índice na parte de trás antes de achar algo remotamente relacionado com Daniel.

Ela nunca foi além da pagina do título.

Colado no interior da capa do livro tinha uma fotografia em tom sépia.

Era muito velha, no estilo cartão de visita, impressa em papel amarelo-ovo. Alguém tinha rabiscado a tinta na parte inferior: Helston, 1854.

Calor emanou por sua pele. Ela puxou o suéter preto na cabeça, mas ainda se sentia quente com seu top.

A memória Da voz de Daniel soou oca em sua mente.

“Eu tenho que viver para sempre”, ele disse. “Você vem ao longo de cada dezessete anos. Você se apaixona por mim, e eu por você.

E ele te mata.”

Sua cabeça latejava.

“Você é meu amor, Lucinda. Para mim, você é tudo que existe.” Ela apontou o contorno da foto colado no interior do livro. O

pai de Luce, ambicioso por fotografia, teria se maravilhado com o quão bem-preservada a imagem era, quão valioso que devia ser.

Luce, por outro lado, se concentrou sobre as pessoas na imagem. Porque, por mais que cada palavra que Daniel falou fosse verdade, não fazia sentido.

Um homem jovem, com claros cabelos cortados e os olhos mais claros, colocados em um elegante casaco preto. Seu queixo levantado e maçãs do rosto bem definidas fez o seu olhar e o traje fino ainda mais distinto, mas foram seus lábios que deu a Luce um começo.

A exata forma do seu sorriso, combinado com o olhar nos olhos...

acrescentou-se a uma expressão que Luce tinha visto em cada um dos seus sonhos nas últimas semanas, E, ao longo dos últimos dois dias, em pessoa.

Este homem era a cara de Daniel. O Daniel que acabara de lhe dizer que a amava e que ela tinha sido reencarnada dezenas de vezes. O

Daniel tinha dito tantas outras coisas e Luce não queria ouvi-lo e tinha fugido. O Daniel quem tinha abandonado sob as árvores de pêssego no cemitério.

Poderia ter sido apenas uma notável semelhança. Algum parente distante, o autor do livro, talvez, que tinha convergido cada um de seus genes para baixo da árvore de família direto a Daniel.

Só que o rapaz da foto foi colocado ao lado de uma jovem mulher, que também parecia assustadoramente familiar.

Luce segurou o livro centímetros de seu rosto e se debruçou sobre a imagem da mulher. Ela usava um vestido de babados bola preta de seda, que abraçou o seu corpo até a cintura antes camadas de ondas largas em preto. Bracelete preto em suas mãos, deixando nus seus dedos brancos. Seus dentes pequenos mostraram-se entre seus lábios que se separavam e um sorriso fácil.

Ela tinha a pela clara, alguns tons mais claro que a do homem.

Olhos profundos cercado por cílios espessos. Um a maré negra de cabelo que caiam em ondas grossas à sua cintura.

Levou um momento para Luce lembrar como respirar e, mesmo assim, ela não podia tirar seus olhos de longe do livro. A mulher na fotografia?

Era ela.

Ou Luce tinha razão, e sua memória de Daniel tinha vindo de uma viagem esquecida ao Savannah-mall, onde eles posaram para fotos vestido

extravagante

no

Ye

Old

Photo Booth que ela também não poderia lembrar, ou Daniel havia dito a verdade.

Luce e Daniel se conheciam.

De um momento completamente diferente.

Ela não conseguia recuperar o fôlego. Sua vida inteira jogada num mar turbulento em sua mente, tudo entrou em questão, as sombras escuras que a assombrava, a morte horrível de Trevor, os sonhos.

Ela tinha que encontrar Penn. Se alguém pudesse chegar a uma explicação para tal impossível ocorrência, seria Penn. Com o livro impenetrável e velho dobrado debaixo do braço, Luce deixou seu quarto e correu para a biblioteca.

A biblioteca foi calorosa e vazia, mas algo sobre os tetos altos e intermináveis filas de livros fez Luce ficar nervosa. Andou rápido passado pela nova mesa, que ainda parecia intocada e sem vida. Ela passou o catálogo formidável e não utilizados da seção de referência intermináveis até que ela atingiu as tabelas de tempo na seção de estudo em grupo.

Em vez de Penn, Luce encontrou Arriane, jogando uma partida de xadrez com Roland. Ela tinha seus pés em cima da mesa e estava usando um boné de condutor listrado. Seus cabelos estavam escondidos sob o chapéu, e Luce notou novamente, pela primeira vez desde a manhã ela cortou o cabelo Arriane, a cicatriz, em mármore brilhante ao longo de seu pescoço.

Arriane estava concentrada no jogo.

Um charuto de chocolate cortado entre os lábios, enquanto contemplava o seu próximo movimento. Roland tinha torcido seus dreads em dois nós na cabeça. Ele estava dando Arriane o olho do falcão, tocando um de seus peões com seu dedo mindinho.

“Checkmate, cadela”, disse Arriane triunfante, derrubando o rei de Roland, justo quando Luce bateu de frente com sua mesa.

“Lulululucinda”, ela cantou, olhando para cima. “Você está se escondendo de mim.”

“Não.”

“Tenho ouvido coisas sobre você”, disse Arriane, fazendo Roland inclinar a cabeça com atenção. “Nudge-Nudge, wink-wink. Isso significa sentar e desembuchar. Agora".

Luce abraçou o livro ao peito. Ela não queria se sentar. Quis vasculhar a biblioteca procurando por Penn. Ela não poderia conversar com Arriane, especialmente na frente de Roland, que estava limpando suas coisas fora do assento ao lado dele.

“Junte-se a nós”, disse Roland.

Luce abaixou-se relutantemente para a borda do assento. Ela ia ficar alguns minutos. Era verdade que ela não tinha visto Arriane em poucos dias, e em circunstâncias normais, ela teria realmente perdido o jeito engraçado dela. Mas estava longe de serem circunstâncias normais, e Luce não conseguia pensar em nada que não fosse a fotografia.

“Desde que eu só limpo o tabuleiro com a bunda de Roland, vamos jogar um jogo novo. Como sobre "quem viu uma foto incriminadora de Luce no outro dia?” Arriane disse, cruzando os braços sobre a mesa.

“O quê?” Luce saltou para trás. Ela apertou sua mão com firmeza sobre a capa do livro, certo de que sua expressão tensa estava lhe entregando. Ela nunca deveria tê-lo trazido aqui.

“Vou lhe dar três chances”, disse Arriane, revirando os olhos.

“Molly tirou uma foto sua entrando num grande carro preto ontem depois da aula.”

“Oh”. Luce suspirou.

“Ela estava indo para entregar você a Randy”, Arriane continuou. “Até lhe dei um para quê... Mmm-hmm” Ela estalou os dedos. “Agora, para mostrar sua gratidão, me diz, eles estão te levando escondido para fora do campus para ver

um psiquiatra?” Ela baixou a voz a um sussurro e bateu as unhas em cima da mesa. “Ou você tem um amante?”

Luce olhou para Roland, que estava dando a ela um olhar fixo.

“Nem”, disse ela. “Eu só sai por pouco tempo para poder conversar com o Cam. Não fui exatamente.”

“Bam! Pague, Arri,” Roland disse, sorrindo. “Você me deve dez dólares.”

Luce ficou de boca aberta.

Arriane acariciou a mão dela. “Não é grande coisa, nós apenas fizemos uma aposta pouco para manter as coisas mais interessantes.

Eu achava que era Daniel com quem você tinha ido embora, e Roland aqui achou ser Cam. Você está quebrando meu banco, Luce. Eu não gosto disso."

“Eu estava com o Daniel” disse Luce, sem saber por que ela sentiu a necessidade de corrigi-la. Será que eles não têm nada melhor para fazer com suas vidas do que ficarem perguntando o que ela faz com seu tempo?

“Oh” disse Roland, parecendo desapontado. “A trama se complica.”

“Roland.” Luce virou-se para ele. “Eu preciso te perguntar uma coisa”

“Fale-me” Ele puxou um bloco de notas e uma caneta fora do seu blazer preto e branco listrado. Ele segurou a caneta pousada sobre o papel, como um garçom esperando por uma decisão. “O que você quer? Café? Bebidas alcoólicas? Eu só recebo o material duro as sextas.

Revistas ‘sujas’?”

“Thigars?” Arriane oferecia, falando com o chocolate na boca.

“Não” Luce sacudiu a cabeça. “Nada disso”

“Ok ordem especial. Deixei o catálogo na sala” Roland encolheu os ombros. “Você pode vir mais tarde”

“Eu não preciso de você para me dar nada. Eu só quero saber...” Ela engoliu em

seco. “Vocês são amigos do Daniel, certo?” Ele deu de ombros. “Eu não o odeio.”

“Mas você confia nele?”, Perguntou ela. “Quer dizer, se ele lhe contasse algo que soasse louco, qual seria a probabilidade de acreditar nele?”

Roland piscou para ela, parecendo momentaneamente perplexo, mas logo Arriane pulou em cima da mesa, balançando as pernas para o lado de Luce. “O que exatamente estamos falando?” Luce se levantou. “Esqueçam.” Nunca deveria ter levantado o assunto. A bagunça de detalhes voltou correndo para ela. Ela pegou o livro da mesa. “Eu tenho que ir”, disse ela, “Sinto muito.” Ela empurrou a cadeira e se afastou. Suas pernas estavam pesadas e sem brilho, sua mente sobrecarregada.

A lufada de vento levantou o cabelo de sua nuca e em sua cabeça ela procurava pelas sombras. Nada. Apenas uma janela aberta no alto perto das vigas da biblioteca. Apenas um ninho de pássaro minúsculo enfiado na janela estreita aberta no canto. Escaneando a biblioteca de novo, Luce achou difícil acreditar em seus olhos. Não havia realmente nenhum sinal deles, sem gavinhas como tinta preta ou cinza tremer no sistema meteorológico em sua cabeça, mas podia sentir a sua proximidade distinta, poderia quase sentir seu cheiro de enxofre no ar salgado. Onde estavam eles, se não iam assombrá-la? Ela sempre pensou nelas sempre ao lado dela. Ela nunca considerou que as sombras pudessem ir para outros lugares, fazer outras coisas, atormentar outras pessoas. Será que Daniel as vê também?

Indo pelo canto para a estação de computador na parte de trás da biblioteca, onde ela achava que poderia encontrar Penn, Luce foi diretamente para Miss Sophia. Ambas tropeçaram e Miss Sophia segurou em Luce para se firmar. Ela estava vestida de jeans da moda e uma blusa branca longa, com um casaco de lã frisada vermelho amarrado ao redor de seus ombros. Seu óculos verde metálico pendurados em uma correnде de esferas multicoloridas em torno de seu pescoço. Luce foi surpreendida como o seu aperto era firme.

“Desculpe-me,” Luce murmurou.

“Por que, Lucinda, qual é o problema?" Miss Sophia pressionado uma palma na esta de de Luce. O cheiro de talco de bebê de suas mãos encheu o nariz de Luce. “Você não parece bem.” Luce engoliu, não estava disposta a chorar só porque a

boa bibliotecária sendo piedosa com ela. “Eu estou indo bem.”

“Eu sei,” Miss Sophia disse. “Você perdeu a aula de hoje e você não estava na Social na noite passada. Você precisa consultar um médico? Se o meu kit de primeiros socorros não tivesse sido queimado no fogo, eu tiraria sua temperatura aqui.”

“Não, bem, eu não sei.” Luce segurou o livro na sua frente e contemplou tudo o que Miss Sophia dizia, a partir do início... que foi quando?

Só que ela não precisava. Miss Sophia tomou um olhar sobre o livro, suspirou, e Luce deu um olhar compreensivo. “Você finalmente o encontrou, não é? Vem, vamos ter uma conversa.”

Mesmo o bibliotecária sabia mais do que Luce fez sobre sua vida. Vidas? Ela não podia descobrir o que tudo aquilo queria dizer, ou como era possível.

Ela seguiu Miss Sophia para uma mesa no canto de trás da sessão de estudo. Ela ainda podia ver Arriane Roland pelo canto do olho, mas parecia que estava fora do alcance sua voz.

“Como você se deparou com isso?” Miss Sophia acariciou a mão de Luce e ela escorregou seus óculos. Seus pequenos olhos negros brilharam-pérola de suas lentes bifocais. “Não se preocupe. Você não está em apuros, querida.”

“Eu não sei. Penn e eu estávamos procurando por isso. Foi uma estupidez. Nós achávamos que o autor talvez estivesse relacionado com Daniel, mas não sei ao certo. Sempre iamos procurá-lo, parecia que tinha acabado de ser retirado. Então, quando eu vim para casa esta noite, Penn tinha deixado em meu quarto...”

“Então Pennyweather sabe sobre o seu conteúdo, bem?”

“Eu não sei.” disse Luce, sacudindo a cabeça. Ela podia sentir-se equivocada, mas ainda assim ela não poderia fazer-se calar. Miss Sophia era legal, como a boba avó que Luce nunca teve. A idéia de sua própria avó indo a uma grande compra no supermercado. Além disso, se sentia tão bem apenas por falar com alguém. “Eu não fui capaz de encontrá-la ainda, por que eu estava com o Daniel, e ele esta agindo tão estranho, mas na noite passada ele me beijou, e nós ficamos fora desde então.”

“Desculpe, querida,” disse Miss Sophia, um pouco alto demais,

“mas, você acabou de dizer Daniel Grigori beijou você?

Luce recobriu sua boca com suas duas mãos. Ela não poderia desmentir, ela apenas derramou para Miss Sophia. Ela deveria mesmo ter perdido.

“Sinto muito, isso é completamente irrelevante. E embaraçoso.

Eu não sei por que saiu.” Ela abanou as bochechas queimando.

Já era tarde demais.

Através da seção de estudo, Arriane cresceu em Luce,

“Obrigado por me dizer!”

Seu rosto parecia aturdido.

Mas Miss Sophia agarrou a atenção Luce de volta quando ela apertou o livro das mãos de Luce.

“Um beijo entre você e Daniel não é irrelevante, querida, é geralmente impossivel.” Ela acariciou seu queixo e olhando o teto. “Que significa ... bem, não poderia significar que..” Os dedos Miss Sophia começaram a voar através do livro, seguindo abaixo de cada página em um ritmo rapidamente milagroso.

“O que você quer dizer com ‘geralmente’?” Luce nunca tinha se sentindo tão deixada de fora da sua própria vida.

“Esqueça o beijo.” Miss Sophia acenou sua mão em Luce, deixando-a surpresa. “Isso não é nem metade. O beijo não significa nada a menos que ...” - murmurou sob sua respiração e voltou a virar as páginas.

O que a senhorita Sophia sabia? O beijo de Daniel significou tudo. Luce assistia os dedos de Miss Sophia voando, até que algo em uma das paginas chamou sua atenção.

“Vá para trás”, disse Luce, que colocando sua mão sobre a de Miss Sophia para detê-la.

Miss Sophia inclinou-se lentamente como Luce voltando as finas páginas translúcidas.

Lá. Ela apertou a mão a seu coração. Na margem estava uma série de desenhos esboçado em tinta negra. Feito rapidamente, mas em uma mão elegante, fino. Por alguém com um certo talento. Luce correu os dedos sobre os desenhos, levando-o dentro. A inclinação do ombro de uma mulher, visto de costas, seu cabelo amarrado em um coque baixo.

Delicados joelhos nus cruzados uns sobre os outros, levando a uma cintura sombria. Um longo pulso fino dando forma a uma mão aberta na qual um grande peônia completa descansando.

Os dedos de Luce começaram a tremer. Um caroço em sua garganta. Ela não sabia o porquê disso, e de tudo o que ela tinha visto e ouvido hoje, era lindo o suficiente- trágico suficiente- para finalmente trazê-la às lágrimas. O ombro, o joelho, o punho ... todos foram dela própria. E ela sabia, todos eles tinham sido segurados pelas mãos de Daniel.

“Lucinda.” Miss Sophia parecia nervosa, avançando lentamente sua cadeira longe da mesa. “É, você está se sentindo bem?”

“Oh, Daniel.” sussurrou Luce, desesperada para estar perto dele novamente, ela enxugou uma lágrima.

“Ele está condenado, Lucinda,” Miss Sophia disse em uma voz surpreendentemente fria. “Vocês dois são.”

Condenado..

Daniel tinha falado de ser condenado. Essa era a sua palavra para tudo isso.

Mas ele estava se referindo a si mesmo. Não a ela.

“Condenado?” Luce repetiu. Apenas, ela não queria ouvir mais nada. Tudo o que ela queria era encontrá-lo.

Miss Sophia estalou os dedos na frente do rosto de Luce. Luce conhecia os olhos, lentamente, languidamente, sorrindo bobo.

“Você ainda está acordada,” Miss Sophia murmurou. Ela fechou o livro com uma pancada, chamando a atenção de Luce, e colocou as mãos sobre a mesa.

“Ele te disse alguma coisa? Após ter-lhe beijado, talvez?”

“Ele me disse ...,” Luce começou. –“Parece loucura.”

“Essas coisas costumam parecer.”

“Ele disse que nós dois ... nós somos uma espécie de amantes desafortunados” Luce fechou os olhos, lembrando seu longo catálogo de vidas passadas. No início, a idéia parecia tão estranha, agora que ela estava me acostumando com isso, ela pensou que só poderia ser ele ta coisa mais romântica que já aconteceu na história do mundo todo.

“Ele falou sobre todos os tempos que nos apaixonamos, no Rio, e em Jerusalém, Tahiti.

“Isso não soa um pouco louco”, disse Miss Sophia. “Então, é claro, você não acredita nele?”

“Eu não acreditei em primeiro lugar”, disse Lúcia, pensando no seu desacordo aquecido sob o pessegueiro. “Ele começou trazendo a Bíblia, que o meu instinto é para sintonizar Fora” Ela mordeu sua própria língua. “Sem ofensa. Quer dizer, eu acho que sua classe é realmente interessante.”

“Não tomei para mim.. Muitas vezes as pessoas evitam o religioso em torno da sua idade. Você não é nova Lucinda.”

“Oh”. Luce estalou os nós dos dedos. “Mas eu não tive uma educação religiosa. Meus pais não acreditam nisso, então...”

“Todo mundo acredita em alguma coisa. Certamente você já foi batizada”

“Não, se você não contar a piscina dentro da igreja”, disse Luce timidamente, apontando o polegar para o ginásio da Sword & Cruz.

Sim, ela comemorou o Natal, ela foi à igreja um punhado de vezes, e mesmo quando a sua vida fez e todos ao seu redor miserável, ela ainda tinha fé que tinha alguém ou algo acreditando nela. Isso foi sempre o suficiente para ela.

Através da sala, ouviu um barulho alto. Ela olhou para cima para ver que Roland havia caído de sua cadeira. A última vez que ela olhou para ele, ele estava inclinado sobre duas pernas da cadeira, e agora parecia que a gravidade tinha finalmente vencido.

Como ele tropeçou em seus pés, Arriane foi ajudá-lo. Ela olhou e ofereceu uma onda apressada.

“Ele está bem!” Chamou alegremente. “Levante-se!”, Ela sussurrou em voz alta para Roland.

Miss Sophia estava sentada muito quieta, com as mãos no colo, debaixo da mesa. Ela pigarreou algumas vezes, virou de volta para capa do livro e correu os dedos sobre a fotografia, então disse: “Será que ele vai revelar mais alguma coisa? Você sabe quem é Daniel?” Devagar sentando direito em sua cadeira, Luce perguntou

“Você sabe?”

A bibliotecária dura. “Eu estudo essas coisas. Eu sou uma acadêmica. Eu não entendo assuntos do coração”

Essas foram as palavras que ela usou – mas a veia no seu pescoço pulsando pescoço, para o brilho quase invisivel de suor que pontilhava em sua testa, respondeu a Luce que sim.

Sobre suas cabeças, o relógio antigo negro gigante atingiu onze. O ponteiro dos minutos tremia com o esforço para se encaixar em seu lugar, e toda a geringonça gongou por tanto tempo que interrompeu a conversa entre elas. Luce nunca tinha percebido como o clock dele era tão alto. Agora, cada campainha doia. Ela havia sido afastada de Daniel por muito tempo.

“O pensamento do Daniel...,” - Luce começou a dizer. “noite passada, quando nos beijamos, ele pensou que eu ia morrer.” Miss Sophia não parecia tão surpresa como Luce teria gostado que fosse.

Luce estalou seus dedos. “Mas isso é loucura, não é? Eu estou indo a lugar algum.”

Miss Sophia tomou o seu óculos bifocais e esfregou os olhos pequenos. “Por

agora.”

“Oh Deus,” Luce sussurrou, sentindo o mesmo medo que sentiu quando deixou Daniel no cemitério. Mas por quê? Deveria ter algo que ele não estivesse dizendo a ela, - algo que ela sabia que tinha o poder de fazê-la sentir muito, muito menos medo. Algo que ela já sabia por si mesma, mas não podia acreditar. Não até que ela viu seu rosto novamente.

O livro ainda estava aberto para ela na fotografia. De cabeça para baixo, o sorriso de Daniel olhou preocupado, como ele sabia, como ele disse que sempre fez, que estava vindo do próximo canto. Ela não podia imaginar o que ele devia estar passando agora. Para ter aberto a historia misteriosa que compartilhavam - apenas para ter sido rejeitado tão completamente. Ela tinha que encontrá-lo.

Ela fechou o livro e o colocou de volta sob o seu cotovelo.

Então ela se levantou empurrou sua cadeira.

“Onde você está indo?” Miss Sophia perguntou nervosamente.

“Encontrar Daniel.”

“Eu vou com você.”

“Não.” Luce sacudiu a cabeça, imaginando-a lançando seus braços em volta de Daniel com a bibliotecária da escola por perto.

“Você não tem que vir. Realmente”.

Miss Sophia estava toda ocupada, quando ela abaixou-se para dobrar o nó com o cadarço do seus sapatos confortáveis. Levantou-se e colocou a mão no ombro de Luce. “Confia em mim”, disse ela, “Eu faço.

Sword & Cross tem uma reputação a defender. Você não acha que nós deixamos os alunos andando por ai durante a noite, não é?” Luce resistiu, Miss Sophia em sua escapada recente fora dos portões da escola. Ela gemeu dentro por dentro, Porque não trazer o corpo estudantil para que pudessem apreciar o drama? Molly poderia tirar fotos, Cam poderia escolher outra luta. Por que não começar por aqui, e pegar Arriane e Roland, que ela já tinha começado-, já tinham desaparecidos.

Miss Sophia, livro na mão, já tinha se retirado da entrada.

Luce teve que correr para alcançá-la, apressando-se após o catálogo, o tapete persa chamuscado na recepção, e os casos de vidro cheio de relíquias da guerra civil no leste da asa coleções especiais, onde ela tinha visto Daniel esboçar o cemitério na primeira noite que ela estave aqui.

Elas pisaram fora na noite úmida.

A nuvem passou a lua e o campus caiu na escuridão. Então, como se uma bússola tinha sido colocada em sua mão, Luce era guiada na direção das sombras. Ela sabia exatamente onde elas estavam. Não na biblioteca, mas não muito longe também. Ela não podia vê-las ainda, mas ela podia senti-las, o que era muito pior. Uma coceira terrível, revestindo sua a pele, penetrando em seus ossos e sangue como o ácido.

Fundos, a coagulação, tornando o cemitério - e além – um cheiro forte de enxofre.

Eles estavam muito maior agora. Parecia que todo o ar no campus foi tomado por um cheiro deplorável de decadência.

“Onde está o Daniel?” Miss Sophia perguntou. Luce percebeu que embora a bibliotecária pudesse saber um pouco sobre seu passado, ela parecia obvia para as sombras. Isso fez com que Luce sentisse medo e só, responsável por qualquer coisa que estava prestes a acontecer.

“Eu não sei”, disse ela, sentindo como se ela não pudesse ter o bastante oxigênio, no ar do pântano noite. Ela não quis dizer as palavras que ela sabia que iria levá-los perto – perto demais-, de tudo o que a estava fazendo ter tanto medo. Mas ela tinha que ir para o Daniel.

“O deixei no cemitério.”

Elas atravessaram o campus, evitando manchas sombras de lama deixadas pelo aguaceiro do outro dia. Apenas algumas luzes estavam no dormitório à direita. Através de uma das grades da janela, Luce viu uma menina que ela mal conhecia debruçada sobre um livro.

Eles estavam no mesmo bloco de aulas da manhã. Ela era uma garota mal-

encarada, com um septo* perfurado- Luce, nunca tinha ouvido falar dela. Ela não tinha idéia se ela era infeliz, ou se ela gostava de sua vida. Luce admirou o momento: Se pudesse trocar de lugar com esta menina,- que nunca teve de se preocupar com vidas passadas, ou sombras apocalípticas, ou as mortes de dois meninos inocentes em suas mãos- ela faria isso?

O rosto de Daniel- do jeito que tinha sido banhada em luz violeta quando ele a levou para casa esta manhã- apareceu diante de seus olhos. Seus cabelos brilhantes. Sua o jeito como só o toque dos seus lábios fazia com que fosse transportada longe de qualquer escuridão.

Por ele, ela iria sofrer tudo isso, e mais.

Se ela soubesse o quanto mais existia.

Ela e Miss Sophia corria para a frente, após a arquibancada chiar no enquadramento com o refeitório, em seguida, após o campo de futebol, Miss Sophia realmente se manteve em forma. Luce teria se preocupado com o seu ritmo, se a mulher não estivesse a alguns passos à frente dela.

Luce foi se arrastando. Seu medo de enfrentar as sombras era como um furacão de força retardando-a para baixo. E ainda assim ela se pressionando. Uma náusea esmagadora disse que ela tinha apenas vislumbrado que as coisas escuras poderiam realizar. Nos portões do cemitério, elas pararam. Luce estava tremendo, abraçando-se em uma fracassada tentativa de escondê-la.

Uma garota estava de costas para eles, olhando para o cemitério abaixo.

“Penn!” Luce chamou, tão contente de ver o sua amiga.

Quando Penn voltou-se para eles, seu rosto estava pálido. Ela usava um blusão preto, apesar do calor, e os óculos eram de uma escuridão humida. Ela estava tremendo tanto quanto Luce.

Luce ofegante. “O que aconteceu?”

“Eu estava vindo procurar por você.” disse Penn, “e depois um monte de outras crianças correram. Eles foram lá.” Ela apontou para as portas. “Mas eu não p-p podia.”

“O que é isso?” Luce perguntou. “O que é lá embaixo?” Mas mesmo que ela pediu, ela sabia que uma coisa que estava lá embaixo, uma coisa que Penn nunca seria capaz de ver. A sombra preta foi persuadindo Luce para ela, Luce estava sozinha.

Penn estava piscando rápido. Ela parecia apavorada. “Não sei”, disse ela finalmente. “Em primeiro eu pensei que fossem fogos de artifício. Mas nada fez ao céu.” Ela estremeceu. “Algo ruim esta para acontecer. Eu não sei o quê.”

Capitulo Dezoito – A Guerra Enterrada

Luce deu uma olhada na trêmula luz na base do cemitério e começou uma corrida em direção a ela. Ela se arremessou para baixo após as lápides quebradas, deixando Penn e Miss Sophia trás. Ela não se importou que os pontudos, torcidos galhos dos carvalhos vivos arranharam seus braços e rosto, enquanto corria, ou que grupos de mato grosso enraizados cobriam seus pés.

Ela tinha que chegar até lá embaixo.

O pedaço de lua minguante oferecia pouca luz, mas não havia outra fonte vinda do fundo do cemitério. Seu destino. Parecia uma monstruosa tempestade de relâmpagos, cheia de nuvens. Só que estava acontecendo no chão. As sombras estavam a avisando, ela se deu conta, por dias. Agora seu show sombrio havia se tornado em algo que até Penn podia ver. E os outros estudantes que estavam correndo na frente deviam ter percebido também. Luce não sabia o que poderia significar.

Só que se Daniel estava lá embaixo com aquele sinistro piscar... era tudo culpa dela.

Os pulmões dela queimavam, mas ela estava sendo motivada pela imagem dele parado embaixo das árvores de pêssego. Ela não iria parar até encontrar ele porque havia vindo para encontrá-lo de qualquer maneira, para emburrar o livro no nariz dele e chorar que ela acreditava nele, que parte dela acreditou nele o tempo todo, mas ela tinha estado assustada demais para aceitar a história imperscrutável deles. Ela diria a ele que ela não ia deixar o medo afasta-lo, não desta vez, nunca mais. Porque ela sabia algo, entendia algo que havia levado tempo demais para colocar os pedaços juntos. Algo selvagem e estranho que fazia suas esperiências passadas serem abombos, mais e menos acreditável. Ela sabia quem, não, o que Daniel era. Parte dela havia chegado a essa realização

sozinha, que ela pode ter vivido antes e amado ele antes.

Só que ela não havia entendido o que significava, tudo adicionava a atração que ela sentia por ele, seus sonhos, até agora.

Mas nada disso importava se ela não conseguisse chegar até lá embaixo a tempo de encontrar um modo de se defender das sombras.

Nada disso importava se elas chegassem até Daniel antes dela.

Ela derrubou a níveis acentuados de sepulturas, mas a bacia no centro do cemitério ainda estava tão longe.

Atrás dela, um bater de passos. Então uma voz estridente.

“Pennyweather!” Era a Miss Sophia. Ela estava avançando em Luce, chamando por cima de seu ombro, onde Luce podia ver Penn cuidadosamente seu caminho pelas lápides caídas. “Você é mais lenta do que o Natal chegando!”

“Não!” Luce gritou. “Penn, Miss Sophia, não venham aqui embaixo!” Ela não iria ser responsável por colocar mais alguém no caminho das sombras.

Miss Sophia congelou numa lápide branca derrubada e olhou para o céu, como se não tivesse ouvido Luce. Ela ergueu seus braços finos no ar, como se protegendo-se. Luce olhava para a noite e sugava sua respiração. Algo estava se movendo na direção deles, soprando com o vento frio.

A principio ela achou que fosse as sombras, mas isso era algo diferente e mais assustador, como um dentado, irregular véu cheio de bolsos escuros, deixava manchas de céu filtrados através. Essa nuvem era feita de milhares de pequenos pedaços negros. Uma tempestade tumultuada, vibrando na escuridão se estendendo em todas as direções.

“Gafanhotos?” Penn chorou

Luce tremeu. O espesso enxame ainda estava a uma distancia, mas sua profunda percursão ficava mais alta a cada segundo que passava. Como a batida de mil asas de pássaros. Como a escuridão hostil varrendo a terra. Ele estava indo para atacar ela, talvez todos eles, hoje à noite.

“Isso não é bom!” Miss Sophia constatou no céu. “Devia ter uma ordem para as coisas!”

Penn parou ao lado de Luce e as duas trocaram um olhar impressionado. Suor escorria no lábio superior de Penn, e seus óculos cor de púrpura ficavam escorregando no calor húmido.

“Ela está ficando fora de si.” Penn sussurrou, apontando o polegar em direção a Miss Sophia.

“Não.” Luce sacudiu a cabeça. “Ela sabe de coisas. E se Miss Sophia está assustada, você não devia estar aqui, Penn.”

“Eu?” Penn perguntou, atônita, provavelmente porque desde o primeiro dia de escola, ela havia guiado Luce. “Eu acho que nenhuma de nós devia estar aqui.”

O peito de Luce ardia com a dor similar a que ela havia sentido quando teve que dizer adeus para Callie. Ele desviou os olhos de Pen.

Havia uma rachadura entre elas agora, uma divisão profunda as separando, por causa do passado de Luce. Ela odiava ter que tomar a frente, chamar a atenção de Penn para isso, também, mas ela sabia que seria melhor, mais seguro, se elas se separassem seus caminhos.

“Eu tenho que ficar.” Ela falou, respirando fundo. “Eu tenho que encontrar Daniel, você devia voltar para o dormitório, Penn, Por favor.”

“Mas você e eu.” Penn falou roucamente. “Nos eramos as únicas.”

Antes que Luce pudesse ouvir o resto da frase ela saiu correndo em direção ao centro do cemitério. Em direção ao mausoléu que ela havia visto Daniel meditando na tarde do dia dos pais. Ela percorreu ao longo das últimas lápides, então derrapou sobre uma inclinação da úmida, podre cobertura até o chão, finalmente se equilibrando. Ela parou em frente a um gigante carvalho na bacia no centro do cemiterio.

Quente e frustrada e aterrorizada tudo de uma vez só, ela se recostou contra o tronco da árvore.

Então através dos galhos da árvore ela o viu. Daniel.

Ela soltou o ar dos seus pulmões e sentui seus joelhos enfraquecerem.

Uma olhada em direção ao seu distante, sombriu perfil, tão lindo e magéstico, disse á ela tudo que Daniel havia tantado lhe dizer, até mesmo a grande coisa que ela havia descoberto sozinha, tudo era verdade.

Ele estava parado em cima do mausoléu, braços crusados, olhando para cima onde as nuvens zangadas haviam acabado de passar por cima de sua cabeça. A fraca luz da luz jogou sua sombra em uma crescente escuridão que aprofundava o teto das criptas. Ela correu em direção a ele, acenando através do emaranhado de musgo espanhol e as antigas estátuas.

“Luce!” ele espiou ela enquanto ela se aproximava da base do mausoléu. “O que você está fazendo aqui?” a voz dele não mostrava nenhuma felicidade de ver ela, era mais como um choque e horror.

“A culpa é minha.” Ela queria chorar enquanto se aproximava a base do mausoléu, abaixo dele.

A tumba era de mármore sólido. Mas tinha um grande lascado na base de uma das estátuas de pavão e Luce usou como suporte para subir. A normalmente fria pedra estava quente ao toque. As palmas suadas dela escorregaram algumas vezes enquanto se esticava para alcançar o topo. Para alcançar Danel, que tinha que perdoar ela.

Ela havia escalado somente alguns pés da parede quando alguém bateu nos ombros dela. Ela se virou e engasgou quando viu que era Daniel, e perdeu a força que a segurava. Ele a pegou, seus braços circulando a cintura dela, antes que ela pudesse escorregar até o chão.

Mas ele havia recém estado um andar inteiro acima um Segundo atrás.

Ela enterrou seu rosto no ombro dele. E enquanto a verdade ainda aterrorizava ela, estar nos braços dele a fazia sentir como se o mar encontrasse a costa, como um viajante que após uma longa, difícil e distante viagem, finalmente havia retornado para casa.

“Você escolheu uma ótima hora para voltar.” Ele falou. Ele sorriu, mas seu sorriso era pesado com preocupação. Seus olhos ficavam olhando além dela, para o céu.

“Você está vendo isso também?” ela perguntou.

Daniel só olhou para ela, impossibilitado de responder. Os lábios dele tremeram.

“Claro que você vê.” Ela sussurrou, porque tudo estava se encaixando. As sombras, a historia dele, o passado deles. Um engasgado choro foi crescendo dentro dela. “Como você pode me amar?” ela soluçou. “Como você pode ao menos me aguentar?” Ele segurou o rosto dela entre suas mãos. “Do que você está falando? Como você pode dizer isso?”

O coração dela queimava de correr tão rápido.

“Porque...” ela engoliu. “Você é um anjo.”

Os braços dele caíram. “O que você disse?”

“Você é um anjo, Daniel. Eu sei disso.” Ela falou sentindo os portões de enchente se abrirem dentro dela, mais e mais até que ela simplesmente deixou sair. “Não me diga que eu sou louca. Eu tenho sonhos sobre você, sonhos que são reais demais para ser esquecidos, sonhos que me fizeram amar você antes mesmo de você ter dito qualquer coisa legal para mim.” Os olhos de Daniel não mudaram nada.

“Sonhos onde você tinha asas e me segurava alto no céu. Eu não reconheço e mesmo assim eu sei que estive lá, bem assim, em seus braços umas mil vezes antes.” Ela tocou sua testa na dele. “Isso explica tanto. O quão gracioso você é quando se move, e o livro que seu ancestral escreveu. Porque ninguém vem visitar você no dia dos pais. O

jeito que seu corpo parece flutuar quando você nada. E porque, quando você me beija, eu sinto como se eu tivesse ido para o céu.” Ela parou para respirar. “E porque você consegue viver para sempre. A única coisa que não explica é o que na terra você está fazendo comigo. Porque eu sou só... eu.”

Ela olhou para o céu de novo, sentindo o feitiço sombrio das sombras. “E eu sou culpada de tanto.”

A cor havia se esvaído do rosto dele. E Luce podia chegar a somente uma conclusão.

“Você não entende porque também.” Ela falou.

“Eu não entendo o que você ainda está fazendo aqui.” Ela piscou e acentiu com a cabeça se sentindo miserável, e começou a se virar para ir embora.

“Não!” Ele puxou ela de volta. “Não vá. É só que você nunca.

Nós nunca... fomos tão longe assim.” Ele fechou os olhos. “Você diria isso de novo?” ele perguntou, quase envergonhadamente. “Você me diria… o que eu sou?”

“Você é um anjo.” Ela repetiu lentamente, surpresa em ver Daniel fechar seus olhos e gemer com prazer, quase como se estivessem se beijando. “Eu estou apaixonada por um anjo.” Agora era ela quem queria fechar os olhos e gemer. Ela ergueu a cabeça. “Mas em meus sonhos, suas asas.”

Um quente, vento uivador varreu pelo lado deles os atingindo, praticamente arrancando Luce dos braços de Daniel. Ele protegeu o corpo dela com o seu. A nuvem de gafanhotos sombria havia se estabelecido na copa de uma árvore fora do cemitério e estava fazendo barulho crepitante nos galhos. Agora eles se erguiam em uma grande massa.

“Oh Deus.” Luce sussurrou. “Eu tenho que fazer algo. Eu tenho que parar isso.”

“Luce.” Daniel acariciou a bochecha dela. “Olhe para mim.

Você não fez nada errado. E não ha nada que você possa fazer sobre.” Ele apontou. “Aquilo.” Ele sacudiu a cabeça. “por que você pensaria que era culpada?”

“Porque.” Ela falou, “toda minha vida eu tenho visto essas sombras.”

“Eu devia ter feito algo quando eu percebi isso, semana passada no lago. É a primeira vida que você vê elas e isso me assustou.”

“Como você pode saber que não é minha culpa?” ela perguntou, pensando em Todd e em Trevor.

As sombras sempre vem à ela um pouco antes de algo terrível acontecer.

Ele beijou o cabelo dela. “As sombras que você vê são chamadas de Anunciadores. Elas parecem más, mas elas não podem machucar você. Tudo o que elas fazem é prever uma situação e reportar para alguém. Fofocas. A versão demoníaca de uma panelinha de garotas do ensino médio.”

“Mas e quanto a aquelas?” ela apontou para as arvores que alinhavam o perimetro do cemitério. Seus galhos estavam balançando, pesando para baixo pela espessa escuridão.

Daniel olhou com um calmo olhar. “Aquelas são as sombras que as Anunciadoras chamaram. Para a batalha.”

Os braços e pernas de Luce ficaram frias com o medo. “Que ...

hum... que tipo de batalha é essa?”

“A grande.” Ele falou simplesmente, erguendo seu queixo.

“Mas elas estão só se exibindo agora. Nós ainda temos tempo.” Atrás deles uma pequena tossida fez Luce pular. Daniel fez uma reverencia em saudação a Miss Sophia que estava parada na sombra do mausoléu. O cabelo dela havia se soltado dos grampos e parecia selvagem e indomável, como seus olhos. Então mais alguém veio a frente por detrás de Miss Sophis. Penn. As mãos dela estavam enfiadas dentro dos bolso da jaqueta dela. Sua face ainda vermelha, e sua linha do cabelo estava ensopada de suor.

Ela encolheu os ombros como se estivesse dizendo eu não sei que diabos estava acontecendo, mas não podia simplesmente abandonar você. Apesar de si mesma, Luce sorriu.

Miss Sophiapisou á frente e ergueu o livro. “Nossa Lucinda tem feito a pesquisa dela.”

Daniel esfregou sua mandíbula. “Você tem lido essa coisa velha? Nunca devia ter escrito isso.” Ele soou quase envergonhado, mas Luce juntou mais um pedaço da história deles no lugar.

“Você escreveu aquilo,” ela falou. “E desenhou nas margens. E

colou aquela foto nossa lá.”

“Você escontrou a fotografia.” Daniel falou, sorrindo, segurando ela perto como se a mensão da foto trouxesse de volta um turbilhão de memórias. “É claro.”

“Eu levei um tempo para entender, mas quando eu vi o quão feliz nós éramos, algo se abriu dentro de mim. E eu soube.” Ele enlaçou a mão ao redor do pescoço dele e puxou sua face de encontro a dela, nem ao menos se importando que Miss Sophia e Penn estavam bem ali. Quando os lábios de Daniel tocaram os dela, todo o escuro, desagradável cemitério desapareceu, as sepulturas gastas, também, e os bolsos cheios de sombras enraizadas ao redor das árvores, até mesmo a lua e as estrelas acima.

A primeira vez que havia visto a foto de Helston, havia assustado ela. A idéia de todas aquelas passadas versões dela mesma existindo era simplesmente demais para aceitar. Mas agora, nos braços de Daniel, ela podia sentir todas elas trabalhando juntas de alguma forma, um vasto consorcio de Luces que haviam amado o mesmo Daniel de novo e de novo e de novo.

Tanto amor derramava de seu coração e de sua alma, saindo de seu corpo e preenchendo o espaço entre eles.

E ela finalmente havia escutado o que ele havia dito quando eles estavam olhando para as sombras : que ela não havia feito nada errado. Que não havia razão para se sentir culpada. Poderia ser verdade? Ela era inocente da morte de Trevor e de Todd, ao contrario do que ela sempre acreditou?

No momento que ela se perguntou, ela soube que Daniel havia lhe contado a verdade. E ela sentiu como se estivesse acordando de um longo sonho. Ela não se sentia mais como a garota com o cabelo tosquiado e as roupas largas, não mais a eterna imprestável, com medo do pútrido cemitério, e presa em um reformatório por uma boa razão.

“Daniel.” Ela falou, gentilmente empurrando os ombros dele para trás para que ela pudesse olhar para ele. “Por que você não me contou mais cedo que você era um anjo? Por que todo aquele papo sobre ser amaldiçoado?” Daniel olhou para ela nervosamente.

“Eu não estou zangada.” Ela o assegurou. “Só estou me perguntando.”

“Eu não podia lhe contar.” Ele falou. “Está tudo entrelaçado junto. Até agora, eu nem sabia que você podia descobrir isso sozinha.

Se eu contasse muito rápido ou na hora errada, você teria se ido novamente e eu teria que esperar. Eu já tinha esperado tanto tempo.”

“Quanto tempo?” Luce perguntou.

“Não tanto tempo que eu tenha esquecido que você vale tudo.

Cada sacrifício. Cada dor.” Daniel fechou ou olhos por um momento.

Então ele olhou para Penn e Miss Sophia.

Penn estava sentada com as costas contra a lápide preta cheia de musgo. Seus joelhos estavam encostados no seu queixo e ela mastigava havidamente suas unhas.

Miss Sphia tinha suas mãos nos quadris. Ela parecia como se tivesse algo para dizer.

Daniel deu um passo para trás, e Luce sentiu um sopro de ar frio passar entre eles.

“Eu ainda estou com medo que a qualquer minuto você pode.”

“Daniel.” Miss Sophia chamou o reporvando.

Ele abanou sua mão para ela. “Nós estarmos juntos, não é tão simples como você irá querer que seja.”

“Claro que não.” Luce falou. “Eu quero dizer, você é um anjo, mas agora que eu sei.”

“Lucinda Price.” Dessa vez Luce foi o objeto de raiva de Miss Sophia.”

“O que ele tem a lhe dizer, você não quer saber,” ela avisou. “E

Daniel, você não tem o direito. Isso vai matá-la.” Luce sacudiu a cabeça, confusa pelo pedido de Miss Sophia.

“Eu acho que posso sobreviver a um pouco de verdade.”

“Não é um pouco de verdade.” Miss Sophia falou, dando um passo a frente e se

posicionando entre eles. “E você não vai sobreviver a isso. Como você não sobreviveu os milhares de anos desde a Queda.”

“Daniel, do que ela está falando?” Luce alcançou por trás de Miss Sophia pelo pulso dele, mas a bibliotecária afastou ela. “Eu posso cuidar disso.” Luce falou, sentindo uma ponta seca de nervos no estomago. “Eu não quero mais nenhum segredo. Eu amo ele.” Era a primeira vez que ela havia dito as palavras em voz alta para qualquer um. Seu único arrependimento foi que ela havia dirigido as três palavras mais importantes que ela conhecia para Miss Sophia ao invés de Daniel. “Eu amo você.”

Clap.

Clap. Clap.

Clap. Clap. Clap. Clap.

Lento, alto aplauso soou atras deles nas arvores. Daniel se separou e se virou em direção ao bosque, sua postura enrigecendo, enquanto Luce sentia o velho medo inundar, se sentiu enraisada pelo terror do que ele estava vendo nas sombras, amedrontada pelo que ele havia visto antes dela.

“Oh, bravo. Bravo! Mesmo, estou tocado na minha alma e não são muitas coisas que me tocam lá nesses dias, triste dizer.” Cam adentrou na clareira. Seus olhos estavam circulados por um espessa e brilhante sombra dourada, e brilhava na face dele na luz da lua, fazendo ele parecer um gato selvagem.

“Isso é tão incrivelmente doce.” Ele falou. “E ele ama você também, não é mesmo namorador? Não é mesmo, Daniel?”

“Cam.” Daniel avisou. “Não faça isso.”

“Isso o que?” Cam perguntou, erguendo seu braço esquerdo no ar. Ele estalou seus dedos uma vez e uma pequena chama, do tamanho de um palito de fósforo aceso, inflamou no ar acima da mão dele.

“Você quer dizer isso?”

O eco dos dedos dele estalando parecia permanecer, refletir nas tumbas no cemitério, ficar mais alto e multiplicar enquanto batia e voltava. A principio

Luce pensou que o som fosse mais aplausos, como se um domoniaco auditório cheio de escuridão estivesse aplaudindo ridiculamento o amor de Luce e Daniel, do modo como Cam havia feito.

Mas então ela se lembrou das tempestuosas batidas de asas que ela havia escutado mais cedo.

Ela prendeu a respiração enquanto o som tomou a forma de milhares de pedaços da escuridão lançavam vôo. O enxame de sombras em formato de gafanhotos que havia desaparecido dentro da floresta se ergueu mais uma vez.

O som de suas batidas era tão alto, Luce teve que cobrir seus ouvidos. No chão, Penn estava agachada com sua cabeça entre seus joelhos. Mas Daniel e Miss Sophia estoicamente assistiam o céu enquanto a cacofonia aumentava e mudava. Começou a soar como um sprinkle muito alto ligando... ou como o sibilar de mil cobras.

“Ou isto?” Cam perguntou, encolhendo enquanto a odiosa, sem forma escuridão se acomodava ao redor dele.

Cada inseto começou a crescer e se desdobrar, se tornando maior que qualquer inseto poderia ser, pingando como cola e crescendo em negros segmentados corpos.

E então, como se eles estivessem aprendendo a usar seus membros de sombra enquanto se formavam, eles lentamente se ergueram em suas numerosas pernas e se moveram para frente, como mantises crescidos até a altura de humanos. Cam deu as boas vindas a eles enquanto eles se amontoavam ao redor dele. Logo eles haviam formado um massivo exercito da noite encarnada atrás de Cam.

“Eu sinto muito.” Ele falou batendo sua testa em sua palma.

“Você me disse para não fazer isso?”

“Daniel.” Luce sussurrou. “O que está acontecendo?”

“Por que você acabou com a tregua?” ele falou para Cam.

“Oh. Bem. Você sabe o que falam sobre tempos desesperados.” Cam zombou. “E assitindo você cobrir o corpo dela com aqueles perfeitamente angelicais beijos

seus … me fez sentir tão desesperado.”

“Cale a boca, Cam!” Luce gritou, odiando que ela tenha alguma vez deixado ele tocar ela.

“Em bom tempo.” Os olhos de Cam rolaram até ela. “Oh, sim, nós vamos fazer uma rixa, baby. Por você. De novo.” Ele passou a mão no queixo e vagou seus olhos verdes. “Maior dessa vez, eu acho. Mais algumas casualidades. Lide com isso.”

Daniel juntou Luce em seus braços. “Me diga por que, Cam.

Você me deve isso.”

“Você sabe por que.” Cam irrompeu, apontando para Luce.

“Ela ainda está aqui. Mas não será por muito tempo.” Ele colocou as mãos nos quadris e uma serie de sombras negras densas, agora em forma de intermináveis gordas serpentes, subiram deslisando no corpo dele, circulando seus braços como braceletes...

Ele acariciou carinhosamente a cabeça da maior delas.

“E dessa vez, quando seu amor eclodir formando aquele trágico montinho de cinzas será para sempre. Veja, tudo está diferente dessa vez.” Cam sorriu, e Luce pensou ter visto Daniel tremer por apenas um Segundo.

“Oh, exceto uma coisa é igual e eu tenho um fraco pela sua previsibilidade, Grigori.” Cam deu um passo a frente. Sua legião de sombras se moveu coordenadamente, fazendo Luce e Daniel, e Penn e Miss Sophia, irem para trás.

“Você está com medo.” Ele falou apontando dramaticamente para Daniel. “E eu não estou.”

“Isso é porque você não tem nada a perder.” Daniel cuspiu.

“Eu nunca trocaria de lugar com você.”

“Hummm.” Cam falou, batendo no queixo. “Isso nós veremos.” Ele olhou ao redor sorrindo. “Devo soletrar para você? Sim. Eu escuto que você pode ter algo

maior a perder dessa vez. Algo que fará aniquilar ela tão mais agradável.”

“Do que você está falando?” Daniel perguntou.

A esquerda de Luce Miss Sophis abriu a boca e deixou sair uma sequencia de ferozes uivos. Ela balançou suas mãos loucamente sobre sua cabeça em movimentos de empurrões parecidos com dança, os olhos dela quase transparentes, como se ela estivesse em algum tipo de transe. Os lábios dela tremeram, e Luce percebeu com um choque que ela estava falando em outra língua.

Daniel pegou o braço de Miss Sophia e sacudiu ela. “Não, você está absolutamente certo. Não faz sentido.” Ele sussurrou, e Luce percebeu que ele podia entender a estranha língua que Miss Sophia estava falando.

“Você sabe o que ela está falando?” Luce perguntou.

“Nos permita traduzir.” Uma voz familiar gritou do teto do mausoleum.

Arriane. Próxima dela estava Gabbe. Ambas pareciam estar sendo erguidas por trás e estavam encobertas em um estranho brilho.

Elas pularam da cripta, aterrissando próximo a Luce sem nenhum som.

“Cam está certo, Daniel.” Gabbe falou rapidamente. “Algo está diferente dessa vez … algo em relação a Luce. O ciclo pode ser quebrado e não da maneira que queremos que seja. Quero dizer ... pode terminar.”

“Alguém me diga do que vocês estão falando.” Luce falou se entremetendo. “O que está diferente? Quebrado como? O que está em jogo em toda essa batalha, afinal?”

Daniel, Arriane e Gabbe olharam para ela por um momento como se tentando reconhecer ela, como se eles a conhecessem de outro lugar mas ela havia mudado tão completamente em um instante que eles não reconheciam mais o rosto dela.

Finalmente Arriane falou. “Em jogo?” ela esfregou a cicatriz no seus pescoço. “Se eles ganharem será Inferno na terra. O fim do mundo como o conhecemos.”

As formas negras se esticaram ao redor de Cam, brigando e mastigando uns ao outros, em um modo doentio e diabolico de aquecimento.

“E se nós ganharmos?” Luce lutou para fazer as palavras saírem.

Gabbe engoliu, e então falou gravemente. “Nós não sabemos ainda.”

De repente Daniel tropeçou para trás, para longe de Luce e apontou para ela. “E-ela não tem sido ...” ele gaguejou, cobrindo a boca.

“O beijo.” Ele falou finalmente andando para frente e pegando o braço de Luce. “O livro. É por isso que você pode.”

“Chegue na parte B, Daniel.” Arriane apressou. “Pense rápido.

Paciencia é uma virtude e você sabe como Cam se sente sobre isso.” Daniel apertou a mão de Luce. “Você precisa ir. Você tem que sair daqui.”

“O quê? Por quê?”

Ela olhou para Arriane e Gabbe por ajuda, então se encolheu para longe deles enquanto uma série de cintilações de prata começou a fluir em cima do telhado do mausoléu. Como um fluxo interminável de vaga-lumes liberado a partir de um frasco de pedreiro enorme. Eles choveram sobre Arriane e Gabbe, fazendo seus olhos brilharem. Fez Luce se lembrar de fogos de artifício e de um Quatro de Julho quando a luz estava simplesmente certa e ela havia olhado na Iris da mãe dela e visto os fogos de artifício, refletindo um flash de luzes prateadas em expansão, como se a Iris de sua mãe fosse um espelho.

Só que, estas cintilações não se transformavam em fumaça, como fogos de artifício. Quando eles atingiam a grama do cemitério, eles floresciam em graciosos, termulos seres iridescentes.

Eles não tinham exatamente forma humana, mas eram vagamente reconhecíveis.

Deslumbrantes, brilhantes raios de luz. Criaturas tão arrebatadoras que Luce soube instantaneamente que eram um exercito de força angelical, iguais em tamanho e numero à grande força negra atrás de Cam. Era assim que a verdadeira beleza e bondade pareciam, uma junção luminescente, espectral de seres tão puros que doía olhar diretamente para eles, como o mais glorioso

eclipse, ou talvez o próprio paraíso. Ela devia ter se sentido confortada, estando do lado que tinha que prevalecer naquela luta. Mas ela estava começando a se sentir doente.

Daniel precionou as costas das mãos dele na bochecha dela.

“Ela está febril.”

Gabbe bateu levemente no braço de Luce e sorriu. “Está tudo bem, docinho.” Ela falou, guiando a mão de Daniel para longe. Seu sotaque era de alguma forma reconfortante. “Nós assumiremos daqui.

Mas você tem que ir.” Ela olhor por cima do ombro para a orda de escuridão atrás de Cam. “Agora.”

Daniel puxou Luce para um ultimo abraço.

“Eu levarei ela.” Miss Sophia chamou alto. O livro ainda estava preso embaixo do braço dela. “Eu conheço um lugar seguro.”

“Vá.” Daniel falou. “Eu encontrarei vocês assim que puder.

Apenas me prometa que correrá daqui e que não olhará para trás.” Luce tinha tantas perguntas. “Eu não quero deixar você.” Arriane entrou entre eles e deu a Luce um final, rude empurrão em direção aos portões. “Desculpe, Luce.” Ela falou. “Hora de deixar essa luta para nós. Somos meio que profissionais.” Luce sentiu a mão de Penn escorregar dentro da dela, e logo elas estavam correndo.

Martelando em direção aos portões do cemitério o mais rápido quanto ela havia delimitado para baixo em seu caminho para encontrar Daniel. De volta para cima as folhas escorregadias deslisavam. De volta através dos galhos irregulares dos carvalhos e pilhas de ruínas de lápides quebradas. Elas saltaram as tumbas e correram acima da inclinação, para chegar até o arco de ferro distante dos portões. Vento quente soprou seu cabelo, e o ar pantanoso ainda estava grossa em seus pulmões. Ela não conseguia achar a lua para guia-las, e a luz no centro do cemitério havia se acabado.

Ela não entendia o que estava acontecendo. Não mesmo. E ela não gostava nada e todos os outros saberem menos ela. Um raio de escuridão acertou o chão em frente a ela, quebrando a terra e abrindo um desfiladeiro irregulare. Luce e Penn

pararam de sobresalto bem a tempo.

A abertura era tão larga quanto Luce era alta, tão profunda quanto... bem, ela não conseguia ver até o final do fundo escuro. As bordas dele chiaram e espumaram.

Penn engasgou. “Luce. Estou com medo.”

“Sigam-me, garotas.” Miss Sophia chamou.

Ela as guiou para a direita, ziguezagueando entre as escuras sepulturas enquanto explosão após explosão ecoava por trás delas. “Só o som da batalha.” Ela bufou, como uma espécie de guia turística estranha. “Isso vai continuar por algum tempo, eu temo.” Luce estremecia a cada batida, mas ela continuou empurrando para frente até suas panturrilhas estarem ardendo, até atrás dela, Penn deixar escapar um gemido. Luce se virou e viu sua amiga tropeçar, seus olhos rolarem para trás em sua cabeça.

“Penn!” Luce gritou, estendendo a mão para pegá-la um pouco antes que ela cair. Delicadamente Luce a abaixou até o chão e rolou ela.

Ela quase desejou não ter feito isso. O ombro de Penn tinha sido cortado por algo preto e irregular. Havia mordido a pele dela, deixando uma linha carbonizada de carne que cheirava a carne queimada.

“Está feio?” Penn sussurrou roucamente. Ela piscou rapidamente, claramente frustrada por ser incapaz de levanter sua cabeça para ver por si mesma.

“Não.” Luce mentiu, sacudindo a cabeça. “Só um corte.” Ela engoliu em seco, tentando engolir a nausea crescendo nela enquanto ela puxava a manga preta esfarrapada de Penn. “Estou machucando você?”

“Eu não sei.” Penn sussurrou com a respiração pesada. “Eu não sinto nada.”

“Garotas, qual é o impedimento?” Miss Sophia havia virado para trás.

Luce olhou para Miss Sophia, tentando avisá-la para não dizer o quão ruim a lesão de Penn parecia.

Ela não disse. Ela deu a Luce um aceno rápido e esticou seus braços por baixo de Penn e a ergueu como uma mãe carregando uma criança para a cama. “Eu te

peguei.” Ela falou. “Agora não vai demorar.”

“Ei.” Luce seguiu Miss Sophis, que carregou o peso de Penn como se ela fosse um saco de penas. “Como foi que você.”

“Sem perguntas, não até nós estarmos longe disso tudo.” Miss Sophia falou.

“Bem longe.” Luce queria nada menos do que ficar longe de Daniel. E então, após elas atravessarem a entrada do cemiterio e estarem paradas no chão plano da área comum da escola, ela não podia se segurar. Ela olhou para trás. E instantaneamente entendeu porque Daniel havia dito para ela não olhar.

Um pilar de prata e ouro torcido de fogo explodiu diante do centro escuro do cemitério.

Era tão amplo quanto o próprio cemitério, uma trança de luz erguendo-se centenas de pés no ar e fazendo as nuvens se dissiparem em ebulição. As sombras negras escolhido na luz, ocasionalmente arrancavam galhos e carregavam afora, gritando, para dentro da noite.

Enquanto o bobinamento fios mudava, agora mais prata, agora mais ouro, um único acorde de som começou a encher o ar, completo e sem fim, em voz alta como uma grande cachoeira. Notas graves ressoavam na noite. Notas agudas tocavam para preencher o espaço ao redor deles.

Era a mais grandiosa, mais perfeitamente equilibrada harmonia celestial jamais escutada na terra. Era lindo, e aterrorizante, e tudo fedia a enxofre.

Todos a milhas ao redor devem ter acreditado que o mundo estava acabando. Luce não sabia o que pensar. O coração dela deu um pulo.

Daniel havia dito para ela não olhar para trás porque ele sabia que a visão daquilo a faria querer ir até ele.

“Oh, não você não vai.” Miss Sophia falou, agarrando Luce pela nuca e arrastando ela pelo campus. Quando elas alcançaram o ginásio, Luce percebeu que Miss Sophia havia carregado Penn o tempo todo, usando somente um braço.

“O que é você?” Luce perguntou enquanto Miss Sophia empurrou ela pela porta dupla.

A bibliotecária puxou uma chave longa do bolso de seu casaco de lã frisada vermelho e enfiou-o em uma parte da parede de tijolos na frente do hall de entrada que nem sequer parecido com uma porta. Uma entrada para uma longa escada abriu silenciosamente, e Miss Sophia gesticulou para Luce para prosseguir subindo as escadas Os olhos de Penn estavam fechados. Ela estava ou inconsciente ou em dor demais para manter eles abertos. De qualquer maneira, ela estava se mantendo extremamente quieta.

“Onde nós estamos indo?” Luce perguntou. “Nós precisamos sair daqui. Onde está o seu carro?” Ela não queria assustar Penn, mas elas precisavam chegar até um médico. Rápido.

“Quieta, se você sabe o que é bom para você.” Miss Sophia olhou para o ferimento de Penn e suspirou. “Nós vamos para a unica câmara neste lugar que não tenha sido profanado com equipamentos esportivos. Onde nós podemos estar sozinhas.”

Até lá, Penn começou a gemer nos braços de Miss Sophia. O

sangue de seu ferimento formava um espesso e escuro córrego sobre o chão de mármore.

Luce olhou a escada íngreme. Ele nem conseguia ver o fim dela. “Acho que para o bem de Penn nós devíamos ficar aqui. Vamos precisar buscar ajuda logo.”

Miss Sophia suspirou e colocou Penn sobre a pedra, se levantando rápido para trancar a porta da frente que elas havia acabado de entrar. Luce ficou de joelhos em frente a Penn. Sua amiga parecia tão pequena e frágil. Na luz fraca vinda do delicado lustre forjado de ferro acima de suas cabeças, Luce afinal ver o quão mal ela estava ferida.

Penn era a única amiga que Luce tinha em Sword & Cross que ela podia se identificar, a única que não intimidava ela. Após Luce ter visto do que Arriane e Gabbe e Cam eram capazes, poucas coisas faziam sentido. Mas uma fazia: Penn era a única em Sword & Cross como ela.

Exceto que Penn era mais forte que Luce. Mais esperta e mais feliz e mais tranqüila.

Ela era a razão de Luce ter conseguido passar por aquelas primeiras semanas na

escola reformatória. Sem Penn, quem sabe onde Luce estaria?

“Oh, Penn.” Luce suspirou. “Você vai ficar bem. Nós vamos consertar você.”

Penn murmurou algo incompreensivo, o que deixou Luce nervosa. Luce se virou para Miss Sophia, que estava fechando todas as janelas no foyer uma a uma.

“Ela está se esvaindo rápido.” Luce falou. “Nós precisamos chamar um médico.”

“Sim, sim.” Miss Sophia falou, mas algo no tom dela soou preocupado. Ela parecia consumida em fechar o predio, como se as sombras do cemitério estivessem a caminho agora.

“Luce?.” Penn sussurrou. “Estou assustada.”

“Não fique.” Luce apertou a mão dela. “Você é tão brava. Todo esse tempo você tem sido um pilar de força.”

“Da um tempo.” Miss Sophia falou por detrás dela em uma voz grossa que Luce nunca havia ouvido ela usar. “Ela é um pilar de sal.”

“O que?” Luce perguntou confuse. “O que isso quer dizer?” Os olhos redondos Miss Sophia tinham diminuído em fendas finas pretas. Seu rosto comprimido com rugas e ela balançou a cabeça amarguradamente. Então, bem devagar, de dentro da manga do cardigã dela. Ela produziu uma longa adaga prata. “A garota só está nos atrasando.”

Os olhos de Luce se arregalaram enquanto ela assistia Miss Sophia erguer a adaga acima de sua cabeça.

Atordoada, Penn não tinha registrado o que estava acontecendo, mas Luce certamente tinha.

“Não!” ela gritou, esticando para parar os braços de Mis Sophia, para virar a adaga. Mas Miss Sophia sabia o que ela estava fazendo e habilmente bloqueou o braço de Luce, empurrando ela de lado com sua mão livre e enquanto ela dirigia a lamina através da garganta de Penn.

Penn resmungou e tossiu, sua respiração se tornando irregular. Seus olhos rolaram para trás do mesmo modo que eles faziam quando ela estava pensando.

Exceto que ela não estava pensando, ela estava morrendo. Até que seus olhos encontraram os de Luce. Então eles lentamente entorpeceram e a respiração de Penn se aquietou.

“Sujo, mas necessário.” Miss Sophia falou, limpando a lamina no suéter preto de Penn.

Luce tropeçou para trás, cobrindo sua boca, impossibilitada de gritar e impossibilitada de desviar os olhos da sua amiga morrendo, impossibilitada de olhar para a mulher que ela havia pensado estar no lado deles. De repente, ela percebeu porque Miss Sophia havia trancado todas as portas e janelas no foyer. Não era para manter qualquer um do lado de fora. Era para manter ela do lado de dentro.

Miss Sophia pulou em Luce e pressionou a adaga no seu pescoço.

Capitulo dezenove – Fora de Vista

No topo da escada estava uma parede plana de tijolos. Becos sem saída de qualquer tipo sempre fazia Luce sentir-se claustrofóbica, e este era ainda pior devido a faca pressionada em sua garganta. Ela se atreveu a olhar de volta para a íngreme subida que elas tinham escalado. Daqui, parecia uma queda muito longa e dolorosa.

A Sra. Sophia estava falando em uma língua outra vez, murmurando em voz baixa enquanto ela habilmente abria outra porta secreta. Ela empurrou Luce em uma pequena capela e trancou a porta atrás delas. Estava gelado lá dentro e cheirava esmagadoramente a pó calcário. Luce lutava para respirar, para engolir a saliva irritadiça em sua boca. Penn não podia estar morta. Tudo isso não podia ter acontecido. A Srta. Sophia não podia ser tão má. Daniel disse para confiava na Srta. Sophia. Ele disse para ir com ela até que ele pudesse encontrar-se com Luce...

A Srta. Sophia não prestou atenção a Luce, simplesmente caminhou ao redor da sala, acendendo velas atrás de velas, curvando-se por cada uma, e continuava cantando em uma língua que Luce não conhecia. Em um abrir e fechar de olhos revelou que a capela estava limpa e bem conservada, o que significava que não tinha passado muito tempo desde que alguém mais estivesse aqui. Mas certamente a Srta.

Sophia era a única pessoa no campus que teria uma chave para uma porta secreta? Quem mais sabia que este lugar existia?

O teto de telhas vermelha era inclinado e irregular. Largas tapeçarias desbotadas cobriam as paredes, representando imagens arrepiantes de criaturas metade homem, metade peixe lutando em um oceano revolto. Havia um pequeno altar branco em frente, e algumas filas de bancos de madeiras simples ordenados ao longo do piso de pedra cinza. Luce procurou ao redor desesperadamente por uma saída, mas não havia outras portas e não havia janelas. As pernas de Luce estavam tremendo de raiva e medo. Ela estava em agonia por Penn, traída e deixada sozinha ao pé da escada.

“Por que você está fazendo isso?” Ela perguntou, apoiando-se contra as portas arqueadas da capela. “Confiei em você.”

“Essa é sua culpa, querida,” a Srta. Sophia disse, rudemente torcendo o braço de Luce. Em seguida, o punhal estava de novo em seu pescoço e ela estava sendo guiada até um corredor da capela. “A confiança é uma ocupação negligente, na melhor das hipóteses. Na pior das hipóteses, é uma boa forma de ser assassinada.” A Srta. Sohia empurrou Luce em direção ao altar. “Agora seja boazinha e deite-se, sim?”

Porque a faca ainda estava muito próxima de sua garganta, Luce fez o que ela ordenou. Ela sentiu um pouco de frio em seu pescoço e levantou sua mão para tocá-lo. Quando ela levantou o dedo as pontas estavam vermelhas com pontos de sangue onde a lâmina a tinha picado. A Srta. Sophia bateu em sua mão.

“Se pensa que isso é ruim, deveria ver o que está perdendo lá fora,” ela disse, fazendo Luce estremecer. Daniel estava lá fora.

O altar era uma plataforma quadrada branca, um único pedaço de pedra não tão maior que Luce. Ela sentia frio e em desespero, exposta em cima dele, imaginando os bancos sendo preenchidos por fiéis sombrios esperando para que sua tortura começasse. Olhando para cima, ela viu que havia uma janela nesta capela cavernosa, uma longa roseta de vidro como uma clarabóia no teto. Tinha um complicado desenho floral geométrico, com rosas vermelhas e roxas contra o fundo azul-marinho. Teria sido muito mais bonito para Luce se tivesse oferecido uma vista lá de fora.

“Vejamos, onde parei... ah, sim!” a Srta. Sophia foi para baixo do altar e voltou

com uma comprida e grossa corda. “Não se mova, agora,” ela disse, agitando a faca em direção a Luce. Então ela prendeu Luce a quatro buracos na superfície do altar. Primeiro cada tornozelo, em seguida, cada pulso. Luce tentou não contorcer-se pela dor enquanto ela era amarrada como uma espécie de sacrifício. “Perfeito,” disse a Srta. Sophia, dando-lhe confusos nós, puxando firme.

“Você planejou tudo isso,” Luce percebeu perplexa.

A Srta. Sophia sorriu tão docemente, como ela fez no primeiro dia que Luce tropeçou ao entrar na biblioteca. “Eu diria que não é nada pessoal, Lucinda, mas na verdade, é.” ela gargalhou. “Estive esperando por muito tempo para este momento a sós com você.”

“Por quê?” Luce perguntou. “O que você quer de mim?”

“De você, só quero eliminá-la,” disse Srta. Sophia. “É Daniel quem quero libertar.”

Ela deixou Luce no altar e moveu-se até um átril próximo dos pés de Luce. Levantou o livro de Gregori sobre o átril e começou a folhear rapidamente as páginas. Luce relembrou o momento quando ela abriu o livro e viu seu rosto ao lado de Daniel pela primeira vez. Como isso finalmente chegou a ela que ele era um anjo. Até então ela não sabia praticamente nada, mas mesmo assim tinha certeza de que a fotografia significava que ela e Daniel podiam estar juntos.

Agora isso parecia impossível.

“Você só fica lá desmaiando sobre ele, não é?” Srta. Sophia perguntou. Ela fechou o livro e bateu o punho na capa do livro. “Este é precisamente o problema.”

“Qual é o problema com você?” Luce se debatia contra as cordas que a sujeitavam no altar. “O que importa o que Daniel e eu sentimos um pelo outro, ou quem de nós dois namora em primeiro lugar?” Esta psicopata não tinha nada haver com eles.

“Gostaria de ter uma conversa com quem pensou que colocar o destino de todas as nossas almas imortais nas mãos de um par de crianças apaixonadas era uma idéia tão brilhante.” Ela levantou um punho e agitou no ar. “Eles querem que o equilíbrio seja direcionado?

Eu mostrarei a eles a direção do equilíbrio.” A ponta de sua adaga brilhava à luz da vela.

Luce tirou os olhos da faca. “Você está louca.”

“Se querer um final para a mais longa e sangrenta batalha já travada significa que estou louca,” – no tom da Srta. Sophia estava implícito que Luce era uma estúpida por ainda não saber o que era tudo isso – “que assim seja.”

A idéia de que a Srta. Sophia pudesse dizer algo sobre o final de uma batalha não encaixava na cabeça de Luce. Daniel estava lutando uma batalha lá fora. O que estava acontecendo aqui não podia se comparar com isso, independentemente da Srta. Sophia ter passado para o outro lado.

“Disseram que seria o Inferno na Terra,” Luce murmurou. “O

Fim dos Dias.”

A Srta. Sophia começou a rir. “Parece ser dessa forma para você agora. É tão surpreende assim que eu seja um dos mocinhos, Lucinda?”

“Se está do lado bom,” Luce soltou, “não parece uma guerra que vale a pena lutar.”

A Srta. Sophia sorriu, como se ela estivesse esperado essas mesmas palavras. “Sua morte pode ser o empurrão que Daniel precisa.

Um pequeno empurrão na direção certa.”

Luce se retorceu no altar. “Você... você não me machucaria.” A Srta. Sophia se aproximou, e colocou seu rosto perto. O

aroma artificial de talcos velhos de bebê chegou ao nariz de Luce, dando-lhe náuseas.

“É claro que eu faria,” disse a Srta. Sophia, balançando a selvagem prata borbulhante de seu bagunçado cabelo. “Você é o humano equivalente a uma enxaqueca.”

“Mas eu voltarei. Daniel me disse.” Luce engoliu saliva. *Em dezessete anos.*

“Oh, não, você não voltará. Não desta vez.” Disse a Srta.

Sophia. “Naquele primeiro dia que você entrou na minha biblioteca, vi algo em seus olhos, mas não conseguia saber o que era.” Ela sorriu para Luce. “Conheci você muitas vezes antes, Lucinda, e a maioria das vezes, era absolutamente chata.”

Luce ficou tensa, sentindo-se exposta, como se estivesse nua no altar. Uma coisa era Daniel ter encontrado-a em outras vidas – mas outros a tinham conhecido também?

“Desta vez,” a Srta. Sophia continuou, “desta vez tem algo a margem. Uma chama genuína. Mas não foi até esta noite, esse lindo erro de seus agnósticos pais.”

“O que tem meus pais?” Luce perguntou.

“Bem, querida, a razão pela qual volta de novo e de novo é porque todas as outras vezes em que nasceu, era iniciada em uma crença religiosa. Desta vez, quando seus pais optaram por não batizá-

la, eles efetivamente deixaram sua pequena alma exposta para os outros.” Ela deu de ombros dramaticamente. “Sem o ritual de boas-vindas em uma religião, equivale a não reencarnação para Luce. Uma pequena, mas essencial curva em seu ciclo.”

Podia ser isso o que Arriane e Gabbe estiveram insinuando no cemitério? A cabeça de Luce começou a latejar. Um véu de pontos vermelhos apoderou-se de sua visão e começou um zumbido em seus ouvidos. Ela piscou lentamente, sentindo até mesmo essa pequena escova de seus cílios fecharam-se como uma explosão através de sua cabeça. Ela estava quase feliz que já estava deitada. De outra maneira teria desmaiado.

Se este era realmente o final... bem, não podia ser.

A Srta. Sophia inclinou-se mais perto do rosto de Luce, enviando cuspe voando com suas palavras.

“Quando você morrer esta noite. você morre. É isso aí.

Acabado. Nesta vida não é mais do que aparenta ser: uma estúpida, egoísta, ignorante garotinha mimada que acredita que o mundo vive ou morre dependendo se ela consegue sair com algum galã da escola.

Mesmo se sua morte não completar algo tão esperado, glorioso e grande, ainda encontraria sabor ao matá-la."

Luce observou quanto a Srta. Sophia levantou a faca e tocou o dedo em sua lâmina. A cabeça de Luce revirou. Durante todo o dia, havia tanto o que processar, tantas pessoas dizendo-lhe coisas diferentes. Agora o punhal estava pressionado contra seu coração e os olhos verdes vibrantes outra vez, sentiu a Srta. Sophia sondando ao longo de seu peito pelo espaço entre suas costelas, e ela pensou que havia alguma verdade no enlouquecedor discurso da Sra. Sophia. Para colocar tanta esperança no poder do amor verdadeiro – no qual ela sentia-se que estava dificilmente no princípio de um vislumbre dela mesma – era ingênua? Afinal, o amor verdadeiro não podia ganhar aquela batalha lá de fora. Podia não ser capaz de salvá-la de morrer aqui neste altar.

Mas tinha que acreditar. Seu coração ainda batia por Daniel –

e até que isso mude, algo no fundo de Luce acreditou neste amor, no poder de convertê-la em uma versão melhor de si mesma, de transformar ela e Daniel em algo glorioso e bom – Luce gritou quando o punhal picou sua pele – então em estado de choque enquanto a janela de vidro sobre sua cabeça, parecia quebrar e o ar ao redor dela se encheu de luz e ruído.

Um vazio, precioso zumbido. Um brilho ofuscante.

Então, ela tinha morrido.

O punhal tinha ido mais fundo do que ela sentiu. Luce movia-se para o próximo lugar.

De que outra forma podia explicar as brilhantes, reluzentes formas pairando sobre ela, descendo do céu, a cascata de brilhos, o brilho do céu? Era difícil ver algo claramente na cálida luz prateada.

Deslizando sobre sua pele, parecendo um veludo macio, como o merengue glacê sobre um bolo. As cordas segurando seus braços e suas pernas foram soltas, então, liberadas, e seu corpo – ou talvez esta era sua alma – estava livre para

voar no céu.

Mas então ela escutou a Srta. Sophia gritando, “Ainda não!

Está acontecendo muito rápido!” A mulher velha tinha afastado a adaga do peito de Luce.

Luce piscou rapidamente. Seu pulso, desamarrado. Seus tornozelos. Livres. Pequenos fragmentos de vidro tingido de azul, vermelho, verde e ouro em toda sua pele, o altar, o chão embaixo dela.

Eles picaram enquanto ela os afastou, deixando finos rastros de sangue em seus braços. Ela apertou os olhos para o buraco enorme no teto.

Não estou morta, então, mais fui salva. Por anjos.

Daniel tinha vindo por ela.

Onde ele estava? Ela mal podia ver. Ela queria caminhar através da luz até que seus dedos pudessem encontrá-lo, fechar ao redor de seu pescoço, e nunca, nunca, nunca deixá-lo ir.

Só havia as vivas formas ofuscantes à deriva acima e ao redor do corpo de Luce, como uma sala cheia de penas brilhantes. Eles reuniram-se com ela, cuidando de seu corpo nos lugares em que o vidro quebrado a cortou. Flashes de luz transparente que pareciam de alguma forma lavar o sangue de seus braços, e no pequeno corte em seu peito, até que estava completamente restaurada.

A Srta. Sophia correu até a parede mais afastada e estava batendo com as mãos desesperadamente contra os tijolos, tentando encontrar a porta secreta. Luce queria impedi-la – fazê-la pagar pelo que fez, e pelo o que quase tinha feito – mas então parte da cintilante luz prateada assumiu o tom mais leve de violeta e começou a formar o contorno de uma figura.

Um brilhante pulsar fez vibrar a sala. Uma luz tão gloriosa que podia ter eclipsado o sol, fez com que as paredes tremessem, e as velas piscassem nos candelabros de bronze. As assustadoras tapeçarias batiam contra a parede. A Srta. Sophia se encolheu, mas o resplendor estremecedor parecia como uma profunda mensagem, sentida bem no fundo dos ossos de Luce. E quando a luz se condensou, espalhando calor por toda a sala, converteu-se na forma que Luce

reconhecia e adorava.

Daniel parou diante dela, de frente ao altar. Ele estava sem camisa, descalço, vestido somente calças de linho branco. Ele sorriu, então fechou seus olhos e colocou seus braços para o lado. Então, lentamente e com muita cautela, como se não quisesse assustá-la, exalou profundamente e suas asas começaram a alongar-se.

Saindo gradualmente, começando da base de seus ombros, dois ramos brancos estendendo-se de suas costas, crescendo mais e mais, tornando-se maior e mais grossas enquanto espalhavam por sua costas acima e para fora. Luce viu as bordas recortadas, ansiando segui-las com suas mãos, suas bochechas, seus lábios. A parte interior das asas dele começaram a brilhar com iridescência de veludo. Assim como em seu sonho. Só que agora, quando finalmente voltou a realidade, ela podia olhar suas asas pela primeira vez sem sentir-se enjoada, sem forçar os olhos. Ela podia deleitar-se com toda a gloria de Daniel.

Ele ainda estava brilhando, como se tivesse uma luz dentro dele. Ela ainda podia ver claramente seus olhos cinza-violeta e sua boca. Suas mãos fortes e ombros largos. Ela podia aproximar-se e enrolar-se na luz do amor.

Ele se aproximou dela. Luce fechou os olhos quando a tocou, esperando algo muito sobrenatural para que seu corpo humano pudesse suportar. Mas não. Era simplesmente, tranqüilizantemente, Daniel.

Ela o contornou e passou seus dedos em volta das asas dele.

Ela as procurou nervosamente, como se elas pudessem queimá-la, mas elas fluíram em seus dedos, mais suaves que o mais suave veludo, a mais luxuosa almofada. Da forma como ela gostava de imaginar que uma suave e sedosa nuvem pareceria se ela pudesse tê-la entre suas mãos.

“Você é tão... lindo,” ela sussurrou em seu peito. “Digo, sempre foi lindo, mas isto...”

“Isso te assusta?” Ele sussurrou. “Dói olhá-las?” Ela balançou a cabeça. “Pensei que poderia,” ela disse, pensando sobre seus sonhos. “Mas não dói.”

Ele suspirou aliviado. “Quero que se sinta segura comigo.” A luz brilhante ao redor deles caiu como confete, e Daniel a puxou para ele. “É muito com o que

lidar.” Ela inclinou sua cabeça para trás e os lábios entreabertos, ansiosa para fazer exatamente isso. A batida forte de uma porta os interrompeu. A Srta. Sophia tinha encontrado as escadas. Daniel deu um ligeiro aceno e uma figura resplandecente disparou através da porta secreta, atrás da mulher.

“O que foi isso?” Luce perguntou, olhando o rastro de luz rapidamente desvanecendo-se através da porta aberta.

“Um ajudante.” Daniel guiou seu queixo de volta.

E então, mesmo Daniel estando com ela e ela se sentia amada, protegida e segura, ela também sentiu uma pontada ácida de incerteza, recordando as coisas escuras que tinham acontecido, e Cam e seu enorme ajudante negro. Ainda havia muitas perguntas sem respostas atravessando sua mente, tantos acontecimentos terríveis que ela sentia que nunca seria capaz de entender. Como a morte de Penn, pobre, doce e inocente Penn, seu violento e quase final. Isso assustou Luce, e seu lábio começou a tremer.

“Penn se foi, Daniel,” ela disse. “A Srta. Sophia a matou. E por um momento, pensei que também me mataria.”

“Jamais deixaria isso acontecer.”

“Como sabia que me encontraria aqui? Como sabe sempre como me salvar?” Ela balançou a cabeça. “Oh por Deus,” ela sussurrou lentamente enquanto a verdade a golpeava. “Você é meu anjo da guarda.”

Daniel deu uma risada. “Não exatamente. Embora acredite que você esteja me elogiando.”

Luce corou. “Então, que tipo de anjo você é?”

“Estou fazendo uns bicos neste momento.” Daniel disse.

Atrás dele, a luz prateada na sala uniu-se e se dividiu ao meio.

Luce virou para vê-la, seu coração batendo fortemente, enquanto o brilho finalmente se juntou, enquanto envolvia a figura de Daniel, envolvia duas formas distintas:

Arriane e Gabbe.

As asas de Gabbe já estavam estendidas. Elas eram longas, felpudas e três vezes o tamanho de seu corpo. Coberta de plumas, com bordas suavemente onduladas, da maneira como as asas dos anjos pareciam nos cartões de felicitações e nos filmes, e com apenas um toque de rosa-pálido em torno das pontas. Luce percebeu que estavam batendo-se ligeiramente – e que os pés de Gabbe estavam a poucos centímetros do chão.

As asas de Arriane eram mais suaves, mais elegantes e com bordas mais pronunciadas, quase como uma borboleta gigante.

Parcialmente translúcidas, elas brilhavam e emitiam prismas ofuscantes de luz no chão de pedra debaixo delas. Como Arriane, elas eram estranhas, sedutoras e totalmente agressivas.

“Deveria ter sabido,” Luce disse, um sorriso arrebatador em seu rosto.

Gabbe sorriu de volta, e Arriane deu uma pequena reverência.

“O que está acontecendo lá fora?” Daniel perguntou, registrando a expressão de preocupação no rosto de Gabbe.

“Precisamos tirar Luce daqui.”

A batalha. Ainda não tinha terminado? Se Daniel, Gabbe e Arriane estavam aqui, eles deveriam ter ganho – certo? Os olhos de Luce deram uma olhada rápida para Daniel. A expressão dele não revelou nada.

“E alguém deve ir atrás de Sophia,” disse Arriane. “Ela não poderia ter trabalhado sozinha.”

Luce tragou saliva. “Ela está do lado de Cam? É um tipo de...

demônio? Um anjo caído?” Era um dos poucos termos que grudou nela da aula da Srta. Sophia.

Os dentes de Daniel estavam pressionados. Inclusive suas asas pareciam rígidas pela fúria. “Não um demônio,” ele murmurou,

“mas dificilmente um anjo também. Nós pensamos que ela estava conosco. Nunca deveríamos ter permitido que ela se aproximasse tanto.”

“Ela era um dos vinte e quatro anciãos,” Gabbe acrescentou.

Ela baixou os pés no chão e enfiou suas asas rosa-pálido atrás de suas costas para que ela pudesse sentar-se no altar. “Uma posição muito respeitável. Ela manteve esta parte dela muito bem escondida.”

“Assim que chegamos aqui, foi como se ela simplesmente tivesse ficado louca.” Luce disse. Esfregou o pescoço onde a adaga tinha cortado.

“Eles estão loucos,” Gabbe disse. “Mas muito ambiciosos. Ela é parte de uma seita secreta. Deveria ter percebido antes, mas os sinais são claros agora. Se auto-intitulam Os Zhsmaelim. Se vestem iguais, e todos têm uma certa... elegância. Sempre pensei que eles eram mais um show que outra coisa. Ninguém os levou a sério no Céu,” ela informou a Luce, “mas agora levaram. O que ela fez esta noite merece o exílio. Ela poderia ter haver com Cam e Molly mais do que um acordo.”

“Luce, todos somos anjos caídos,” Daniel disse. “É só que alguns de nós estão de um lado... e alguns de nós estão de outro.”

“Alguém daqui” – ela tragou – “é do outro lado?”

“Roland,” Gabbe disse.

“Roland?” Luce estava perplexa. “Mas vocês eram amigos dele.

Sempre tão carismático e legal.”

Daniel só deu de ombros. Era Arriane quem olhava preocupada. Suas asas batiam tristemente, muito agitada e enviou rajadas de vento. “Bem o teremos de volta algum dia,” ela disse silenciosamente.

“E quanto a Penn?” Luce perguntou, sentindo um nó de lágrimas na parte de trás de sua garganta.

Mas Daniel balançando sua cabeça, apertando a mão dela.

“Penn era uma mortal. Uma inocente vítima de uma longa Guerra sem sentido. “Sinto muito, Luce.”

“Então toda essa luta lá fora...?” Luce perguntou. Sua voz embargada. Ela ainda não podia falar de Penn.

“Só uma das muitas batalhas que travamos contra os demônios.” Gabbe disse.

“Bem, quem ganhou?”

“Ninguém,” Daniel disse amargamente. Pegou um longo pedaço de vidro caído do teto e o arremessou através da capela.

Quebrou-se em centenas de pequenos fragmentos, mas não parecia que tivesse aliviado sua raiva. “Ninguém ganha. É quase impossível para um anjo extinguir a outro. É só um monte de surras até que todo mundo se canse e deixe para outra noite.”

Luce se assustou quando uma estranha imagem apareceu em sua cabeça. Era Daniel sendo atingido diretamente no ombro por um das longas e negras pontas que tinham atingido Penn. Ela abriu os olhos e olhou para o ombro direito dele. Havia sangue em seu peito.

“Está ferido?” Ela sussurou.

“Não,” Daniel disse.

“Ele não pode ser ferido, ele é...”

“O que é isso em seu braço Daniel?” Arriane perguntou, apontando o peito dele. “Isso é sangue?”

“É de Penn,” Daniel disse bruscamente. “Eu a encontrei ao pé da escada.”

O coração de Luce apertou-se. “Precisamos enterrar Penn,” ela disse. “Ao lado de seu pai.”

“Luce, querida.” Gabbe disse, levantando-se. “Queria que houvesse tempo para isso, mas agora mesmo, nós temos que ir.”

“Não a abandonarei. Ela não tem mais ninguém.”

“Luce,” Daniel disse, esfregando a testa.

“Ela morreu em meus braços Daniel, porque não sabia que havia algo melhor do que seguir a Srta. Sophia até esta câmara de tortura.” Luce olhou para todos os três. “Porque nenhum de vocês me disse nada.”

“Ok,” Daniel disse. “Faremos as coisas direito para Penn, o melhor que pudermos. Mas depois temos que ir para longe daqui.” Uma rajada de vento se filtrou pelo buraco no teto, fazendo com que as velas piscassem e fazendo com que os pedaços restantes de vidro na janela vermelha se balançassem. No momento seguinte, caiu uma chuva de estilhaços cortantes.

Justo a tempo, Gabbe voou do altar e parou ao lado de Luce.

Ela parecia imperturbável. “Daniel tem razão,” ela disse. “A trégua que fizemos após a batalha aplica-se só aos anjos. E agora que muitos sabem sobre”... ela pausou, limpando sua garganta... “um, a mudança em seu status de mortalidade, há muitos maus elementos que estarão interessados em você.”

As asas de Arriane a levantaram do chão. “E muitos dos bons virão afastá-los.” Ela disse, voando em direção ao outro lado de Luce como se a tranqüilizasse.

“Ainda não entendo,” Luce disse. “Por que isso importa tanto?

Por que eu importo tanto? É só porque Daniel me ama?” Daniel suspirou. “Isso faz parte disso, tão inocente como soa.”

“Você sabe que todos amam odiar um casal de pombinhos apaixonados,” Arriane respondeu.

“Querida, esta é uma longa história,” Gabbe disse, a voz da razão.

“Nós só podemos te dar um capítulo de cada vez.”

“É como as minhas asas,” Daniel acrescentou, “você terá que descobrir por sua conta.”

“Mas por quê?” Luce perguntou. Esta conversa era tão frustrante. Ela se sentiu

como uma garotinha que lhe contariam as coisas quando fosse mais velha. “Por que você não pode me ajudar a entender?”

“Podemos ajudar,” Arriane disse, “mas não podemos descarregar tudo em você de uma só vez. Assim como quando se supõe que nunca se deve assustar a um sonâmbulo. É muito perigoso.” Luce colocou seus braços ao redor dela. “Me mataria,” ela disse, expressando as palavras que todos eles evitavam.

Daniel colocou suas mãos ao redor dela. “Isso aconteceu antes. E você já teve muito encontros com a morte por uma noite.”

“E o quê? Agora só tenho que deixar a escola?” Ela virou para Daniel. “Aonde você vai me levar?”

Sua sobrancelha se levantou, e afastou o olhar dela. “Não posso levá-la pra lugar nenhum. Chamaria muita atenção. Teremos que contar com mais alguém. Há um mortal no qual podemos confiar.” Ele olhou para Arriane.

“Irei trazê-lo.” Ela disse levantando-se.

“Não deixarei você,” Luce disse a Daniel. Seus lábios tremendo.

“Acabo de ter você de volta.”

Daniel beijou sua testa, emitindo um calor que passava através do corpo dela, “Luce, nós ainda temos algum tempo.” **Capítulo 20 - Madrugada**

Dawn. O início do último dia em que veria Luce & Cross Sword por: - Bem, ela não sabia quanto tempo. Um de um pombo arrulhando ressoou no céu, como ela atravessou o ginásio com kudzu quebra de portas. Pouco a pouco, ela foi ao cemitério, da mão de Daniel. Ficaram em silêncio enquanto caminhavam pelo pasto dos sites comuns.

Pouco antes de saírem da capela, um de cada vez, os outros tinham abjurado suas asas.

Foi um processo trabalhoso e sóbrio que os deixou dormente, uma vez que eles estavam de volta à forma humana. Vendo a transformação, Luce não conseguia acreditar como a massa de asas brilhantes pudesse voltar tão pequeno e fraco e, finalmente, desaparecer na pele dos anjos.

Quando acabou, ela passou a mão nas costas nuas de Daniel.

Pela primeira vez, parecia modesta e sensível ao toque. Sua pele era lisa e sem mácula como um bebê. E em sua face, em todas as suas facetas, Luce ainda podia ver a luz prateada manifesta neles, brilhando em todas as direções.

No final, tinha tomado o corpo de Penn da íngreme escadaria de pedra da capela, o altar tinha sido limpa de vidro, e que tinha posto o seu corpo lá. Não havia nenhuma maneira que poderia enterrar esta manhã - e não através do cemitério cheio de assassinos, tais como Daniel prometeu ser.

Foi angustiante para Luce aceitar que ela teve que se contentar com algumas palavras sussurradas passada para a amiga dentro da capela. Tudo o que ela poderia pensar de dizer era: "Você está com o seu pai agora. Eu sei que ele é feliz em ter você de volta."

Daniel ia enterrar Penn devidamente logo que a escola estivesse calma - e Luce iria mostrar-lhe onde era o túmulo do pai de Penn para ela ser enterrada ao seu lado. Era o mínimo que ela podia fazer.

Seu coração estava pesado como se ela tivesse corrido pelo campus. Sua calça jeans e blusa esticadas e sujas. As unhas precisavam de um bom corte, ela ficou feliz que não havia espelhos para que ela não pudesse ver como seu cabelo estava. Ela queria muito voltar para o lado escuro da noite, para economizar Penn, mais do que qualquer coisa, mantendo as peças bonitas. O clímax da emoção de ter descoberto a verdadeira identidade de Daniel juntas. No momento em que apareceu diante dela em toda sua glória. Testemunhando o crescimento das asas e de Arriane e Gabbe. Ela amava tanto.

Tanto que isto foi uma destruição total.

Ela podia sentir a atmosfera, como uma epidemia. Poderia ser lida nos rostos de muitos estudantes que estavam no pátio. Era cedo demais para qualquer um deles estar acordado por sua própria vontade, o que significava que todos tinham ouvido, visto ou sentido algo da batalha que teve lugar na noite. O que eles sabem? Alguém sequer olhou Penn? Ou Miss Sophia? O que poderia qualquer um deles sabe sobre o que realmente aconteceu? Todo mundo foi acompanhando e conversando no silêncio sussurrante. Luce queria ficar perto deles e ouvir.

"Não se preocupe" Daniel apertou-lhe a mão. "Só imite qualquer aparência

confusa em seus rostos. Ninguém saberá de nós."

Apesar de Luce ser totalmente visível, ele estava certo.

Nenhum dos olhos dos outros estudantes foram detidos mais do que em outros.

Nos portões do cemitério, as luzes azuis e brancas que piscavam, refletindo as folhas dos carvalhos. A entrada era marcada com uma fita amarela de perigo.

Luce viu a silhueta negra de Randy contra o nascer do sol na frente deles. Ela foi até a entrada do cemitério, gritando para um Bluetooth pendurado em seu colar da camisa do relatório.

"Eu acho que você deveria acordá-lo", gritou no dispositivo.

"Houve um incidente na escola. Eu continuo dizendo... Eu não sei. "

"Devo avisá-lo", disse Daniel, quando ele tirou-a de Randy e luzes de carros de polícia através da floresta de carvalhos que emoldura o cemitério em três lados. "Isso pode parecer estranho. O estilo de luta de Cam é mais sujo do que o nosso. Há sangue, é apenas ... diferente."

Luce não pensou muito o quanto alarmante seria desta vez.

Algumas estátuas foram derrubadas certamente não lidar. Eles fizeram o seu caminho através da floresta, ouvindo as folhas caídas esmagadas sob os pés. Luce pensou na noite anterior, estas árvores tinham sido consumidas pelo cintilar sombras. Não havia nenhum sinal delas agora.

Logo, Daniel fez um gesto na direção de um segmento pouco dobrada da grade de ferro em torno do cemitério.

"Nós podemos ir lá sem ser visto. Mas você tem que ser rápida nisso".

Saindo da sombra das árvores, Luce gradualmente entendeu o que Daniel queria dizer sobre o cemitério ser diferente. Ficaram no limite, não muito longe do túmulo do pai de Penn no canto leste, mas era impossível ver além de alguns metros à frente deles. O ar acima do solo era tão escuro que não poderia mesmo ser descrito como o ar. Era grosso, cinza, areia, Luce teve que mover as mãos com ele só para ver o que estava na frente de seu rosto.

Ele esfregou os dedos. "É isso?"

"Poeira", disse Daniel, tomando-lhe a mão enquanto caminhavam, ele podia ver através disto. Ele não estava engasgando ou tossindo como Luce. "Na guerra, os anjos não morrem. No entanto, suas batalhas deixam esta camada espessa de poeira em seu rastro”

"O que acontece com isso?"

"Não muito, além do fato de que confunde os mortais. Devem ser removidos ao longo do tempo, e depois ter de estudá-la. Existe um cientista louco, em Pasadena, que pensa que este é um ufo*."

Luce pensou com um estremecimento como as sombras nuvem negra voadores não identificados de como insetos. O cientista não pode ter ido muito longe.

"O pai de Penn foi enterrado aqui", disse ela, apontando quando eles se aproximaram do canto do cemitério. Com toda a poeira que foi assustador, ela ficou aliviado que os túmulos, estátuas e árvores no cemitério, tinham permanecido de pé. Ela caiu de joelhos e removendo o pó da sepultura, ela pensou que pertencia ao pai de Penn. Seus dedos trêmulos espanando e escovando quase a fez chorar.

STANFORD LOCKWOOD

O MELHOR PAI DO MUNDO

O espaço ao lado do túmulo do Sr. Lockwood foi descoberto.

Luce levantou-se e bateu o pé, odiando que sua amiga fosse acompanhá-la lá. Odiava que ela não pudesse estar presente para dar um memorial para Penn. As pessoas sempre falavam do céu quando alguém morria, como se determinou que os mortos estavam lá. Luce nunca sentiu como se soubesse dessas regras, e agora ela se sentiu ainda menos qualificada para falar sobre o que pode ou não ser.

Virou-se para Daniel, com lágrimas nos olhos. Seu rosto expressando sua dor. "Eu vou cuidar dela, Lucy," ele disse. "Eu sei que não é a maneira que você quer, mas faremos o melhor que pudermos.” As lágrimas vieram mais. Luce chorando e fungando, querendo Penn de volta foi tão ruim que ela pensou que poderia entrar em colapso. "Eu não posso deixá-la, Daniel. Como eu poderia?” Daniel gentilmente enxugou as lágrimas com as costas da mão, "O que aconteceu com Penn é terrível. Um erro enorme. Mas quando você foi embora, você não a está deixando” Ele pôs a mão sobre o coração de Luce. "Ela vai estar com você."

"Mas eu não posso."

"Você pode Luce,". Sua voz era firme. "Confie em mim. Você não tem idéia de quantas coisas impossíveis e fortes você é capaz."

Parecia que ele olhou para longe, fora do das árvores. "Se não houver nada de bom que deixou neste mundo, você vai saber em breve".

O único sinal sonoro da sirene de um carro de polícia explodiu a ambos. A porta se abriu, e não muito longe de onde estavam, ouviram o ruído de botas sobre o cascalho.

"Que diabos, Ronnie, ligue para o escritório. Diga o xerife como chegar aqui."

"Vamos lá", disse Daniel, segurando a mão dela. Ela agarrou-o, dando a crista da lápide Mr. Lockwood um tapinha sombrio, em seguida, começou a se mover com Daniel por volta dos túmulos perto do lado leste do cemitério.

Eles chegaram na inclinação da parte do muro de ferro forjado ornado, então

abaixou rapidamente de volta para o bosque de carvalhos.

Uma parede de ar frio atingiu Luce enquanto caminhavam.

Nos ramos em frente deles, ela viu três pequenas sombras, pendurado de cabeça para baixo como os morcegos.

"Depressa!", Disse Daniel. De passagem, a sombra recuou, chiando, de alguma forma ela não mexeu com Luce quando Daniel estava ao seu lado.

"Agora, onde?" Luce perguntou a beira do bosque de carvalhos.

"Feche os olhos", disse ele.

Ela fez, braços de Daniel rodeado por trás de sua cintura e sentia seu peito forte contra seus ombros. Ele foi erguendo do chão. Um pé talvez, então, mais alto, até ficarem as macias folhas das copas das árvores tocando contra seus ombros, fazendo cócegas no pescoço dela, enquanto Daniel levou através deles. Ainda maior, até que ela se sentiu como se eles fossem libertados da floresta e em direção ao sol da manhã brilhante. Ela estava tentada a abrir os olhos - mas ela sentiu intuitivamente que seria demais.

Ela não tinha certeza se ela estava pronta. E, além disso, a sensação de ar puro no rosto E o vento correndo em seu cabelo era suficiente. Mais do que suficiente. Celestial. Como o sentimento que ela teve quando tinha sido resgatada na da biblioteca, como uma onda no mar. Ela agora sabia que tinha sido Daniel por trás disso também.

"Você pode abrir os olhos", disse ele suavemente. Luce sentiu o chão debaixo de seus pés e viu que era o único lugar que ela queria estar. Sob a árvore de magnólia perto do lago.

Daniel abraçou. "Eu quis trazê-la aqui, porque este é um lugar

- um dos muitos lugares - onde eu realmente queria beijá-la nas últimas semanas. Eu quase perdi naquele dia em que você mergulhou direto na água."

Luce ficava na ponta dos pés, apoiando a cabeça para trás para beijar Daniel. Ela queria beijar aquele dia, também - e agora ele precisava de um beijo. O beijo foi único. Era bom, consolado, e lembrou-lhe uma razão para ficar, mesmo que Penn

não tivesse conseguido. A pressão oferecida dos lábios acalmando-os como uma bebida quente no inverno, quando cada parte dela era tão fria. Muito cedo, ele se inclinou para trás, olhando com os olhos mais tristes.

"Há outra razão pela qual eu te trouxe aqui. Esta pedra leva o caminho que teremos de tomar para passar a um lugar seguro."

Lúcia olhou para baixo. "Oh".

"Isso não é adeus para sempre, Luce. Espero que não seja um adeus mesmo por muito tempo. Nós apenas temos que ver como as coisas evoluem...." Ela alisou os cabelos. "Por favor não se preocupe.

Vou vir sempre atrás de você. Não irei até você entender".

"Então, eu me recuso a entender", disse ela.

Daniel riu. "Vê aquela luz ali?" Ele apontou para o lago cerca de meia milha de distância, onde havia uma pequena abertura na floresta, uma colina gramada. Luce nunca tinha visto antes, mas viu um pequeno avião branco com luzes vermelhas piscando em suas asas na distância.

"É para mim?" Ela perguntou. Depois de tudo o que tinha acontecido, à vista de um avião fez apenas parecer um fio de cabelo.

"Onde estou indo?"

Ela não podia acreditar que ela estava saindo de um lugar que ela odiava, mas que teve muitas experiências intensas em apenas algumas semanas. O que seria da Sword & Cross? “O que vai acontecer a este lugar? E o que posso dizer aos meus pais?”

"Por enquanto, não se preocupe. Logo que você estiver segura, nós vamos lidar com tudo o que precisamos. Mr. Cole pode chamar seus pais."

"Mr. Cole?"

"Ele está do nosso lado, Luce. Você pode confiar nele.” Mas ela tinha confiado em Miss Sophia. Ela não sabia nada do Sr. Cole. Pareceu-me como professor. E esse bigode ... É suposto que ela estava deixando Daniel e deixar em um avião

com seu professor de história? Sua cabeça ia explodir.

"Há uma estrada que segue a água", continuou Daniel.

"Podemos ir para lá. Dobre o seu braço em torno da parte inferior das costas. Ou" ele propôs, “podemos nadar."

Segurando as mãos, estavam à beira da rocha vermelha. Eles deixaram seus sapatos na árvore de magnólia, mas desta vez, não haveria como voltar atrás. Luce não achou que fosse capaz de mergulhar no lago frio com seus jeans e um top, mas com Daniel sorrindo ao seu lado, tudo o que ela sentia que era a única coisa que ela poderia fazer.

Eles levantaram seus braços acima da cabeça e Daniel contou até três. Seus pés levantaram do chão ao mesmo tempo, seus corpos em arco no ar, exatamente da mesma maneira, mas em vez de ir para baixo, como Luce esperava, Daniel puxou superior, utilizando apenas dedos.

Eles estavam voando. Luce foi de mãos dadas com um anjo e estava voando. As copas das árvores pareciam se curvar a eles. Seu corpo estava mais leve que o ar. A lua da manhã ainda era visível acima da linha das árvores. Foi mais profundo, como se Daniel e Luce fossem abalados pela maré. A água correu debaixo deles, prata e acolhedora.

"Você está pronta?" Daniel perguntou.

"Eu estou pronta".

Luce e Daniel cairam no profundo e frio lago. Eles passaram os dedos sobre a superfície em primeiro lugar, eles ouviram o canto do cisne de comprimento. Luce engasgou com eles surgindo, então riu.

A mão de Daniel agarrou suas costas, e ele disse-lhe para ela se juntar a ele na rocha. Ele puxou a si mesmo primeiro, e depois estendeu a mão e a levantou. O musgo fez um belo tapete macio para os dois se espalharem. As gotas de água agarradas ao seu peito. Estavam encarando um ao outro, inclinando-se sobre os cotovelos. Daniel colocou a mão no quadril de Luce.

"Mr. Cole estará esperando quando alcançarmos o avião", disse ele. "Esta é nossa última chance de ficarmos sozinhos. Eu pensei que nós poderíamos fazer a

nossa despedida real aqui."

"Eu vou dar-lhe alguma coisa", acrescentou, colocando a mão dentro do bolso e levando a medalha de prata que ele estava usando na escola. Ele apertou a corda na palma de Luce que percebia que era um medalhão gravado com uma rosa em seu centro.

"Antes te pertencia", disse ele. "Há muito tempo atrás."

Luce abriu o templo para encontrar uma pequena imagem, atrás de uma placa de vidro.

Era uma foto dos dois, sem olhar para a câmera, olhando para os olhos do outro e rindo.

Luce com cabelo curto, como era agora, e Daniel usava uma gravata borboleta.

"Quando foi tirada?" Ela perguntou, segurando o medalhão.

"Onde nós estamos?"

"Eu vou te dizer a próxima vez que nos vermos", disse ele. Ele levantou a corrente sobre a sua cabeça e colocou em seu pescoço.

Quando o medalhão tocou sua clavícula, ela podia sentir um calor profundo pulsar através dela, aquecendo sua pele fria e úmida.

"Eu te amo", ele sussurrou, tocando a corrente.

"Eu sei que Cam lhe deu o colar de ouro, também", disse Daniel.

Luce não tinha pensado nisso, pois Cam tinha forçado a barra.

Ela não podia acreditar que foi ontem. A idéia de usar isso a fazia sentir-se doente. Ela sequer sabia onde o colar estava – e nem queria saber.

"Ele quem colocou", ela disse, se sentindo culpada. "Eu não".

"Eu sei", disse Daniel. "O que aconteceu entre você e Cam, não foi culpa sua. De alguma forma, ele manteve a boa parte de seu charme angelical quando ele caiu. É muito decepcionante."

"Eu espero nunca mais vê-lo novamente." Ela estremeceu.

"Tenho receio de que você possa. E há mais como Cam lá fora.

Você deverá confiar em seus instintos" disse Daniel. "Eu não sei quanto tempo vai demorar para travá-lo acima de tudo o que aconteceu em nosso passado. Mas, entretanto, se você sentir um instinto, mesmo em algo que você não saiba identificar, você deve confiar nele. Você provavelmente está certa."

"Então, eu confio em mim, mesmo quando eu não posso confiar em pessoas ao meu redor?" Ela perguntou, sentindo que este era apenas parte do que Daniel queria dizer.

"Vou tentar estar lá para ajudar, e vou enviar palavras, tanto quanto possível quando você estiver longe", disse Daniel. "Luce, você possui seu passado vivo em suas memórias... você não pode bloqueá-las ainda. Se algo parece ruim, fique longe."

"Onde você vai?"

Daniel olhou para o céu. "Encontrar Cam", disse. "Nós temos algumas coisas para resolver ainda."

O mal humor em sua voz fez Luce ficar nervosa. Ela pensou mais uma vez a razão para a espessura da poeira que Cam havia deixado no cemitério.

"Mas, você irá voltar para mim", disse ela, "depois disso? Você promete?"

“Eu - Eu não posso viver sem você, Luce. Eu te amo. Este não é apenas por mim, mas .." Ele hesitou, depois balançou a cabeça, "Não se preocupe com nada disso agora. Tudo que eu sei Só sei que eu virei para você.”

Lentamente, com relutância, os dois se levantaram. O sol tinha acabado de espreitar por cima das árvores, brilhando nas estrelas pequenas, com alguns fragmentos de águas agitadas. Eles cobriram a curta distância que os separava da margem barrenta para pegar o avião. Luce queria que eles fossem a milhas de distância. Daniel poderia ter nadado na noite. E cada nascer e pôr do sol depois disso.

Ele pulou na água e começou a nadar. Luce fez questão de colocar o medalhão

em sua camisa. Confie no seu instinto Se confiar nos seus instintos fossem importantes, seus instintos lhe diriam que nunca fosse a qualquer lugar sem este colar.

Ela notou, chocada, novamente, como Daniel começou seu lento, elegante movimento.

Desta vez, com o luar, ela sabia que as asas iridescentes delineadas com gotas de água não eram invenções de sua imaginação.

Eram genuínas.

Ela trouxe até a beirada, cortando a água com um baque.

Muito cedo, seus dedos tocaram a costa. Ela odiava que pudesse ouvir o zumbido do motor do avião, mais acima na clareira. Eles chegaram no lugar onde tinham que se separar, e Daniel teve que quase arrastá-la para fora da água. Ela tinha ido do sentimento de Feliz e úmida para molhada e congelando. Eles caminharam até o avião, com as mãos dele em suas costas.

Para a surpresa de Luce, Mr. Cole estava segurando uma grande toalha branca, quando ele saltou do táxi. "Um anjo me contou que você poderia precisar disso", disse ele, oferecendo-lhe a Luce, que a pegou com gratidão.

"Quem você está chamando de pequena?" Arriane apareceu por trás de uma árvore, seguido por Gabbe, que trouxe o livro dos buscadores.

"Viemos para desejar-lhe boa viagem", disse Gabbe, entregando o livro para Luce.

"Leve isto", ele disse baixinho, mas seu sorriso era mais como uma carranca.

"Dá a coisa certa", disse Arriane, dando-lhe uma cotovelada Gabbe.

Gabbe puxou uma mochila térmica e entregou-a Luce. Ela tirou a tampa. Foi um chocolate quente e cheirava surpreendente. Luce observou o livro e a garrafa térmica enquanto se secava, de repente se sentindo rica com os pertences. Mas ela sabia que logo que subisse no avião, ela se sentiria sozinha e vazia. Ela pressionou seu ombro contra o ombro de Daniel, tomando vantagem de sua proximidade, enquanto ela ainda podia.

Os olhos de Gabbe estavam claros e fortes. "Vejo vocês em breve, ok?"

Mas os olhos Arriane dispararam, como se ela não quisesse olhar para Luce. "Não faça nada estúpido, como se tornar um monte de cinzas." Ela arrastou seus pés. "Nós precisamos de você."

"Vocês precisam de mim?" Luce perguntou. Ela precisava Arriane para mostrar-lhe as cordas em Sword & Cruz. Precisava de Gabbe para aquele dia na enfermaria. Mas porquê a necessidade dela?

As meninas apenas responderam com um sorriso triste, antes de voltar para a floresta. Luce virou-se para Daniel, tentando esquecer que o Sr.

Cole ainda estava a alguns metros de distância.

"Eu vou lhe dar um só momento," o Sr. Cole disse pegando o caminho certo.

"Luce, a partir do momento em que o motor arrancar, serão apenas três minutos para decolar. Vejo você na cabine."

Daniel levantou e apertou a testa com a dela. Como seus lábios em contato, Luce tentou se agarrar a qualquer parte deste tempo.

Ela terá a memória deste momento, da mesma forma que precisava de ar.

Porque se, quando Daniel a deixá-la, tudo começar a parecer como um sonho. Parte em pesadelo, mas parte de um sonho, no entanto. Como poderia ela sentir o que pensava que sentia por alguém que nem sequer era humano?

"Então", disse Daniel. "Cuidado. Mr. Cole irá guiá-la até que eu volte." Um assobio do avião Sr. Cole disse para se apressarem. "Tente se lembrar do que eu disse."

"Que parte?" Luce perguntou, com um pouco de pânico.

"Tanto quanto possível, mas acima de tudo, que eu te amo".

Luce fungando. A voz dela iria quebrar se tentasse dizer algo.

Hora de ir.

Ela correu para a porta da cabina, sentindo o as explosões quentes das hélices quase se tocando. Havia uma escada de três degraus, e Mr. Cole estendeu a mão para ajudá-la a entrar. Ele apertou um botão e puxou o avião em linha reta. A porta fechada.

Ele olhou para o painel de instrumentos complicados. Ela nunca tinha estado em um avião tão pequeno. Eu nunca esteve em uma cabine de piloto. Havia luzes e botões em toda parte.

Ela olhou para o Sr. Cole.

"Você sabe como pilotar essa coisa?" Ela perguntou, enxugando os olhos na toalha.

"U. S. Air Force, divisão Cinqüenta e nove, a seu serviço", disse ele, acenando.

Luce desajeitadamente acenou de volta.

"Minha esposa sempre diz para não falar com as pessoas do meu vôo no dia Vietnã", disse ele, facilitando a volta em um câmbio de marchas de prata de largura. O avião estremeceu com o movimento.

"Mas temos um longo vôo, e eu tenho um público encantador."

"Você quer dizer um público cativo", disse ela.

"Um dos bons." Mr. Cole cutucou. "Brincadeira", disse ele, rindo.

"Eu tinha imaginado." A maneira como ele se virou para ela quando ela riu lembrou como seu pai sempre fazia quando estava assistindo a um filme engraçado, o que a fez se sentir um pouco melhor.

As rodas estavam rolando rápido e agora a ‘pista’ na frente deles parecia ter encurtado.

Eles teriam de voar para longe, muito cedo, no final, eles iriam voar diretamente para o lago.

"Eu sei que você está pensando", ele gritou por cima do rugido do motor. "Não se preocupe, eu faço isso o tempo todo!"

E pouco antes de atingir a margem lamacenta, puxou a alavanca dura entre eles, e o nariz do avião se inclinou em direção ao céu. O horizonte foi removido de vista por um momento e o estômago Luce balançou ao longo do tempo. Mas um minuto depois, o movimento da aeronave se estabilizou, e diante deles a visão consistia apenas de árvores e um céu estrelado. Abaixo deles era o lago cintilante. A cada segundo, ele cresceu mais distante. Eles tinham ido ao oeste, mas o avião estava fazendo um círculo, e logo a janela de Luce foi preenchida com a floresta, Daniel saiu voando. Ela olhou para ele, esmagando a sua face contra a janela para olhá-lo, e antes de endireitar o avião outra vez, ela parecia ver o menor vislumbre de violeta. Ela apertou o medalhão no pescoço e levou-a aos lábios.

Agora, havia apenas as plantas debaixo deles, e do cemitério com o nevoeiro à frente. O lugar onde Penn logo seria enterrado Quanto maior eles foram, mais Luce podia ver a escola onde seu maior segredo tinha saído - embora de modo diferente do que ela jamais poderia ter imaginado que seria.

"Eles realmente fizeram um número," Mr. Cole disse, abanando a cabeça.

Luce não tinha idéia de quanto eles sabiam sobre os acontecimentos que tiveram no lugar ontem à noite. Parecia tão normal, e ainda assim ela foi levando tudo isso em frente.

"Onde estamos indo?"

"Para uma pequena ilha ao largo da costa", disse ele, apontando para a distância para o mar, onde o horizonte se perdia na escuridão. "Não é muito longe."

"Mr. Cole", ela disse: "Você conhece os meus pais?"

"São boas pessoas.”

"Eu serei capaz de ...? Eu gostaria de falar com eles."

"Claro que sim. Apesar de não dizer nada."

"Eles nunca poderiam acreditar nada disso."

"E você?" Ele perguntou, dando um sorriso quando o avião subiu, nivelando-se no ar.

Isso foi outra coisa. Ela tinha de acreditar, de tudo - desde a primeira cintilação das sombras escuras, no momento em que os lábios de Daniel conheceram os seus, por meio de Penn, que estava morta sobre o altar de mármore da capela. Tudo tinha que ser real.

O que ela poderia agüentar até ver Daniel de novo? Ela agarrou o medalhão no pescoço, ela tinha uma vida inteira de memórias. Suas memórias, Daniel havia dito, ela só tinha que desbloqueá-los.

O que eles contêm, ela não sabe, nem sabia o quanto o Sr.

Cole sabia. Mas ela se sentiu como parte de algo na capela esta manhã, ao lado de Arriane, Gabbe e Daniel.

Não perdida, nem com medo e satisfeita... mas como ela poderia ser importante não só para Daniel -, mas para todos eles.

Ela olhou através do vidro. Eles estavam passando por pântanos de sal agora, e o caminho que levou Cam para chegar a esse bar terrível, e o longo trecho da praia onde Daniel havia beijado pela primeira vez. Eles estavam à beira do mar aberto, o que - em algum lugar - seria o próximo alvo de Luce.

Ninguém tinha feito a coisa certa e lhe disse que havia mais batalhas a serem travadas, mas Luce sentiu confiança dentro de si, que eles estavam no início de algo muito importante e difícil.

Juntos.

E se as batalhas foseem horríveis ou redentoras, ou ambos, Luce não seria mais um peão.

Um sentimento estranho estava passando por todo seu corpo –

um empurrão em todas as suas vidas passadas, todo o amor que ela sentia por Daniel e que tinha sido extinto tantas vezes.

Epilogo – Duas Grandes Luzes

Durante toda a noite, ele a olhava dormir irregularmente na cama estreita de lona. Uma única lanterna verde-exercito pendurada em uma das baixas vigas de

madeira iluminava sua silueta. Seu brilho suave ressaltava o cabelo preto lustroso dela espalhado no travesseiro, suas bochechas macias e rosadas do banho.

Toda vez que o mar ressoava contra a desolada praia lá fora ela se virava para um lado. O top dela abraçava seu corpo de modo que quando o fino cobertor se enrolava em cima dela, ele podia notar aquela pequena covinha marcando seu suave ombro esquerdo.

Ele havia beijado tantas vezes antes.

Por turnos ela suspirou em seu sono, então respirava de forma uniforme, em seguida, gemeu de algum lugar profundo dentro de um sonho. Mas se era de prazer ou dor, ele não conseguia dizer. Duas vezes, ela chamou o nome dele.

Daniel queria voar até ela. Deixar seu poleiro em cima das velhas caixas de areia de munição no alto da viga da cabana à beira-mar. Mas ela não podia saber que ele estava lá. Ela não podia saber que ele estava em qualquer lugar perto.

Ou o que os próximos dias trariam a ela.

Atrás dele, na janela manchada pela maresia, ele teve uma visão rápida de uma sombra passando pelo canto do seu olho. Então teve uma leve batida no vidro da janela.

Retirando seus olhos do corpo dela, ele moveu em direção à janela, retirando a tranca. Uma tormenta caia do lado de fora, se reunindo com o mar. Uma nuvem negra escondia a lua e não mostrava nenhuma luz no rosto do visitante.

“Posso entrar?” Cam estava atrasado.

Apesar de Cam possui o poder para ter simplesmente aparecido do nada ao lado de Daniel, Daniel empurrou mais a janela para permitir que ele entrasse por ela. Tanta coisa era pompa e circunstancia nos dias de hoje. Era importante para os dois deixar claro que Daniel havia dado sua permissão para que Cam entrasse.

O rosto de Cam ainda projetava uma sombra, mas ele não mostrava nenhum sinal de ter viajado milhares de milhas na chuva.

Seu cabelo escuro e sua pele estava secos.

Suas asas áuricas, compactas e solidas agora, eram a única coisa que brilhavam. Como se elas fossem feitas de ouro vinte e quatro quilates. Apesar de ele ter colocado ela ordenadamente atrás dele, quando ele sentou ao lado de Daniel na escorregadia caixa de madeira, as asas de Cam gravitaram em direção às asas cinza iridescentes de Daniel. Era o estado natural das coisas, uma inexplicável confiança.

Daniel não podia se afastar sem abrir mão da inobstruida visão de Luce.

“Ela é tão adorável quando dorme.” Cam falou suavemente.

“É por isso que você queria que ela dormisse por toda a eternidade?”

“Eu? Nunca. E eu teria matado Sophia pelo que ela tentou e não deixar ela correr livre na noite como você fez.” Cam se inclinou para frente, descansando os cotovelos no parapeito do loft. Abaixo, Luce estreitava as cobertas ao redor do seu pescoço. “Eu só quero ela. Você sabe porque.”

“Então eu tenho pena de você. Vai acabar desapontado.” Cam segurou os olhos de Daniel e esfregou sua mandíbula, rindo cruelmente.

“Oh, Daniel, sua visão curta me surpreende. Você não a tem ainda.” Ele roubou outra longa olhada para Luce. “Ela pode pensar que você tem. Mas nos dois sabemos o quão pouco ela entende.” As asas de Daniel se encolheram contra seus ombros, mas as pontas estavam tentando ir para frente. Para mais perto de Cam. Ele não podia parar.

“A trégua dura dezoito dias.” Cam falou. “Apesar de eu ter a sensação de que possamos precisar um do outro antes disso.” Então ele ficou de pé, empurrando a caixa preta com seu pé. A raspagem pelo telhado acima de sua cabeça fez os olhos de Luce se abrirem, mas ambos os anjos se abaixaram entre as sombras antes que o olhar dela pudesse se focar em qualquer lugar.

Eles se olharam, os dois ainda cansados da batalha, os dois sabendo que era uma mera amostra do que estava por vir.

Lentamente, Cam estendeu sua pálida mão direita.

Daniel estendeu a sua.





E enquanto Luce sonhava abaixo do mais glorioso abrir de asas – do tipo que ela nunca havia visto antes – dois anjos nas vigas apertaram as mãos.

FIM